



CADERNOS
PROARQ 24

REVISTA DE ARQUITETURA E URBANISMO DO PROARQ



Reitor Roberto Leher

Vice-reitora Denise Fernandes Lopez Nascimento

Pró-Reitoria de Pós-graduação e Pesquisa Ivan da Costa Marques

Decano do Centro de Letras e Artes Flora de Paoli Faria

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

FACULTY OF ARCHITECTURE AND URBANISM

Diretor

Dean

Mauro Santos

Coordenação Geral

General Coordination

Coordenadora Maria Angela Dias

Vice-coordenadora Andrea Queiroz Rego

Coordenação Adjunta

Assistant Coordinators

Editoria Andrea Queiroz Rego

Ensino Rosina Trevisan Ribeiro

Extensão Lais Bonstein Passaro

Pesquisa Gustavo Rocha-Peixoto

Câmara de Editoria

Board of Editors

Andrea Queiroz Rego

Ethel Pinheiro Santana

Virginia Vasconcellos

Conselho Editorial

Editorial Council

Ceça Guimaraes

Cristiane Rose Duarte

Gabriela Celani

Gustavo Rocha-Peixoto

Leopoldo Bastos

José Manuel Pinto Duarte

Maria Angela Dias

Comissão Editorial

Editorial Committee

Andrea Queiroz Rego

Ethel Pinheiro Santana

Bárbara Thomaz (secretaria executiva)

Revisão

Revision

Ethel Pinheiro Santana

Bárbara Thomaz

Tradução

Translation

RioBooks Editora

Ethel Pinheiro Santana

Bárbara Thomaz

Editoração / Projeto Gráfico

Desktop publishing / Graphic Design

Plano B [plano-b.com.br]

Capa

Cover

Broadway-Radio City Music Hall-Nova York

Foto de Ethel Pinheiro, 2015

Broadway-Radio City Music Hall – New York

Photograph by Ethel Pinheiro, 2015

PROARQ
PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARQUITETURA FAU \ UFRJ



Copyright©2015 dos autores

Author's Copyright©2015

Cadernos PROARQ

Av. Pedro Calmon, 550 - Prédio da FAU/ Reitoria, sl.433

Cidade Universitária, Ilha do Fundão

CEP 21941-901 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Tel.: + 55 (21) 3938-1661 - Fax: + 55 (21) 3938-1662

Website: <http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista>

E-mail: cadernos.proarq@gmail.com

FICHA CATALOGRÁFICA

Cadernos do PROARQ Rio de Janeiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura –
Ano 1 (1997)

n. 24, julho 2015

Semestral

ISSN: 1679-7604

1-Arquitetura - Periódicos. 2-Urbanismo - Periódicos.
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de
Pós-graduação em Arquitetura. 2015.

Comitê Científico

Scientific Committee

Alina Santiago, UFSC
Alice Theresinha Cybis Pereira, UFSC
Angélica Tanus Benatti Alvim, Mackenzie-SP
Antonio Carlos Carpintero, UnB
Antonio Tarcisio Reis, UFRGS
Beatriz Santos Oliveira, UFRJ
Circe Monteiro, UFPE
Claudia Barroso-Krause, UFRJ
Claudia Piantá Costa Cabral, UFRGS
Douglas Aguiar, UFRGS
Eloisa Petti Pinheiro, UFBA
Emilio Haddad, FAUUSP
Fernando Diniz Moreira, UFPE
Fernando Freitas Fuão, UFRGS
Fernando Ruttkay Pereira, UFSC
Frederico Holanda, UNB
Italo Stephan, UFV
Jonathas Silva, PUC Campinas
José Merlin, PUC Campinas
Leonardo Bittencourt, UFAL
Luciana Andrade, UFRJ
Luiz Amorim, UFPE
Maria Angela F. P. Leite, IEB/USP
Maisa Veloso, UFRN
Marcio Fabricio, FAU-USP
Marcos Silvano, UFRJ
Maria Maia Porto, UFRJ
Marta Romero, UnB
Monica Bahia Schlee, Prefeitura RJ
Regina Cohen, UFRJ
Ricardo Cabus, UFAL
Roberto Righi, Mackenzie-SP
Romulo Krafka, UFRGS
Sylvia Rola, COPPE/UFRJ
Vinícius Netto, UFF
Wilson Florio, Unicamp

Palavra do Proarq

É sempre uma renovada alegria apresentarmos mais uma edição do **CADERNOS PROARQ**. O número 24, primeira publicação da série bianual de 2015, é composto de artigos instigantes sobre questões urbanas. Entre eles, destacamos o artigo âncora de Guilherme Bueno, *O TAITI DO ARQUITETO MODERNO - Introdução a um tema*, que destaca a atração que a arquitetura norte-americana exerceu em determinado momento nos arquitetos modernistas, como sinal de mirada de futuro e sugestão de uma perda ou desgaste do modelo europeu, então associado ao passado.

Reconhecemos o esforço dos membros da Câmara de Editoria que, ultrapassando as dificuldades que se apresentaram em 2015, produziram mais esta edição de nossa revista científica.

Confirmamos o propósito de sermos um periódico científico de notória qualidade e compartilhamos mais uma vez, nesta edição, temas, métodos e resultados de pesquisas selecionadas com o maior rigor possível e, portanto, pertinentes à pesquisa em Arquitetura e Urbanismo.

Desejamos que os artigos apresentados possam contribuir para novas reflexões.

Maria Angela Dias

Coordenadora do PROARQ

A word from Proarq

It's always a renewed joy to launch another edition of **CADERNOS PROARQ**. Edition 24, the first publication of the biannual series of 2015, consists of provocative articles on urban issues. Among them, we highlight the anchor article of Guilherme Bueno, *The TAHITI OF MODERN ARCHITECTS* - Introduction to a theme, which highlights the attraction that the American architecture exercised in Modernist architects who targeted future signals and suggests a loss or weakness of the European model, then associated with the past.

We recognize the efforts of the members of the Editorial Board - Andrea Queiroz Rego and Ethel Pinheiro Santana - who have been working hard on this issue of our Journal, overcoming the difficulties arisen in 2015.

We confirm the purpose of being a notorious journal and, once more, we share the methods and research results selected with the greatest accuracy possible so as to keep it relevant to all research in Architecture and Urbanism.

We hope that the articles presented may contribute to a new thinking.

Maria Angela Dias

PROARQ Coordinator

Editorial

A Edição 24 do CADERNOS PROARQ é formada por um conjunto de artigos que, de modo temático, discorrem sobre o caráter urbano em diversas facetas: morfológica, social, ambiental, habitacional, arquitetônica, temporal e artística. Assim, de forma inesperada – mesmo através de um processo de seleção em fluxo contínuo, que garante uma boa diversidade de temas – esta edição nos depara com abordagens que parecem premir as necessidades de pesquisa atuais: o que somos dentro da cidade? Como entender as dinâmicas de uso e apropriação do espaço? Como ‘ler’ os espaços residuais e suas formas de ocupação? Que identidade carregamos? O que o avanço da idade nos reserva nos espaços de convívio social? Como a arte circunscreve o campo das ruas e dos espaços livres? Inquietações que adornam, sem dúvida, toda matéria humana que habita o urbano – já em todo lugar, como diria Olivier Mongin.

Dentro deste espírito filosófico de questionamento sobre o urbano, o artigo âncora - desenvolvido poética e milimetricamente por **Guilherme Bueno** – nos traz uma ‘inquietação-fetice’ do poder das produções arquitetônicas em terras norte-americanas na formação profissional de arquitetos modernistas. Trazendo à tona a ideia de ‘*revigoração das energias exauridas*’ que a ‘nova terra’ trazia, em detrimento do ‘*excesso de história*’ europeu, Bueno circunda quatro livros seminais que ilustram a descoberta sinestésica e experiencial de quatro arquitetos doutrinados pelo fascínio, não no campo do que se espera belo, mas pelo ‘sublime’ kantiano, nos convocando a pensar se o ceticismo de tais objetos arquitetônicos ilustra ou – na contramão – nos impele a olhar ainda além.

Em seguida, o artigo de **Natalia Parahyba** e **Jonathas Magalhães Pereira da Silva** enfoca as dinâmicas urbanas encontradas no sistema de espaços livres (SEL) em recortes específicos da Cidade de Campinas, São Paulo, e revela que os processos dialéticos na constituição da paisagem urbana, identificados nos diferentes tipos morfológicos, pode influenciar suas potencialidades, entaves e conflitos.

Discorrendo sobre o espaço de aprendizagem acadêmica no cenário urbano, **Marcio de Oliveira Resende Souza** e **Klaus Chaves Alberto** destacam algumas inadequações do modelo de campus modernista localizado fora dos limites da cidade, através do estudo da proposta do campus da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no centro histórico de São Luís. O trabalho nos leva a uma discussão que, além de ampliar o entendimento do planejamento universitário realizado durante o século XX, pode contribuir para o planejamento da universidade contemporânea.

Laura Machado de Mello Bueno e **Estela Regina de Almeida** discutem os dilemas relacionados à urbanização de favelas em áreas ambientalmente sensíveis (AAS). A partir da observação de projetos que ilustram a incorporação de obras e procedimentos mais sustentáveis, as autoras demonstram que embora possível, a concretização do direito à cidade saudável e sustentável com justiça social é um desafio que vem sendo enfrentado ainda em escala experimental.

Reforçando o campo das questões urbano-sociais, **Rita de Cássia Pereira Sara-mago**, **Simone Barbosa Villa**, **Laiza da Cunha Alexandre** e **Jéssika Fernandes Parreira** trazem um estudo de caso realizado em Uberlândia, Minas Gerais, a partir do qual reflexões sobre a qualidade das habitações de interesse social, verticalizadas e disponibilizadas no mercado imobiliário, são realizadas. Diante da ineficiência das habitações, as autoras destacam a relevância da APO como norteadora de todo o processo de elaboração de projeto de unidades destinadas à coletividade.

Luís Henrique Haas Luccas, seguindo pelo campo da análise de obras arquitetônicas, examina a produção realizada em Porto Alegre nos anos sessenta e setenta, sob a influência do que se convencionou como brutalismo. O autor analisa a experiência local através de um breve panorama de suas obras mais representativas, dimensionando com mais precisão influências plausíveis, assim como as contribuições autorais que transmitiram singularidade às obras.

Iniciando um conjunto final de artigos que convidam à reflexão sobre a experiência humana no meio urbano, **Rodrigo Gonçalves dos Santos** traz o leitor a ponderar acerca da arquitetura e sua percepção como experiência estética. A partir da tentativa de entender o que é *ver*, chega, por fim, a uma noção de experiência que articula campos conceituais de estudos sobre movimento e o corpo, enquanto protagonista da ação de produzir espaços.

Nesta linha de raciocínio e enfatizando a questão do tempo experiencial, **Marcela Dimenstein** e **Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia** investigam os idosos que praticam a *flanerie* no centro da Cidade de João Pessoa, Paraíba, refletindo sobre questões como a política recente de renovação dos espaços centrais da Cidade e a sua utilização/atualização pela população idosa. Para as autoras, enxergar a relação entre os idosos e o Lugar pode não só contribuir com pesquisas que evidenciam a percepção da cidade a partir da memória, mas também como uma forma desviante à problemática do empobrecimento da ação urbana.

Analucia de Lucena Torres e **Gleice Elali** nos brindam com dois estudos sobre as condições de habitabilidade do ambiente residencial de idosos em cidades brasileiras de médio porte. O artigo traz considerações acerca da extrema necessidade de investimento público na ‘docilidade ambiental’, conceito que se insere como uma medida significativa à qualidade de vida, não apenas da população que envelheceu, mas de todos os habitantes que constroem nossa atual noção de meio urbano.

Por fim, **Ione Ghislene Bentz** e **Fábio Parode** apresentam um recorte de um projeto maior de investigação sobre a interpretação dos artefatos expostos nas ruas da cidade. Os autores propõem o reconhecimento da arte como forma de expressão multicultural e democrática no cenário da cidade, expressando uma cultura cotidiana ou popular que pode tanto fundamentar os processos projetuais em design e comunicação, como promover uma inovação cultural e social.

Esperamos, ao final, que o leitor se sinta amparado, conduzido e habilitado a refletir sobre diversas esferas que compõem nossa maior matriz de possibilidades de vida e coexistência nas cidades: o poder de experimentar coletivamente muitos tempo-espacos. Boa leitura!

Equipe Editorial

Andrea Queiroz Rego e Ethel Pinheiro

Editorial

The edition #24 of *CADERNOS PROARQ* consists of a set of articles that discourse on the urban character in several facets: morphological, social, environmental, architectural, temporal and artistic. Thus, unexpectedly - even through running a selection process in a continuous flow, which ensures a good variety of issues – this edition approaches on what seems to push the current research needs: what are we in the city? How to understand the dynamics of use and appropriation of space? How to ‘read’ the morphological aspects of land and its forms of occupation? Which identity do we carry on? What will advanced age make us perform in the spaces of social interaction? How art circumscribes the use of streets and open spaces? All these matters undoubtedly adorn every human being that inhabits the urban realm - already ‘everywhere’, as Olivier Mongin would say.

Within this spirit of philosophical inquiry into the urban, the anchor article - poetically and millimetrically developed by **Guilherme Bueno** - brings us a ‘restlessness-fetish’ of the power of architectural productions in North American lands in training Modernist architects. Bringing up the idea of ‘reinvigorating depleted energies’ that the ‘new land’ brought in opposition to the ‘excess of European history’, Bueno examines four seminal books that illustrate the kinesthetic and experiential discoveries of four architects indoctrinated by fascination, not in the field of what is expected to be meant by ‘beauty’ but the ‘sublime’ of Kant, calling us to wonder whether the skepticism of such architectural objects illustrate or - against - compels us to look beyond.

In the sequence, the article produced by **Natalia Parahyba** and **Jonathas Magalhães Pereira da Silva** focuses on urban dynamics found in Open Spaces Systems (SEL) in specific cuts in the city of Campinas, São Paulo, and reveals that dialectical processes in the formation of the urban landscape may influence its potential barriers and conflicts.

Observing the academic learning spaces in urban spaces, **Marcio de Oliveira Resende Souza** and **Klaus Chaves Alberto** highlight some inadequacies of the modernist campus model located outside the city limits by analyzing the Master Plan of the campus of the Federal University of Maranhão (UFMA) in the historic center of São Luís. The paper leads us to a discussion that, in addition to expanding the understanding of university planning carried out during the twentieth century, can contribute to the planning of the contemporary university.

Laura Machado de Mello Bueno and Estela Regina de Almeida discuss the dilemmas related to rehanilitating slums in environmentally sensitive areas (AAS). From the observation of projects that illustrate the incorporation of more sustainable procedures, the authors demonstrate that the right to a healthy and sustainable city with social justice is a challenge that has been merely faced in experimental scales.

Strengthening the field of urban and social issues, Rita de Cassia Pereira Saramago, Simone Barbosa Villa, da Cunha Alexandre Laiza and Jéssika Fernandes Parreira bring up a case-study in Uberlandia, Minas Gerais, from which reflections on the quality of social interest housing, vertically integrated to the city web, are held. Intrigued by the inefficiency of social housing, the authors highlight the relevance of the Post-occupancy Evaluation (POE) as a guide to the whole project development process aimed to communities.

Luis Henrique Haas Luccas, running through the field of analysis on architectural design, examines the production held in Porto Alegre – Brazil in the sixties and seventies, under the influence of what is seen as Brutalism. The author analyzes the local experience through a brief overview of the most representative works in these decades, dimensioning plausible influences, as well as copyright contributions that have transmitted uniqueness to all works.

Starting a final set of articles that invites to reflect on the human experience in the urban environment, Rodrigo Gonçalves dos Santos brings the reader to ponder about architecture and its perception as an aesthetic experience. From the attempt to understand what it is ‘to see’, the author finally comes to a notion of experience that articulates conceptual fields of studies on movement and body as protagonist of the action to produce spaces.

Following this line of reasoning and emphasizing the issue of experiential time, Marcela Dimenstein and Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia investigate the elderly who practice flanerie in the center of the city of João Pessoa, Paraíba, reflecting on issues such as the recent renovation policy of the central areas in the city and its appropriation by the elderly. According to the authors, analyzing the relationship between the elderly and the city not only contributes to surveys that show the perception of the city from the idea of memory, but also emphasizes a devious way to the problem of depletion of urban actions.

Ana Lucia de Lucena Torres and Gleice Elali offer us two studies on the dwelling conditions of the living environment of elderly in Brazilian medium-sized cities.

The article brings considerations about the dire need of public investment in 'environmental docility', a concept that is inserted as a meaningful measurement of quality of life, both for the aged population and for the new generation who builds our present notion of urban areas.

In the last article, Ione Ghislene Bentz and Fabio Parode feature a cutout of a larger research project on the interpretation of artifacts exposed on city streets. The authors propose the recognition of art as a form of multicultural and democratic expression in the city scenery, expressing an everyday culture that can both support the projective processes in design and communication, as well as promote social and cultural innovation.

We do hope, at the end, that the reader feels supported, led and able to think and reflect on the various spheres that make up our largest array of coexistence possibilities in the cities: the power to collectively experiment many time-spaces. Enjoy your reading!

Editorial Board

Andrea Queiroz Rego e Ethel Pinheiro

Sumário *Contents*

1

O TAITI DO ARQUITETO MODERNO - Introdução a um tema

The TAHITI MODERN ARCHITECT - Introduction to a theme

Guilherme Bueno

36

A morfologia urbana como leitura das dinâmicas existentes nos espaços livres em Campinas - SP

The urban morphology as reading of existing dynamics on the open spaces in Campinas - SP

Natalia Parahyba e
Jonathas Magalhães Pereira da Silva

60

Urbano x Antiurbano: A Proposta do Campus da UFMA no Centro Histórico de São Luís

Urban x Antiurban: A Proposed Campus UFMA in Historic Downtown São Luís

Marcio de Oliveira Resende Souza e
Klaus Chaves Alberto

78

Estudos de adaptação: dilemas da regularização de bairros com favelas com Áreas Ambientalmente Sensíveis

Studies of adaptation: dilemmas of regularization of neighborhoods with slums with Environmentally Sensitive Areas

Laura Machado de Mello Bueno e
Estela Regina de Almeida

102

Morar coletivo em Habitação de Interesse Social: o caso do Conjunto Residencial São Jorge I

Collective living in Social Housing: the case of the Housing Development São Jorge I

Rita de Cássia Pereira Saramago
Simone de Barbosa Villa
Laiza da Cunha Alexandre e
Jéssika Fernandes Parreira

123

A Arquitetura de Linhagem Brutalista em Porto Alegre nos Anos 60/70

The Architecture of Brutalist Lineage in Porto Alegre in the 1960s and 1970s

Luís Henrique Haas Luccas

Sumário *Contents*

143

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

Rodrigo Gonçalves dos Santos

158

No rastro do *flaneur* contemporâneo: O corpo idoso e suas experiências no centro da cidade de João Pessoa.

On the trail of the contemporary flaneur: The elderly body and its experiences downtown João Pessoa's city

Marcela Dimenstein e
Jovanka Baracuhy Cavalcanti Scocuglia

174

Docilidade ambiental para idosos: condição de qualidade de vida para todos

Environmental docility for elders: welfare condition for everybody's life

Analucia de Lucena Torres e Gleice Azambuja Elali

189

Expressões de Arte e Design no Espaço das Cidades

Expressions of Art and Design in City Spaces

Ione Ghislene Bentz e
Fábio Pezzi Parode

CADERNOS
PROARQ 24

GUILHERME BUENO

O Taiti do Arquiteto Moderno - Introdução a um tema

The Tahiti Modern Architect - Introduction to a theme

Guilherme Bueno

Graduado em Pintura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1998), mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001) e doutorado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em História da Arte, atuando principalmente nos seguintes temas: arte contemporânea - Brasil, história da arte, arte contemporânea; arte moderna - historiografia; arte moderna - teorias, formalismo; arquitetura moderna – historiografia.

Degree in Painting (1998), Master's degree in Visual Arts (2001) and PhD in Visual Arts (2005), all of them at the Federal University of Rio de Janeiro. Experience in the field of Arts, with emphasis on History of Art, mainly in the following themes: contemporary art - Brazil, history of art, contemporary art; modern art - historiography; modern art - theories, formalism; Modern architecture – history.

gbueno_br@yahoo.com.br

O Taiti do Arquiteto Moderno - Introdução a um tema¹

*Contemplo a ponte do Brooklyn
como, pela primeira vez,
um esquimó olha um trem [...]
Oh! a ponte do Brooklyn
há poucas que a igualem.
Sim...
Isso vale!*

Maiakovski. A ponte do Brooklyn, 1925.

Todos os arquitetos modernos foram aos Estados Unidos. Senão com os próprios pés, com seus olhos. Nova York e Chicago compeliavam a um presente perpétuo, uma destinação inelutável ao futuro. A América oferece a revigoração das energias exauridas, descortina-se ao novo. É a oportunidade de concretizar ideias que, na Europa, pareciam fenecer pelo *excesso de história*, pela castradora *saturação do passado* (a outra opção disponível era a União Soviética em meio a ebulição revolucionária).

Seria Manhattan, com seu pragmatismo, o ambiente mais adequado para um último sonho romântico? Com frequência seus visitantes europeus falam de um esplendor de barbárie, provocado pela dimensão arrojada e brutal de seus edifícios. Prepondera a construção de uma *imagem* e é principalmente a ela que o velho mundo se reporta.

As brumas do passado (afáveis à evocação de uma atmosfera exótica, comprovada à exaustão pela romance “gótico” inventado no século XIX, com seu primitivismo doméstico) se misturam àquelas da chegada de navio a Ellis Island:

¹ Este artigo é uma versão estendida de duas palestras. A primeira, intitulada *A forma alhures*, foi apresentada na Fundação Casa de Rui Barbosa em 2013. A segunda, base deste texto, ocorreu em agosto de 2014 no PROARQ-FAU-UFRJ, com o título *Diários de viagem à catástrofe feérica: Berlage, Mendelsohn, Neutra, Le Corbusier*. Para a redação final valemo-nos para o cotejo e desenvolvimento de vários pontos de COHEN, Jean-Louis. *Scenes of the World to come. European Architecture and the American Challenge*. Paris: Flammarion, 1995 (catálogo de exposição homônima realizada no Canadian Centre for Architecture, obra de referência sobre o tema).

Então o guia veio a bordo, ainda estava escuro, os passageiros já haviam levantado cedo, para acima de tudo não perder nada da primeira vista da nova terra. Isso se anunciava por meio de uma linha de lanternas no mar, que com sua luz iluminavam o caminho, o qual conduzia pela foz do amplo e esplêndido rio Hudson ao porto de Nova York. [...] Então surgiu o comovente monumento finalmente alcançado, aguardado, prenúncio da capital da América, que apenas subitamente fez-se visível como uma montanha cinzenta. Por um momento eu pensei na silhueta da cidade montanhosa italiana de San Gimignano, na qual as muitas torres afinadas ascendentes causam um efeito bestificante análogo, assim como a igualmente ascendente massa reunida de edifícios de cobertura plana de Nova York. [...] E o repentino sentimento comparável a San Gimignano era acima de tudo a prova de uma sensação de beleza, mas de um tipo ainda mais forte, naquilo em que a escala da América caminha na direção à barbárie do colossal².

O “sublime” despertado na aproximação de navio a Manhattan seria reapropriado nas fotos “noturnas” de *Amerika*, de Mendelsohn, feita por Knud Lönberg-Holm – arquiteto de origem dinamarquesa, o primeiro a imigrar e que se tornaria uma espécie de “emisário” e informante para seus colegas do outro lado do Atlântico³ – apareceria também em Van Doesburg, em seus *Grondbegrippen der nieuwe beeldende kunst* e em Adolf Behne, em seu *Der moderne Zweckbau*; chegaria a Moscou numa nota sobre o lançamento do livro do arquiteto alemão escrita por Moisei Ginsburg para *Sovremennaya Arkhitektura* e posteriormente em uma resenha de Aleksandr Pasternak⁴. Investida de tons de uma “visão mística”, ela marca ainda um dos pontos culminantes da lembrança de Le Corbusier:

2 BERLAGE, H.P. *Amerikaansche Reisherrinneringen*. Rotterdam: W.L. & J. Brusse: 5-6. Le Corbusier fará vinte anos depois a mesma comparação, mas em tom menos abonador: “Os arranha-céus, nascidos de uma condição racional em Wall Street se multiplicaram desde então, inicialmente neste lugar, erguendo esta cidade de aspecto mítico, oferecida de longe ao mar na chegada, dando-lhe uma ideia elevada do destino americano, antes de paralisá-lo [assomer] de um só golpe meia hora depois por sua sua selvageria e brutalidade, quando o navio faz contato direto com ela no rio Hudson. Eles deixam então uma extensão de muito quilômetros de *no man’s land* urbano, feito de casas baixas - em suma, miseráveis - pobres ruas de tijolos vermelhos sujos. Eles joram novamente, subitamente na Middle-Town ainda mais altos, munidos de “arquitetura” e encarregados de uma missão: proclamar um nome próprio, aquele de um sucesso financeiro, uma fortuna, uma potência de dinheiro. Assim também, na Idade Média, em San Gimignano na Toscana, as lutas de hegemonia entre as famílias da pequena cidade tiveram como efeito a aparição sucessiva de torres loucamente altas, cada vez mais altas [...] San Gimignano tem a aparência de uma almofada de agulhas, et esse espetáculo encanta o turista, aborrecendo a razão; beleza hirsuta, mas sim, por quê não beleza? OS cataclismas da natureza [...] não nos encerram de admiração pelo efeito da potência, o sentimento da catástrofe?”. Le Corbusier. *Quand les cathédrales étaient blanches*. Paris: Plon, 1937: 78. Ele complementa-se - mantendo o tom - em outra passagem, agora sobre a Broadway, logo após condenar o excesso de publicidade na cidade: “Mas, por outro lado, eu não posso silenciar sobre a publicidade luminosa da Broadway [...] Reino da eletricidade, mas aqui dinâmico, em brilho, deslizamentos, crepitações, rodopiante luz branca, azul, vermelha, verde, amarela. O que está por baixo é decepcionante. No entanto, essas constelações à queima roupa, essa Via Láctea na qual estamos imiscuidos, age desbragadamente [se débrident] por objetos de consumo frequentemente medíocres. Pior para a publicidade!” (p. 147) Por fim, ele reportara em outro momento a surpresa de submergir no passado diante de outra imagem brumosa, acontecida em uma viagem de trem a Bélgica: “Passamos a fronteira franco-belga e o trem atravessa a “Borinage” [região belga de extração de carvão desde o século XIX]. O que é isso, uma miragem? No horizonte se destacam sobre o céu da planície pirâmides gigantescas. Falo de minha primeira viagem, há muito tempo. Minha emoção era intensa. Esses monumentos sublimes se fundiam às profundezas azuis [...] Não era outra coisa senão as pilhas de resíduos [“crassiers”] das minas de carvão, estes amontoados de detritos de xisto [...] E assim estou perto do Cairo, o país dos faraós”. Id. *Ibid.*: 33-34. Não nos escape o quanto a “brutalidade” e a “selvageria” de Le Corbusier superpõem neste território um latente primitivismo.

3 LÖNBERG-HOLM, Knud. *America. Reflections by K. Lönberg Holm*. In: *Internationale Revue*, n. 15, 1928: 49-50. A título de cotejo, consultar a discussão de Mumford sobre a consecução de um estilo nos Estados Unidos (ver nota 11).

4 GINSBURG, M. Erik Mendelsohn “Amerika” s 77 reproduktchiaiami. Erich Mendelsohn “Amerika” mit 77 photographischen Aufnahmen des Verfassers. In: *Sovremennaya Arkhitektura*, n.1, 1926: 38. PASTERNAK, A. *Amerika*. In: *Sovremennaya Arkhitektura*, n. 4, 1926: 92-94. [edição fac-símile. Moscou: Tatlin, 2011].

A noite estava escura, o ar seco e frio. Toda a cidade estava iluminada. Quem não viu isso não pode nem saber nem imaginar [...] O céu esplendia. É uma Via Láctea descida à terra. Cada janela, cada homem, uma luz no céu. Cria-se, de toda maneira uma perspectiva pela estrutura de mil luzes de cada arranha-céus. Isto se desenha mais no espírito do que na noite perfurada por fogos ilimitados. As estrelas também são assim - as verdadeiras - mas como um doce crepitar longínquo. Esplendor, brilho, promessa, prova, ato de fé, etc. O sentimento entra em jogo. A ação se deflagra no coração - crescendo, allegro, fortissimo. Eis-nos no sentimento, eis-nos tomados de embriaguez [...] ⁵.

Sensação confirmada, ainda que eivada de ambiguidades, adiante:

Vimos aparecer a cidade mística do Novo Mundo, à distância, de pé sobre Manhattan. Ela desfilou à queima roupa a nossa frente: espetáculo de brutalidade e selvageria ⁶.

Fetice da viagem iniciática, não se pode esquecer que o arranha-céu e a grade não estão sozinhos no imaginário europeu – a ele juntam-se outros ícones da busca por uma verdade perdida: o mito da natureza bruta, que oportunamente fecha *Wie baut Amerika?*, de Neutra (pense-se a título de exemplo em uma das páginas de Adolf Behne em *Neues Wohnen, Neues Bauen* ilustrada com uma “cabana primitiva” na Polinésia) e as catedrais medievais, todos partícipes do desejo de delinear estratégias de refundação da história até o presente imediato / futuro (“not big enough!”, reproduzia escandalizada em manchete a imprensa norte-americana a primeira declaração de Le Corbusier acerca dos arranha-céus, cuja solução ele antevia na criação de sua versão cartesiana⁷).

Apresentaremos quatro livros: *Amerikaansche Reisherrinneringen* (*Lembranças de Viagem à América*), de Berlage (1913), *Amerika - Bilderbuch eines Architekten* (*América – livro de imagens de um arquiteto*), de Mendelsohn (1925), *Wie baut Amerika?* (*Como a América constrói?*), de Neutra (1927) e *Quand les cathédrales étaient blanches* (*Quando as catedrais eram brancas*), de Le Corbusier (1937). Berlage e Mendelsohn concentram-se no diário de viagem. Neutra oferece uma leitura de um ponto de vista intermediário – aquele de quem detém com maior solidez as referências de ambos os lados, pois que já se fixara no país. Le Corbusier preserva a oscilação entre testemunho, manifesto e programa⁸. Desdobra-se a *separata* frequente nas publicações europeias dedicadas a arquitetura moderna – a seção *Amerika* (Platz, Behne, Behrendt et al.⁹).

5 Le Corbusier. Op. cit.: 127-128.

6 Id. Ibid.: 163.

7 “O problema de Nova York [...] é que os arranha-céus são muito pequenos. E há muitos deles [...] Os arranha-céus são pequenas agulhas amontoadas. Eles devem ser grandes obeliscos bastante distanciados, para que a cidade tenha espaço, luz, ar e ordem.” *Skyscrapers not big enough, says Le Corbusier at first sight. New York Herald Tribune, 22-outubro-1935.* A manchete seria transcrita pelo arquiteto em *Quand les Cathédrales...* (p. 72). Ver a este respeito também: “Venice best city”, Le Corbusier finds (*New York Times, 22-outubro-1935*), Le Corbusier scans Gotham’s towers (*New York Times Magazine, 3-novembro-1935*) e A noted architect dissects our cities (*New York Times Magazine, 03-janeiro-1932*).

8 Uma série de outros títulos produzidos nos dois lados do Atlântico podem ser incluídas nesta elipse do internacionalismo (Hitchcock e colegas, Meyer, Taut, Mendelsohn – de novo – etc.), bem como das viagens não prontamente transformadas em livros (Gropius), mas de impacto memorável.

9 PLATZ, Gustav Adolf. *Die Baukunst der neuesten Zeit*. Berlin: Propyläen, 1927 (2a. ed.: 1930); BEHRENDT, W.C. *Der Sieg des neuen Baustils*. Stuttgart: Akademischer Verlag Dr. Fr. Wedekind & Co, 1927 (trad. para o inglês: *The Victory of the New Building Style*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2000); BEHNE, Adolf. *Der moderne Zweckbau*. Berlin / Viena: Drei Masken Verlag, 1926 (reedição: Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1998 ; trad. para o inglês: *The Modern Functional Building*. Los Angeles: Getty Research Institute, 1996).

LER O LIVRO DA VIDA MODERNA - DIÁRIOS DE VIAGEM À CATÁSTROFE FEÉRICA

“O fascínio sentido por nossos críticos pelos edifícios altos se dá em função das tomadas fotográficas, o que é algo totalmente diferente. Quando os efeitos dos edifícios são sentidos diretamente e não por meio de fotografias, o arranha-céu aniquila-se por si mesmo”. Esta passagem, provinda de *Sticks and Stones*, de Lewis Mumford¹⁰, aparece no crítico e historiador de arquitetura alemão Gustav Adolf Platz em *Die Baukunst der neuesten Zeit*¹¹. (Veremos depois que Platz fala algo mais sobre isso). Considerar a apropriação de um excerto de um autor americano por seu colega europeu em um dos típicos livros-manifesto é chegar por ele ao nosso interesse específico: o quê, malgrado a auto-crítica de Mumford - acessível aos europeus graças a tradução de outros artigos seus para revistas como *Die Form*¹²- ou as notícias transmitidas por Lönberg-Holm, se procurava nos Estados Unidos?

Alinhavam-se inicialmente dois temas: o arranha-céus e a grade, associando-os a uma situação anti-clássica. Na grade, a repartição seriada e “monótona”, anti-perspéctica e de uma monumentalidade impensada quebrariam o efeito das praças radiais (sendo a ocupação da quadra, porém, sentida como um emaranhado de volumes). O arranha-céus, por sua vez, malgrado a permanência da decoração aplicada, fascina pela escala, verticalidade e método constutivo. De todo modo, ambos convertem-se em paradigma e encruzilhada, e suscitam em Berlage uma reflexão comparativa a partir de Camilo Sitte e Brinckmann, posto que essa espacialidade desviava-se da tradição oitocentista européia:

Além disso o americano é demasiadamente prático, visto que o sistema de celulas hexagonal permite dar por um lado uma divisão do espaço mais vantajosa [e] por outro, a forma do bloco [bouwblokken] se torna tão impraticável que o meio se torna pior que o mal [onpraktisch]. Camilo Sitte, além disso, esqueceu [...] que o plano da cidade do século XVIII, da cidade barroca e da cidade do Império não eram então pensadas [beoogde] senão no plano de ruas retangular [...] Além disso Sitte esquece mais adiante, que a arquitetura se entrega [afdoet] ao efeito. Uma vez que aquilo restante do plano de ruas medieval devia sobreviver a uma cultura sem caráter do século XIX; e um plano de ruas do século XIX devia vencer, no caso, a arquitetura de qualidade da Idade Média e do Renascimento. Este é o desastre da arquitetura do século XIX, diz Brinckmann: ao arquiteto faltou o sentimento do espaço, do efeito espacial e daí perdeu-se a segurança das formas de expressão.¹³

Por outro lado, ela também é suscetível de oferecer em potencial uma outra *beleza* (por mais que *ainda hipotética* não conquistada), dando margem a uma renovada abordagem de desenho urbanístico da cidade moderna, com a unidade da malha e os novos tipos de edificação.

*Também aqui parece inconsciente (ou é consciente) um tal resultado surgir, como na Idade Média ou no Renascimento, isto é, uma harmonia segura entre o caráter da arquitetura e do plano da cidade [...] E este efeito é naturalmente mais violento nas ruas arqueadas, assim a enorme forma da cidade [tem] de fato uma beleza bárbara [...]*¹⁴.

10 cuja tradução alemã de 1925 muda o título para *Von Blockhaus zum Wolkenkratzer*

11 PLATZ, G.A. Op. Cit.:134.

12 MUMFORD, Lewis.. *Die Form in der Amerikanischen Zivilisation*. In: *Die Form*, 1925-26: 26-29; *Amerikanische Baukunst*: 102-104; *Die Stadt der Zukunft*: 176-179.

13 BERLAGE. Op. cit.: 8-9.

14 *Id. Ibid.*: 9-10.

Arranha-céus e grade *precisam* ser transformados no *símbolo integral* da modernidade e conformam uma lição aos europeus: repensar suas cidades que, apesar de todas as suas transformações urbanas, ainda são chamadas ambigualmente de *medievais* (é Le Corbusier quem o diz de Paris, em seu filme *Architecture d'aujourd'hui*). Mas estes estupefatos personagens acreditam também ter uma lição a dar aos americanos: *ensinar-lhes* a levar às *últimas conseqüências* essas duas invenções. E para isso, será providencial a recorrência a um terceiro tema - de fato, o que mais nos interessará: o *medievalismo* a que se recorrerá com freqüência.

*

* *

O testemunho de Berlage convém ser lido à luz de suas preocupações em restabelecer o elo entre matéria, estrutura, forma, construtividade e estilo. Daí o interesse por Richardson (a quem é conferido o papel especial, somente superado relativamente por Sullivan e taxativamente por Wright, de ser o primeiro moderno) e a “universalidade” de seu vernáculo. Apesar de ratificar em seu livro com freqüência a comparação e espelhamento entre o velho e o novo, destacando o quanto as novas construções tocam os céus como as catedrais outrora (e superam-nas) e como ambas partilham de uma construtividade íntegra, como na correlação entre Richardson e o românico, Berlage não descuida dos os impasses, limitações e/ou pertinência dos revivalismos do românico e do gótico (assim como qualquer outro “estilo”) apequenados não em sua massividade, mas em sua escala e pertinência nas novas metrópoles. Nesse particular, indica-o pela catedral de Trintiy Church (“mas o que mais me surpreendeu foi que mais uma vez se começou a construir uma igreja gótica em Nova York, quando já se deveria saber que as formas góticas naquele ambiente se tornaram ridículas¹⁵”) cercada pelos arranha-céus.

Por outro lado, o elogio a Wright – que independe da discussão da questão de altura dos prédios ou da adesão a estilos do passado¹⁶ – pode ser considerado como uma contribuição original. Wright assume um duplo valor: do ponto de vista construtivo, ele desenvolve uma nova abordagem na articulação de volumes e planejamento de espaços (conforme Berlage descreve o enfeixe de horizontais da Robbie House e a solução “egípcia” entre parede e fenestração de sua igreja protestante em Oakpark, Chicago¹⁷), ou, em outro caso, antecipa-se humanisticamente - sem subjugar-se a ela ou prestar-lhe tributo - às demandas da “estética das máquinas¹⁸”, como evidenciado na fábrica Larkin¹⁹. O segundo aspecto, decorrente do primeiro é o quanto sua individualidade

15 Berlage. Op. cit. : 23.

16 “Do ateliê de Sullivan veio também provavelmente [...] o mais talentoso construtor [bouvmeester] da América, Frank Lloyd Wright. Quero dizer, ele também frequentou a École des Beaux Arts de Paris, mas certamente, não para daí ser o estudante escravizado “. Id. Ibid.: 35-36. Ou ainda: “Além disso Wright tem ojeriza à cópia de estilos, conforme ele mesmo escreveu”. Id. Ibid.:37.

17 “Wright também construiu uma igreja toda em concreto, uma espécie de edifício congregacional com escola dominical em Oakpark, Chicago. [...] O teto plano projeta-se para fora e lança uma esplêndida sombra ativa sobre a parede. A plástica do edifício é esplêndida como a de um templo egípcio. [...] Eu posso perfeitamente compreender [a oposição da administração da igreja ao projeto] , pois uma tal administração, assim como na igreja de Sullivan, tem uma outra ideia do que seja uma igreja protestante. [...] (p. 44-45).

18 “E do amor pela indústria eu penso no notável livrinho “the voice of the machines”[de Gerald Stanley Lee, 1906], naquilo que se fala com entusiástica maneira poética das muito desacreditadas máquinas, e sobre aquele que as faz e por conta disso destrói toda beleza, o engenheiro. Segundo o escritor, a máquina é, ao contrário, a redentora da humanidade e o engenheiro o único poeta desses tempos. Não precisaria que o escritor de um tal ideia fosse um americano, um habitante de um país industrial por excelência, em que tudo, até mesmo sua arte está à espera do desenvolvimento da indústria?”. Id. Ibid.: 42-43.

19 A mais precisa explicação para as idéias de Wright está presentemente por fim corporificada em um prédio de escritórios [...] construído pela grande fábrica Larkin em Buffalo. É bastante singular que também deste

concorre para a fixação do estilo, em função da “verdade” inerente ao seu “caráter” próprio e único, identificável tanto na nova maneira de se perceber o edifício²⁰ quanto no reiterar o arquiteto como um artista:

Observa-se que Wright com essas considerações [Berlage comenta uma passagem dele] faz também distinção filosófica entre subjetivismo e individualismo, entre a extravagância e a vontade, assim como esta foi muito precisamente formulada por Schopenhauer. O raro é nomeadamente o produto do capricho e, portanto, censurável; o belo, da vontade e portanto admirável. [...] Wright conclui [seu discurso] [...] com um naturalmente e muito simpático exame sobre estilo [...] Este reconhecimento mantém a confiança em um crescimento em direção a uma beleza universal [...]²¹.

Nas *Reisherinnerungen*... o vínculo entre modernidade, estilo e o sentido dos Estados Unidos aponta suas dimensões nas últimas linhas do livro:

De todo modo, eu aposto com convicção que os americanos podem confiar no futuro de seu país [...] Além disso, eu aposto com convicção que há artistas, que podem fazer com meios abundantes obras de um temperamento muito original e de um gosto delicado. [...] E por quê isso não pode ser possível, pois isto não deve repousar no desenvolvimento natural das coisas, de modo que assim como primeiro a Ásia e depois a Europa deram ao mundo um beleza, depois disso a vez seja da América?²²

O diferencial de Berlage é o fato de em sua leitura coincidir a vivência de primeira mão e o olhar treinado do ofício, perscrutando um potencial onde para outros restava ora o susto, ora o desconcerto, ora o escândalo, ora a condescendência e adesismo inerte. ou , própria e direta, tanto do homem quanto de sua obra. Em Berlage, como em Le Corbusier duas décadas depois, o dinamismo das cidades norte-americanas precisava ser investido de uma consicência européia (e vice-versa), de modo a superar à inércia historicista de uma e a brutalidade da outra.

*

* * *

Os livros de Mendelsohn e Le Corbusier são os mais teatrais, ou, no que diz respeito ao primeiro, cinematográfico, segundo Michele Stavagna²³. Uma diferença grande os se-

arquiteto, assim como de seus predecessores, um prédio de escritórios seja a obra mais característica. E logo também de novo compreensível, visto que já se diz desde sempre que o edifício de escritórios nesses tempos é na verdade o mais característico edifício, o edifício sobre o qual os princípios modernos podem chegar à melhor saída. [...] No que diz respeito à disposição interna do edifício de escritórios, Wright entregou uma obra-prima. [...] O edifício se manifesta como uma grande massa negra [...] e tem cobertura plana; as paredes não são adornadas [...] Uma única escultura foi colocada na entrada [...] Wright compreendeu o efeito da oposição e chegou com isso a um imenso resultado [...] *Id. Ibid.*: 43-44.

20 “O jovem colega de Minneapolis, com quem eu estava muitas vezes junto, também ele um estudante de Sullivan, fez-me ver o trabalho de Wright, e caracterizou-o muito singularmente como tridimensional. Ele queria dizer ali dizer que em oposição ao caráter mais plano das velhas formas estilísticas, Wright as acomodava, atarvés do avanço das massas e planos, sobretudo para abrir caminho para um efeito plástico”. *Id. Ibid.*: 45.

21 *Id. Ibid.*: 38-39; 42; 46-47.

22 Berlage. *Id. ibid.*: 48. Uma apreciação que ele repetiria em outra ocasião: Tentei lhes dar uma breve amostra da arquitetura moderna americana ao descrever as obras dos dois grandes arquitetos americanos de nosso tempo [...] Durante miha breve estada na América [...] eu me concentrei primordialmente com a obra de Sullivan and Wright [...] Voltei da América convencido de que uma nova arquitetura está surgindo. Nós, europeus, certamente não temos razão para olhar a arquitetura americana como inferior. Ao contrário, os projetos dos melhores arquitetos americanos mostram uma originalidade e uma imaginação que promete uma grande evolução no futuro [...].BERLAGE, H.P. Neuere amerikanische Architektur. In: Schweizerische Bauzeitung, v. 60, 14-setembro-1912. Apud: COHEN, Jean-Louis. *Op. cit.*: 45.

23 STAVAGNA, Michele. Image and the space of Modern City in Erich Mendelsohn's Amerika Bilderbuch eines Architekten. In: <https://e-pub.uni-weimar.de/opus4/files/.../stavagna.pdf> (último acesso: setembro 2015).

para, contudo. No arquiteto alemão, por mais dramáticas que possam ser as imagens (seu fantástico não deixa de fazer par aos desenhos de Hugh Ferriss), o cenário é concreto. Para Le Corbusier, o que surge é o espaço a ser transformado. Mendelsohn divulga certas soluções americanas para a Europa (mas também emplacar algum serviço, como é sabido), e nisso “atualiza” Berlage (Mendelsohn, aliás, chegou aos Estados Unidos previamente informando pelos depoimentos do holandês, segundo Rayner Banham²⁴). Le Corbusier deseja inverter o percurso, encontrando seu ponto de chegada na outra margem do oceano (vale, inclusive notar o quanto transplanta elementos do *Plan Voisin* para o coração da cidade). Os propósitos dos autores são traduzidos nas características de cada uma das publicações: Mendelsohn oferece um livro de imagens, em que as fotos predominam e o texto, mesmo preciso, essencialmente as escuda, como nos cartões de intertítulos de um filme mudo²⁵. Em Le Corbusier não há sequer uma fotografia. O texto se complementa em pouco mais de uma dezena de ilustrações, a maioria desenhos do próprio punho e que, prevaletentes na metade final, servem para explicar e simular seus planos para Manhattan.

De todo modo, para nos atermos a Mendelsohn, o seu elogio à funcionalidade não abandonou as tintas expressionistas (vale acrescentar que ele teve como companheiro de expedição Fritz Lang), por mais que misturadas ao rigorismo plástico e funcional da *Neue Sachlichkeit*, como depreenderíamos a partir de Jean-Louis Cohen, que comenta as mudanças nos dispositivos projetuais decorrentes do impacto da viagem:

As imagens contraditórias de Mendelsohn [de Nova York, Chicago e Detroit] jogavam as visões anteriores para as margens. Em esboços feitos durante o período da Guerra, ele imaginava um universo industrial composto de guindastes, hangares, fábricas e silos informados por percepções rítmicas, nietzscheanas bem distintas das visões em geral estáticas da América na Alemanha antes da Primeira Guerra. As viagens feitas em 1924 lhe permitiram comparar suas noções anteriores com a realidade da América urbana e rural. O álbum [Amerika] publicado quando de seu retorno, reflete esse encontro entre ideal e real [...] As viagens [...] tiveram um impacto imediato em sua própria praxis. Seus programas de edifício industrial - como uma usina têxtil em Leningrado [São Petersburgo], construção iniciada em 1926 - ganham em complexidade e escala, enquanto edifícios comerciais como a loja de departamentos Schocken em Stuttgart (1926) e Chemnitz (1929) incluíam laterais cilíndricas envidraçadas, que pareciam debochar dos ornamentos tímidos dos edifícios americanos. Antes de cruzar o Atlântico, Mendelsohn frequentemente associava suas fantasias arquitetônicas a peças de Bach ou Brahms. Ele dedicou um destes esboços - intitulado *Arranha-céus norte-americano* [...] - a Frank Lloyd Wright²⁶.

24 “[O livro de Mendelsohn] nos dá uma idéia do que um modernista europeu da época *queria* ver ou saía de seus domínios para ver. Mendelsohn deve ter sido o primeiro visitante dos anos 1920 que chegou preparado pelos escritos de Berlage (que viu a América de verdade), Gropius e Le Corbusier (cuja visão da América era completamente de segunda mão e poderosamente cunhada pela coleção de fotografias de Karl Benscheid feitas em 1911 das estruturas industriais americanas moldadas em concreto) e sabemos que ele veio imbuído como uma “visão do silo”, um desejo de ver Wright e sua obra e a esperança de falar de negócios na Califórnia”. BANHAM, R. Review [Erich Mendelsohn, *Amerika, Bilderbuch eines Architekten*]. In: *Journal of the Society of Architectural Historians*, vol. 38, n.3 (out. 1979): 301.

25 Cf. STAVAGNA, Michele. *Op. cit.* Ver também BANHAM, *Op. cit.*: 301: “No entanto, este realmente não é um *album d’art* no sentido tradicional, nem um livro de mesa do tipo usual. As imagens são frescamente amadoras, a maioria das tomadas com verticais desabantes e mistificantes incidentes no plano de frente”.

26 COHEN, Jean-Louis. *Scenes of the World to Come: European Architecture and the American Challenge, 1893-1960*. Paris: Flammarion, 1995: 86, 92-98.

Cohen chama-nos atenção ainda para a ambiguidade de sentimentos de Mendelsohn, pois dramaticidade e crítica aguda alternam-se²⁷. Com isso, a sobreposição expressionista / *Neue Sachlichkeit* na mesma proporção confirmaria a inflexão sentida nas lições americanas e seus reflexos em solo europeu, implicada aí a tarefa de superá-las (e, seguindo a argumentação de Cohen, ela desaguardaria na publicação posterior de um volume subsequente, o livro *Europa-Amerika-Russland*). O vigor das tomadas fomenta a posição de querer converter o novo objeto simbólico do capitalismo em um protótipo imagético de uma vida coletiva a ser profetizada. Vistas as coisas assim, parece-se querer investir o arranha-céus a um só tempo de uma nova ética construtiva e formal, algo que, em se tratando de deslocá-lo para uma nova experiência comunitária, parece reforçar não só os ecos fantasistas ainda provindos das catedrais - um dos primeiros grandes mitos modernos de coletividade - , como vinculá-los ao novo dinamismo dos tempos industriais (que constituía-se em termos reais no desenho dos inúmeros tipos de novas edificações coletivas, como as fábricas e as moradias sociais). A conjugação dessas exigências com a metáfora medievalista guarda aqui um caráter marcante: para além das “revelações” ou “iluminações” expressionistas, ela age tanto como um índice analógico quanto - principalmente - como um caminho para inscrever simbólica e culturalmente esses novos objetos em um espaço (a Europa) dominado não pela história, mas pelo *antigo*. Partindo dessa abordagem é que consideráramos algumas de passagens de *Amerika*, naquilo em que a antinomia entre o antigo e o novo dá margem para tal fusão de imagens:

Nova York

Equitable Trust Building - rara exceção

O segundo período dos arranha-céus. A sustentação do pilar gótico (Pfeilherstellung) libertada do floreado e do romantismo auto-enganador. Início de uma purificação dos ornamentos sem objetividade, clareza que começa a partir da única essência e sentido dos novos tempos²⁸.

Cujas conseqüências surgem algumas páginas à frente –

Nova York 7ª Avenida

Finalmente uma nova descoberta

Arrojo, a objetividade involuntária da fachada traseira conscientemente transmitida para todo o edifício. Assim livrada à percepção estética da avenida, aos olhos e ao cérebro sobrecarregado de tradição.

Vitória por meio da grandeza e funcionalidade de sua face sobre o frenesi da rua, do rebuliço dos anúncios – pela primeira vez²⁹.

– confirmando a visão (ambígua, se lembrarmos das considerações de Cohen) tida em Chicago:

Chicago – Arranha-céus

Duas possibilidades para o desenvolvimento arquitetônico. Ou se presta juramento

27 “Um objeto estético refinado, o álbum [Amerika] não se dirigia apenas a arquitetos, mas para um público intelectual mais amplo, e justapunha as facetas de uma América cheia de contradições em seu sistema social, seus espaços e sobretudo sua cultura. No entanto, Mendelsohn sublinha a “falta de cultura” dessa nação “nouveau riche” em um prefácio vingativo, que coloca o livro mais afim aos numerosos ex”emplos contemporâneos de literatura anti-americana do que com o olhar amplo do *Amerikanismus*. COHEN. Op. cit., 88.

28 Id. *Ibid.*: 33.

29 MENDELSON, Erich. *Amerika, Bilderbuch eines Architekten*. Berlin: Rudolf Mosse Buchverlag, 1926: 75 (grifo meu).

à validade permanente das formas históricas ou se recusa a visão atemorizante (Angstblick) da História e tenta-se encontrar expressões formais correspondentes às finalidades e matérias de nosso tempo (...) Tentativa de também adequar a forma às novas necessidades³⁰.

A posição assumida representa uma virada comparada às partes anteriores do livro, ocasião em que Mendelsohn *enfrenta* as cidades americanas. No conflito entre expectativa e o dissabor parcialmente desmistificador (incapaz, ainda assim, de superar o seu mito pessoal), confirma-se a dualidade em que o arquiteto se encontrava, conforme revelado na alternância do alvo de suas ressalvas³¹. Dois casos particularmente curiosos - pois que neles as duas posições estéticas se mesclam - são a condenação à miscelânea de estilos vista na 5a. Avenida³² e a promiscuidade entre o capital e o sagrado em pleno coração da cidade, alvo de suas tomadas da Trinity Church em Manhattan. Em outras palavras, a crítica unifica insolitamente o seu primeiro “misticismo” com seu recente engajamento.

NOVA YORK

Wall Street

A rua dos bancos, o saco de dinheiro do mundo.

Visão para a Broadway. Colossos renascentistas precipitam-se à esquerda [...] Para além da Broadway, Trinity Church - Dinheiro e Deus³³.

O Equitable Building representa a alternativa a essa estranha promiscuidade *construtivamente imoral* entre dinheiro, espiritualidade claudicante e ornamento, naquilo que se distingue do “romantismo” decorativo do exemplo que lhe antecede no livro, o Woolwrth Building (“catedral do comércio”, como chegou a ser chamado em 1916 pelo reverendo Samuel Parkes Cadman, uma definição que só poderia soar espúria a Mendelsohn), cuja presença custosa e duvidosa torna sua recepção estética ambígua, para não dizer frustrante:

NOVA YORK

Woolworth Building, rara exceção

Período inicial dos arranha-céus, 43 andares de altura. Altura da catedral de Ulm. Grande realização técnica. Todas as formas decoradas [Zierformen] em folha de cobre, mas a manutenção deste gótico de cobre devora vinte mil dólares por ano. Esta combinação romântica é ao mesmo tempo imponente e grotesca. A expressão trágica da América atual³⁴.

³⁰ Id. *Ibid.*: 63

³¹ Sobre os comentários sucintos de Mendelsohn “legendando” as fotos, recorremos novamente a Banham (Op. cit.: 301): “O comentário responde com uma abordagem animadamente jornalística [...] que é frequentemente menos observante e mais próxima do clichê do que na fotografia. Nova York, no início do livro é inevitavelmente “Hafen der Welt” [porto do mundo] e no fim, a arquitetura da Sexta Avenida é julgada ousada e original o bastante para se tornar a expressão única, independente “dieses neuen Leben” [dessa nova vida]”. No entanto, esses clichês padrão são provavelmente como Mendelsohn genuinamente respondeu, pois a fraseologia do livro é frequentemente antecipada palavra por palavra em sua correspondência com sua esposa, Louise [...] Se essas eram então suas respostas, por mais que convencionais, elas refletem a sabedoria convencional de sua geração na arquitetura européia, e torna-o uma testemunha inestimável do modo como a América devia parecer aos europeus naquela época”.

³² “Todos os estilos tapam uns aos outros: castelo romântico, gótico de igreja, palácio renascentista e arranha-céus. Crescimento selvagem desordenado, no qual 100 anos inflados de porto de imigração para centro de negócios do mundo” (p. 6; ver, no mesmo viés, p. 68).

³³ Id. *Ibid.*: 23. Ver observação semelhante na página 4 do livro.

³⁴ Id. *Ibid.*: 33

Seu contraponto acontece na reincidência do paralelo entre o moderno e o gótico, cujas alternâncias de emprego do par suscitam o rearranjo de Mendelsohn tanto frente ao passado quanto a este presente / futuro (virtual), no anúncio de um outro (e novo) romantismo, como se depreende na seguinte seqüência de extratos:

CHICAGO, arranha-céus do segundo período

Uma geração posterior, mas ainda uma construção de pedra.

Mas os colossais pilares verticais, que ainda acalentam [liebäugeln] o gótico, já foram abandonados. A janela entra em seu lugar. Isso já poderia ser um edifício em estrutura metálica [Eisenfachwerkbau].

[...]

DETROIT, pátio interno

Fantástico efeito obtido.

Verticais não interrompidas com luminosa vitrificação branca, espelhando a rua escura.

Beleza técnica, o novo Romântico³⁵.

*

*

*

Pureza de forma e intenção. Estes dois predicados perpassam a *pregação* de Le Corbusier em *Quand les cathédrales étaient blanches*. Como o título deixa entrever é onde mais se explora o contraponto medieval / moderno, como fica sugerido desde a capa, uma colagem do mapa de ruas de Manhattan com a capa de *Moyen Âge et Renaissance*, de Pierre Champion. Fica claro que o espelhamento poético, é também transistórico, remontando a um “espírito criador” íntegro em todas as eras, oposto ao historicismo de estilos:

A arquitetura das academias foi ultrapassada. A arquitetura retoma seu destino, que é a ordenação do tempo presente. Não falemos mais de estilos, nem modernos, nem antigos; o estilo é o próprio acontecimento. A sociedade maquinista se manifestará em seu pensamento, em suas ferramentas de produção e em sua equipagem [...]: Ali está o estilo!³⁶.

O *pendant* entre Europa (a catedral) e os Estados Unidos (o arranha-céus) não é unidirecional ou maniqueísta. Ele reconhece os defeitos e qualidades manifestos em cada um dos lados: assim o espírito juvenil e empreendedor americano, bem como sua proficiência tecnológica andam lado a lado com o filistinismo, este último ressoando inclusive em solo europeu, quando reclama do quanto o desejo por fazer dinheiro (*make big money*, como faz questão de parafrasear) interfere abusivamente sobre a correção formal arquitetônica³⁷. Por outro lado, se a França encontra-se emperrada em um passadismo decadente das Belas Artes, esse mesmo passado, se entendido de-

35 *Id. Ibid.*: 60, 64, 73, 74.

36 Le Corbusier, *Op. cit.*: 50.

37 Tal indignação se manifesta logo na abertura do livro, quando menciona a alteração do estádio Parc des Princes, ao ver que partes dele são recobertas por publicidade: “O placar é a coroa dos estádios. Havia ali em um de seus cantos um relógio [...] O relógio não existe mais! Hoje está recoberto pelo anúncio de um chocolate; outros dois quintos do placar proclamam as virtudes de uma cera para sapatos. Do placar, coroa do estádio, restam disponíveis dois quintos. Vendeu-se a coroa do estádio para fazer dinheiro. A coroa, este lugar que domina o estádio. Vendeu-se sua dignidade, sua nobreza [standing], sua moralidade para ganhar quatro tostões. [...] Um placar vendido para ceras! É uma velha nhaca pútrida de uma grande ilusão já distante vinda da América no tempo da “prosperidade” louca: fazer dinheiro, *make big money!*”. Le Corbusier. *Op.cit.*: 15-17.

vidamente, torna-se qualidade positiva. Isso dá a ocasião para a metáfora da *catedral branca*. De fato, ela surge ainda em território doméstico, quando ao comparar as igrejas de Saint-Étienne de la Cité - inalterada - e a basílica de Saint-Front, alvo de uma restauração, testemunha-se que na primeira, uma *verdade* (grandiosa na forma mas na eloquência de sua senctude) teria sido preservada, em detrimento da segunda e nesta nudez, nesta limpidez se expressaria a arquitetura (e na passagem fica notório o quanto se impinge no senitmento de volumetria a “essência” de toda a arquitetura)³⁸. Prenuncia-se na austeridade de Saint-Étienne a *projeção* implícita na concepção dos arranha-céus que *deseja* para Nova York, limpando-os também de suas gárgulas e mantendo-lhes uma grandeza monolítica. Há, entretentes, em Le Corbusier, tal como intuíramos em Mendelsohn um outro sentido na *transferência* da monumentalidade antiga para a moderna, que seria a um só tempo o caráter inaugural e coletivo de uma nova era, o enunciado inaugural de *Quand les cathédrales...* -

É um dia de verão, meio dia. Eu sigo a toda velocidade no quai da Rive Gauche, em direção a Torre Eiffel, sob o céu azul inefável de Paris. Meu olho fixa por um segundo um ponto branco em meio ao azul: o campanário novo de Chaillot. Eu paro, eu olho e mergulho de imediato nas profundezas do tempo. Sim, as catedrais foram brancas, todas brancas, ofuscantes e jovens - e não negras, sujas, velhas. A época inteira era fresca e jovem... E hoje - sim! - hoje também é jovem, fresco e novo. Hoje também o mundo recomeça... [...] As catedrais são da França e Manhattan é americana. Que bela ocasião de olhar esta cidade fresca de vinte anos tendo no fundo de si o pensamento recolhido aos arranha-céus de Deus [grifo meu]. Este lugar novo do mundo, Nova York, examinado com um coração estufado com a seiva da Idade Média. Idade Média? Estamos nela hoje: o mundo a ordenar, a pôr em ordem sobre os escombros, como outrora, quando as catedrais eram brancas, sobre os escombros da Antiguidade³⁹.

- uma posição reafirmada (no melhor estilo dos “mantras” corbuseanos) páginas depois, quando incluem-se nele os tema da técnica, do sentimento comunitário e da atmosfera de crise da arte e dos ofícios que assombrava a arquitetura desde a metade final do século XIX, que se veria agora frente a chance de uma virada:

Quando as catedrais eram brancas, a Europa organizara os ofícios por conta da necessidade imperativa de uma técnica absolutamente nova, prodigiosa, loucamente temerária e cujo emprego conduzia a sistemas de formas inesperadas - de fato, a formas cujo espírito desdenhava o legado de mil anos de tradição, não hesitando em projetar a civilização rumo a uma arquitetura desconhecida. [...] As catedrais eram brancas porque eram novas. As cidades eram novas [...] A pedra francesa, macia no corte, era brilhante na brancura, como foram brancas e ofuscantes a Acrópolis de Atenas, como foram luzentes de granito polido as pirâmides do Egito. Sobre todas as cidades ou burgos cercados de muralhas novas, o arranha-céus de Deus dominava a região. Fizeram-na tão alta quanto puderam, extraordinariamente alta. Era uma desproporção no conjunto. Não, era um ato de otimismo, um gesto de coragem, um sinal de orgulho, uma prova de maestria [...] O mundo novo começava: branco, límpido, alegre, limpo, claro e sem retorno, o mundo novo se abria como uma flor

38 “A velha igreja de Saint-Étienne de la Cité não foi “renovada”, “restaurada” pelos serviços dos “Monumentos históricos”. Tal solicitude foi reservada à Basílica de Saint-Front. Uma e outra são manifestações decisivas da grande arquitetura romano-bizantina [...] Saint-Étienne, deixada em sua indigência é admirável e perturbadora; Saint-Front, violada pelos restauradores está doravante perdida. Eu acredito na pele das coisas, como na das mulheres. [...] Em Saint-Front, sobre os altares da basílica e nas escoras do pórtico, os bons deuses e os santos em gesso pintado mostram a terrível decadência.” Le Corbusier, *Id.Ibid.*: 18-19.

39 Le Corbusier, *Op.cit.*: I e II.

sobre as ruínas. Abandonou-se tudo aquilo que eram usos reconhecidos [...]. Não quero demonstrar outra coisa senão a grande similitude desse tempo passado e da época presente. Nossas catedrais [as de nosso tempo], ainda não foram levantadas [...] Quando as catedrais eram brancas, a participação em tudo era unânime. “Casa do povo” toda branca, onde se discutia mistérios, moral, religião, civismo ou cabala [...] A obra requer a participação de todos⁴⁰.

Após a introdução épica, o diagnóstico da situação francesa executa gradualmente sua transição para as reflexões sobre a cena americana. As menções “medievalistas” vão rareando, por mais que suas entradas pontuais mantenham o ritmo maior do texto. Importante ressaltar é a repetição de um *plot* narrativo cuja cadência assemelha-se - não pela aparência, e sim pelo desenvolvimento interno do tema *América* - ao partido de Berlage e Mendelsohn: após a entusiasmante cena inaugural da chegada a Manhattan, o frenesi, a saturação precoce (causada pela grade), o descompasso entre pujança, desigualdades sociais e uma relação mais materialista e “quantitativa” com o mundo (uma certa superficialidade cultural, por mais que paradoxalmente ela tenha se mostrado a mais receptiva para a arte moderna, como constata o arquiteto franco-suíço) chocam. Sentida a vertigem com o ritmo “excessivo” da vida americana - na sua opinião, uma vida mal aproveitada - surge a ocasião para a crítica, alternada adiante, à medida em que se aproxima da conclusão, da despedida admirada do país, ou seja, do resgate do mito. A peculiaridade de Le Corbusier é a condução mais “romanesca” desses quadros, posto que após pronunciar a catástrofe que são os Estados Unidos, chega a célebre descrição de Manhattan como a catástrofe feérica - “Nova York fascina, ademais, por outra catástrofe, a catástrofe feérica: Manhattan, cidade dos arranha-céus, cidade de pé [...] Cem vezes eu pensei: Nova York é uma catástrofe, e cinquenta vezes: é uma bela catástrofe [...] A catástrofe feérica é para nós uma alavanca de esperança⁴¹” - que, a rigor, marca última reviravolta preparatória para Le Corbusier vender suas ideias e despedir-se extasiado e esperançoso por uma oportunidade. Em meio a essas circunstâncias se dá o retorno dos medievalismos, naquilo em que por ele firma-se literalmente a conjuração por uma ponte entre os Estados Unidos e a França - (“refletimos e talvez tenhamos encontrado a filosofia das coisas. Trabalhemos juntos. Lancemos uma ponte sobre o Atlântico⁴²”) a unir as qualidades dos dois povos (“vocês são os fortes, mas nós que tivemos refletido⁴³”). Essa ponte tem um sentido especial ao arquiteto e por ele compreendemos o viés de seu “medievalismo” acerca dos tempos modernos:

[O surgimento de um novo povo] acaba de nascer nesse último período dos tempos modernos e abre uma nova Idade Média. Como na União Soviética ou na China, como na Europa inteira, como no mundo inteiro, abre-se, ademais uma nova Idade Média. Uma civilização começou. Tudo está por fazer de novo: o estatuto social, as instituições, a arquitetura e o pensamento⁴⁴.

O que confere um interesse especial a esta aliança cultural é a percepção do seu rearranjo da história, presente no emparelhamento Manhattan / Idade Média / cidades e arquitetura do futuro. Quando remontamos a seqüência na edição de *Quand les cathédrales...* completa-se em seu último terço - com as propostas de aglutinamento

⁴⁰ Le Corbusier, *Op.Cit.*: 3-6; 10.

⁴¹ *Id. Ibid.*: 124, 127, 129.

⁴² *Op. cit.*: 131

⁴³ *Id. Ibid.*: 134

⁴⁴ *Id. Ibid.*: 181.

das quadras e da concentração em poucos novos arranha-céus (os arranha-céus cartesianos) - o arco plástico (os volumes honestos), sociais (a estruturação de uma nova coletividade) e técnicos ensaiados desde o começo do livro, com seu motto inicial das “catedrais brancas”. Mais do que uma coextensão, há uma irmandade outrora secreta - e agora revelada - entre as catedrais brancas, a catástrofe feérica e a *Ville radieuse*. Na “terceira metamorfose que resta concluir em Nova York para a salvação da cidade⁴⁵”, com novos edifícios gigantescos separados por grandes áreas verdes e de recreação para uso comum sobrepondo-se à malha quadriculada, pactua-se o “ar exato” do ar condicionado que tanto lhe surpreendera com o ar puro restituído.

*

* *

A “paisagem primitiva do deserto ao norte da área para hóspedes no oásis de Palm Springs” encerra *Wie baut Amerika?*, numa das excepcionais concessões poéticas a que se permite. No entanto, ela reafirma não somente os extremos anistóricos associados a América (os mundos anterior e posterior a ela); enceta igualmente à crença da terra vasta aberta a todas as possibilidades. O partido e o tom de Neutra distinguem-o dos demais, porém é ele quem incidentalmente confirma a “profecia” de Berlage acerca da realização do estilo *moderno* na América (“Quando se quiser perceber material, técnica e função como partes fundamentais da configuração do estilo, então estes três confluirão no momento igualmente para um todo⁴⁶”), ao “atualizá-lo” (o número de imagens e a quantidade de realizações mais recentes o sinalizam). Seu livro - cuja repercussão pode ser resumida em sua tradução para o russo em 1929 (*Kak stroit Amerika*) e uma continuação com *Amerika - Die Stilbildung des Neuen Bauens in den Vereinigten Staaten* (Viena, Verlag Anton Schroll, 1930) - aproxima-se muito mais do formato “proselitista-factual” de compêndios destinados a apresentação concreta do “novo estilo” (Platz, Behrendt), do que do tom “epifânico” de *Amerika - Bilderbuch...* e de *Quand les cathédrales...* Seus enquadramentos arrojados (alternadas, porém, com fotos pensadas em, tal como em uma perspectiva axonométrica, privilegiar a volumetria das construções) passam ao largo dos choques espirituais, privilegiando o detalhamento. Não há “medievalismos” conjurando como Le Corbuiser uma *Cruzada* (*Croisade ou le crépuscule des académies*, 1933)⁴⁷, mas o livro não escapa de outros arcaísmos, como a inserção do Burgo do Dalai Lama em Lhasa (Tibet) para comentar um exemplo de “agrupamento dinâmico de massas com diferentes origens” (cuja implantação, corando o alto da montanha insinuaria-se como um *pendant* ao projeto da Lovell House) ou de uma comparação sistemática de Nova York (i.e. Manhattan) com Gênova e Veneza, recaindo tanto em questões de desenho urbano quanto de monumentalidade⁴⁸. Neutra sublinha seu conhecimento mais circunstanciado do tema, imunizando-o do “feitiço” nova yorkino. A questão em aberto, por outro lado, era se isso se estenderia aos seus leitores ou se, apenas por outro caminho, reforçaria neles a potência do mito.

AMÉRICA - UMA ATARAXIA ARQUITETÔNICA?

45 Id. *ibid.*: 271.

46 NEUTRA, R. *Op.cit.*: 2.

47 Paris: Les Editions G. Cres et cie., 1933.

48 Neutra o faz atendo-se especificamente ao caráter de cidade portuária de ambas e suas conseqüências urbanísticas (cf. p. 6: “O fato de Nova York ter uma área circundante de carregamento incomparavelmente maior do que a velha Veneza, San Pedro ou Ragusa conduz a pergunta sobre as características essenciais de uma cidade portuária, não apenas acerca do tamanho daquelas antigas e das de hoje. A escolha de lugares naturais para o porto e suas melhorias sob o espelho d’água é precisamente tão diferente dos períodos antigos quanto o próprio planejamento da cidade portuária”). Vale assinalar que o problema de tráfego e deslocamento merecerá dele atenção especial (ver também: NEUTRA, R. Um die neue Gestaltung. *Verkehr und Bauen in Amerika*. In: *Das Neue Frankfurt*, 1929: 160-161).

A “vulgaridade” dos exemplos escolhidos por nossos autores (silos, fábricas, hotéis, estações. Há, claro, residências, edifícios corporativos e igrejas - aquelas desenhadas por Wright, especificamente), espelha a nova agenda da arquitetura, no que tange sua presença e existência social. Que as imagens escolhidas sejam “anti-palacianas” (mas não necessariamente anti-corporativas) é sintomático dessa encruzilhada, ao traduzir a ruptura com termos interpretativos, modelos de experiência e vivência classistas herdadas do academicismo oitocentista. O desafio rumo a uma nova “projetualidade” se reflete tanto especulativamente em Lonberg-Hölm (que enuncia uma nova dinâmica entre espaço e tempo⁴⁹) quanto programaticamente em El Lissitzky ou Hannes Meyer⁵⁰, que, apesar de terem vivido a experiência norte-americana de modo indireto, perceberam para além das inúmeras idiosincrasias - ou quem sabe por conta delas também - , que um novo objeto e um novo método e culturas formais comprometiam-se com a rearticulação do lugar social da arquitetura.

A revolução projetual necessita, porém encontrar sua nova condição histórica correspondente. Ela se manifesta em Oud, em ensaio de 1925 (*Der Einfluss von Frank Lloyd Wright auf die Architektur Europas* [A influência de Frank Lloyd Wright na arquitetura da Europa]), após comparar e cruzar as conquistas do arquiteto norte-americano com as conseqüências do cubismo, refere-se “ao caminho rumo a uma nova síntese formal, a um novo – um anistórico [unhistorischen] – Classicismo”, ou seja, um sentido essencialista e transistórico de ordem desvinculado da temática greco-romana⁵¹ e em El Lissitzky, em um texto também de 1925, intitulado *Americanismo na arquitetura européia*:

49 “A grande realização americana foi, de longe, no campo dos puros problemas do “tempo”. “Tempo é dinheiro”. A América tem espaço suficiente. O resultado foi uma apreciação dominante do tempo. A América têm que pôr a conversa em dia com a Europa. Fazer em um século o que a Europa fez em dez, sempre enfrentando, por outro lado o problema oposto: o espaço. O tempo parecia eterno. A arquitetura européia é uma clara indicação desse sentimento de espaço. O entendimento de arquitetura que você encontra na Europa - a apreciação da forma e do espaço - é desconhecida na América. O que cativa o americano nos monumentos europeus é o elemento histórico - tempo. A forma tem muito pouco significado. O que está acontecendo na Europa no tempo presente - que está por trás do interesse pela América (produção americana, método americano) é, creio, um novo entendimento do tempo como um elemento essencial da vida. Objetivo final: tempo - espaço”. LONBERG-HÖLM. *Op. cit.*: 49-50. A título de cotejo, consultar a discussão de Mumford sobre a consecução de um estilo nos Estados Unidos (ver nota 11).

50 “O estádio ganhou a batalha contra o museu e a realidade física tomou o lugar da bela ilusão [...] A padronização dos “alimentos mentais” se manifesta nas multidões que vão ver Harold Lloyd, Douglas Fairbanks e Jackie Coogan. Carlitos, Grock e os três Fratellini unem as massas - sem distinções de classe e de raça - em uma comunidade com um destino comum. As confederações sindicais, as cooperativas, as sociedades anônimas, os “cartéis”, os “trusts” e a Liga das Nações são as formas nas quais os atuais conglomerados sociais encontram sua expressão e o rádio e os semanários de grande tiragem são seus meios de comunicação. A cooperação domina o mundo. A comunidade predomina sobre o indivíduo. Cada época exige sua própria forma. Nossa missão é dar a nosso novo mundo uma nova forma com meios modernos [...] A revolução em nossa atitude mental rumo a reorganização de nosso mundo exige uma transformação de nossos meios de expressão. O presente toma o lugar do passado nos materiais, nas formas e nos instrumentos [...] As nove musas foram raptadas há muito tempo por homens práticos e baixaram de seus pedestais para entrar na vida real, menos extravagantes e mais racionais”. MEYER, Hannes. Die neue Welt. In: *Das Werk*, 7, 1926: 205-224. Valemo-nos do original e da tradução para o espanhol em Hannes Mayer - pensamento. Mexico, DF: Instituto Nacional de Bellas Artes, 2002: 3, 6. Meyer, de todo modo, não se refere em especificamente nem textualmente aos Estados Unidos no texto. Citamo-lo apenas para ilustrar a nova configuração social reivindicada pela arquitetura e seus tipos no século XX.

51 OUD, J.J.P. *Der Einfluss von Frank Lloyd Wright auf die Architektur Europas*. In: *Holländische Architektur*. Munique: Albert Langen Verlag, 1926 (Bauhausbücher 10): 97. Princípio que não deixaria de transparecer, ou melhor, se converter em diagnóstico historiográfico no segundo capítulo do *Estilo Internacional*: “[O Estilo Internacional], no tratamento dos problemas estruturais está mais próximo do gótico; no tratamento do desenho [design] é mais afim ao clássico”. HITCHCOCK, H-R, JOHNSON, Philip. *The International Style*. Nova York: Norton, 1966: 20 (edição original: Nova York: Norton, 1932). Ver também p. 24: “Todavia deve-se enfatizar que a relação do estilo moderno com o gótico é ideológica, ao invés de visual, uma questão de princípio ao invés de uma de prática. No desenho [design] os arquitetos modernos de ponta pretendem a serenidade grega, ao invés da aspiração gótica”.

[P]ara a cabeça dos europeus, Nova York se tornou a nova Atenas, Manhattan a Acrópolis, e o arranha-céus o Parthenon. [...] As técnicas “americanas” abriram os olhos dos arquitetos europeus para o fato de que novos materiais precisam ser agrupados de acordo com os novos princípios [...] Ao formular e resolver estes problemas, a Europa hoje é mais americana que a própria América. [grifo meu] [...] A Europa está adotando princípios americanos, desenvolvendo-os de um novo modo. [...] A América mesma cobriu seu esqueleto de aço com infindáveis metros de ornamentos góticos e em forma de roseta⁵².

A posição de Lissitzky (assim como Malevich, que implanta um de seus *Arkhitekton*s no coração de Manhattan) confirma o valor de uso da América para o imaginário europeu, algo sentido mais do que todos por Le Corbusier: ela é uma zona de manobras, um estágio intermediário rumo a arquitetura e a metrópole do futuro (algo depreendido também em Maiakovsky, que vê Manhattan como sendo ainda “futurista”), seja onde ela for erigida.

Contudo, na roseta recaímos no “paradoxo medieval”. Os Estados Unidos continuavam sendo traduzidos em termos europeus. Ele prossegue, no que chancelará a ponte histórica entre o passado e a modernidade “autênticos” e por ela chegaremos a algumas de suas conseqüências. Por hora, abordemos o problema à luz da seguinte pergunta: até quê ponto tal junção seria repentina, inusitada ou desautorizada pelo “projeto” de uma historiografia?

Por mais estranho que soe, uma de suas raízes estaria em Wölfflin, que esboçara outrora na antinomia entre medieval e clássico - a mesma a que os arquitetos modernos e seus teóricos reccoreram - repertórios de formas, linhas, efeitos e “espíritos” correspondentes a uma psicologia da arquitetura. Apesar do desinteresse do historiador pela arquitetura moderna, não passa despercebida apropriação de seu vocabulário pelo discurso sobre os arranha-céus (enquanto lemos o trecho especulemos substituir o adjetivo “gótico” por “moderno” em suas últimas linhas e teremos o acento exclamatório tão comum aos manifestos):

É [...] em direção às alturas que, apesar de nossa vontade, se volta nosso olhar [...] O menor impulso basta a nossa imaginação [...] Por conta dessa tendência presente em cada forma, a expressão de uma vontade concentrada está ligada na arte gótica a uma aversão por toda matéria maciça e larga. Toda carga que não é explicitamente sustentada lhe desagrada. Tudo aquilo que ele não consegue impregnar com sua vontade deve desaparecer. Chega-se assim a uma dissolução completa de toda massa, a linha horizontal é macia e é no élan irresistível rumo ao alto que a impulsão se satisfaz, liberada de todo peso, fendendo o ar rumo às alturas. Decompor toda a construção em membros que funcionam, é querer sentir cada músculo de seu corpo. Este é o verdadeiro significado do gótico [...] Mas, uma vez que este impulso aparece na história, manifesta-se um sintoma de grande agitação⁵³.

Na conversão da psicologia da arquitetura de Wölfflin em psicologia da arquitetura moderna, o “medievalismo” aplicado à imagem americana revela sua função de concatenador de uma nova estrutura de narrativa. O inusitado espelhamento de duas culturas

52 EL LISSITZKY. *Americanism in European Architecture* (1925). In: LISSITZKY-KUPPERS, Sophie. *El Lissitzky - Life, letters, texts*. Londres: Thames & Hudson, 1992: 374-375 (originalmente publicado em *Krasnaya Niva*, No. 49, 1925).

53 WÖLFFLIN, Heinrich. *Psychologie de l'architecture*. Paris: Editions Carré, 1996: 73, 75 (edição original: *Prolegomena zu einer Psychologie der Architektur*. Munique: Kgl Hof- und Universitäts-Buchdruckerei von dr. C. Wolf & Sohn, 1886: 38; 39-40). Citado livremente. Para as traduções recorremos a edição original cotejada com sua tradução para o francês.

(medieval e moderna) *desviantes*, misturado ao imbroglío entre acepções da forma antagônicas - uma materialista e outra “espiritualista” - redonda na encruzilhada do desejo pelo novo mediante a reinvenção (de uma visão) do antigo. E nisso a América do século XX, a América “primitiva” e a Idade Média produzem sua insólita fusão. Voltemos a Platz para encaminhar a questão:

Os arquitetos europeus ficaram muitas vezes arrebatados pelo efeito estéticos dos arranha-céus. Mas também para eles tornou-se inquietante [unheimlich] a parasitária altura crescente [progressiva] da cidade⁵⁴.

Platz fala de um estranhamento [unheimlich], sintoma já descrito por Mendelsohn⁵⁵. Se a palavra em si não escapa de seu uso comum, ela se permite, contudo certas implicações. Em 1919, Freud publicara um ensaio intitulado *Das Unheimlich* (cuja tradução se mostra difícil em vários idiomas, variando em português entre *Inquietante* e *Estranho*). Ele aborda situações ou objetos provocadores de um simultâneo e dissonante efeito de proximidade e distância, como explora desde a etimologia da palavra, conforme notado na seguinte passagem:

[O “inquietante”] relaciona-se ao que é terrível, ao que desperta angústia e horror [seria, para nós o sublime?], [...], de modo que geralmente equivale ao angustiante. [...] O inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar [...] A palavra alemã unheimlich é evidentemente o oposto de heimlich, heimisch, vertaut [doméstico, autóctone, familiar]. Claro que não é assustador tudo o que é novo e não familiar; a relação não é reversível. Pode-se apenas dizer que algo novo torna-se facilmente assustador e inquietante; algumas coisas novas são assustadoras, certamente não todas [...] [E comentando Jentsch, pioneiro no assunto, mas que Freud acha insatisfatório] O inquietante seria sempre algo em que nos achamos desarvorados, por assim dizer⁵⁶.

Estariam em Platz, Mendelsohn ou, mais precisamente, naqueles diversos medievalismos modernos o sinal de um *ato falho*, de uma *metalepse historiográfica*, em que por trás da problemática familiaridade e distância deflagradas por Manhattan – “a velha ilha [...] que outrora floresceu para os olhos dos marinheiros holandeses⁵⁷” - emergeria a conturbada sensação do desarvoramento? O *susto da história*, sugerindo um *dépaysement* desenvolve-se como arranjo perante esse choque traumático, que sem renunciar ao que há de provocante, não deixaria de recuperá-lo por algo familiar? Se Freud explora o seu caso tomando como um dos exemplos os autómatos por sua semelhança assombrosa com humanos (e, malgrado não ser nosso objeto, não deixa de ser tentador pensar que ele aborda esse assunto em plena celebração da “máquina de morar”), naquilo que nos concerne, o choque se dá entre a catedral e seu duplo, o arranha-céus, como se – por analogia – esse cumprisse o fascinante papel do autômato, estranho índice da mecanização norte-americana em que o progresso convive com a sombra da desumanização. A “ponte” embaralha tempo histórico e subjetivo, desafio

54 PLATZ, G.A. Op. cit.: 134.

55 “Nova York. Broadway à noite. *Unheimlich* [grifo meu]. Os contornos das casas se apagam. Mas elas no entanto se intensificam na consciência, correm atrás uma da outra, se ultrapassam [...] Ainda desordenada, porque crescente; porém já plena de beleza fantástica, que deverá um dia ser levada a termo”. MENDELSON, E. Op. cit.: 44-45.

56 FREUD, S. O inquietante (1919). In: *História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”)*, Além do princípio do prazer e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010: 329; 332. Quanto ao sentido etimológico dos termos heimlich, unheimlich, Freud irá desenvolvê-los nas páginas 331-340.

57 Fitzgerald, Francis Scott. *The great Gatsby*. Londres: Penguin, 1950: 171 (edição original, Nova York, Scribner, 1925).

marcante na formulação de uma historicidade para a arquitetura moderna.

Manhattan é catastrófica, mas feérica pelo que tem de *fantástica* e *fantasmática* - bizarra terra dos sonhos, escuridinha à consciência europeia e sedutora de seus anseios reprimidos. Sendo uma imagem, é aquela para além do recomeço (*recomeçar* era, no fundo, aquilo em jogo em todas as formas de orientalismo europeus - o norte da África dos românticos, o Taiti de Gauguin e seus diferentes admiradores - Matisse, Rupert Brooke, Murnau...; Nova York não deixa de ser uma delas, ao final), pois à regeneração, viria o futuro, latente desde Berlage -

[...] é preciso saber desvencilhar-se de uma paixão sentimental pela beleza das velhas cidades europeias e saber aceitar no que consiste a vida moderna. Precisa-se haver atenção e também uma fé no futuro e por conta disso pensar como Nietzsche na possibilidade de uma “transvaloração de todos os valores”⁵⁸.

- encontrando a síntese retrospectiva em Hubert Damisch:

A América não é meramente um sonho - bom ou mau; ela funciona como uma projeção do inconsciente. Melhor ainda, como o inconsciente encarnado, realizado, de uma Europa complexada com sua antiguidade - real e imaginada -, com tudo aquilo implicado em relação a resistência e repressão. Ela apresenta no mínimo um traço constitutivo do inconsciente, se sustentamos, com Freud, que o inconsciente não tem história. A noção de que a América - “juvenil” América, como Le Corbusier a chamava - não tem história, é, com efeito, outra fantasia da “velha” Europa, que se sente confusa com a fantasia da modernidade em sua versão europeia. Nenhuma história e [...] nenhuma arte nem monumento⁵⁹.

⁵⁸ BERLAGE. *Op. cit.*: 11.

⁵⁹ DAMISCH, Hubert. *The scene of the life of the future*. In: *Skyline: the narcissistic city*. Stanford: Stanford University Press, 2001 (edição original: *Skyline, La ville narcissée*. Paris: Seuil, 1996): 79.

The Tahiti Modern Architect - Introduction to a theme¹

I look at the Brooklyn Bridge

As, at the first time,

An Eskimo looks at a train [...]

Oh! The Brooklyn Bridge

There is few that is the same.

Yes...

This is true!

Mayakovsky. The Brooklyn Bridge, 1925.

All modern architects went to the United States; either with their feet, or with their eyes. New York and Chicago compelled to a perpetual present, an inevitable destination to the future. America offers the reinvigoration of depleted energies; it is unveiled to the new. It is an opportunity to implement ideas that, in Europe, seemed to fade by *too much history*, by the *castrating saturation of the past* (the other available option was the Soviet Union in the middle of a revolutionary boiling).

Would be Manhattan, with its pragmatism, the most appropriate setting for a last romantic dream? Its European visitors often speak of a barbaric splendor, caused by bold and brutal dimension of its buildings. It preponderates building an *image* and it is mainly to her that the old world makes reference.

The mists of the past (affable to the evocation of an exotic atmosphere, proven to exhaustion by the "gothic" novel invented in the nineteenth century, with its domestic primitivism) mingle to those of the ship's arrival at Ellis Island:

Then the guide came on board, it was still dark, passengers had got up early, above all not losing anything from the first sight of the new land. This was announced by means of a row of lanterns in the sea, which with its light illuminated the path, which led by mouth of the broad and splendid Hudson River to the port of New

¹ This article is an extended version of two lectures. The first, titled *The way elsewhere*, was presented in the House of Rui Barbosa Foundation in 2013. The second, based on this text, occurred in August 2014 in PROARQ-FAU-UFRJ, entitled *Travel diaries to fairy-like catastrophe: Berlage, Mendelsohn, Neutra, Le Corbusier*. For the final composition, we make use for the comparison and development of many points of COHEN, Jean-Louis. *Scenes of the World to come. European Architecture and the American Challenge*. Paris: Flammarion, 1995 (eponymous exhibition catalog held at the Canadian Centre for Architecture, reference work on the subject.).

York. [...] Then came the poignant monument finally reached, awaited harbinger of capital of America, which just suddenly became visible as a gray mountain. For a moment, I thought about the silhouette of the Italian hill town of San Gimignano, in which the many towers rising tuned cause a similar magnifying effect, as well as also ascending mass of assembled flat roof of buildings in New York. [...] And above all, the sudden feeling comparable to San Gimignano was the proof of a sense of beauty, but of a kind even stronger, in what the scale of America walks towards the barbarism of colossal².

The “sublime” awakened in the nearest ship to Manhattan would be re-appropriated in the “night” photos of *Amerika*, Mendelsohn, made by Knud Lonberg-Holm - architect of Danish origin, the first to immigrate and become a kind of “emissary” and informant for his colleagues across the Atlantic³. It would also appear in Van Doesburg, in his *Grondbegrippen nieuwe der kunst* and in Adolf Behne, in his *Der moderne Zweckbau*, and would also come to Moscow in a statement on the launch of the book written by German architect Moisei Ginsburg to *Sovremennaya Arkhitektura* and later in a review of Aleksandr Pasternak⁴. Invested tones of a “mystical vision”, it also marks one of the high points of Le Corbusier memory:

The night was dark, dry and cool air. The entire city was illuminated. Who has not seen you can neither know nor imagine [...] The sky shone. It is a Milky Way down to earth. Every window, every man, a light in the sky. It creates, in every way a prospect by the structure of a Thousand Lights at a skyscraper. This is designed more in the spirit than in the night pierced by unlimited fires. The stars are also so - true - but as a sweet crackling far. Splendor, brightness, promise, proof, act of faith, etc. The feeling comes into play. The action triggers the heart - growing, allegro, fortissimo. Here we are in the feeling, here we are filled with drunkenness⁵ [...].

2 Berlage, H. P. *Amerikanische Reisherrinnerungen*. Rotterdam: WL & J. Bruce: 5-6. Le Corbusier will make twenty years later the same comparison, but in less guarantor tone: “Skyscrapers born of a rational condition on Wall Street have multiplied since then, first here, raising this city in a mystical aspect offered by far the sea on arrival, giving you a high idea of American destination before paralyzing him [assomer] one-half hour blow after for its savagery and brutality, when the ship makes direct contact with it in the Hudson River. They leave then an extension of many kilometers of no man’s urban land, made of low houses - in short, miserable. - poor dirty red brick streets. They do well again, suddenly in the Middle-Town even higher, armed with “architecture” and in charge of a mission:.. proclaim a proper name, that of a financial success, a fortune, a power of money. Similarly, in the Middle Ages in San Gimignano in Tuscany, struggles for hegemony between the families of the small town had the appearance to effect succession of wildly high towers, increasingly high [...] San Gimignano has the appearance of a cushion needles, and this spectacle enchants the tourists, annoying reason; hairy beauty, but, why not beauty? Do the cataclisms of nature [...] not contain the admiration for the power of purpose, a sense of catastrophe?. Le Corbusier. *Quand les cathédrales étaient blanches*. Paris: Plon, 1937: 78. It is complemented - keeping tone - in another passage, now on Broadway, after condemning the excess of publicity in the city: “But on the other hand, I can not be silent about the illuminated advertising in Broadway [...] Kingdom of electricity, but dynamic here in brightness, landslides, crackles, swirling white light, blue, red, green, yellow. What’s underneath is disappointing. However, these constellations at close range, this Milky Way in which we are in acts shamelessly [if *débridant*] by often mediocre consumer goods. Worse for advertising!” (p. 147). Lastly, he will report at another time the surprise of submerging in the past before another hazy image, which took place on a train trip to Belgium: “We spent a Franco-Belgian border and the train through the “Borinage” [Belgian region of coal mining since the nineteenth century]. What is this, a mirage? On the horizon they are shown against a plain sky gigantic pyramids. I speak of my first trip, long ago. My excitement was intense. These sublime monuments merged the blue depths [...] There was nothing but waste piles [“*crassiers*”] coal mines, these heaps of shale waste [...] And so I am near Cairo, the land of the pharaohs.” Id. *Ibid.* : 33-34. It is important that we do not forget how much the “brutality” and “savagery” of Le Corbusier overlap this territory a latent primitivism.

3 Lonberg-Holm, Knud. *Amerika*. Reflections by K. Lonberg Holm. In: i 10, *Internationale Revue*, n. 15, 1928: 49-50. As a collation, see Mumford discussion of the achievement of a style in the United States (see note 11).

4 GINSBURG, M. Erik Mendelsohn “Amerika” s 77 reproduktchiaiami. Erich Mendelsohn “Amerika” mit 77 photographischen Aufnahmen des Verfassers. In: *Sovremennaya Arkhitektura*, n.1, 1926: 38. PASTERNAK, A. *Amerika*. In: *Sovremennaya Arkhitektura*, n. 4, 1926: 92-94. [edition facsimile. Moscou: Tatlin, 2011].

5 Le Corbusier. *Op. cit.*: 127-128.

Feeling confirmed, although fraught with ambiguities, we go:

We saw appear the mystical city of the New World in the distance, standing on Manhattan. She marched to the burning clothes before us: spectacle of brutality and savagery⁶.

Fetish of the initiatory journey, one can not forget that the skyscraper and the grid are not alone in the European imagination – we put together other icons of the search for a lost truth: the myth of raw nature, which in due course closes *Wie baut Amerika?*, from Neutra (think of an example in one of the pages of Adolf Behne in *Neues Wohnen*, *Neues Bauen* illustrated with a “primitive caban” in Polynesia) and the medieval cathedrals, all participants in the desire to delineate rebuilding strategies history to the immediate present / future (“not big enough”, reproduced scandalized headline in the American press the first statement of Le Corbusier about the skyscraper, whose solution he envisioned the creation of a Cartesian version⁷).

We will present four books: *Amerikanische Reisherrinnerungen (Memories of the trip to America)*, from Berlage (1913), *Amerika - Bilderbuch eines Architekten (America – Book of images of an architect)* from Medenlsohn (1925), *Wie baut Amerika? (How does America build?)*, from Neutra (1927) and *Quand les cathédrales étaient blanches (When the cathedrals were white)*, from Le Corbusier (1937). Berlage and Mendelsohn focus on board diary. Neutra offers a reading of an intermediate point of view - one of whom holds more firmly references on both sides, seeing that had settled in the country. Le Corbusier preserves oscillation between testimony manifesto and program⁸. Unfolds frequent reprint in European publications dedicated to modern architecture - the *Amerika* section (Platz, Behne, Behrendt et al⁹).

READ THE BOOK OF MODERN LIFE - DAILY TRIP TO CATASTROPHE FEÉRIC

“The fascination felt by our critics by tall buildings is a function of taking snapshots, which is something totally different. When the effects of buildings are felt directly and not through photographs, the skyscraper annihilates up for yourself. “This passage, coming from *Sticks and Stones*, Lewis Mumford¹⁰, appears in German architecture critic and historian Gustav Adolf Platz in *Die Baukunst der neuesten Zeit*¹¹. (We will see later when Platz says something more about it). Consider the appropriation of an excerpt from an American author for his European colleague at a typical book-

6 *Id. Ibid.*: 163.

7 “The problem in New York [...] is that the skyscrapers are very small. And there are many of them [...] The skyscrapers are stacked small needles. They should be large obelisks enough apart so that the city have space, light, air and order. “Skyscrapers not big enough, says Le Corbusier at first sight. *New York Herald Tribune*, 22-Oct-1935. The headline would be transcribed by architect in *Quand les Cathédrales ...* (p. 72). See in this respect also, “Venice best city”, Le Corbusier finds (*New York Times*, 22-Oct-1935), Le Corbusier scans Gotham’s towers (*New York Times Magazine*, 3-November-1935) and A Noted architect dissects our cities (*New York Times Magazine*, 03-January-1932).

8 A number of other titles produced on both sides of the Atlantic can be included in this ellipse of internationalism (Hitchcock and colleagues Meyer, Taut, Mendelsohn - again - etc.), and those of travel not readily turned into books (Gropius), but memorable impact.

9 PLATZ, Gustav Adolf. *Die Baukunst der neuesten Zeit*. Berlin: Propyläen, 1927 (2a. ed.: 1930); BEHRENDT, W.C. *Der Sieg des neuen Baustils*. Stuttgart: Akademischer Verlag Dr. Fr. Wedekind & Co, 1927 (translation for English: *The Victory of the New Building Style*. Los Angeles: Getty Research Institute, 2000); BEHNE, Adolf. *Der moderne Zweckbau*. Berlin / Viena: Drei Masken Verlag, 1926 (re-edition: Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1998 ; translation for English: *The Modern Functional Building*. Los Angeles: Getty Research Institute, 1996).

10 Whose German translation of 1925 changes the title to *Von Blockhaus zum Wolkenkratzer*.

11 PLATZ. G.A. *Op. Cit.*:134.

manifesto is to get through it to our specific interest: what, despite the Mumford self-criticism - accessible to Europeans thanks to the translation of other articles of his own for magazines like *Die Form*¹² - or news transmitted by Lonberg-Holm, was sought in the United States?

It is lined first two themes: the skyscrapers and the grid, linking them to an anti-classical situation. In the grid, serial breakdown and “dull”, without perspective and a monumental not thought break the effect of radial squares (with the occupation of the court, however, it felt like a tangle of volumes). The skyscraper, in turn, despite the permanence of applied decoration, fascinated by scale, upright and constructive method. Anyway, both are converted into paradigm and crossroads, and raise Berlage in a comparative reflection from Camillo Sitte and Brinckmann, since this spatiality deviated from the nineteenth-century European tradition:

Furthermore, the US is too practical, since the hexagonal cell system allows to firstly a division of the most advantageous space [and] on the other, form the block [bouwblokken] becomes as impractical as the medium becomes worse than evil [onpraktisch]. Camilo Sitte also forgotten [...] that the plan of the city of the eighteenth century, the baroque and Empire City were not then thought [beoogde] but the rectangular street plan [...] In addition Sitte forgets further that the architecture indulges [afdoet] the effect. It happens as what the rest of the medieval street plan was to survive a culture without character of the nineteenth century and a nineteenth century street plan was to win, in this case, the quality of architecture of the Middle Ages and the Renaissance. This is the disaster of the nineteenth century architecture, says Brinckmann: the architect lacked the feeling of space, spatial effect and hence lost the security of forms of expression¹³.

On the other hand, it is also susceptible to potential offer another beauty (however still hypothetical unconquered), giving rise to a renewed urban design approach of the modern city, with the unity of the network and the new types of building.

Here too it seems unconscious (or is aware) such a result emerge as the Middle Ages or the Renaissance, this is a safe harmony between the character of architecture and city plan [...] And this effect is naturally more violent the arched streets, so the huge shape of the city [is] indeed a barbaric beauty [...]¹⁴.

Skyscrapers and grid need to be transformed into the integral symbol of modernity and conform a lesson to the Europeans: rethink their cities that, despite all its urban transformation, are still ambiguously called Medieval (is Le Corbusier who says of Paris, his film *d'Architecture aujourd'hui*). But these characters stunned believe also have a lesson to give Americans: teach them to take to extremes these two inventions. And for that, it will be providential recurrence to a third theme - indeed, what else will interest us: medievalism to which they will use frequently.

The testimony of Berlage should be read in light of their concerns to restore the link between material, structure, shape, constructiveness and style. Hence the interest in Richardson (who is granted the special paper, only surpassed by relatively Sulli-

12 MUMFORD, Lewis.. *Die Form in der Amerikanischen Zivilisation*. In: *Die Form*, 1925-26: 26-29; *Amerikanische Baukunst*: 102-104; *Die Stadt der Zukunft*: 176-179.

13 BERLAGE. *Op. cit.*: 8-9.

14 *Id. Ibid.*: 9-10.

van and exhaustively by Wright to be the first modern) and the “universality” of his vernacular. Although ratifying his book often the comparison and mirroring between the old and the new, highlighting how the new buildings touch the skies as the cathedrals once (and overcome them) and as both share a full constructiveness, as the correlation between Richardson and the Romanesque, Berlage does not neglect the deadlocks, limitations and / or relevance of the revivals of the Romanesque and gothic (just like any other “style”) belittled not in its massiveness, but its scale and relevance in the new cities. In this particular case, it indicates the cathedral of Trinity Church (“but what surprised me most was that once again began to build a Gothic church in New York, when I should be know that the Gothic forms that environment became ridiculous¹⁵”) surrounded by skyscrapers.

On the other hand, praise Wright - which is independent of the height issue of discussion of buildings or accession to past styles¹⁶ - can be considered as an original contribution. Wright takes a double value: the constructive point of view, he develops a new approach in the articulation of volumes and space planning (as Berlage describes the horizontal fagot of Robbie House and the solution “Egyptian” between wall and fenestration of his Protestant church in Oakpark, Chicago¹⁷), or, in another case, it is anticipated humanistically - without subdue her or pay him tribute - the demands of the “aesthetics of machines¹⁸”, as evidenced in Larkin¹⁹ factory. The second aspect arising from the first is how much your individuality contributes to setting the style, depending on the “Truth” inherent in his “character” own unique, identifiable both new way of perceiving the building²⁰ as in reiterating the architect as an artist:

It is observed that Wright, with these considerations [Berlage says a passage it], also makes philosophical distinction between subjectivism and individualism, between extravagance and the will, and this has been very precisely formulated by Schopenhauer. Rare is particularly the product of whim and therefore objectionable; the beautiful, the will and so admirable. [...] Wright concludes [his speech] [...] with

¹⁵ Berlage. Op. cit. : 23.

¹⁶ “From Sullivan’s studio have also probably [...] the most talented builder [bouwmeester] America, Frank Lloyd Wright. I mean, I also attended the Ecole des Beaux Arts in Paris, but certainly not there to be student enslaved “. *Id. Ibid.* : 35-36. Or: “Besides Wright has aversion to copy styles as he himself wrote.” *Id. Ibid.* : 37.

¹⁷ “From Sullivan’s studio have also probably [...] the most talented builder [bouwmeester] America, Frank Lloyd Wright. I mean, I also attended the Ecole des Beaux Arts in Paris, but certainly not there to be student enslaved “. *Id. Ibid.* : 35-36. Or: “Besides Wright has aversion to copy styles as he himself wrote.” *Id. Ibid.* : 37.

¹⁸ “And the love of the industry I think the remarkable little book” the voice of the machines “[Gerald Stanley Lee, 1906], what you talk to enthusiastic poetic way of much discredited machines, and on the one who makes them and because of that destroys all beauty, the engineer. According to the writer, the machine is, instead, the redeemer of humanity and the only poet of these times. It would not be necessary that the writer of such idea was an engineer, an inhabitant of an industrial country par excellence, in which everything, even his art is awaiting the development of the industry? “. *Id. Ibid.* : 42-43.

¹⁹ A more precise explanation of Wright’s ideas are now finally embodied in an office building [...] built by Larkin large factory in Buffalo. It is also quite unique that this architect, as well as its predecessors, an office building is the most characteristic work. And then also again understandable, as already said since whenever the office building at this time is actually the most distinctive building, the building on which the modern principles can reach the best output. [...] With regard to the internal layout office building, Wright delivered a masterpiece. [...] The building manifests itself as a large black mass [...] and has flat roof; the walls are not adorned [...] A single sculpture was placed on the [...] Wright understood the effect of the opposition and with it came a huge result [...]. *Id. Ibid.* : 43-44.

²⁰ “The young fellow Minneapolis, with whom I was often together, also a student of Sullivan, made me see Wright’s work, and characterized the very uniquely as three-dimensional. He meant there say that as opposed to character flatter the old stylistic forms, the Wright settled, atarvés the advancement of the masses and planes, mostly to make way for a plastic effect. “*Id. Ibid.* : 45.

a course and very friendly take on style [...] This recognition remains confident in a growth towards a universal beauty [...]²¹.

In *Reisherinnerungen*, the link between modernity, style and the US sense indicates its size in the last lines of the book:

Anyway, I bet with conviction that Americans can trust in the future of their country [...] Also, I bet with conviction that there are artists, that could cause means abundant works of a very unique temperament and a taste delicate. [...] And why it may not be possible, because this should not stand in the natural development of things, so that as the first Asia and then Europe gave the world a beauty, then it is the turn of America²²?

The Berlage differential is the fact that, in its reading, the first-hand experience and the trained eye of the office match, pursuing a potential where for other left now fright, sometimes the confusion, sometimes the scandal, now the condescension and inert adherence or, own and direct, both the man and his work. In Berlage, as in Le Corbusier two decades later, the dynamism of American cities had to be invested with a European conscience (and vice versa) in order to overcome the inertia of a historicist and the brutality of the other.

The books of Mendelsohn and Le Corbusier are the most theatrical, or, with respect to the first film, according to Michele Stavagna²³. A great difference separates them, however. The German architect, even the images being dramatic (its fantastic nonetheless be paired to Hugh Ferriss drawings), the scenario is concrete. For Le Corbusier, what emerges is the space to be transformed. Mendelsohn disclose certain US solutions for Europe (but also topple some service, as we know), and it “updates” Berlage (Mendelsohn, by the way, came to the United States after informing the statements of the Dutch, according to Rayner Banham²⁴). Le Corbusier want to reverse the route, finding its point of arrival on the other side of the ocean (worth even notice how much grafting elements of the Plan Voisin for the heart of the city). The purposes of the authors are translated into characteristics of each publication: Mendelsohn offers a picture book, in which the pictures dominate and the text, even necessary, essentially entrenches, as in intertitles cards of a silent film²⁵. Le Corbusier there is even a pho-

²¹ Id.: 38-39 Ibid.; 42; 46-47.

²² Berlage. Id. ibid.: 48. An appreciation he repeated on another occasion: I tried to give them a brief sample of modern American architecture to describe the works of two great American architects of our time [...] During miha brief stay in America [...] I focused primarily on the work of Sullivan and Wright [...] America I came back convinced that a new architecture is emerging. We Europeans certainly have no reason to look to American architecture as inferior. Instead, the projects of the best American architects show originality and imagination that promises a great future developments [...]. Berlage, HP Neuere amerikanische Architektur. In: Schweizerische Bauzeitung, v. 60, 14-September-1912. Apud: COHEN, Jean-Louis. Op cit.: 45.

²³ STAVAGNA, Michele. Image and the space of Modern City in Erich Mendelsohn's Amerika Bilderbuch eines Architekten. In: <https://e-pub.uni-weimar.de/opus4/files/.../stavagna.pdf> (last access: September 2015).

²⁴ “[The book Mendelsohn] gives us an idea of what a European modernist of the time wanted to see in or out of his domains to see. Mendelsohn must have been the first visitor of the 1920s who arrived prepared by the writings of Berlage (which saw America really!), Gropius and Le Corbusier (whose vision of America was full of second-hand and powerfully coined by the collection of photographs of Karl Benscheid made in 1911 of molded American industrial structures in concrete) and we know he came imbued as a “vision silo,” a desjo to see Wright and his work and hope to talk business in California.” BATHING, R. Review [Erich Mendelsohn, Amerika, Bilderbuch eines Architekten]. In: Journal of the Society of Architectural Historians, vol. 38, n.3 (October 1979): 301.

²⁵ Cf. STAVAGNA, Michele. Op. Cit. See also BATHING, Op cit.: 301. “However, this really Naoe an album d’art in the traditional sense, nor a book of the usual type table Images are freshly amateur, most taken with vertical and desabantes. mystifying incidents in front of plan.”

tograph. The text is supplemented in just over a dozen illustrations, most designs of his own hand and that prevailing in the final half, serve to explain and simulate their plans for Manhattan.

Anyway, to focus on Mendelsohn, his praise to the functionality has not abandoned the expressionist paint (worth adding that he had as a shipping partner Fritz Lang), no matter how mixed the plastic and functional rigor of the *Neue Sachlichkeit*, as we would understand the from Jean-Louis Cohen, who commented on the changes in projective devices arising from the impact of the trip:

The contradictory images of Mendelsohn [New York, Chicago and Detroit] played the previous visions for the banks. On sketches made during the period of the war, he imagined a universe composed of industrial cranes, hangars, factories and silos informed by rhythmic perceptions, distinct Nietzschean static visions of America in general in Germany before World War. The trips made in 1924 allowed him to compare their previous ratings with the reality of urban and rural America. The album [Amerika] published upon his return, reflects this encounter between ideal and real [...] The trips [...] had an immediate impact in their own praxis. Its industrial building programs - as a textile plant in Leningrad [St. Petersburg], construction started in 1926 - gain in complexity and scale, while commercial buildings as the Schocken department store in Stuttgart (1926) and Chemnitz (1929) included cylindrical side Glazed, which seemed to make fun of the timid ornaments of American buildings. Before crossing the Atlantic, Mendelsohn often associated architectural their fantasies pieces of Bach or Brahms. He dedicated one of these sketches - titled US Skyscrapers [...] - Frank Lloyd Wright²⁶.

Cohen also draws our attention to the ambiguity of feelings of Mendelsohn, for drama and sharp criticism alternate themselves²⁷. Thus, the expressionist overlap / *Neue Sachlichkeit* in proportion confirm the inflection felt in American lessons and their effects on European soil, involved then the task of overcoming them (and, following Cohen's argument, as a consequence. There would be the subsequent publication of a subsequent volume, the book *Europe-Amerika-Russland*). The force of outlets fosters position of the willingness to convert the new symbol of capitalism object imagery in a prototype of a collective life to be prophesied. After all, if it seems to want to invest the skyscrapers at the same time a new constructive and formal ethics, which, when it comes to moving it to a new community experience, seems to reinforce not only the fanciful echoes still stemmed cathedrals - one of the first great modern myths of community - how to link them to the new dynamism of industrial times (which was up in real terms in the design of many types of new collective buildings such as factories and social housing). The combination of these requirements with the metaphor medievalist guard here a remarkable character: beyond the "revelations" or "lights" Expressionists, she acts as both an analog index as - mostly - as a way to enter symbolic and culturally these new objects in a space (Europe) dominated not by history, but by the former. From this approach is that we would consider some of *Amerika* crossings, in what the antonym between the old and the new leaves room for such fusion images:

²⁶ COHEN, Jean-Louis. *Scenes of the World to Come: European Architecture and the American Challenge, 1893-1960*. Paris: Flammarion, 1995: 86, 92-98.

²⁷ "A refined aesthetic object, the album [Amerika] not only directed the architects, but to a wider public intellectual, and juxtaposed facets of a full American contradictions in its social system, its spaces especially their culture. However, Mendelsohn emphasizes the "lack of culture" that nation "nouveau riche" in a vengeful preface that puts the book more akin to the numerous former "contemporary employs anti-American literature than with broad look Amerikanismus. COHEN. Op. Cit., 88.

New York**Equitable Trust Building - rare exception**

The second period of skyscrapers. It is the support of the Gothic pillar (Pfeilherstellung) released from the flourish and self-deceptive romanticism. Starting a purification of ornaments without objectivity, clarity, starting from the unique essence and meaning of the new times²⁸.

The consequences of which appear a few pages ahead...

New York 7th Avenue**Finally a new discovery**

Boldness, involuntary objectivity of the rear facade consciously broadcast around the building. Thus rid the aesthetic perception of the avenue, the eyes and the brain overloaded tradition.

Victory through the grandeur and functionality of your face on the frenzy of the street, the hustle and bustle of the ads - the first time²⁹.

- Confirming the view (ambiguous, if we remember the Cohn considerations) taken in Chicago:

Chicago - Skyscrapers

Two possibilities for architectural development. Or takes an oath to the permanent validity of the historical forms or refuses to nightmarish vision (Angstblick) of history and tries to find corresponding formal expressions to the purposes and issues of our time (...) Attempt to also adapt the form to the new needs³⁰.

The position taken is a turn compared to earlier parts of the book, when he faces Mendelsohn American cities. In the conflict between expectation and disappointment partially debunker (unable yet to overcome his personal myth), it confirms the duality in which the architect was in, as revealed in the target switching their remarks³¹. Two cases particularly curious - because in them the two aesthetic positions are mixed - are sentenced to hodgepodge of styles seen in the fifth avenue³² and promiscuity between the capital and the sacred in the heart of the city, subject to their decision the Trinity Church in Manhattan. In other words, the critical unusually unifies its first "mysticism" with his recent engagement.

²⁸ Id. *Ibid.*: 33.

²⁹ MENDELSON, Erich. *Amerika, Bilderbuch eines Architekten*. Berlin: Rudolf Mosse Buchverlag, 1926: 75 (my remark).

³⁰ Id. *Ibid.*: 63

³¹ On the brief comments of Mendelsohn "subtitled" the pictures, we turn again to Banham (Op cit. : 301): "The review responds with an approach excitedly journalistsca [...] that is often less observant and closer to the cliché that in the photo. New York, at the beginning of the book is inevitably "Hafen der Welt" [port in the world] and in the end, the Sixth Avenue architecture is judged bold and original enough to become the only expression, independent "dieses neuen Leben "[this new life]." However, these standard clichés are probably as genuinely Mendelsohn said, because the book phraseology is often early word for word in his correspondence with his wife, Louise [...] If these then were your answers, no matter how conventional they They reflect the conventional wisdom of his generation in the European architecture, and makes it an invaluable witness of how America must look to Europeans at that time. "

³² "All the styles they cover each other: Romantic, Gothic castle church, Renaissance and skyscrapers disorderly wild growth, which 100 years inflated immigration port to the center of the business world." (P 6; see. the same bias, p. 68).

NEW YORK**Wall Street**

The street banks, the world's money bag.

Vision for Broadway. Renaissance giants rush to the left [...] In addition to Broadway, Trinity Church - Money and God³³.

The Equitable Building is the alternative to this strange promiscuity constructively immoral between money, limp spirituality and ornaments, what distinguishes the “romanticism” Decorative example that precedes it in the book, the Woolwrth Building (“cathedral of commerce” as reached be called in 1916 by the Rev. Samuel Parkes Cadman, a definition that could only sound the spurious Mendelsohn), whose costly and questionable presence makes its ambiguous aesthetic reception, if not frustrating:

NEW YORK**Woolworth Building, rare exception**

Initial period of skyscrapers, 43 stories high. Ulm Cathedral height. Great technical achievement. All forms decorated [Zierformen] copper sheet, but the maintenance of this devours copper gothic twenty thousand US dollars per year. This romantic combination is both impressive and grotesque. The tragic expression of present-day America³⁴.

Its counterpart takes place in the recurrence of parallels between the modern and Gothic, whose pair of job switches raise the Mendelsohn rearrangement both against the past and this present / future (virtual), in the announcement of another (and new) Romanticism, as reflected in the following sequence of statements:

CHICAGO, skyscrapers of the second period

A later generation, but still a stone building.

But the colossal vertical pillars, which still cherish [liebäugeln] Gothic, have been abandoned. The window comes into place. This could already be a building with a metallic structure [Eisenfachwerkbau].

[...]

DETROIT, courtyard

Fantastic effect obtained.

Vertical uninterrupted with bright white glazing, mirroring the dark street.

Beauty technique, the new romantic³⁵.

Purity of form and intention. These two predicates run through the preaching of Le Corbusier in *Quand les cathédrales étaeint blanches*. As the title hints at is where more you explore the medieval / modern counterpoint, as is suggested from the cover, a collage Manhattan street map with the cover of *Moyen Âge et Renaissance*, Pierre Champion. It is clear that the poetic mirroring, is also trans-historical, going back to a “creative spirit” righteous in all ages, opposite styles of historicism:

³³ Id Ibid.: 23. See note on page 4 of the same book.

³⁴ Id. Ibid.: 33

³⁵ Id. Ibid.: 60, 64, 73, 74.

The architecture of the academies has been exceeded. The architecture takes its destiny, which is the ordering of this time. No more talk of styles, not modern, not old; the style is the event itself. The engineer company will manifest in their thinking, in their production tools and its crew [...]: There's the style³⁶!

The pendant between Europe (the cathedral) and the US (skyscraper) is not unidirectional or Manichean. He acknowledges the shortcomings and obvious qualities in each side: so youthful spirit and American entrepreneur, as well as its technological proficiency go hand in hand with philistinism, the latter sounding even on European soil, when claims of how much desire to do money (make big money, as is keen to paraphrase) interfere abusively about architectural formal correction³⁷. On the other hand, if France is stuck in a decadent *pasadism* of Fine Arts, the same past, if properly understood, it becomes positive quality. This gives occasion to the metaphor of the white cathedral. Indeed, it still appears on the domestic territory, when comparing the churches of Saint-Étienne de la Cité - unchanged - and the basilica of Saint-Front, the subject of a restoration, witness to that in the first, a real (grand in form but the eloquence of his senescence) would have been preserved at the expense of the second and in this nakedness, this clarity would express the architecture (and the passage is remarkable how much they impinge on feeling volumetric the “essence” of all architecture³⁸). Foreshadows on the austerity Saint-Étienne implicit projection in the design of skyscrapers you want for New York, wiping them also of its gargoyles and keeping them a monolithic grandeur. There is, meanwhile, in Le Corbusier as thought Mendelsohn in another direction in the transfer from the old to the modern monumentality, which would at the same time the opening and collective character of a new era, the opening statement of *Quand les cathédrales*.

It is a summer day, noon. I follow at full speed on the quai Rive Gauche, toward the Eiffel Tower, under the ineffable blue sky in Paris. My eye fixed for a second a white spot in the middle of the blue: the new steeple de Chaillot. I stop, I look and immediately plunge into the depths of time. Yes, the cathedrals were white, all white, blinding and young people - and not black, dirty, old. The whole time was fresh and young ... And today - yes! - Today is also young, fresh and new. Today also the world resumes ... [...] The cathedrals are from France and Manhattan is American. What a beautiful occasion to look at this cool city twenty years having deep inside the thinking taken to the skyscrapers of God [emphasis added]. This new part of the world, New York, examined with a puffed heart with the sap of the Middle Ages. Middle Ages? We are in it today: the world order, to sort of rubble, as before, when the cathedrals were white, on the ruins of antiquity³⁹.

36 Le Corbusier, Op. cit: 50.

37 Such indignation is expressed in the opening of the book, when he mentions the amendment to the Parc des Princes stadium, to see which parts of it are covered with advertising: “The score is the crown of the stadium There was in one of its corners a clock [...] the clock no longer exists today is covered by the announcement of a chocolate;!. two-fifths score proclaim the virtudes a wax shoe Do scoreboard, stadium crown, remaining available two-fifths the crown is sold from the stadium to make money. the crown, this place that dominates the stage. He sold up their dignity, their [standing] nobility, their morality to win four pennies. [...] A scoreboard sold waxes for an old putrid Nhaca a large already coming apart illusion of America in the time of “prosperity” mad: make money, make big money! “. Le Corbusier. Op: 15-17.

38 “The old church of Saint-Étienne de la Cité was not” renewed “,” restored “by the services of the” Historical monuments. “This concern was reserved to the Basilica of Saint-Front. Again and are critical manifestations of the great Roman-architecture Byzantine [...] Saint-Etienne, left his indignance is admirable and disturbing, Saint-Front, violated by restorers are now lost I believe the skin of things, as in women [...] in Saint.. front, on the altar of the basilica and the gantry stanchions, the good gods and saints painted plaster show the terrible decadence “Le Corbusier, *ibid*: 18-19.

39 Le Corbusier, Op.cit: I e II.

- A reaffirmed position (in the style of “mantras” Le Corbusier) pages later, when include technical theme in it, the community feeling and the craftsmanship crisis atmosphere and crafts that haunted the architecture since the latter half of the century XIX, which would now face the chance of an upset:

When the cathedrals were white, Europe organized crafts because of the imperative need for an entirely new technique, prodigious, wildly reckless and whose work led to the unexpected ways systems - in fact, forms whose spirit disdained the legacy of a thousand years tradition, not hesitating to project the civilization toward an unknown architecture. [...] The cathedrals were white because they were new. The cities were new [...] The French stone, soft in court, was brilliant in whiteness, as were white and blinding the Acropolis of Athens, were you shining like polished granite pyramids of Egypt. On all surrounded cities or boroughs of new walls, the skyscrapers of God dominated the region. They made it as high as they could, High extraordinarily. It was disproportion in the set. No, it was an act of optimism, an act of courage, a proud sign, a proof of mastery [...] The new world began: white, clear, cheerful, clean, clear, no return, the new world opened like a flower on the ruins. He left all that were recognized uses [...]. I do not want to demonstrate anything other than the great similarity of this past time and present time. Our cathedrals [those of our time], have not been raised [...] When the cathedrals were white, participation in everything was unanimous. “House of the people” all white, which was discussed mysteries, morality, religion, civics or cabal [...] The work requires the participation of everyone⁴⁰.

After the epic introduction, the diagnosis of the French situation gradually performs its transition to the reflections on the American scene. The terms “medievalists” will thinning, as much as their specific inputs remain the fastest pace of the text. Worth noting is the repetition of a narrative plot whose cadence is like - not by appearance, but by internal development America theme - the party of Berlage and Mendelsohn: After the exciting opening scene of arrival in Manhattan, the frenzy, the saturation Early (caused by the grid), the gap between strength, social inequality and a more materialistic relationship and “quantitative” to the world (some cultural superficiality, no matter how paradoxically it has been the most receptive to modern art, such as notes the Franco-Swiss architect) collide. We felt dizziness with “excessive” pace of American life - in your opinion, a bad harnessed life - comes the time for criticism, alternating forward, as we nears completion, the admired parting of the country, that it, Myth rescue. The peculiarity of Le Corbusier is driving more “novel” of these frames, since after delivering the catastrophe that is the United States, comes the famous description of Manhattan as the fairy-like catastrophe - “New York fascinates, moreover, by another catastrophe, the fairy-like catastrophe: Manhattan, a city of skyscrapers, city foot [...] A hundred times I thought: New York is a catastrophe, and fifty times: it is a beautiful catastrophe [...] The fairy-like catastrophe is for us a lever of hope⁴¹” - which, strictly speaking, marks the latest twist preparatory to Le Corbusier sell their ideas and bid farewell to ecstatic and hopeful for an opportunity. Amid these circumstances occurs the return of medievalisms, in what for him literally to firm the oath by a bridge between the United States and France - (“we reflect and we may have found the philosophy of things work together Let us cast.. a bridge over the Atlantic⁴²”)

⁴⁰ Le Corbusier, Op.Cit: 3-6; 10.

⁴¹ Id. Ibid.: 124, 127, 129.

⁴² Op. cit.: 131

to combine the qualities of both people (“you are strong, but we had reflected⁴³”). This bridge has a special meaning to the architect and he understand the bias of your “medievalism” about modern times:

[The emergence of a new people] has been born in the latter period of modern times and opens a new Middle Ages. As in the Soviet Union or China, as in the whole Europe, as worldwide, it opens up, besides a new Middle Ages. A civilization began. Everything remains to be done again, the laws, institutions, architecture and thought⁴⁴.

What gives a special interest to this cultural alliance is the perception of its rearrangement of history, this pairing Manhattan / Middle Ages / cities and architecture of the future. When reassemble the sequence in editing *Quand les cathédrales...* is complete in its last third - with proposals of agglutinating the court and concentration in a few new skyscrapers (the Cartesian skyscrapers) - plastic arch (the honest volumes), social (the structuring of a new community) and technicians tested since the beginning of the book, with its original motto of “white cathedrals.” More than a co-extension, there is a secret brotherhood once - and revealed now - among white cathedrals, the fairy-like catastrophe and *Ville radieuse*. In the “third metamorphosis that we shall end in New York for the salvation of the city⁴⁵”, with new gigantic buildings separated by large green areas and recreation for common use overlapping the checkered mesh, covenants is the “exact air” air conditioning that both surprised you with the fresh air refunded.

The “primitive desert landscape north of the area for guests at the Palm Springs oasis” closes *Wie baut Amerika?*, an exceptional poetic concessions that are allowed. However, it reaffirms not only the extremes ahistorical associated with America (the anterior and posterior worlds to it); initiates also the belief of the vast open land to all possibilities. The party and the Neutral tone distinguish it from the others, but it is he who incidentally confirms the “prophecy” of Berlage about the realization of the modern style in America (“When you want to realize material, technique and function as fundamental parts of the configuration style, then these three confluirão at the time also for a whole⁴⁶”), to” update it “(the number of images and the amount of the latest achievements signal). His book - whose repercussions can be summed up in its translation into Russian in 1929 (*Kak stroit Amerika*) and continued with *Amerika - Die Stilbildung des Neuen Bauens in den Vereinigen Staaten* (Vienna, Verlag Anton Schroll, 1930) - is approaching very more format “proselytizing-factual” textbooks for the specific presentation of the “new style” (Platz, Behrendt) than the tone “epiphanic” *Amerika - Bilderbuch ...* and *Quand les cathédrales ...* His bold frameworks (alternating, however, with photos in thought, as in an axonometric perspective, privileging the volumes of the buildings) are off the spiritual shocks, focusing on the details. There is no “medievalisms” conjuring as *Le Corbuiser a Crusade (Croisade or le crépuscule des académies, 1933⁴⁷)*, but the book does not escape other archaisms such as the insertion of the Burgo of the Dalai Lama in Lhasa (Tibet) to review an example of “Dynamic mass grouping with different backgrounds “(whose deployment, crowning

43 Id. *ibid.*: 134.

44 Id. *ibid.*: 181.

45 Id. *ibid.*: 271.

46 NEUTRA, R. *Op.cit.*: 2.

47 Paris: Les Editions G. Cres et cie., 1933.

the mountain to insinuate itself as a pendant to the design of the Lovell House) or a systematic comparison of New York (ie Manhattan) with Genoa and Venice, relapsing both issues urban design as of monumentality⁴⁸. Neutral underlines its most detailed knowledge of the subject, immunizing it from the “spell” New Yorker. The open question, however, was whether this would extend to his readers or, just the other way, would reinforce in them the power of myth.

AMERICA - AN ARCHITECTURAL ATARAXIA?

The “vulgarity” of the examples chosen by our authors (. Silos, factories, hotels, stations There are, of course, residences, office buildings and churches - those designed by Wright, specifically) mirrors the new agenda of architecture, regarding their presence and social existence. The chosen images to be “anti-palace” (but not necessarily anti-corporate) is symptomatic of this crossroads, when translating the break with interpretative terms, experience models and class-inherited experience of nineteenth-century scholarship. The challenge towards a new “projectuality” is reflected both speculatively in Lonberg-Holm (which sets out a new dynamic between space and time⁴⁹) and programmatically in El Lissitzky or Hannes Meyer⁵⁰, who, despite having lived the American experience so indirect, realized in addition to the numerous idiosyncrasies - or perhaps because of them too - a new object and a new method and formal cultures compromised with the re-articulation of the social architecture of the place.

The architectural design revolution needs to find its corresponding new historical condition. It manifests itself in Oud in 1925 essay (*Der Einfluss von Frank Lloyd Wright*

48 Neutra does sticking specifically to the character of the port city of both urban and its consequences (see p. 6: “The fact that New York have a surrounding area of incomparably greater load than the old Venice, San Pedro or Ragusa leads the question about the essential characteristics of a port city, not just about the size of those old and of today. the choice of natural places to the port and its improvements under the water surface is just as different from earlier periods as himself the “port city) planning. It is worth noting that the problem seems traffic and offset it deserves special attention (see also: NEUTRA, RA die neue Gestaltung und Verkehr Bauen in Amerika. In.: Das Neue Frankfurt, 1929: 160-161).

49 “The great American achievement was by far the field of pure problems of” time. “Time is money “. America has enough space. The result was a dominant consideration time. America has to put the catch up . with Europe do in a century what Europe did in ten, always facing the other hand the opposite problem:... the space Time seemed eternal The European architecture is a clear indication that feeling of space The architecture of Understanding you find in Europe - the appreciation of form and space. - is unknown in America What captivates the American in European monuments is the historical element - time The shape has very little meaning What is happening in Europe at the present time. - What’s behind the interest in America (American manufacturing, American method) is, I believe, a new understanding of time as an essential element of life ultimate goal: time - space. “. Lonberg-Holm. Op. Cit .: 49-50. As a collation, see Mumford discussion of the achievement of a style in the United States (see note 11).

50 “The stadium won the battle against the museum and the physical reality took the place of the beautiful illusion [...] The standardization of” mental food “is manifested in the crowds who will see Harold Lloyd, Douglas Fairbanks and Jackie Coogan. Carlitos, Grock and the three Fratellini unite the masses - no class distinctions and breed. - in a community with a common destiny Trade union confederations, cooperatives, corporations, the “cartels”, the “trusts” and the League of Nations are the ways in which the current social conglomerates find their expression and radio and mass circulation weeklies are their media. The cooperation dominates the world. The community prevails over the individual. Each time requires its own way. Our mission is to give to our new world a new way to modern means [...] The revolution in our mental attitude towards reorganization of our world requires a transformation of our means of expression. This takes the place of the past in the materials, forms and instruments [...] The nine Muses were kidnapped long ago by practical men and fell from their pedestals to get in real life, less extravagant and more rational. “ Meyer, Hannes. Die neue Welt. In: Das Werk, 7, 1926: 205-224. We have used the original and the translation into Spanish in Hannes Mayer - pensamiento. Mexico, DF: Instituto Nacional de Bellas Artes, 2002: 3, 6 Meyer, in any case, does not refer specifically enm not verbatim to the United States in the text. Quoted him just to illustrate the new social configuration claimed by architecture and its types in the twentieth century.

auf die Architektur Europas [The influence of Frank Lloyd Wright in European architecture]), after comparing and cross the achievements of American architect with the consequences of Cubism, refers to “the path towards a new formal synthesis, a new - one unhistorical [*unhistorischen*] - Classicism”, ie an essentialist sense and trans-historical unbound order of Greco-Roman⁵¹ theme and El Lissitzky in one also text 1925 entitled Americanism in European architecture:

[For the head of European, New York became the new Athens, the Acropolis Manhattan and the skyscrapers the Parthenon. [...] The techniques “American” opened the eyes of European architects for the fact that new materials need to be grouped according to the new principles [...] In formulating and solving these problems, Europe is now more American than America itself. [emphasis added] [...] Europe is adopting American principles, developing them in a new way. [...] The same America covered his steel skeleton with endless meters of gothic ornaments and shaped rosette⁵².

The position of Lissitzky (as Malevich, which deploys one of his Arkhitektons in the heart of Manhattan) confirms America’s use of value to the European imagination, something felt most of all by Le Corbusier: it is a zone of maneuvers, one intermediate stage towards architecture and the metropolis of the future (something also inferred in Mayakovsky, who sees Manhattan as still being “futuristic”), wherever it is erected.

However, in the rosette we fell in “medieval paradox.” The United States continued to be translated into European terms. He goes on, as will set stamp the historic bridge between the past and modernity “authentic” and she’ll get to some of its consequences. For now, let us approach the problem in light of the following question: to what extent this junction would be sudden, unexpected or unauthorized by the “design” of a historiography?

Strange as it sounds, one of its roots would be Wölfflin, who sketched once the opposition between medieval and classic - the same that modern architects and their theoretical appealed - repertoires of shapes, lines, effects and “spirits” corresponding to an architecture psychology. Despite the historian’s lack of interest in modern architecture, is not lost ownership of their vocabulary by the discourse on the skyscrapers (as we read the speculate stretch replace the adjective “gothic” for “modern” in their latest lines and we will exclamatory accent so common to manifest):

It is [...] towards the heights that despite our will, if we look back [...] The smallest impulse just our imagination [...] Because of this current trend in every shape , a concentrated expression of will is connected in Gothic art to a distaste for all massive and wide matter. Every load that is not explicitly supported displeases him. All that he can not impregnate with his will should disappear. You get so the complete dissolution of the entire mass, the horizontal line is soft and is the irresistible elan toward high that the thrust is satisfied, released every weight, cleaving the air towards the heights. Decompose all construction members that work, it is to want to

51 OUD, J.J.P. *Der Einfluss von Frank Lloyd Wright auf die Architektur Europas*. In: *Holländische Architektur*. Munich: Albert Langen Verlag, 1926 (Bauhausbücher 10): 97. Principle that would inevitably transpire, or rather to become historiographical diagnosis in the second chapter of the International Style, “[The International Style] in the treatment of structural problems are more near the gothic; in the treatment of the design [design] is more akin to the classic “. HITCHCOCK, H-R, Johnson, Philip. *The International Style*. New York: Norton, 1966: 20 (original edition: New York: Norton, 1932). See also p. 24: “However it must be emphasized that the relationship of the modern style with Gothic is ideological, rather than visual, a matter of principle rather than a practice in design [design] modern cutting-edge architects intend Greek serenity instead of Gothic aspiration “.

52 EL LISSITZKY. *Americanism in European Architecture* (1925). In: LISSITZKY-KUPPERS, Sophie. *El Lissitzky - Life, letters, texts*. Londres: Thames & Hudson, 1992: 374-375 (originally published in *Krasnaya Niva*, No. 49, 1925).

feel every muscle of your body. This is the true meaning of the Gothic [...] But since this impulse appears in history, manifests a symptom of great turmoil⁵³.

In the conversion of Wölfflin's the psychology architecture, in psychology of modern architecture, "medievalism" applied to the US image reveals his concatenator function of a new narrative structure. The unusual mirroring of two cultures (medieval and modern) deviant, mixed imbroglio between the meanings of antagonistic way - a materialist and other "spiritual" - results in the desire of the new crossroads through the reinvention (a vision) of the former. And in this America of the twentieth century, America "primitive" and the Middle Ages produce its unusual fusion. Let us return to Platz to refer the matter:

European architects were often caught by the aesthetic effect of skyscrapers, but also they became uneasy [*unheimlich*] parasite increasing height [reverse] the city⁵⁴.

Platz speaks of an estrangement [*unheimlich*], symptom been described by Mendelsohn⁵⁵. If the word itself does not escape their common use, it is allowed, but certain implications. In 1919, Freud published an essay titled *Das Unheimlich* (whose translation proves difficult in several languages, ranging in Portuguese between Disturbing and strange). It covers situations or provocative objects of a simultaneous and dissonant proximity effect and distance, as has operated the etymology of the word, as noted in the following passage:

[The "disturbing"] relates to what is terrible, it awakens anguish and horror [would be, for us the sublime?] [...], So that is generally equivalent to distressing. [...] The disturbing is that kind of a scary thing going back to what has long been known, to the very family [...] The unheimlich German word is obviously the opposite of heimlich, heimisch, vertaut [domestic, indigenous, family]. Of course it's not scary all that is new and unfamiliar; the relationship is not reversible. One can only say that something new becomes easily scary and unsettling; some new things are frightening, certainly not all [...] [and commenting Jentsch, a pioneer in the matter, but that Freud finds unsatisfactory] The unsettling would always be something in which we find ourselves desarvorados, so to speak⁵⁶.

Would be in Platz, Mendelsohn or, more precisely, those various modern medievalists the sign of a Freudian slip, a *historiographical metalepsis*, where behind the problematic familiarity and distance triggered by Manhattan - "the old island [...] that once blossomed into the eyes of Dutch sailors⁵⁷" - would emerge the troubled feeling of disarrangement? The scare of the story, suggesting a *dépaysement* develops as arrangement before this traumatic shock that without giving up what is provocative, would it still recover it for something familiar? If Freud explores his case taking as one example the automata for his striking resemblance to humans (and, despite not our object,

53 Wölfflin, Heinrich. *Psychologie de l'architecture*. Paris: Editions Carré, 1996: 73, 75 (original edition: *Prolegomena zu einer Psychologie der Architektur* Munich: Kgl Hof- und Universitäts-Buchdruckerei von Dr. C. Wolf & Sohn, 1886: 38; 39-40..). Quoted freely. For translations we use the original edition collated with its translation into French.

54 PLATZ, G.A. *Op. cit.*: 134.

55 "New York Broadway at night Unheimlich [emphasis added] The contours of the houses went out But they nevertheless intensify the awareness, chase one another, is beyond [...] yet disorderly, because growing. But already full of amazing beauty, which will one day be carried to term." Mendelsohn, E. *Op. Cit.* : 44-45.

56 Freud S. *The unsettling* (1919). In: *History of an infantile neurosis ("The Wolf Man")*, *Beyond the Pleasure Principle and other texts*. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2010: 329; 332. As for the etymological meaning of the terms heimlich, unheimlich, Freud will develop them in pages 331-340.

57 Fitzgerald, Francis Scott. *The great Gatsby*. Londres: Penguin, 1950: 171 (original edition, New York, Scribner, 1925).

it remains tempting to think that it addresses this issue in full celebration of the “machine for living”), what concerns us, the clash is between the cathedral and its double, the skyscrapers, as if - by analogy - that fulfilled the fascinating role of the automaton, strange index of US mechanization where progress coexists with shadow of dehumanization. The “bridge” shuffles history and subjective time, striking challenge in formulating a historicity for modern architecture.

Manhattan is catastrophic, but fey so you must fantastic and phantasmagorical - bizarre dreamland, close to the European and seductive aware of their repressed longings. As an image, it is that beyond the beginning (again was, at bottom, what at stake in all forms of European Orientalism - North Africa of the romantics, Tahiti Gauguin and their different admirers - Matisse, Rupert Brooke, Murnau ...; New York is nonetheless one at the end), for the regeneration would come the future, latent since Berlage:

[...] You need to know to extricate himself from a sentimental passion for the beauty of old European cities and learn to accept what is modern life. One needs to be attention and also a faith in the future and because of that think like Nietzsche in the possibility of a “revaluation of all values”⁵⁸.

- Finding the retrospective synthesis Hubert Damisch:

America is not merely a dream - good or bad; it functions as a projection of the unconscious. Better yet, as the incarnate unconscious, carried out a Europe complexed with age - real and imagined - with all that implied with respect to resistance and repression. It features at least one constitutive feature of the unconscious, if we hold, with Freud, the unconscious has no history. The notion that America - “juvenile” America as Le Corbusier called it - has no history, is indeed another fantasy of the “old” Europe, which feels confused by the fantasy of modernity in its European version. No history and [...] no art or monument⁵⁹.

⁵⁸ BERLAGE. Op. cit.: 11.

⁵⁹ DAMISCH, Hubert. The scene of the life of the future. In: *Skyline: the narcissistic city*. Stanford: Stanford University Press, 2001 (original edition: *Skyline, La ville narcissique*. Paris: Seuil, 1996): 79.

NATALIA PARAHYBA E JONATHAS MAGALHÃES PEREIRA DA SILVA

A morfologia urbana como leitura das dinâmicas existentes nos espaços livres em Campinas - SP

The urban morphology as reading of existing dynamics on the open spaces in Campinas - SP

Natalia Parahyba

Experiência na Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo da Universidad de Buenos Aires (2009). Atua com ênfase em Gestão Urbana, Espaços Livres, Meio Ambiente e Ecologia Urbana.

Experience in the Faculty of Architecture, Design and Urban Planning at the University of Buenos Aires (2009). Works with Urban Management, Free Space, Environment and Urban Ecology.

n.parahyba@gmail.com

Jonathas Magalhães Pereira da Silva

Professor Titular e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo (POSURB PUC-Campinas) e da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Desenvolvendo Pos-Doc no ProArq/UFRJ (2014-2015). Arquiteto Urbanista pela FAUUSP (1989). Mestre (1999) e Doutor (2005) em estruturas ambientais urbanas na FAUUSP. Ex-Presidente da ABAP - Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas - 2011-2013.

Professor and researcher at the Undergraduate Program in Urban Planning (POSURB PUC-Campinas) and the Faculty of Architecture and Urban Planning at the Pontifical Catholic University of Campinas. Developing Post-Doc in PROARQ / UFRJ (2014-2015). Architect and Urban Planner graduated at FAUUSP (1989). Master degree (1999) and PhD (2005) in urban environmental facilities at FAUUSP. President of ABAP – Brazilian Association of Landscape Architects – during 2011-2013.

jonathas.silva@puc-campinas.com.br

Resumo

O crescimento de Campinas, entre o final do século XX e o início do XXI, esteve apoiado na formação de tecidos urbanos fragmentados, distantes e mal conectados entre si e da região central. A presente pesquisa investiga as condicionantes existentes dessas atuais configurações urbanas, em recortes específicos da cidade, tendo como foco as dinâmicas urbanas encontradas no sistema de espaços livres (SEL), junto aos processos de uso e ocupação do solo urbano e seus possíveis impactos sócio ambientais. Para o desenvolvimento desse trabalho foram escolhidos recortes em diferentes contextos de formação do território, de realidades socioeconômicas e culturais diversificadas, apresentando cada um deles o marco de crescimento urbano caracterizado: a) pela periferação de indústrias e população de baixa renda; b) pela instalação de empreendimento comercial de grande porte e c) pela demanda habitacional de alto padrão – regiões do Residencial Cosmos/Jardim Florence I, Parque Dom Pedro Shopping e Alphaville I (Rod. Campinas – Mogi-Mirim) respectivamente. Este trabalho tem como objetivo analisar e compreender quais as atuais dinâmicas urbanas existentes nos espaços livres de edificação a partir dos processos de urbanização contemporânea; identificar de que maneira os processos envolvidos na dispersão para além do núcleo urbano e na fragmentação do tecido podem influenciar no uso, nas formas de apropriação, nas condicionantes ambientais e nas relações sociais e culturais destes espaços nas aglomerações urbanas; e, por fim, entender de que maneira os agentes e respectivos instrumentos contribuíram ou poderão contribuir para essa dinâmica. Tendo a morfologia urbana como leitura dos processos e o Sistema de Espaços Livres como protagonista da análise, foi adotado, como método de pesquisa, para cada recorte selecionado um estudo do histórico de crescimento urbano, identificando: a) os diferentes agentes envolvidos; b) os planos de gestão; c) contextos socioeconômicos e culturais e d) os aspectos funcionais, estéticos e ambientais dos espaços livres públicos e privados. Como resultado foi possível identificar processos dialéticos na constituição da paisagem urbana identificando nos diferentes tipos morfológicos suas potencialidades, entraves e conflitos.

Palavras-chave: Sistema de espaços livres. Morfologia urbana. Urbanização contemporânea. Fragmentação Urbana.

Abstract

The growth of Campinas between the late twentieth century and early twenty-first, was supported by the formation of fragmented urban tissues, distant and poorly connected to each other and to the central region. This research investigates the existing conditions of the present urban settings, in particular some city clippings, focusing on urban dynamics found in the open spaces system (SEL), alongside with the process of use and occupation of the urban land and its possible socio environmental impacts. To develop this work clippings were chosen in different contexts of formation of the territory as well as a diverse socioeconomic and cultural reality, each one presenting its own urban growth milestone which characterized by: a) the peripheral zone composed by industries and low-income population; b) by the installation of large scale commercial initiatives and c) housing demand of high standard - Residencial Cosmos/Jardim Florence I, Parque Dom Pedro Shopping e Alphaville I (Rod. Campinas – Mogi-Mirim) respectively. This work aims to analyze and understand the current existing urban dynamics in open spaces from the contemporary urbanization processes; identify how the processes involved in the spread beyond the urban core and tissue fragmentation can influence the use, the appropriation, environmental determinants and on the social and cultural relations of these spaces in urban agglomerations; and, finally understand how the agents and their instruments contributed or will contribute to

this dynamic. Using the urban morphology as a reading method of these process and the open spaces system (SEL) as protagonist of analysis, a study of the history and urban growth for each crop selected was adopted as a research method by identifying: a) the different agents involved; b) management plans; c) socioeconomic and cultural contexts and, d) the functional, aesthetic and environmental aspects of public and private open spaces. As a result it was possible to identify dialectical processes in the formation of the urban landscape identifying in the different morphological types their potential, barriers and conflicts.

Keywords: *Open spaces system. Urban morphology. Contemporary urbanization. Urban fragmentation.*

A Morfologia Urbana como Leitura das Dinâmicas Existentes nos Espaços Livres em Campinas - SP

Introdução

Conforme pesquisado para esse trabalho, o crescimento da cidade de Campinas nos últimos quarenta anos esteve apoiado na formação de territórios fragmentados, distantes e mal conectados, entre si e da região central, visto que a cidade se insere em dinâmicas econômicas globais, pautando a produção urbana de forma cada vez mais acelerada, com núcleos de aglomerações periféricos às margens de rodovias.

Tomando a morfologia urbana como leitura dos processos de desenvolvimento urbano a fim de compreender os espaços livres públicos da cidade contemporânea, e entendendo que o espaço urbano tem suas características morfológicas condicionadas também ao processo de constituição e consolidação dos espaços livres de edificação, para cada recorte selecionado realizou-se um estudo do histórico de crescimento urbano, identificando: a) os diferentes agentes envolvidos; b) os planos de gestão; c) contextos socioeconômicos e culturais; d) análises do espaço físico; e d) os aspectos funcionais, estéticos e ambientais dos espaços livres públicos e privados.

Para aprofundarmos as análises dos espaços físicos, são selecionados os tipos morfológicos de quadras urbanas encontrados na região. As análises são feitas através de mapas chamados “figura e fundo” que nos permitem identificar a real ocupação do solo feita por edifícios e, portanto, entender a relação existente entre espaços livres e espaços edificados; analisa-se também a presença e uso dos espaços livres intraquadra por meio dos mapeamentos dos espaços livres existentes; e, finalmente são construídos quadros quantitativos referentes aos usos e apropriações dos espaços livres. Para a identificação destes usos e apropriações foram feitas visitas de campo e análise da manutenção dos espaços estudados.

Esse trabalho tem como objetivo analisar e compreender quais as atuais dinâmicas urbanas existentes nos espaços livres de edificação a partir dos processos de urbanização contemporânea; identificar de que maneira os processos envolvidos na dispersão para além do núcleo urbano e na fragmentação do tecido podem influenciar no uso, nas formas de apropriação, nas condicionantes ambientais e nas relações sociais e culturais destes espaços nas aglomerações urbanas; e, por fim, entender de que maneira os agentes e respectivos instrumentos contribuíram ou poderão contribuir para essa dinâmica.

Será que essa nova forma de produção de cidade permite que os espaços livres cumpram seus variados papéis na estruturação urbana e social? Quais papéis o sistema de espaços livres tem exercido nessas áreas? Há relação complementar entre os espaços públicos e privados?

Para responder a essas perguntas foi necessário investigar diferentes processos de ocupação, que se constituem por determinados comportamentos sociais, espaciais, temporais, culturais e econômicos, a fim de entender as diferentes dinâmicas nos espaços livres. Foram escolhidos recortes em diferentes contextos de formação do

território, caracterizados pela: a) periferização de indústrias e classes de baixa renda – regiões do Residencial Cosmos/Jardim Florence I; b) instalação de empreendimento comercial de grande porte – Parque Dom Pedro Shopping – e c) demanda habitacional de alto padrão – Alphaville I junto a Rod. Campinas – Mogi-Mirim.

Apesar dos recortes estudados terem características próprias o artigo estabelece uma discussão metodológica na medida em que se utiliza da análise morfológica dos espaços livres públicos da cidade contemporânea, para compreender as resultantes dos processos de constituição do território urbano.

Como resultado foi possível identificar processos dialéticos na constituição da paisagem urbana identificando nos diferentes tipos morfológicos, suas potencialidades, entaves e conflitos.

Os processos de urbanização em Campinas e na região metropolitana (RMC)

A expansão urbana da RMC se deve muito ao histórico de ocupação de Campinas e dos municípios de seu entorno, aos principais eixos rodoviários e ao papel que cada município teve ao longo do desenvolvimento econômico da região.

Um estudo realizado por Caiado e Pires, em 2006, revela a direção da expansão metropolitana induzida por atividades de produção identificando sete vetores de expansão da RMC, acompanhando os principais eixos rodoviários e o centro metropolitano (Figura 1):

- Vetores 1 e 2: precariedade dos assentamentos urbanos, induzida pela localização dos conjuntos habitacionais e implantação de indústrias e equipamentos de grande porte;
- Vetores 3, 4 e 5: predomínio de habitações das camadas de renda média e alta, com localização de centros de consumo de porte regional e indústrias de alta tecnologia;
- Vetor 6: predomínio de loteamentos fechados, destinados à população de renda média e alta;
- Vetor 7: concentração fabril de importância regional, com grande potencial de crescimento de atividades econômicas, devido à localização do Aeroporto de Viracopos.

FIGURA 1
Vetores de expansão urbana, Região Metropolitana de Campinas
Fonte: Nepo/Nesur/Unicamp, 2006.



O quadro geral das regiões metropolitanas no espaço nacional, onde o centro apresenta perda relativa de participação no contingente populacional em favor de áreas mais periféricas, indica a continuidade do processo de dispersão urbana observado na RMC.

O padrão de expansão física das recentes ocupações, que se deram em função do modo de produção capitalista, representa um desafio em si mesmo quando exerce um importante peso na expansão da infraestrutura urbana. Esse padrão deve ser entendido como um fator essencial para que o crescimento possa ocorrer com maior ou menor custo social, refletindo nas interações sócio espaciais. Os efeitos do espaço sobre a sociedade deveriam ser tratados como uma variável capaz de interferir nos processos sociais.

As primeiras indústrias instaladas em Campinas, ainda no fim do século XIX, dinamizaram a economia, trazendo inovações técnicas à produção, ao meio urbano e à rearticulação do trabalho, fazendo da cidade uma grande produtora de economia a nível nacional.

Importantes vias expressas foram criadas ligando o centro às rodovias e os bairros da cidade. As indústrias passam a se estabelecer cada vez mais próximas das rodovias, dando o início a descentralização industrial em Campinas.

Estudos de caso e metodologia aplicada

Nesse trabalho foi considerado como premissa investigar recortes na cidade de Campinas que apresentassem processos de urbanização recentes e impulsionados por diferentes agentes do desenvolvimento urbano, afim de analisar a dinâmica urbana existente – formas de apropriação, preservação, elementos de composição, funcionalidades, e afins – do sistema de espaços livres em cada um deles.

A escolha dos recortes de estudo para a realização desse trabalho partiu da vontade de aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno da dispersão de aglomerações urbanas, que não somente foram ocupadas nas áreas de baixo valor do solo, como condicionadas algumas áreas de ZEIS na região, mas também de áreas nobres, que possuem localização estratégica diante do panorama de relações intermunicipais, de escala metropolitana.

Desse ponto de vista, se destacaram três áreas de interesse de estudo que estão em processo de crescimento urbano impulsionados por interesses políticos e econômicos variados, com grande marco no final do século XX e início do XXI, sendo elas: a) região do Parque Dom Pedro Shopping, que apresenta alterações no tecido urbano após a instalação do shopping, com grandes empreendimentos residenciais e mistos; b) região do Residencial Cosmos/Jardim Florence I, que se encontra em grande fase de crescimento urbano devido à implantação de políticas públicas de cunho habitacional; e c) a região do Alphaville Campinas que teve alterado, não somente o padrão do tecido urbano, mas também o perfil sócio econômico da região.

FIGURA 2

Localização dos estudos de caso

Fonte: Elaboração da autora, via plataforma Google Earth, 2013.

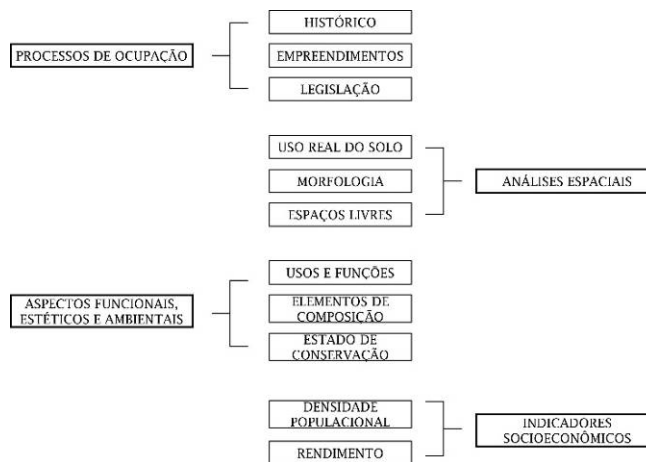


Para cada recorte selecionado realizou-se um estudo do histórico de crescimento urbano, onde se expõe: a) os processos de ocupação; b) as análises espaciais; c) os aspectos funcionais, estéticos e ambientais dos espaços livres; e d) indicadores socioeconômicos.

FIGURA 3

Esquema da metodologia aplicada

Fonte: PARAHYBA, 2015.



Para aprofundarmos um pouco mais as análises dos espaços físicos, são selecionados os tipos morfológicos de quadras urbanas e os tipos edifícios encontrados na região. As análises são feitas através de mapas chamados “figura e fundo” que nos permitem identificar a real ocupação do solo feita por edifícios e, portanto, entender a relação existente entre espaços livres e espaços edificados; analisa-se também a presença e uso dos espaços livres intraquadra por meio dos mapeamentos dos espaços livres existentes; e, finalmente são construídos quadros quantitativos referentes aos usos e apropriações dos espaços livres. Para a identificação destes usos e apropriações foram feitas visitas de campo e análise da manutenção dos espaços estudados.

Processos de urbanização

Implantação de empreendimentos de comércio e serviço de grande porte

Histórico de ocupação

A urbanização da região do Parque Dom Pedro Shopping iniciou-se na década de 1950, pelo bairro Parque Taquaral. Nos bairros onde ocorre a concentração de condomínios e loteamentos fechados, a ocupação é bem mais recente, de 1990.

FIGURA 4

Cronologia de ocupação

Fonte: Produção da autora na plataforma ArcGIS; SEPLAMA / PMC 2006; FALEIROS, 2010.



A partir da instalação do shopping, em 2002, pôde-se constatar uma mudança significativa no padrão de produção do espaço urbano de seu entorno. O intenso desenvolvimento urbano e valorização imobiliária da região, resultou em alterações do padrão de ocupação, afetando o espaço e a dinâmica urbana da área de maneira geral.

Legislação

Atualmente, o zoneamento dessa região é em maior parte destinado ao uso estritamente residencial, no entanto, é permitido o comércio de âmbito local. Em uma pequena área o zoneamento permite a instalação de equipamentos industriais (não incômodos) e de uso comercial, de serviços e institucional de pequeno, médio e grande porte, área localizada às margens das rodovias Dom Pedro I e Professor Zeferino Vaz.

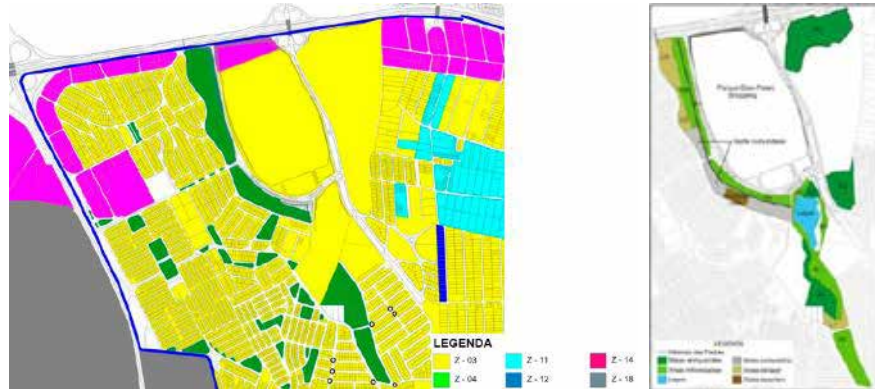
A região de estudo foi contemplada no PLG Urbana de Barão Geraldo, em 1996, com o Parque Linear Ribeirão das Pedras, que aparece no plano como uma das diretrizes específicas para a bacia do Ribeirão das Pedras e foi também inserido no Plano Diretor de Campinas de 2006 como política de meio ambiente, definindo a implantação de eixos verdes por meio de projetos integrados através de incentivos e parcerias entre a Prefeitura de Campinas, universidades, sociedade civil e iniciativa privada.

Na margem do córrego Ribeirão das Pedras, oposta ao shopping, foram identificadas as “hortas comunitárias”. Em 1997, foi elaborado o Projeto de Lei nº 9.9549, sobre o qual foi criado o Programa de Hortas Comunitárias em Campinas com o objetivo de diminuir o problema do desemprego e aproveitar as áreas livres do município.

FIGURA 5

Zoneamento vigente e trecho 1 do Parque Linear Ribeirão das Pedras

Fonte: FALEIROS, 2010
- Urbanização dispersa, grandes equipamentos e impactos urbanos: o caso do Parque Dom Pedro Shopping (Dissertação de Mestrado).



Empreendimentos locais

Empreendimentos de grande impacto: Parque D. Pedro Shopping, bairro planejado Le Monde e alguns empreendimentos no bairro de Villa Bella.

O shopping está implantado em uma área de aproximadamente 753 mil m². No mesmo período de sua instalação, surgiram loteamentos residenciais fechados e empreendimentos mistos em bairros planejados, como o Villa Bella e, atualmente, está em fase final de construção o bairro planejado Le Monde.

FIGURA 6

Empreendimentos na região do Parque Dom Pedro Shopping

Fonte: PARAHYBA, 2015.



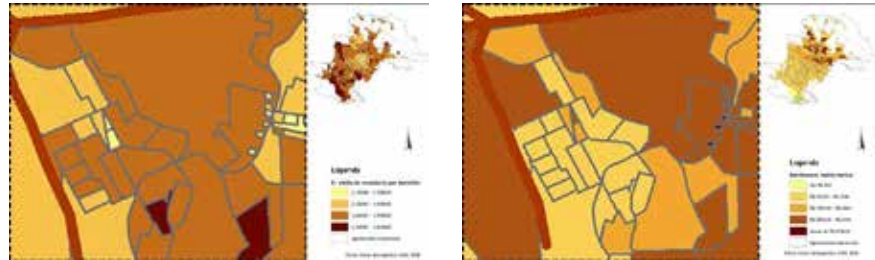
Perfis sócio econômico e demográfico

Característica sócio econômica bastante variável na região e densidade populacional um pouco mais homogênea. Segundo o Censo Demográfico de 2010, o rendimento médio mensal varia de R\$510,00 a R\$5100,00 e a média de moradores por domicílio, predomina de três a quatro moradores.

FIGURA 7

Moradores por domicílio e rendimento médio mensal

Fonte: Grupo de Pesquisa Água no Meio Urbano, Posurb, PUC-Campinas; Censo Demográfico 2010, IBGE.



Análises do espaço físico

Essa região apresenta padrões morfológicos urbanizados e bastante consolidados, no entanto com grande potencial de transformações devido aos recentes empreendimentos implantados que vêm influenciando na dinâmica local.

No aspecto morfológico geral essa é uma região com topografia sinuosa de pouca declividade e pouca cobertura vegetativa nas áreas residenciais. O padrão construtivo predominante é o horizontal nos bairros Jardim Santa Genebra e Parque Alto Taquaral e nas vilas Costa e Silva e Miguel Vicente Cury. Já os bairros planejados Villa Bella e Le Monde, apresentam maiores incidências de construções verticais.

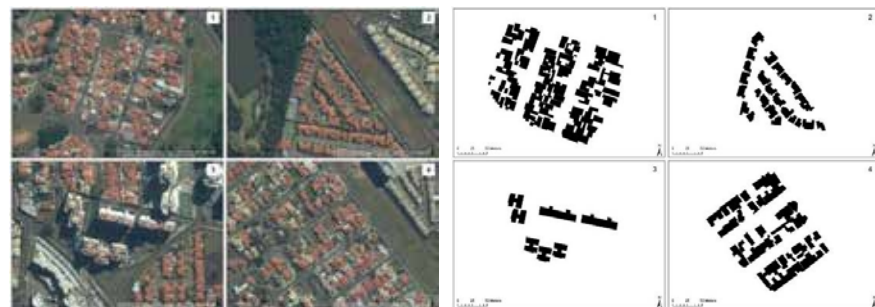
As quadras selecionadas para análise nessa região são caracterizadas pelas seguintes tipologias: a) habitação unifamiliar horizontal (recortes 1 e 4); b) habitação multifamiliar horizontal (recorte 2); e c) habitação multifamiliar vertical (recorte 3). Os lotes apresentam variação de 250 a 350 m² entre as tipologias horizontais e as unidades chegam até dois pavimentos.

As imagens satélites e o mapa de “figura e fundo” das quadras selecionadas nos permitem observar as variações de densidades construtivas, de padrões de ocupação, de área dos lotes, pavimentações e coberturas vegetativas. O recorte 3, por apresentar padrão construtivo verticalizado, a relação entre os espaços edificados e os espaços livres privados se configuram de forma bastante distinta.

FIGURA 8

Imagem satélite e mapa “figura e fundo”

Fonte: PARAHYBA, 2015.

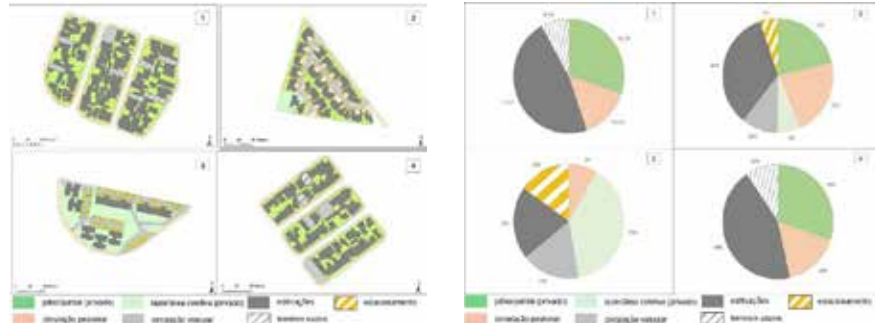


No mapeamento dos espaços livres na escala da quadra foram identificados aspectos bastante variados entre os recortes quanto aos usos e funções atribuídos aos espaços livres. No recorte 2, foi possível atribuir pátios, e/ou quintais, e vagas de estacionamento à cada propriedade por padrão de planejamento do condomínio, além da área de lazer coletiva. No recorte 3, atribuem-se aos espaços livres áreas de lazer coletiva e estacionamento.

FIGURA 9

Mapeamento e quantificação dos espaços livres e edificados

Fonte: PARAHYBA, 2015.



Nos recortes 1 e 4, os usos atribuídos aos espaços livres são mais flexíveis e essa variação é dada de acordo com o proprietário. De forma generalizada, aos espaços livres intra-lotes, foi atribuída a função de pátio/quintal, no entanto o proprietário pode usar esse espaço como vaga de garagem, área de lazer, ou de serviço.

Em uma análise mais geral, os diferentes tipos morfológicos de quadras encontrados na região apresentam uma relação quantitativa adequada entre suas áreas ao analisarmos os espaços edificados e os espaços livres, respeitando as taxas de ocupação definidas por Lei.

Aspectos funcionais, culturais, estéticos e ambientais

Através das visitas e junção dos dados levantados na região, foram observados os aspectos, objetivos e subjetivos, dos espaços livres quanto a sua acessibilidade, função, conservação, vegetação, drenagem, apropriações e demais aspectos que participam da sua dinâmica:

- Grandes impactos ambientais causados pela instalação do Shopping;
- Parque Linear Ribeirão das Pedras com vias esburacadas e mato alto;
- Falta de movimentação e atividades de lazer nos espaços públicos ao ar livre;
- Bolsão residencial no Alto Taquaral com vias esburacadas margeando e calçadas com entulhos e mato alto no interior do bolsão;

FIGURA 10

Estado de conservação dos espaços livres

Fonte: acervo da autora, 2013.



Industrialização e periferização das classes de baixa renda

Histórico de ocupação

A região do Residencial Cosmos/Jardim Florence I, caracteriza-se por grandes adensamentos populacionais de características predominantemente habitacionais de baixa renda, inclusive em assentamentos irregulares, intercalados por vazios urbanos e glebas pouco ocupadas. A região como um todo apresenta carência de atividades terciárias de atendimento local e geradoras de emprego, o que faz com que haja um grande movimento pendular em busca de atividades.

FIGURA 11

Cronologia de ocupação

Fonte: Produção da autora na plataforma ArcGIS.



Com as mudanças econômicas ocorridas na cidade de Campinas temos, em 1953, a inauguração da unidade industrial da fábrica de Pneus Dunlop (atual Pirelli) na região de estudo. Em 1970, a unidade foi adquirida pela italiana Pirelli Pneus que atraiu mais população para a região, que já se encontrava em processo de ocupação territorial.

Legislação

Situa-se nessa região grande parte dos empreendimentos da Companhia de Habitação Popular de Campinas - COHAB, bem como conjuntos habitacionais populares de iniciativa privada, por ser uma região com áreas destinadas à ZEIS (Zona Especial de Interesse Social).

Atualmente a ocupação da região de estudo se configura de acordo com a Lei nº 6031/88, com predominância de uso habitacional horizontal nos bairros Residencial Cosmos e Jardim Florence I. Comércio, serviços e instituições de âmbito local eram permitidos com restrições quanto à localização.

O Plano Diretor de 2006 traçou algumas diretrizes na tentativa de requalificar a Macrozona 5 (MZ 5). A partir dos conceitos de estruturação urbana e das diretrizes gerais de uso do solo definidas para a região da MZ 5, o Plano procurou propor adequações de zoneamento, tais quais:

- Para a Zona 3 passa a ser permitido o uso multifamiliar vertical sob condições específicas e usos comerciais, de serviços e institucionais em quarteirões determinados;
- Aos quarteirões estabelecidos à margem da Av. John Boyd Dunlop, atribuiu-se a possibilidade do uso misto, com permissão para instalação de habitações multifamiliares verticais;

- Aos lotes de frente para a fábrica de pneus Pirelli, pertencentes ao bairro Jardim Florence I, foi feito um “corredor” para o uso de comércios e serviços locais;
- Ao bairro Residencial Cosmos agora adequa-se o uso habitacional multifamiliar vertical sob condições específicas;

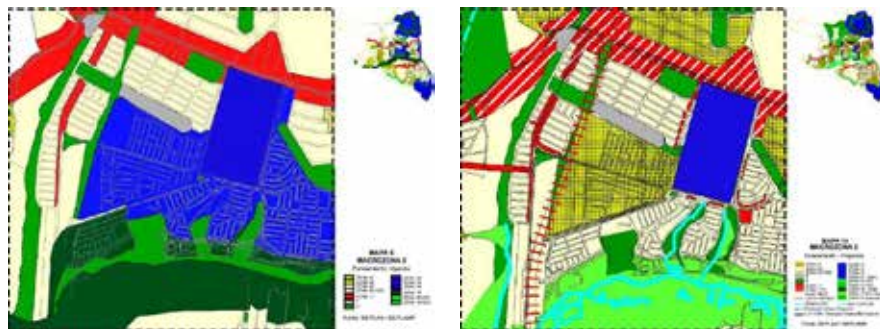
A zona destinada à proteção de áreas e/ou espaços de interesse ambiental e à preservação de edificações de interesse sociocultural, foi adequada à Zona 18 – Eixo Verde, com setores de proteção máxima e especial.

O Caderno de Diretrizes da MZ 5, Lei Complementar nº35/2012, aponta a promoção de programas de política habitacional para a região, em especial para população de baixa renda, que contemplem: Regularização e urbanização de favelas ou sua remoção quando em áreas de risco, considerando também as questões ambientais, especialmente quanto à necessidade de desobstrução de fundos de vale e de planícies de inundação; Ocupação por habitação de interesse social nas áreas já destinadas a ZEIS, e a mescla de usos comerciais e de serviços locais; Priorização de investimentos públicos em habitação que sejam dirigidos ao atendimento às famílias situadas em áreas degradadas e áreas de risco; Intervir na estrutura viária para ligações e integrações territoriais entre outras macrozonas e bairros; Fomentar a estruturação de subcentros e o fortalecimento dos centros de bairro, através da definição de incentivos à implantação de atividades terciárias e secundárias que não gerem incômodos.

FIGURA 12

Zoneamento antes e depois da Lei Complementar nº35/2012

Fonte: SEPLAMA, Plano Local de Gestão da Macrozona 5.



A Figura 12, mostra a localização dos principais empreendimentos na área de estudo: a Fábrica Pirelli, o loteamento de habitação interesse social Residencial Cosmos e o condomínio Residencial Polaris, localizado no Residencial Cosmos, e o conjunto Residencial Sirius.

A implantação da unidade industrial Dunlop Pneus em 1953, induziu a um novo processo de parcelamento de terras ao redor. Durante o processo de interiorização das indústrias em São Paulo, a Pirelli Pneus comprou a fábrica Dunlop Pneus, em 1970. Esse fator, entre outros, atraiu uma nova demanda de mão de obra para a região, acelerando o processo de ocupação que já existia.

Entre 1993 e 2005, foram implantadas na região novas políticas habitacionais, dentre elas os loteamentos Residencial Cosmos e Residencial Sirius, e o condomínio Residencial Polaris, do programa Minha Casa, Minha Vida.

FIGURA 13

Empreendimentos na região

Fonte: Produção da autora na plataforma ArcGIS.



Perfis sócio econômico e demográfico

Nessa área de estudo, predomina a classe de renda baixa variando de R\$ 510,01 à R\$ 1.530,00. O número médio de moradores por domicílio na área de estudo, expõe um quadro populacional denso. Em alguns setores, o levantamento realizado pelo IBGE em 2010, apontou uma densidade de 3 a 6 moradores por domicílio.

FIGURA 14

Moradores por domicílio e rendimento médio mensal

Fonte: Grupo de Pesquisa Água no Meio Urbano, Posurb, PUC-Campinas; Censo Demográfico 2010, IBGE.



Análises do espaço físico

Essa região é bastante marcada pela fragmentação sócio espacial. A variedade de tipologias construtivas, influenciadas pelas diretrizes urbanas de uso e ocupação do solo, somada aos elementos naturais e de estruturação viária, e à grande porção de glebas não parceladas em área urbana, acabam impedindo uma dinâmica territorial mais integrada, dando origem a uma malha urbana descontínua.

Como um todo, a região carece de vegetação arbustiva e/ou arbórea nos espaços livres públicos, residenciais e institucionais. Grande parte dos espaços livres intra-lotes é constituída de piso impermeável. O terreno da região é colinoso de baixa declividade e apresenta algumas barreiras naturais – córregos e nascentes – e artificiais – de estruturação viária – entre uma vizinhança a outra, o que torna o tecido urbano bastante fragmentado.

As tipologias de quadras selecionadas se caracterizam por: a) habitação unifamiliar horizontal (recortes 1 e 2); e b) habitação multifamiliar vertical (recortes 3 e 4). O dimensionamento dos lotes nos recortes 1 e 2 variam entre 120 e 250 m² e têm predominância residencial unifamiliar.

No recorte 1, as ocupações intra-lotes se apresentam de forma bastante desordenada e os espaços livres com maior presença entre as edificações vizinhas. Essa configuração de quadra, se apresenta menos densa que o recorte 2, onde as edificações são mais ordenadas e mais compactas, com espaços livres aglomerados no fundo e à frente das edificações.

Os recortes 3 e 4 tratam de tipologias de quadra com habitação multifamiliar e verticalizada, com edificações variando entre térreo mais quatro e cinco pavimentos, indicando uma densidade populacional bastante alta. Há o predomínio maior dos espaços livres sobre os espaços edificados, porém a implantação dos espaços edificados aparece com o afastamento mínimo entre as edificações.

FIGURA 15

Imagem satélite e mapa “figura e fundo”

Fonte: PARAHYBA, 2015.



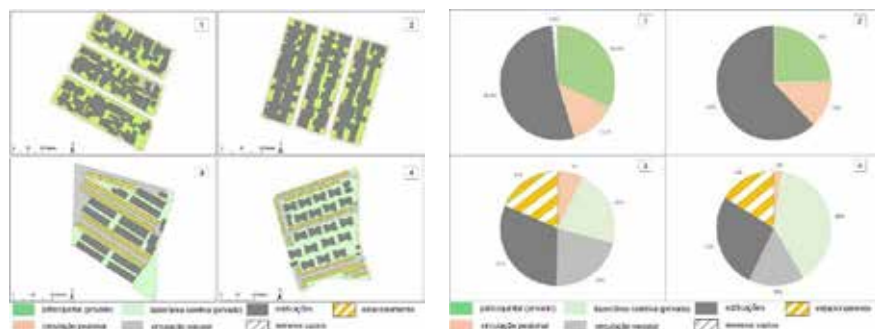
No mapeamento dos espaços livres nas quadras analisadas dessa área de estudo, foram identificados aspectos mais variados entre os recortes de ocupação horizontal e vertical.

Nos recortes 1 e 2, foram identificados os espaços livres classificados como pátios/quintais, que podem oferecer usos variados, como lazer, garagem, área de serviço, etc. Já nos recortes 3 e 4, os espaços livres identificados são de uso comum e coletivo, e ficam restritos às atividades de lazer, circulação e estacionamento.

FIGURA 16

Mapeamento e quantificação dos espaços livres e edificados

Fonte: PARAHYBA, 2015.



A análise geral, aponta aspectos preocupantes a situação na qual se encontram os recortes 1 e 2. Estes, apresentam os lotes com variação entre 120 e 250 m², podendo ser ocupados em até 65% pelas projeções das edificações. Essa tipologia de quadra, encontrada na região, apresenta uma média de moradores por domicílio com variação de 3 a 4 moradores. Esta realidade pressiona demandas por acréscimos construtivos resultando em ocupações com irregularidades frente às porcentagens de ocupação permitidas pela legislação.

Os recortes 3 e 4 apresentam boa parte dos seus espaços livres destinados à estacionamento e circulação interna de veículos, devido ao alto contingente populacional, chegando a uma média de 38%. Pela regulamentação de uso e ocupação do solo, essas tipologias se enquadram no tipo H MV-5, permitindo ocupação de até 50% da área do lote.

Foram identificadas muitas áreas institucionais, como hospitais, creches, escolas e de atividade esportiva e cultural com bastante presença de vegetação. Por outro lado, não foram identificados muitos espaços livres públicos qualificados para lazer, convívio e recreação.

Aspectos funcionais, culturais, estéticos e ambientais

Essa área de estudo, é bastante precária e com grande carência de infraestrutura. Ao longo das visitas na região, foram identificados alguns aspectos que denotam a precariedade, em especial, nos espaços livres públicos:

- Nas vias de circulação de pedestres por toda a região, foram identificados problemas de acessibilidade, como desníveis, entulhos e demais obstáculos;
- Falta de pavimentação e guarda corpo em passagens de risco improvisadas pela população;
- Áreas de glebas vazias, no geral, acumulam lixo, entulho e mato alto beirando as vias de circulação de veículos;
- Não foram percebidas durante a semana atividades de permanência em áreas de lazer e convívio nas ruas e praças da região.

FIGURA 17

Estado de conservação dos espaços livres

Fonte: acervo da autora, 2013



Loteamentos fechados para residências de alto padrão

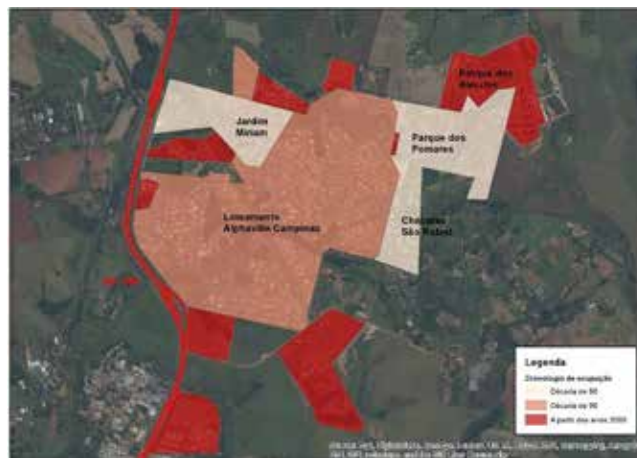
Histórico de ocupação

Inicialmente, a região do Alphaville Campinas foi permeada por grandes fazendas que tiveram boa parte de suas áreas com atividade agrícola, com plantação de café e eucalipto. Ao final do século XX essas atividades foram sendo substituídas por atividades urbanas e tiveram suas áreas subdivididas. A ocupação teve início na década de 1980 com os loteamentos Chácaras São Rafael, Jardim Miriam e Parque dos Pomares. Na década de 1990 surge o Alphaville Campinas e, nos primeiros anos do século XXI, foram aprovados na região diversos empreendimentos residenciais.

FIGURA 18

Cronologia de ocupação

Fonte: PARAHYBA, 2015.



A região do Alphaville Campinas se caracteriza pela predominância do uso habitacional. O acesso à região se dá através de eixos rodoviários, que são ao mesmo tempo o elemento estruturador predominante e o principal fator de segmentação urbana. Possui um sistema viário interno descontínuo o que demanda a utilização das rodovias e de suas transposições para trânsito urbano.

Atualmente, essa região apresenta um tecido bastante fragmentado, configurado por grandes muros de condomínios residenciais de médio e alto padrão que contrastam com as ocupações antecedentes constituídas pela classe social de renda média e baixa, como as do Jardim Miriam e Parque dos Pomares.

Legislação

Essa área de estudo pertence à Macrozona 8, subdividida em três Áreas de Planejamento (AP), e na AP 7 - Região do Jardim Miriam/Parque Xangrilá, está inserida a região do Alphaville Campinas. Seu Plano Local de Gestão ainda se encontra em processos de aprovação, porém o Plano Diretor de 2006 dispõe algumas diretrizes e normas de planejamento para essa região:

- Estabelecer padrão de ocupação de baixa densidade, que contemple as exigências relativas às questões de preservação da qualidade ambiental e de solução para os problemas de infraestrutura;
- Implantar sistema viário arterial de ligação;
- Preservar e recuperar as micro-bacias do ribeirão Anhumas e do córrego São Quirino.

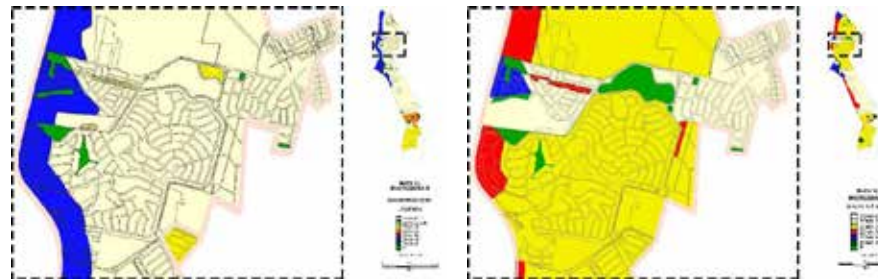
Nas diretrizes gerais de uso do solo definidas para a MZ 8, chegou-se à proposição de adequações do zoneamento urbano, utilizando-se as zonas previstas na legislação vigente. O zoneamento proposto no PLG de 2006, estabelece para a macrozona:

- Padrões de ocupação de baixa densidade;
- Adequações necessárias ao zoneamento;
- Proibição de edificações do tipo HMH-vilas;
- Definição de corredores de comércio e serviços no entorno do loteamento Alphaville.

FIGURA 19

Zoneamento vigente e zoneamento proposto pelo Projeto de Lei Complementar n° 16/2010

Fonte: SEPLAN, Plano Local MZ8.



Empreendimentos locais

Desde a implantação do loteamento Alphaville Campinas, essa região de estudo tem tido transformações constantes, na paisagem e na dinâmica local. O mercado imobiliário se encontra bastante aquecido atualmente, com um lançamento seguido do outro, tanto para empreendimentos residenciais, quanto para comércio e serviços.

O Alphaville Campinas é o empreendimento de maior impacto na região. Sua aprovação influenciou diretamente na definição de legislação para regulamentação de loteamentos fechados no município, *Lei n.º 8.736 de 1.996*.

Considerado um condomínio de alto padrão, o Alphaville Campinas foi planejado para atender a demanda habitacional das classes de renda alta, atraídas pela “garantia” de segurança, conforto e lazer. Além de abrigar matas e nascentes florestais, Áreas de Proteção, seus lotes residenciais circundam o Alphaville Country Club, clube privado com acesso restrito e ligação direta ao empreendimento, que oferece equipamentos de práticas esportivas e corporais e uma extensa área de lazer.

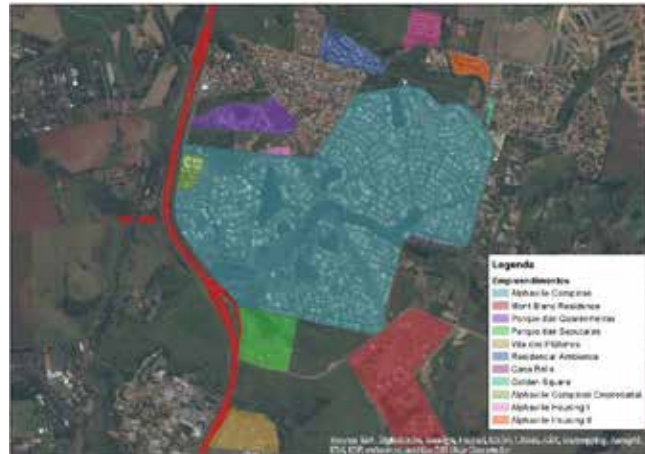
Ao redor do Alphaville Campinas, há outros loteamentos fechados residenciais, de menor porte, como Parque das Quaresmeiras, Mont Blanc Residence, Parque das Sapucaias, Vila dos Plátanos, entre outros, inclusive verticais, como o Ambiente Residence, caracterizando um bairro bastante fragmentado.

O empreendimento Ambiente Residence, tem parte destinada à COHAB junto ao Programa Minha Casa Minha Vida. Até ser liberado o *Habite-se*, o empreendimento teve que firmar com a Prefeitura de Campinas um *Termo de Ajustamento de Conduta* (TAC). De acordo com o TAC (*Processo Administrativo n.º 2011/10/20845 - TAC n.º 05/2011*), foi exigido investimento ambiental, de recuperação de mata ciliar, na Área de Preservação Permanente (APP), situada à margem do córrego São Francisco e plantio de mudas de espécies nativas. Também foram exigências, a duplicação da Rua Ramão Olavo Saravy, até a Rua Ernesto Tofoli, e a execução da rotatória, na confluência com a Avenida Evandro Batista Vieira segundo o mesmo processo.

FIGURA 20

Empreendimentos

Fonte: PARAHYBA, 2015.



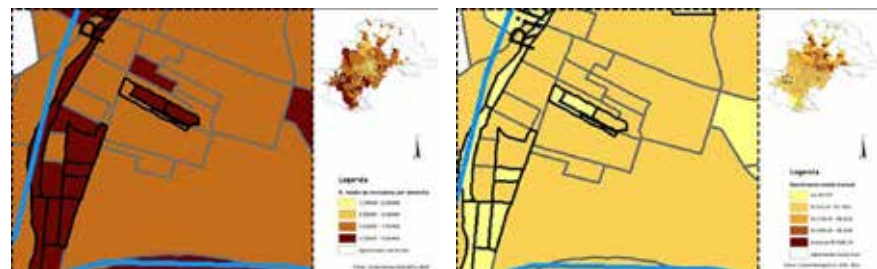
Perfis sócio econômico e demográfico

O rendimento médio mensal é bastante variado e contrastante, sendo as famílias de maior poder aquisitivo, habitantes de loteamentos fechados. A densidade populacional no geral é homogênea, com algumas variantes no Alphaville Campinas que chega a uma média de 3 a 6 moradores por domicílio, em alguns setores do loteamento fechado.

FIGURA 21

Moradores por domicílio e rendimento médio mensal

Fonte: Grupo de Pesquisa Água no Meio Urbano, Posurb, PUC-Campinas; Censo Demográfico 2010, IBGE.



Análises do espaço físico

Nas imagens satélites é possível perceber as variações de tamanhos das glebas loteadas, as proporções da dimensão entre as quadras e lotes, e a densidade construtiva de cada recorte. Além dessas percepções dos aspectos referentes à construção, é possível perceber também alguns aspectos de cobertura vegetal.

Na avaliação morfológica das diferentes tipologias de quadra da região, percebeu-se o predomínio de habitações unifamiliares com presença vegetativa e arbórea pouco razoável nos espaços públicos e espaços intra-lotes. Há uma grande variação da densidade construtiva dessa tipologia de ocupação nos loteamentos abertos e fechados, uma vez que o dimensionamento nos loteamentos abertos variam entre 250 e 300 m² e nos fechados entre 400 e 1000 m².

Nessa área de estudo foram identificadas três tipologias de quadra (Figura 22): a) de habitação unifamiliar horizontal (recorte 2); b) de habitação multifamiliar horizontal (recortes 1 e 4); e c) de habitação multifamiliar vertical (recorte 3). O recorte 3 refere-se ao empreendimento Ambiance Residence. São dezessete blocos de edificações que se constituem de térreo mais sete pavimentos.

Nos recortes 1 e 2, a presença vegetativa é muito mais nítida que nos recortes 3 e 4. Há presença arbustiva e arbórea nos espaços intra-lotes e também nos espaços de circulação. Superfícies permeáveis intra-lotes também estão mais presentes nos dois primeiros recortes.

No recorte 3, boa parte dos espaços que não são destinados à circulação e estacionamento é permeável e com presença vegetativa rasteira. No recorte 4, não foi possível identificar os aspectos vegetativos, por ser um empreendimento recém construído. No entanto, puderam-se identificar as áreas permeáveis e não permeáveis. Nos espaços intra-lotes e nas áreas comuns, foram identificadas superfícies permeáveis, e nos espaços destinados à circulação veicular, superfície impermeável.

Nos mapas “figura e fundo”, podemos distinguir mais nitidamente os espaços livres dos espaços edificados e perceber que cada recorte, apresenta uma relação bastante variável entre esses espaços. No recorte 1, por exemplo, comparando com o recorte 2, vimos que apesar dos recortes apresentarem relativamente a mesma área, o recorte 1 apresenta um número menor de lotes, porém numa dimensão muito maior. No recorte 2 temos mais lotes, representando uma área com maior densidade construtiva.

FIGURA 22

Imagem satélite e mapa “figura e fundo”

Fonte: PARAHYBA, 2015.



No mapeamento dos espaços livres e edificados dos diferentes recortes, encontrou-se uma variação significativa de classificações dos espaços livres devido as diferentes tipologias de ocupação encontradas na região.

No mapa equivalente ao recorte 1, é possível observar que o espaço livre intra-lote em relação ao espaço edificado, é bastante generoso. Segundo a legislação de uso e ocupação do solo, é permitida a ocupação de até 50% do lote, sendo o loteamento Alphaville Campinas pertencente ao tipo Horizontal – HMH. Dessa forma, todos os lotes estão condicionados a destinar pelo menos 50% de suas áreas aos espaços livres de edificação, oferecendo melhores condições climáticas de vento e iluminação natural, além de amplos espaços que podem ser destinados também às atividades de convívio e lazer familiar, como piscinas e áreas de contemplação, em privacidade. A sociedade Alphaville conta também com quase 20% de sua área total, 215,45 ha, destinados às áreas de lazer e preservação ambiental.

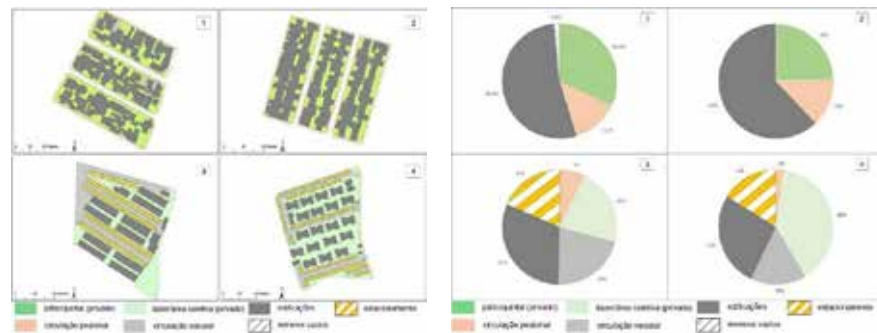
No recorte 2, apesar de a legislação permitir ocupação máxima de até 65% da área do lote, por pertencer ao tipo Habitacional Unifamiliar inferior à 500 m², encontramos entre os espaços edificados e os espaços livres intra-lotes, uma proporção quase equivalente, com uma taxa de ocupação aproximada de 50%. O recorte 4, também apresenta uma semelhança na proporção de áreas livres e edificadas dentro dos lotes, e conta também com aproximadamente 30% de áreas de lazer e circulação peatonal. O empreendimento Casa Bella, referente a esse recorte, se enquadra no tipo Horizontal – HMH e a legislação permite até 50% de ocupação na área do lote. Em todo o loteamento há apenas 23% de espaços edificados.

O recorte 3, área de conjunto de edificações verticalizadas, possui em sua gleba 82% de espaços livres destinados à lazer, circulação e estacionamento. Conforme a legislação de uso e ocupação do solo, esse recorte se enquadra no tipo HMV-5, que permite ocupação máxima de até 50% do lote.

A análise morfológica dessas quadras, indica que a relação quantitativa que encontramos entre os espaços livres de edificação e os construídos intra-lotes é bastante satisfatória, tendo em vista que a quantidade de espaços livres é, em sua maioria, superior à quantidade dos espaços construídos.

Analisando a área de estudo de forma mais abrangente, foram mapeados os espaços livres de uso institucional, público e de preservação. Há na região grandes áreas de proteção com boa densidade de vegetação localizadas dentro e fora do loteamento Alphaville Campinas. Foram identificadas também espaços de uso institucional localizados no bairro Jardim Miriam e na área de preservação próxima aos loteamentos Alphaville Housing II e Casa Bella, onde está localizada a instituição Vila Antiga.

FIGURA 23
 Mapeamento e quantificação dos espaços livres e edificados
 Fonte: PARAHYBA, 2015.



Aspectos funcionais, culturais, estéticos e ambientais

A partir do levantamento de dados e visitas em campos, foram identificados os seguintes aspectos:

- A maioria dos espaços livres, que se referem a áreas de convívio e lazer, se encontram em áreas de loteamento ou glebas residenciais fechadas. Nestas foram encontrados equipamentos e mobiliários para atividades variadas;
- Na única praça pública encontrada, no bairro Jardim Miriam, foram vistos poucos equipamentos e mobiliários e usos no entorno que estimulassem a permanência de pessoas;
- Vias de circulação, calçadas e canteiros centrais, com pouca cobertura vegetativa;
- As áreas verdes (de parques, áreas de preservação, de uso institucional e de infraestrutura urbana) se encontram abandonadas com mato alto, lixos e entulhos;

FIGURA 24
 Estado de conservação dos espaços livres
 Fonte: acervo da autora, 2013.



Considerações finais

O urbanismo contemporâneo em Campinas tem expressado na sua forma de construir espaços urbanos que transformam cada vez mais o sentido da vivência, do cuidado e da apropriação dos espaços livres, com privatizações de áreas residenciais, dependência do transporte individual e restrição aos comércios e serviços locais, que passaram recentemente a ganhar destaque, ainda que de forma bastante tímida, nos Planos Locais de Gestão.

A construção de condomínios, loteamentos fechados e bolsões residenciais acaba virando as costas para os espaços públicos que, cada vez mais, vêm sendo constituídos de muros, monotonia e automóveis particulares, por uma população que busca conforto e lazer em “segurança”, como é o caso das áreas de estudo na região do Parque Dom Pedro Shopping e Alphaville Campinas. Esse quadro compromete os espaços livres públicos ao abandono e falta de segurança, sem convívio social, manifestações culturais e apropriações de maneira geral.

Em áreas de baixo poder aquisitivo, no caso a região do Residencial Cosmos/Jardim Florence I, o quadro encontrado pode ser ainda mais agravante. Apesar de ter sido percebido um maior número de atividade nos espaços livres públicos, mesmo com as más condições encontradas em grande parte desses espaços, devemos considerar que há também na região ocupações irregulares em área de risco, poluição de várzeas, carência de infraestrutura e, também, grande quantidade de glebas vazias e abandonadas.

A grande taxa de ocupação encontrada em alguns tipos morfológicos de quadra na região, se deve ao condicionamento dado pelas diretrizes de ocupação e parcelamento do solo, que são muitas vezes inadequadas à realidade social encontrada. Tais diretrizes não levam em conta o perfil socioeconômico e demográfico da população que, muitas vezes, se aglomera em seus terrenos utilizando-se dos “puxadinhos”, que resulta na diminuição progressiva dos espaços livres intra-lote, e conseqüentemente prejudica as condições de salubridade das construções, seja por falta de luz ou ventilação natural.

O ponto mais interessante que surgiu durante a pesquisa foi identificar que mesmo em áreas de diferentes contextos sociais e econômicos, a produção do espaço urbano tem impactado muitas vezes de forma negativa a dinâmica sócio ambiental nas diversas áreas da cidade que se encontram em processos de consolidação. A investigação de diferentes áreas em diferentes contextos demonstrou a produção de espaços livres e construídos, públicos e privados, de forma bastante dialética, baseando-se de forma geral em oposições e choques entre situações diversas, não caminhando na mesma direção em busca de um equilíbrio entre as relações de forma democrática e inclusiva.

O sistema de espaços livres analisado nesses recortes de estudo muitas vezes acaba se constituindo de inúmeros espaços residuais - sem funções de atividades sociais, como, por exemplo: canteiros centrais, corredores de linha de alta tensão, rótulas viárias e afins - que apresentam funções voltadas, em sua grande maioria, à infraestrutura viária. Esta sim apresenta grande apropriação por parte da população e do mercado econômico que usufrui do sistema viário para deslocamento. Estes espaços poderiam deixar de ser apenas resíduos e passar a fazer parte de uma estrutura que dê suporte ao específico contexto social, onde pessoas convivem e compartilham vivências por meio de atividades culturais, sociais e ambientais.

Referências

REIS FILHO, N. G: **Notas sobre urbanização dispersa e novas formas de tecido urbano.** São Paulo: Via das Artes, 2006.

SANTOS JUNIOR, W.: **Os Projetos Estratégicos e a Reestruturação do Território. Conflitos e Potencialidades na Região Metropolitana de Campinas.** Rio de Janeiro, ENAMPUR, 2011.

MAGNOLI, M.: **Espaços livres e urbanização: uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana.** São Paulo: FAUUSP, 1982.

CAIADO, M. e PIRES, M. **Campinas metropolitana: transformações na estrutura urbana atual e desafios futuros.** NEPO, UNICAMP, 2006.

SILVA, R.: **O Processo de Expansão Urbana Recente da Região Sudoeste de Campinas – Agentes e Impactos.** Campinas, PUC-Campinas/CEATEC/POSURB, 2013.

CAMPINAS: **Lei Complementar nº 04/1996 e Lei Complementar nº15/2006.** Campinas, São Paulo. Disponível em: <http://www.campinas.sp.gov.br/governo/seplama/planos-locais-de-gestao/>. Acesso em 2014.

FALEIROS, M.: **Urbanização Dispersa, Grandes Equipamentos e Impactos Urbanos: O Caso do Parque Dom Pedro Shopping.** Campinas, PUC-Campinas/CEATEC/POSURB, 2010.

NAHUM, N. N.: **Paisagismo produtivo na proteção e recuperação de fundos de vale urbanos.** Campinas, PUC-Campinas, 2007.

PARAHYBA, N. L.: **Consolidação de tecidos urbanos em Campinas: simultaneidades e condicionantes.** Campinas, PUC-Campinas, 2015.

SEMEGHINI, U.: **Campinas (1860-1980): Agricultura, industrialização e urbanização.** IE-Unicamp, Campinas, 1988.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma online a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

MARCIO DE OLIVEIRA RESENDE SOUZA E KLAUS CHAVES ALBERTO

Urbano x Antiurbano: A Proposta do *Campus* da UFMA no Centro Histórico de São Luís

*Urban x Antiurban: A Proposed Campus UFMA
in Historic Downtown São Luís*

Marcio de Oliveira Resende Souza

Engenheiro Eletricista pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1980), mestre (2013) em Ambiente Construído pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído (PROAC) da UFJF. Atuou como Pró-reitor de Infraestrutura no processo de expansão física da Universidade Federal de Juiz de Fora no âmbito do REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais no período de 2008-2011 e na prática de Engenharia, no desenvolvimento de projetos industriais e educacionais desde 1981. Trabalha na linhas de pesquisa da história da Arquitetura e Urbanismo na qual investiga o espaço físico universitário e a história dos campi universitários no Brasil e no mundo.

Electrical Engineer graduated at the Federal University of Juiz de Fora - UFJF (1980), master degree in Built Environment Postgraduate Program (PROAC) UFJF (2013). Worked as chief executive officer of Infrastructure department during the physical expansion process of the Federal University of Juiz de Fora within REUNI- Support Program for the Restructuring and Expansion of Federal Universities - between 2008-2011 and in the practice of engineering, development industrial and educational projects since 1981. Works in the research areas of history of Architecture and Urban Planning in which investigates the university physical space and the history of college campuses in Brazil and worldwide.

marcio.resende@ufjf.edu.br

Klaus Chaves Alberto

Arquiteto e Urbanista pela UFJF (1998), mestre (2003) e doutor (2008) em Urbanismo pelo PROURB da UFRJ. É professor adjunto do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFJF e do Programa de Pós Graduação em Ambiente Construído, líder do Grupo de pesquisa ÁGORA (UFJF), membro do núcleo de pesquisas LeU-UFRJ e do Núcleo de Pesquisa em Saúde e Espiritualidade (NUPES-UFJF). Atua como Arquiteto e Urbanista desenvolvendo projetos desde 1998. Trabalha em duas linhas de pesquisa principais: 1. teoria e história da Arquitetura e Urbanismo - a história dos campi universitários no Brasil e no mundo. 2. Evidências em Arquitetura e Urbanismo - envolvido com pesquisa no campo do urbanismo e da saúde.

Architect and Urban Planner graduated at the Federal University of Juiz de Fora - UFJF (1998), Master degree (2003) and PhD (2008) in Urban Planner at PROURB/UFRJ. Assistant Professor in Architecture and Urban Planning at UFJF undergraduate program and in Built Environment Postgraduate Program, leader of the AGORA Research Group (UFJF), research member at LeU center (UFRJ) and at the Center for Research in Health and Spirituality (NUPES-UFJF). Acts as Architect and Urban Planner developing projects since 1998. Works as a researcher in two major lines: 1. Theory and History of Architecture and Urbanism - the history of college campuses in Brazil and worldwide. 2. Evidence in Architecture and Urbanism - involved with research in urban planning and health

klaus.alberto@ufjf.edu.br

Resumo

No início da década de 1950, o significativo crescimento demográfico que ocorreu nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Brasil e outros países nas décadas anteriores, contribuiu para a criação de sistemas de ensino superior de massa, destinados a fornecer milhões de novas vagas para estudantes universitários. O ideal de *campus* americano deste período, compreendido como modernista e antiurbano, disseminou-se por muitos países como base física para a educação de massas. Entretanto, logo as limitações deste modelo se tornaram evidentes para estes países por não ser apropriado ao seu contexto sócio-cultural específico. Após 1968 surgiram casos históricos de ruptura com este modelo internacionalizado, ilustrados neste trabalho pelos casos da Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, da Universidade de Pavia, na Itália, e pelo estudo de caso do plano para a construção da Universidade Federal do Maranhão, no centro histórico de São Luís, no Brasil. Este artigo tem como objetivo ampliar o entendimento do planejamento universitário da época e suas interpretações regionais de modelos internacionais. A metodologia utilizada está relacionada com a área de estudos historiográficos em Arquitetura e Urbanismo e priorizou as fontes do período estudado. Assim, foram consultados livros e revistas relevantes sobre o tema, documentos oficiais e ainda foram feitas entrevistas com arquitetos envolvidos na narrativa. Os resultados encontrados durante o estudo revelam paradoxos culturais e uma crítica severa do ideal de *campus* modernista, localizado fora dos limites da cidade, o que levou à busca de novos modelos para a universidade. Algumas das inadequações deste modelo destacadas ao longo desse estudo persistem até hoje e sua discussão pode contribuir para o planejamento da universidade contemporânea.

Palavras-chave: *Campus*. Arquitetura. Urbanismo.

Abstract

In the early 1950's, the significant population growth that took place in the United States, England, France, Brazil and other countries in previous decades, contributed to the creation of mass higher education systems in order to provide millions of new vacancies in higher education. In this period the American ideal of university should combine the Modernist campus and its anti-urban characteristics. Given United State's influences as dominant culture, that model disseminated to many countries as physical support basis to mass higher education. However, soon the shortcomings of this model became apparent to these countries as they were not appropriate for their specific socio-cultural context. After 1968 historic cases arose that broke with the international model, illustrated in this paper by the case of the Catholic University of Louvain-la-Neuve, in Belgium, the University of Pavia, in Italy, and by case study of the plan to build the Federal University of Maranhão in the historic center of São Luís, in Brazil. This paper aims to explore the 20th century campus planning experiences in order to improve our conception of the university of the 21th century. The methodology used is related to the field of historiographical studies in Architecture and Urbanism and prioritized the specific literature and important journals of the studied period, in addition to official documents, in order to build the narrative. To support the case study strategy, we adopted a Literature Review of various sources. The results found during the study reveal cultural paradoxes and a severe criticism of the Modernist anti-urban campus ideal, which led to the search of new models for the university. Many of those issues persist today and their discussion may contribute to contemporary university planning.

Keywords: *Campus*. Architecture. Urbanism.

Urbano x Antiurbano: A Proposta do *Campus* da UFMA no Centro Histórico de São Luís

Introdução

Após a Segunda Guerra Mundial, Estados Unidos, Inglaterra e França reformaram seus sistemas universitários, em resposta ao significativo crescimento demográfico, à demanda do desenvolvimento industrial por técnicos, especialistas e gestores e para atender à pressão das camadas médias da população pelo acesso de seus jovens ao ensino superior (Huet; Gangneux, 1976).

O planejamento físico dos espaços universitários no século XX foi marcado por importantes realizações de figuras do movimento modernista mundial. Nos EUA, antes da Segunda Guerra Mundial, destacam-se os projetos do *campus* da Florida Southern College de Frank Lloyd Wright (1938), o Black Mountain College de Walter Gropius e Marcel Breuer – The Architects Collaborative (1939) e o Illinois Institute of Technology (1940) de Mies van der Rohe.

A influência cultural dos Estados Unidos no pós-guerra produziu modelos físicos e pedagógicos que se disseminaram em países cuja tradição universitária era eminentemente urbana. A adoção do *campus* funcionalista e antiurbano como base física de suporte aos seus sistemas de educação superior de massa representou, para alguns países, a adesão dos governos ao Modernismo, uma arquitetura tida como esteticamente adequada, “feliz, saudável, racional e, acima de tudo, moral” (Muthesius, 2000, p. 189).

Porém, a partir dos anos 1960 este modelo recebeu fortes críticas nos Estados Unidos, França, Inglaterra. No Brasil, nos anos 1980, essa proposta, bastante utilizada nos *campi* dos anos 1960 e 1970, foi fortemente questionada devido à segregação social resultante da desconexão dos *campi* com relação às cidades, evidenciada não só pelos limites físicos, mas também pela percepção de ambos, cidadão e comunidade acadêmica, de uma fronteira urbanística resultante de duas maneiras antagônicas de apropriação do espaço físico (*campus* x cidade tradicional). As críticas foram dirigidas também ao forte senso de zoneamento por área de conhecimento/atividade, percebido como promotor de distâncias sociais, físicas e de guetificação interna das universidades.

A crença no progresso como valor fundamental a ser perseguido e na autossuficiência das soluções científicas para o enquadramento dos problemas da sociedade, predominante no período pós-guerra na Europa (Muthesius, 2000, p.274) tinha dado lugar a uma nova tendência no planejamento de *campi*, sustentada na crítica aos espaços construídos anteriormente: o entendimento de que, agora, os espaços universitários deveriam se adequar ao comportamento social espontâneo, e não o contrário. Dessa forma, a ideia de que o espaço físico poderia moldar o comportamento social tornou-se amplamente questionada.

Neste contexto, surgiram novos modelos que buscaram o atendimento aos valores sociais, às preferências do homem comum e ao resgate da escala humana na arquitetura e no urbanismo. Como casos de ruptura com o modelo internacionalizado destacam-se as propostas de Georges Candillis e Shadrach Woods, em 1963, para o projeto de ampliação da Universidade Livre de Berlim e da Universidade de Konstanz, que

primaram pela busca de um ambiente universitário mais socialmente integrado. Estes projetos abandonaram a ideia de um espaço social específico (o Core), entendendo que “não existe nenhuma área na universidade que não possa ser considerado um espaço social” (Muthesius, 2000, p.276). No projeto em malha da Universidade Livre de Berlim, conforme se vê na Figura 1, “é óbvia a analogia [...] com um tecido urbano de ruas e travessas”, quarteirões e praças (Portas; Barata, p. 505, 1968).

FIGURA 1

Universidade Livre de Berlim
Projeto de Candilis - Josic - Woods.

Fonte: Google Earth, 2015.



Posteriormente, em 1968, os arquitetos Pierre Laconte e Jean-Pierre Blondel, conceberam o projeto da Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, buscando o afastamento das soluções mais tecnicistas e racionalistas, visando à construção de um espaço social para a universidade. Buscaram, como principal diretriz do projeto, o desenvolvimento da interação social encontrada nas antigas cidades que continham uma universidade em seu seio. Planejaram uma nova cidade para 50.000 habitantes [Figura 2], tendo como premissa a universidade integrada com cidadãos e indústria, buscando atender aos conceitos da tradição urbana europeia, à maneira de Oxford e Cambridge, em favor de uma interação denominada *town and gown*, em que a comunidade não acadêmica (*town*) ficasse integrada à comunidade universitária (*gown*), e esta, também à indústria (Laconte, 1980).

FIGURA 2

Universidade Católica
Louvain-la-Neuve

Fonte: Google Earth, 2015.



Outro caso relevante de ruptura com os ideais modernistas na concepção do espaço físico universitário ocorreu em 1970, com a reestruturação da Universidade Pavia no Centro Histórico da cidade de Urbino na Itália. O autor do projeto, arquiteto Giancarlo De Carlo uniu a preservação do patrimônio histórico à inserção de tecnologias e edificações modernas, concebendo uma estrutura universitária constituída de diferentes pólos inseridos na cidade medieval (De Carlo, 1976).

FIGURA 3

“O Magistério”, Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Livre de Urbino, 1968-1976. Arquiteto Giancarlo De Carlo.

Fonte: Google Earth, 2015.



Para De Carlo, “ao se distanciar do real contexto da sociedade e de suas mais concretas necessidades, a atitude elitista do Movimento Moderno somente acentuou a superficialidade da arquitetura” (De Carlo, 2005, p.7). Nesse aspecto, para o autor, esse movimento falhou ao propor soluções universais e utópicas de uma nova sociedade induzida pela nova Arquitetura e Urbanismo. Numa das manifestações em que melhor sintetiza sua desilusão para com o Modernismo, declarou: “a época dos heróis, do renascer, das soluções universais acabou. Função já não gera a forma automaticamente, ‘menos’ deixou de ser ‘mais’ e há pouca probabilidade de que ‘mais’ seja ‘menos’ novamente: utilidade e beleza não são mais duas metades da mesma maçã” (De Carlo, 2005, p.11).

A crítica nacional: os seminários sobre os *campi* universitários nos anos 1980

Um período fundamental para o estudo do Planejamento de *Campi* Universitários corresponde à implantação, nos anos 1960 e 1970, de inúmeros *campi* no Brasil. Até então a ideia de *campus* tinha sido cultivada paulatinamente, a partir dos anos 1930, por um grupo de intelectuais ligados à educação tais como Fernando de Azevedo e, posteriormente, Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro.

Sucessivos governos brasileiros lançaram mão de consultorias de especialistas americanos que “quando (...) aqui desembarcaram encontraram um terreno arado e adubado para semear suas ideias” (Cunha, 2007, p.24). Um dos consultores de maior destaque foi Rudolph Atcon que além de elaborar um diagnóstico sobre as universidades brasileiras (Atcon, 1966), publicou um manual de orientação para o planejamento de

campus no Brasil (Atcon, 1974). Esse manual serviu de referência para diversos arquitetos que se encontravam envolvidos no planejamento dos novos *campi* nos anos 1970 (Pinto; Buffa, 2009) (Campêlo, 2012) (Inhan, 2015).

Contudo, esses espaços universitários foram realizados dentro do contexto político de um regime de exceção, e cenário econômico conturbado, gerando inúmeros *campi* não consolidados e com deficiências na sua infraestrutura (Brasil, 1978, p.9). Muitas universidades apresentaram, nesses anos, dispersão física e eram impelidas a dividir suas atividades entre os novos *campi* e diversas unidades dispersas nos centros das cidades (Rodrigues, 2001, p.148).

Para consolidar a implantação inicial e solucionar as deficiências, o MEC – Ministério da Educação e Cultura¹ com o suporte financeiro do BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento, instaurou nos anos 1970 e 1980 os Programas MEC/BID I, II e III. No Programa MEC/BID III, foram beneficiadas 9 universidades federais: UFAL, UFC, UFF, UFG, UFJF, UFMA, UFMT, FUAC e FUAM, tendo o CEDATE – Centro de Desenvolvimento e Apoio Técnico à Educação, órgão que sucedeu ao PREMESU, coordenado as ações de expansão. (Rodrigues, 2001, p.147).

O CEDATE possuía cerca de 250 colaboradores, entre arquitetos e engenheiros do seu quadro e consultores - entre eles o educador Darcy Ribeiro (Mosqueira, 2013). Alguns como Adilson Macedo (nos anos 1980, autor do Plano de Desenvolvimento Físico da UnB - Universidade de Brasília), Paulo Zimbres (Plano da Universidade Federal de Uberlândia e atuação na Federal de Goiás), Severiano Mário Porto (Plano da Universidade Federal do Amazonas) e outros, alcançaram projeção nacional no campo do planejamento de *campi*.

Como requisito do Programa MEC/BID III, cada universidade mantinha, em suas dependências, um escritório para a elaboração dos projetos. Somente aqueles aprovados pelos engenheiros e arquitetos do CEDATE eram contemplados com a liberação de recursos para as obras (LOPES, 2013). Segundo Cláudio M. Mosqueira, Arquiteto, ex-Chefe do Departamento de Estudos e Planejamento do CEDATE, essa supervisão direta promoveu melhorias no processo de projeto das universidades (Mosqueira, 2013).

O CEDATE promoveu a expansão de inúmeras universidades e o planejamento e implantação de novos *campi* como os das Universidades Federais do Amazonas, Goiás, Maranhão e o Campus Federação da UFBA (Lopes, 2013)². Para o Arquiteto Sebastião de Oliveira Lopes, ex-Superintendente de Estudos e Pesquisa do CEDATE,

Na época do CEDATE havia uma preocupação muito grande com a qualidade técnica dos espaços universitários. Depois do CEDATE esta preocupação desapareceu, ficando deste modo os projetos dependentes de decisões políticas, que muitas vezes aprovavam projetos sem nenhuma qualidade técnica sendo exigido somente o cumprimento da meta financeira. Lamentavelmente esse modus operandi predomina até hoje (Lopes, 2013).

1 De 1967 a 1974 os projetos para o desenvolvimento das universidades eram coordenados pela Comissão Especial para Execução do Plano de Melhoramento e Expansão do Ensino Superior (CEPES), criada em 13 de março de 1967 pelo MEC. Em março de 1974 a CEPES, passou a denominar-se PREMESU - Programa de Expansão e Melhoramento das Instalações do Ensino Superior. Ao PREMESU, dentre outras atribuições, coube a administração dos convênios MEC/BID I e II, resultantes dos contratos de empréstimo firmados com o BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento (Rodrigues, 2001, p.148).

2 Atualmente, na expansão promovida pelo REUNI - Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 (Brasil, 2007), os critérios para a liberação de recursos pelo MEC se afastaram das questões relacionadas a um órgão de controle do planejamento físico das universidades. Não há supervisão direta do MEC quanto aos projetos de Arquitetura e Engenharia, que não passam pela aprovação daquele órgão, em direção contrária ao papel exercido pelo CEDATE nos anos 1980.

A necessidade de se criar meios para efetivar e acelerar o processo de implantação da Reforma Universitária Brasileira (Brasil, 1978) levou o MEC, a partir de 1974, por meio do PREMESU e, a partir de 1979, por meio do CEDATE a promover diversos seminários sobre Planejamento de *Campi* Universitários. Eles foram realizados no âmbito dos Programas MEC/BID I, II e III e se destinavam a desenvolver a cultura de planejamento físico universitário. Seu público alvo era os gestores de universidades, arquitetos e engenheiros envolvidos no processo, educadores e demais formuladores do pensamento relacionado ao tema. Como conferencistas participaram especialistas brasileiros, europeus e de outros países sul-americanos (Brasil, 1978).

Os seminários promovidos pelo MEC se constituíram como o principal fórum de planejamento arquitetônico e urbanístico dos *campi* universitários no Brasil. Entre as décadas de 1970 e 1980 foram promovidos um total de 5 seminários:

- I Seminário Nacional sobre Planejamento de *Campi* Universitários – 1975.
- Seminário de Conceituação de *Campus* Universitário - 1981.
- Seminário de “Avaliação da Morfologia Urbanística do *Campus* Universitário Brasileiro” - 1985.
- Seminário “Paisagismo no *Campus* Universitário Brasileiro” - 1986.
- Simpósio Nacional sobre Desenvolvimento Físico de Universidades: planejamento e gestão - 1989.

Arquitetos, urbanistas e teóricos do período buscavam novos padrões espaciais, afastando-se dos preceitos formais inerentes ao planejamento de *campi* utilizados nas realizações dos anos 1960 e 1970 no Brasil. A análise da ocupação das universidades implantadas resultou numa maior reflexão sobre as relações *campus* versus cidade, sobre o resgate de valores tradicionais urbanos na arquitetura e urbanismo de *campi*, além da discussão de preceitos formais da arquitetura moderna versus escala humana de valores, segregação extramuros e intramuros da universidade, etc.

O afastamento verificado na década de 1980 em relação às linhas do pensamento que nortearam a produção de *campi* das duas décadas anteriores pôde ser percebido nos anais do Seminário de Conceituação de *Campus* Universitário, realizado pelo PREMESU em 1981. As manifestações contrárias ao modelo implantado, consolidado e praticado desde os anos 1960 no Brasil podem ser divididas em quatro grupos distintos:

1. Quanto às relações da Universidade versus Cidade, dentro da ideia de que o modelo implantado teria criado o *campus* como território elitizado, não integrado à vida do cidadão comum, provocando o seu “divórcio” para com a sociedade.

O arquiteto Ricardo L. Farret, um dos palestrantes do Seminário de Conceituação de *Campus* Universitário, destacou que o planejamento do *campus* “foi levado a extremos e não teve, ou teve muito pouco, a ver com o planejamento da cidade na qual ele está inserido” (Farret, 1984, pp.31-32). Já Alípio Castelo Branco considerava que “as condições concretas de nossa realidade urbana não foram levadas em conta, preferindo-se retomar o primitivo modelo americano de *Campus*, nessa época já colocado em questão em diversos países, inclusive nos Estados Unidos” (Branco, 1984, p.23).

Ainda sob esse aspecto, o arquiteto Sérgio Assunção (1984, p.77), consultor do CEDATE, ao abordar a cidade universitária da USP, verificou que “ela foi constituída como sendo um núcleo, uma ilha toda fechada, com perimetral, etc.”. Hoje, a cidade de São Paulo “chegou até o *Campus*, deu a volta e continuou do outro lado”. Outro palestrante, o

arquiteto Enaldo Nunes Marques (1984, p.55), acrescentou ainda que o *campus* “serviu basicamente, em dados momentos, em algumas cidades nossas, apenas para valorizar e aumentar o valor da renda fundiária das terras próximas ao *Campus*”.

Esse tema se tornou tão relevante ao longo do seminário, que foi alvo das recomendações finais do mesmo, carregadas de certo tom de manifesto contra o “apartheid” geográfico que caracterizou a maioria dos *campi* de universidades federais brasileiras. E assim, dentre outros aspectos, resultou do seminário o entendimento de que “o *Campus* de uma sociedade urbana não deve ser um território isolado e autossuficiente, de modo a segregar a Universidade como foram concebidas as primitivas Cidades Universitárias” (Brasil, 1984a, p.132). Da mesma forma, o *campus* como ambiente de espacialidade imposta, segregado interna e externamente, visto pelos críticos da época como responsável pela falta de identificação do estudante com o seu ambiente, teve vários exemplares emblemáticos como o da Universidade Federal do Amazonas [Figura 4], construído no meio da floresta como uma ilha apartada da cidade de Manaus.



FIGURA 4

Campus da UFAM – Manaus

Fonte: Google Earth, 2015

A selva como barreira física, ou a perimetral da USP, ou cinturões verdes para blindar o *campus* do espaço urbano das cidades, guardam um padrão, uma tendência no planejamento das universidades nos anos 1960 e 1970. A desconexão com a cidade foi evidenciada não só nos limites físicos, mas também pela percepção de ambos, cidadão e comunidade acadêmica, de uma fronteira urbanística resultante de duas maneiras antagônicas de apropriação do espaço físico (*campus* modernista x cidade tradicional).

2. Quanto à rígida setorização das edificações, zoneadas por área de conhecimento, resultando na segregação da comunidade universitária em guetos.

Os Anais do Seminário de Conceituação do *Campus* Universitário testemunham uma importante discussão relacionada ao planejamento de *campi* no Brasil. O *campus*, recém-implantado, é ali definido como formalizado “de maneira paradigmática nos manuais do Movimento de Arquitetura Moderna: setorização rígida das diversas funções, estrutura viária que privilegia o automóvel [...] e implantação isolada dos edifícios em meio a extensas áreas” (Brasil, 1984a, p.12). Nele, a proposta de setorização, que teria

como virtudes uma melhor organização do espaço universitário, desagregou a comunidade universitária, e assim, “o discurso arquitetônico não manteve correspondência com o discurso literário do modelo de organização interna do *campus*, que na maioria das vezes não conseguiu criar condições mínimas de integração acadêmica” (Brasil, 1984a, p.12).

Para Alípio C. Branco (1984, p.29), palestrante do evento, a forma espacial precisa guardar certa ambigüidade, deixando às pessoas uma margem de liberdade na codificação e na articulação dos lugares. Isso só é possível quando não se impõe à vida universitária a rigidez do formalismo e as limitações do funcionalismo arquitetônico. Para ele, o isolamento e a segregação foram levados às últimas conseqüências, segundo uma concepção ambiciosa de Cidade Universitária que permanece inviável até os nossos dias e que resultou no agravamento da fragmentação e da desarticulação da universidade, parte dos alunos e dos professores sendo segregados em prédios dispersos no interior de grandes áreas da periferia das cidades.

3. *Quanto à arquitetura tipificada dos campi – edificações padronizadas e a ausência do traçado urbano convencional formado por ruas, quarteirões, praças, etc., como referenciais tradicionais e elemento de encontro e identificação do cidadão com a cidade.*

Adilson C. Macedo, pesquisador, Consultor do CEDATE nos anos 1980, autor do Plano de Desenvolvimento Físico das Universidades de Brasília, Alagoas, Sergipe, Pelotas e Rio Grande do Sul foi uma das vozes que se manifestaram contra a tipificação da arquitetura no ambiente universitário. Dentro da política desenvolvimentista dos anos 1970, os governos buscaram um “pulo para a modernização”, e as universidades, encarregadas de suprir profissionais para alavancar esse desenvolvimento, precisavam ser construídas em grande número e rapidamente. Essa “urgência” levou ao encurtamento do tempo destinado às fases de planejamento e projeto, induzindo à repetição de projetos e elementos construtivos (Macedo, 1984). Afastando-se dos princípios urbanos tradicionais, essa prática levou à predominância de edifícios tipificados, que não se diferenciam um do outro quando vistos do lado de fora, subvertendo a maneira tradicional com que o cidadão se referencia no espaço urbano, impossibilitando a percepção da função dos edifícios.

O arquiteto Sérgio Assunção (1984, p.78) observa que o “*Campus* da universidade é uma silhueta que se destaca do resto, não tem absolutamente uma característica urbana”. Ruth P. Daniel (1984, p.41) ressalta a importância de se encarar a integração socioespacial e física interna ao *Campus* e deste com a Cidade.

4. *Quanto à baixa vivência humana e aos prejuízos à sociabilização causados pelo ambiente do campus.*

Farret (1984, p.34) demonstrou preocupação com a aridez do *campus* enquanto espaço de vivência humana. Ele critica o tecnicismo inerente ao seu planejamento, entendendo que o *campus* deva ser uma estrutura que transcenda os limites da Engenharia e da Arquitetura, e envolva outros contextos, concluindo que

isso vai se refletir nessas vinculações entre a Cidade e o Campus, festa e trabalho [...], fenômenos que ocorrem com naturalidade em certos setores da Cidade, e que no Campus adquirem um caráter rígido, programado, quando não totalmente ausente.

Muitos dos projetos de *campi* baseados nos princípios modernistas estabeleciam um lugar específico para a sociabilização e integração das comunidades universitárias – o *core* que deveria receber alguns aparelhos destinados a esse fim. Em muitos *campi*, devido à falta de recursos, esses espaços não se concretizaram.

A organização da vida em zonas de atividade segregadas é tida pelos críticos como um tanto afastada da real natureza humana, que não responderia a esse modelo.

No Brasil, a integração social no *campus* foi prejudicada pelo fato de que, aos arranjos físicos de *campi* não se polarizaram equipamentos comunitários de apoio e serviços, enfraquecendo “a consolidação da figura do *campus* como lócus de uma forma de vida comunitária mais consolidada” (Macedo, 1986).

Luciano D. Gusmão, autor de “O Território Universitário” (1970 - UFMG), acrescentou que a vida na UFMG e na UFRJ é de uma “monotonia terrível” e que o *campus* deveria ser repensado como integrado à cidade (Gusmão, 1984, p.50). Assunção (1984, p.76), enfatizou que a relutância da comunidade acadêmica da UFSe em se mudar para o seu *campus* se deveu a “aquele ambiente hostil, que não tinha nada a ver com a estrutura urbana que a comunidade está acostumada a viver”.

Outros seminários nacionais específicos ocorreram sob a coordenação do PREMESU e do CEDATE, onde as manifestações extraídas convergiram com a crítica internacional anterior, em que autores como Yazid (1976), Huxtable (1981), Huet (1976), De Carlo (1976), Brett (1963), Gangneux (1976), Laconte (1980), Dottelonde (1976), e muitos outros já apontavam problemas semelhantes nas realizações europeias e norte-americanas. Como no caso brasileiro, a crítica internacional viu a necessidade de uma revisão da relação da universidade com o seu território, buscando eliminar o distanciamento social produzido pelos aspectos segregadores internos, dos rígidos preceitos do zoneamento modernista por área de conhecimento, e do isolamento com relação à cidade e às comunidades urbanas.

As críticas do Seminário de conceituação do *Campus* Universitário (1981) se manifestaram em prol de uma reintegração dos estudantes à cidade e da superação da esfera superestrutural e ideológica a que foram submetidos os arquitetos, educadores e administradores, que resultou na interiorização da ideia de um paraíso antiurbano à moda americana. O palestrante Alípio P. Castello Branco³ sintetizou as críticas aos espaços universitários, na época recém-introduzidos no Brasil, ao afirmar que: “ao que parece, a experiência vivida no País e as condições concretas da nossa realidade urbana não foram levadas em conta, preferindo-se retomar o primitivo modelo de *campus* americano” (Branco, 1984, p.23).

Um caso brasileiro: o *campus* da UFMA - Universidade Federal do Maranhão no centro histórico de São Luís

Esse ambiente crítico contrário à noção já sedimentada de *campus* deu espaço ao desenvolvimento de uma proposta inovadora e de grande importância do MEC/ CEDATE,

³ Consultor de planejamento urbano, Assessor da Diretoria da Superintendência de Desenvolvimento da Região Metropolitana de Belo Horizonte – Plambel

em 1983, para a implantação de um *campus* da UFMA no Centro Histórico de São Luís. As distâncias conceituais e espaciais entre essa proposta e o modelo do *campus* hegemônico até então revelam um momento marcante e pouco explorado na historiografia brasileira.

À época, existiam dois caminhos técnicos paralelos para esta Universidade, dentro do Programa MEC/BID III. Por um lado, o CEDATE pretendia uma ocupação urbana do Centro Histórico. Por outro, o escritório técnico da UFMA prosseguia em suas ações para a consolidação do *campus* do Bacanga onde, em 1972, havia sido “inaugurada a primeira unidade” (UFMA, 2015). No entanto, “a Federal do Maranhão dispunha ainda de 72 % de seus imóveis fora do *campus*” (Rodrigues 2001, p.150), mantendo atividades em diversos prédios do centro da cidade, que foram o ponto de partida na seleção do acervo arquitetônico destinado à construção de um espaço universitário baseado na reabilitação, reconstrução, restauração ou demolição de edifícios e de outros espaços (Brasil, 1984b, p.24).

Em outubro de 1983, por meio da Portaria nº 427, o MEC instituiu uma Comissão Técnica para estudar a implantação urbana da UFMA no Centro Histórico, tendo como coordenador o arquiteto Tancredo Maia Filho, do CEDATE. A comissão formulou a proposta de ocupação, indicando os agentes e delimitando os procedimentos técnicos e administrativos necessários ao empreendimento. O relatório desse trabalho foi compilado na publicação “Universidade Federal do Maranhão no Centro Histórico de São Luís” (Brasil, 1984b). Foi verificada a viabilidade no aproveitamento de 121 prédios, dispostos em 55 quadras do centro da cidade, formando cinco conjuntos de edificações, conforme numerados de 1 a 5 na Figura 5, totalizando uma área de 60.475 m².

Na introdução do relatório da comissão constam diversas justificativas, das quais deve ser destacada a seguinte:

A intervenção que ora se propõe se reveste de características peculiares não só por questionar uma prática da universidade brasileira de construir *campus* universitário fora do centro urbano, como por viabilizar o aproveitamento do acervo arquitetônico e urbano de São Luís, pelo carreamento dos recursos financeiros para sua restauração, adaptação e agenciamento (Brasil, 1984b; p.12).

A fundamentação da proposta encontra paralelo com os princípios de Giancarlo de Carlo para implantação, nos anos 1970, do *campus* da Universidade de Pavia no centro histórico da cidade de Urbino, uma estratégia baseada na reconstrução/readequação de prédios antigos existentes, adequando-se à malha urbana. Por outro lado, tem propósitos de resgate da tradição urbana a exemplo da Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, na Bélgica, que atendeu às diretrizes dos arquitetos Pierre Laconte, Jean-Pierre Blondel e Raymond Lemaire. Por meio dessa proposta, o CEDATE buscava a reinvenção do espaço universitário, inspirado em valores mais próximos das tradições urbanas, buscando a integração social da comunidade acadêmica no espaço urbano existente, parecendo os ideais do Seminário de Conceituação de *Campus* Universitário e os objetivos dos planos diretores de Pavia e Louvain-la-Neuve.

FIGURA 5

Trecho do Centro de São Luís evidenciando 5 conjuntos de edifícios englobando as 55 quadras passíveis de ocupação pela UFMA –

Legenda: 1 a 5 – Conjuntos arquitetônicos considerados viáveis para intervenção

Fonte: BRASIL, 1984b e Google Maps



Para a Comissão, os estudos “produziram um saldo positivo e altamente favorável à implantação do *Campus* Urbano da UFMA no Centro Histórico de São Luís” (Brasil, 1984b, p.15). O relatório dessa equipe apontou as premissas orientadoras da proposta e os objetivos que justificavam a implantação do *campus* urbano (Brasil, 1984b, p.16):

- Inserção da universidade no lócus do cidadão comum, integrando a vida acadêmica e a vida comunitária;
- Recuperação, adaptação e preservação do patrimônio histórico, do centro de São Luís;
- Revitalização de zonas urbanas em estado de depressão;
- Resgate do vultoso capital social representado pelas edificações existentes, otimizando os recursos;
- Resgate de tecnologias tradicionais de construção civil e desenvolvimento de outras para a intervenção em áreas históricas.

Na concepção do estudo efetuado, devido à vinculação das questões de ordem pedagógica com o planejamento físico, ficou clara a necessidade de definição entre dois caminhos a seguir: 1. agrupamento dos edifícios por área de conhecimento; 2. vinculação por natureza de atividades – teóricas ou práticas. Decidiu-se por privilegiar a segunda alternativa e, portanto, a universidade deveria atender à “seleção por tipo de atividades – teóricas e práticas - independentemente da área de conhecimento” (Brasil, 1984b, p.18). Esse critério representa outra ruptura de paradigma com o modelo então já institucionalizado no Brasil, e é uma medida cuja lógica poderia impedir a criação de guetos. Segundo o relatório da comissão,

a concentração de atividades teóricas no *Campus Urbano* permite uma ampla e constante convivência de docentes e discentes de diferentes áreas de conhecimento, inclusive na realização de estudos e trabalhos interdisciplinares (Brasil, 1984b, p.18).

Em contraposição ao modelo de *campi* suburbano, a comissão manifestava o ideal de um espaço único para a cidade e universidade, tendo, como argumento, consideráveis ganhos sociais, por favorecer “um bom relacionamento entre a vida universitária e a vida cidadã, com vantagens mútuas: centro urbano e centro universitário estreitamente entrelaçados e permeados” (Brasil, 1984b, p.19).

FIGURA 6

Edificação situada à Rua da Paz, 605.

(uma das 121 passíveis de ocupação pela UFMA).

Fonte: Brasil, 1984b, p.75.



Para os autores do relatório,

as condições específicas do Centro Histórico de São Luís – centro urbano ainda vivo, mantendo todas as funções urbanas dentro de um contexto arquitetônico singular e íntegro e de relevância nacional, constituem fatores decisivos para o êxito da proposta, que poderá se constituir em experiência piloto, cujos efeitos multiplicadores se reverterão em favor de mudanças na política de implantação dos *campi* das universidades brasileiras e na relação com suas comunidades (Brasil, 1984b, p.12).

Porém, a tentativa do MEC/ CEDATE, de promover a expansão da UFMA por meio da recuperação de prédios históricos no Centro Histórico de São Luís, desincentivando novos investimentos no *campus* do Bacanga “não obteve eco junto ao segmento universitário” (Rodrigues, 2001). A proposta, uma vez submetida à administração superior da UFMA, não encontrou aceitação e nunca foi executada. Para Maia Filho (2013),

o caso do *campus urbano* no Centro Histórico de São Luís foi lamentável, pois perdeu-se uma oportunidade ímpar de implantação de uma universidade urbana em contraponto às diretrizes do regime militar de tirar a vivência universitária da vivência urbana das cidades, deslocando os *campus* universitários para as periferias ou zonas rurais! [...]. No entanto, a Reitoria daquela universidade, numa triste demonstração de visão retrógrada, talvez ainda com os mesmos princípios isolacionistas do regime militar, não aprovou o projeto (Maia Filho, 2013).

Não houve uma recusa formal da UFMA à proposta do CEDATE, mas a não adesão ficou implícita, tendo em vista que novos projetos continuaram a ser submetidos à

aprovação do CEDATE, sendo todos eles destinados à expansão do *campus* do Bacanga, nos arredores de São Luís. Segundo Maia Filho (2013 apud Rodrigues, 2001, p.180), “não passou por aí! Passou pelo não fazer, não incentivar. Quando vinha um projeto, era projeto no *campus*. Vinha outro projeto..., e era projeto no *campus*”. Também não houve por parte do CEDATE uma imposição de sua proposta de *campus* no Centro Histórico à comunidade universitária da UFMA (Maia Filho, 2013 apud Rodrigues, 2001, p.180).

Dessa maneira, restou frustrado o ideal de um espaço único para a cidade e universidade, o que poderia conferir consideráveis ganhos sociais, por favorecer “um bom relacionamento entre a vida universitária e a vida cidadã, com vantagens mútuas: centro urbano e centro universitário estreitamente entrelaçados e permeados” (BRASIL, 1984a, p.19). Em se tratando de aspectos culturais, deve ser considerado o fato de que a ordenação/ estruturação do espaço físico atendendo a uma “ordem artificial marcada pelo desenho das ruas e pela implantação setorizada dos edifícios [...] uma racionalidade que define materiais, técnicas, modulação e, conseqüentemente, formas e espaços” (BUFFA; PINTO, 2006), já havia muito estava interiorizada nas mentes dos professores, alunos, o que pode explicar, segundo Tancredo Maia a resistência maior à proposta, a do próprio Reitor à época (Rodrigues, 2001, P.180).

Considerações Finais

O discurso crítico dirigido aos aspectos morfológicos, urbanísticos e geográficos do *campus* como espaço universitário, ocorrido no Brasil nos anos 1980, encontra convergência e se aproxima do contexto análogo que teve início nos Estados Unidos e Europa nos anos 1960.

A busca por novos modelos espaciais que, no contexto americano, consolidou o Chicago Circle *Campus*, na Europa também originou projetos como a Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, na Bélgica e Universidade de Pavia, na Itália. No Brasil, os ideais embutidos nesses planos guardam fortes relações com a proposta do CEDATE de implantação da Universidade Federal do Maranhão no centro histórico de São Luís, nos anos 1980.

Os debates sobre os temas levantados no artigo podem contribuir para o entendimento dos *campi* existentes, mas, principalmente, podem servir como contribuição teórica para a concepção de novos *campi* e demais espaços universitários que vierem a ser implantados no contexto dessa atual expansão dos *campi* universitários brasileiros.

Referências

ASSUNÇÃO, Sérgio. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984. p.75-78.

ATCON, Rudolph P. **Manual Sobre o Planejamento Integral do Campus Universitário**. Rio de Janeiro: MEC-PREMESU / CRUB, 1974.

ATCON, Rudolph P. **Rumo à Reformulação estrutural da Universidade Brasileira**. Rio de Janeiro: MEC/DES, 1966.

BRANCO, Alípio P. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984. p.15-30.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Anais do I Seminário Nacional sobre Planejamento de Campi Universitários**. Brasília, DF: PREMESU – Departamento de Documentação e Divulgação, 1978.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984a.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Universidade do Maranhão no Centro Histórico de São Luís**. Brasília, DF: CEDATE, 1984b.

BRETT, Lionel. Problems of Planning New Universities. **The Architectural Review**, London, p.257-282, Oct. 1963.

CAMPÊLO, Magda. **Campus no nordeste: Reforma Universitária de 1968**. 2012. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2012. CUNHA, Luiz Antônio. **A Universidade Reformada: O Golpe de 1964 e a Modernização do Ensino Superior**. São Paulo, SP: Unesp, 2007.

DANIEL, Ruth P. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984. p.37-43.

DE CARLO, Giancarlo. **Architecture's Public**. In: JONES, Peter Blundell; PETRESCU, Doina; TILL, Jeremy (Eds.). **Architecture and Participation**. London: Routledge, p.3-22, 2005.

DE CARLO, Giancarlo. **Pavie: La Ville et le Modèle Multipolaire**. **L'Architecture D'Aujourd'hui**, Paris, n° 183, p. 51-62, jan./fev.1976.

DOTTELONDE, René. Entrevista concedida a Bernard Huet. **L'Architecture D'Aujourd'hui**, Paris, n° 183, p.7-14, jan./fev.1976.

FARRET, Ricardo L. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984. p.31-35.

GUSMÃO, Luciano D. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984. p.45-53.

HUET, Bernard; GANGNEUX, Marie Christine. **Université, Ville et Territoire**. **L'Architecture D'Aujourd'hui**, Paris, n°183, p. 1-2, jan./fev.1976.

HUXTABLE, Ada L. **Is Modern Architecture Dead?** **The New York Review of Books**, New York, p.1 - 13, jul.1981. Disponível em: <http://www.nybooks.com/articles/archives/1981/jul/16/is-modern-architecture-dead/?pagination=false>. Acesso em: 27/05/2013.

INHAN, Gabriella. **Rudolph Atcon, entre o educacional e o urbanístico na definição de diretrizes para campi universitários no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Ambiente Construído) - Faculdade de Engenharia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG, 2015.

LACONTE, Pierre. **Toward an Integrated Approach of Urban Development and resources /conservation: The Case of Louvain-la-Neuve**. **The annals of American Academy**, n°451, p.142-148, 1980.

LOPES, Sebastião de O.: Questionário [jan. 2013]. Autor: Márcio de Oliveira Resende Souza. Juiz de Fora: UFJF.

MACEDO, Adilson C. **O Meio Ambiente Edificado e o Uso dos Espaços do "Campus"**. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, 1984, p.59-67.

MACEDO, Adilson C. O desenho do campus universitário. São Paulo, SP: **Projeto** n. 93, p. 96-98, nov.1986.

MAIA FILHO, Tancredo: Questionário [mar. 2013]. Autor: Márcio de Oliveira Resende Souza. Juiz de Fora: UFJF.

MARQUES, Enaldo N. In: BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Campus Universitário – Textos**. Brasília, DF: CEDATE, p.55-57, 1984.

MOSQUEIRA, Cláudio Mafrá: Questionário [2013]. Autor: Márcio de Oliveira Resende Souza. Juiz de Fora: UFJF.

MUTHESIUS, Stefan. **The Postwar University: Utopianist Campus and College**. New Haven, CT: Yale University Press, 2000.

PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação: câmpus universitários brasileiros**. São Carlos: EDUFSCar, 2009.

PORTAS, Nuno Martins; BARATA, J. P. Martins. **A Universidade na Cidade: Problemas Arquitectónicos e de Inserção no Espaço Urbano**. Lisboa, p. 492-509, 1968. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1224253050L4gFE7bb4Ct23JQ2.pdf>. Acesso em: 05/12/2013.

RODRIGUES, Luiz A. F. **Universidade e a fantasia moderna: a falácia de um modelo espacial único**. Niterói, RJ: EdUFF, UFF. 2001.

YAZID, Abou Constantine: un Signe Blanc. **L'Architecture D'Aujourd'hui**, Paris, n°183, p.19-23, jan./fev.1976.

Página visitadas:

UFMA. Disponível em: <http://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/historico.jsf>, Acessado em: 31/08/2015.

GOOGLE. Google Earth. Versão 7.1.5.1557. 2015. Louvain-la-Neuve. Disponível em: <http://www.google.com/earth/>. Acesso em: 08/09/2015

GOOGLE. Google Earth. Versão 7.1.5.1557. 2015. Universidade Federal do Amazonas. Disponível em: <http://www.google.com/earth/>. Acesso em: 08/09/2015

GOOGLE. Google Earth. Versão 7.1.5.1557. 2015. Universidade Livre de Berlim. Disponível em: <http://www.google.com/earth/>. Acesso em: 08/09/2015

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvo o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

LAURA MACHADO DE MELLO BUENO E ESTELA REGINA DE ALMEIDA

Estudos de adaptação: dilemas da regularização de bairros com favelas com Áreas Ambientalmente Sensíveis

Studies of adaptation: dilemmas of regularization of neighborhoods with slums with Environmentally Sensitive Areas

Laura Machado de Mello Bueno

Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas no Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, no Programa de Pós Graduação em Sistemas de Infraestrutura Urbana e na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Atualmente coordena o Programa de Pós Graduação em Urbanismo - POSURB.

Professor at the Catholic University of Campinas in the Postgraduate Program in Urban Planning and at the Postgraduate Program in Urban Infrastructure Systems in the School of Architecture and Urban Planning. Currently coordinates the Postgraduate Program in Urban Planning - POSURB.

laurabeuno500@gmail.com

Estela Regina de Almeida

Arquiteta e Urbanista pela PUCCampinas e MSc pela PUCCampinas.

Architect and Urban Planner graduated at the Catholic University of Campinas and MSc from the same university.

estela.r.almeida@gmail.com

Resumo

A população urbana em áreas ambientalmente sensíveis (AAS) e com alta vulnerabilidade é importante desafio na adaptação do ambiente urbano para atender às necessidades humanas em situação de dinâmicas climáticas. A falta de alternativas ao acesso da população de menor renda à habitação adequada faz com que grande parcela dessa população ocupe AAS e produza suas próprias moradias. O acelerado crescimento das cidades brasileiras foi acompanhado do agravamento dos problemas urbanos e ambientais, assim como das desigualdades sócio espaciais. O arcabouço jurídico institucional urbano ambiental experimentou avanços muito significativos nos últimos anos no Brasil. Porém, mesmo com tantas leis ainda não se está próximo de equacionar o problema. Uma das ações públicas benéficas é a urbanização de favelas. Entretanto, sua implementação enfrenta preconceitos e obstáculos que desafiam técnicos, gestores e moradores engajados na concretização do direito à cidade saudável e sustentável. Entendida como ação integrada, a urbanização segue um projeto e um plano de ação. O desafio, que vem sendo enfrentado ainda em escala experimental e referencial em projetos analisados, é a incorporação de obras e procedimentos mais sustentáveis visando efetiva adaptação com justiça social.

Palavras-chave: Adaptação das cidades. Urbanização de favelas. Área Ambientalmente Sensível. Recuperação ambiental. Minimização dos impactos.

Abstract

The urban population in environmentally sensitive areas (ESA) and high vulnerability is an important challenge for adaptation of better urban environment to meet human needs in climate dynamics situation. The lack of alternatives to the access of low income population to good housing makes large portion of this population occupy ESA and build their own houses. The rapid growth of Brazilian cities been followed by worsening of urban and environmental issues, as well as the socio spatial inequalities. The urban environmental legal and institutional framework has experienced very significant advances in the past years in Brazil. But even with so many laws we're not close to solve the problem yet. One of the beneficial public actions is the upgrading of slums. However, its implementation faces prejudice and obstacles that challenge technicians, managers and residents engaged in the realization of the right to healthy and sustainable city. Understood as an integrated action, urbanization follows a design and plan of action. The challenge, which is still being faced in experimental and reference scale in analyzed projects, is the incorporation of sustainable works and procedures for effective adaptation with social justice.

Keywords: Adaptation of cities. Slum Upgrading. Environmentally Sensitive Area. Environmental recovery. Minimization of impacts.

Estudos de adaptação: dilemas da regularização de bairros com favelas com Áreas Ambientalmente Sensíveis

Introdução

A terra urbanizada, provida de serviços, equipamentos e infraestrutura, tornou-se cada vez mais cara, levando os que não tinham recursos a lugares cada vez mais distantes, precários e perigosos e à ocupação irregular. Este processo contínuo mostra a histórica ausência de uma política de democratização do acesso à terra articulada com as políticas habitacional e urbana, nos diferentes níveis de governo no Brasil.

Após anos de luta, em 2001, aprovou-se o Estatuto da Cidade (lei federal 10257), um dos grandes marcos da reforma urbana. Nele consta o direito a cidades sustentáveis com serviços públicos, trabalho e lazer, além de garantir a regularização fundiária e urbanização de terras ocupadas.

Com a criação do Ministério das Cidades, em 2003, desenvolveram-se programas urbanos e habitacionais propostos para atender as necessidades concretas dos assentamentos precários para melhoria das condições de vida dos moradores minimizando os impactos ambientais.

Sendo o ambiente um todo indiviso, não cabe falar na sua proteção e melhoria sem que se considere o melhor para o conjunto, sem que se qualifiquem as condições de vida na totalidade da cidade, inclusive porque aspectos como a preservação da água de abastecimento, a mobilidade e a funcionalidade da cidade dependem da integração e abrangência de ações e não de ações exemplares, porém pontuais.

O quadro recente da economia, ao mesmo tempo em que reduz o emprego estável e de qualidade, particularmente para as parcelas mais despreparadas e frágeis da população, que se beneficiaram da ampliação de vagas com baixos salários, requer condições de funcionalidade urbana de superior qualidade. Essas novas espacialidades urbanas vêm se constituindo à custa de concentração de investimentos em determinadas áreas da cidade, ao lado de reduzida oferta de serviços públicos onde não há mercado e em assentamentos informais.

Enfrentar esses temas é uma questão de justiça social para viabilizar qualquer desenvolvimento. O crescimento econômico - no campo do urbano, o apoio público aos negócios privados do desenvolvimento urbano - não dá respostas. Mais do que o trânsito congestionado e as limitações das redes de infraestrutura, é a falta de alternativas para a ampla questão social que embarga um melhor funcionamento da cidade. Martins sintetiza o desafio colocado:

Nesse contexto, a formulação de Políticas Urbanas no Brasil, como nas metrópoles de países periféricos, particularmente da América Latina, exige repensar o Urbanismo e o Meio Ambiente: se nas metrópoles, a funcionalidade demandada pelo setor produtivo internacionalizado se implementa combinada a um quadro de degradação socioambiental. (MARTINS, 2006, pág. 64).

Como a população de baixa renda historicamente não consegue acesso ao mercado imobiliário formal, muitas vezes tem sido levada a ocupar áreas ambientalmente sensíveis¹.

Segundo o Projeto Gepam (2006):

Uma Área Ambientalmente Sensível (AAS) aquela que requer considerações especiais devido as suas características únicas físicas, biológicas ou culturais. Em geral dois tipos de AAS são considerados: 1) aquelas que são sensíveis porque possuem recursos naturais de grande importância e que devem ser consideradas prioritárias para a conservação; e 2) aquelas áreas em que certos tipos de desenvolvimento/ocupação devem ser limitados devido aos riscos ambientais que representam. (Projeto GEPAM, 2006).

No meio urbano destacam-se as áreas próximas à rede hídrica e encostas com declividade acentuada ou condições geotécnicas instáveis.

O tratamento e a recuperação de fundos de vale no espaço intra-urbano quanto à qualidade das águas e outras funções ambientais e paisagísticas na maioria das cidades tem fortes ligações com o problema de moradia precária e com as necessárias adaptações do ambiente urbano, como a recuperação das funções de microclimatização através dos fluxos de ar e umidificação proporcionadas por faixas arborizadas nos fundos de vale, assim como nas vias públicas.

Os projetos de regularização fundiária sustentável propõem retirar as famílias das áreas ambientalmente sensíveis. A recuperação destas áreas garante a qualidade ambiental e hídrica na região e conseqüente melhor qualidade de vida aos moradores do assentamento e de toda a microbacia hidrográfica na qual a favela estiver inserida. Estes projetos tem a função de desenvolver atividades que mantém preservadas as áreas ambientalmente sensíveis e integradas ao plano urbano contando que não serão novamente ocupadas. No planejamento da ação, o direito à cidade e à moradia de todos os ocupantes deve ser considerado e atendido em um plano de ações integradas.

Experiências paradigmáticas nos anos 1980 e 1990 foram sendo estudadas no meio técnico científico e consolidadas como políticas públicas, modeladas dentro de um contexto de conflitos ideológicos e colisões entre direitos tradicionais e novos direitos formalizados, apesar de nem sempre praticados a partir dos anos 2000. As reflexões apresentadas no artigo têm base no conhecimento acumulado pelo acompanhamento deste processo e sistematizado em estudos dos casos em BUENO (2004, 2005); BUENO e FREITAS (2007); BUENO, OLIVEIRA, ALMEIDA e ALMEIDA (2009); PERA, ARRUDA e BUENO (2012) e ALMEIDA (2014), entre outros. Tem como objetivo propor uma ponte para integrar o direito à cidade e ao ambiente equilibrado nas intervenções em assentamentos de gênese ilegal com áreas ambientalmente sensíveis no meio urbano, através da sua avaliação como medidas reparatórias, compensatórias e mitigatórias.

¹ Segundo o IBGE (IBGE _ Sala de imprensa _ notícias _ Censo 2010_ 11,4 milhões de brasileiros (6,0%) vivem em aglomerados subnormais) em 2010 o país possuía 6329 aglomerados subnormais (assentamentos irregulares com mais de 50- domicílios, conhecidos como favelas, invasões, comunidades etc), com 3 224 529 - 5,6% - dos domicílios do Brasil. Destes 52,5% estavam em áreas planas, 26,8% em áreas com aclive moderado e 20,7% com aclive acentuado. Em relação à condição de acessibilidade, 51,8% dos domicílios estavam de frente para uma rua com passagem de caminhão.

Problemática

Apesar dos avanços institucionais ocorridos nos anos recentes, infelizmente, na prática, no território e junto à população há uma quantidade considerável de obstáculos a serem superados, de intersecções não resolvidas e de ajustes relativos aos limites daquilo que pode ser considerado aceitável e não aceitável em termos de uso e ocupação do solo urbano versus a preservação e a conservação ambientais.

A Lei Lehman – lei federal 6766/79, lei de parcelamento do solo em seu artigo 2º define que podem ser delimitados por lei Zonas Habitacionais de Interesse Social (ZHIS).

O Estatuto da Cidade reforçou e ampliou esse instrumento criando as Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) que são áreas demarcadas no território de uma cidade destinadas a novas moradias populares, assim como assentamentos já existentes. Em algumas cidades estas áreas foram definidas por legislação municipal desde os anos 1980, mas o Estatuto regulamentou o instrumento para todo o país. As regulamentações por lei municipal tem diferenciado as ZEIS de vazios das de áreas já ocupadas. Sua função é reservar terrenos ou prédios vazios para moradia popular, facilitar a regularização de áreas ocupadas e a regularização de cortiços. A proposta subjacente foi de que os municípios se empenhariam na implementação das ZEIS, reconhecendo-se as áreas ocupadas e prevendo terrenos adequados para moradia popular. Essa atitude afastaria a população carente de novos assentamentos ilegais nas periferias das cidades e as áreas de preservação ficariam protegidas.

No Brasil, a gestão ambiental urbana é tema fragmentado entre as esferas administrativas. O grande desafio, que acontece em grande número de cidades, é haver uma sobreposição das áreas de ZEIS com as AAS. Segundo o artigo 13 da Lei Lehman o Estado pode criar Zonas de Interesse Especial para proteção de mananciais, patrimônio cultural, histórico, paisagístico e arqueológico. O Estatuto da Cidade ampliou essa atribuição ao município, responsável pelo uso e ocupação do solo segundo a Constituição de 1988. “Tal interface de sobreposição de áreas definidas como de especial interesse ambiental e de especial interesse social, traz à tona o desafio da abordagem dos problemas urbano-ambientais da cidade” (DENALDI, 2013).

Entre as diferentes AAS, quanto ao problema da moradia precária informal, destacam-se as áreas de preservação permanente (APP). Segundo o artigo 2º. do Código Florestal Brasileiro (lei 12651/2012) APP é

(...) uma área protegida, coberta ou não por vegetação nativa, com a função ambiental de preservar os recursos hídricos, a paisagem, a estabilidade geológica, a biodiversidade, facilitar o fluxo gênico de fauna e flora, proteger o solo e assegurar o bem-estar das populações humanas.

Faixas de áreas tampões para proteção das águas -as APPs - surgem na legislação brasileira em 1965 pelo Código Florestal. A faixa de vegetação mínima variava de 5 m a 100 m, segundo a largura do rio. A lei federal 7811 de 1986 modificou a larguras das faixas mínimas, que aumentaram de 30 m a 200 m, conforme a largura dos cursos d'água. A lei 7803 de 1989, ampliou a faixa para os grandes rios, até 500 m. Em 2012, com o novo Código Florestal, as larguras se mantiveram, com a importante diferença: a faixa passa a ser medida “desde a borda da calha do leito regular” e não mais “desde seu nível mais alto”, conforme constava na definição de APP desde 1965. Assim, não é considerada a época das cheias.

As definições e regulamentações mais recentes não diferenciam a localização e o uso e ocupação do solo – urbano ou rural (agrícola ou para conservação da biodiversidade).

O fato é que a incompatibilidade da atual legislação com os processos que tem orientado a produção do espaço e as características intrínsecas da urbanização é tão radical, que desaconselha tentativas de melhor adequá-la através de emendas ao atual texto ou leis complementares. A reflexão sobre produção de nova legislação, exclusivamente voltada à regulação das APPs no espaço urbano impõe-se como alternativa mais apropriada para enfrentar os graves problemas ambientais e de apropriação do espaço. (BUENO, 2005; COMARU e MORETTI, 2012; MARTINS, 2006; MACEDO, QUEIROGA e DEGREAS, 2012, entre outros)

Legislações de âmbito federal, como a Resolução CONAMA 369/2006, a Lei 10.257/01 (Estatuto da Cidade), e a recente Lei 11.977/2009², conhecida como “Minha Casa, Minha Vida” (modificada pela lei 12.424/2011) tem contribuído para o avanço nas formas de consolidação e regularização de assentamentos em APPs. Porém não dão conta dos conflitos entre preservação e conservação que se estabelecem nas formas de apropriação do espaço pelo Estado em suas ações setoriais e pelas diferentes classes sociais, em especial para as mais pobres, que não encontram alternativa habitacional no mercado e tampouco na oferta pública de moradias adequadas. Por outro lado, mesmo sua implementação não tem resultado em ganhos ambientais, pois outros aspectos do ecossistema não são recuperados. Tem colocado em embate também legisladores, órgãos de fiscalização ambiental e agentes privados.

Entre as fragilidades mais sentidas pelos técnicos e gestores, tanto da área do desenvolvimento urbano quanto da área ambiental, refere-se justamente a compatibilização de instrumentos e abordagens de gestão integrada do território que permitam a preservação de impactos e a resolução de impasses e conflitos urbanos-ambientais existentes, dado que os sistemas (incluindo as leis e instrumentos de gestão) ambientais, de um lado, e das cidades, de outro, no mais das vezes, não se complementam, nem dialogam, possuindo lógicas distintas. (COMARU e MORETTI, 2012: 278)

É preciso articular as políticas ambiental e urbana com a revisão do Código Florestal e do Estatuto da Cidade com uma melhor compreensão das especificidades das APPs no meio urbano. Diversos estudiosos tem alertado para a necessidade de um tratamento mais específico para as APPs urbanas, como Macedo, Queiroga e Degreas (2012).³

2 A legislação apresenta “definição de competências e responsabilidades dos atores envolvidos nos processos de regularização, em especial, a atribuição expressa de competência aos municípios para disciplinar os procedimentos de regularização fundiária dentro de seus limites territoriais; diferenciação entre a regularização fundiária de interesse social e a regularização fundiária de interesse específico; obrigatoriedade da elaboração de projeto de regularização fundiária, instrumento que integra as dimensões social, jurídica, urbanística e ambiental; componentes do processo; possibilidade de compatibilização do direito à moradia e do direito a um meio ambiente saudável, estabelecendo regras para a regularização fundiária de interesse social em Áreas de Preservação Permanente urbanas; criação dos instrumentos de demarcação urbanística e legitimação de posse, que agilizam os processos de regularização fundiária de interesse social em situações que anteriormente só podiam ser tratadas por meio de ações judiciais de usucapião...” “A regularização de ocupações em trecho entre 15 e 30 metros de córregos urbanos é possível desde a ocupação da APP for anterior a 31 de dezembro de 2007; o assentamento estiver inserido em área urbana consolidada; e estudo técnico comprovar que a intervenção programada implicará melhoria das condições ambientais relativamente à situação de ocupação irregular anterior”(Ministério das Cidades. 2011: 9 e 20).

3 Os focos de discussão sobre o tema são inúmeros. Mesmo quanto às áreas rurais houve muita polêmica durante a revisão e aprovação do Novo Código Florestal. Mas nada foi formalizado quanto à situação das áreas urbanas. Entretanto, pesquisadores, projetistas e gestores vem se debruçando sobre o tema. Foram realizados três seminários nacionais sobre o assunto (ver anais APPURBANA 2007, 2012 e 2014), além de diversas outras iniciativas.

Nota-se muitas cidades brasileiras que possuem fragmentos de matas remanescentes aplicando a lei. As bacias urbanas em grande parte encontram-se amplamente degradadas e comprometidas, e as cidades continuam apresentando uma baixa qualidade ambiental e estética.

Macedo destaca o olhar para o espaço livre urbano para “criar um sistema de áreas de conservação que não se limita à cumprir funções ambientais específicas, mas também contribui para um ambiente urbano mais saudável, funcional e belo, valorizando a interação entre o suporte físico e a cidade.” (MACEDO; QUEIROGA; DEGREAS. 2012)

Cada projeto, portanto, deve contribuir para uma ação na bacia hidrográfica, em cada micro bacia urbanizada direcionando a poluição difusa e evitar o desmatamento, os lançamentos e a ocupação de nascentes no meio periférico ainda rural.

Quando se classifica como área de preservação permanente uma faixa ao longo dos cursos d’água no meio urbano que está ocupada total ou parcialmente, por assentamentos humanos historicamente integrados como tecnoecossistemas urbanos⁴, inicia-se um longo e incerto processo de autorização específica pela autoridade ambiental estadual. “Isso implica, no caso de assentamentos populares existentes, em sua maioria justamente nessas áreas, na impossibilidade de recuperação ambiental.” (MARTINS, 2006:44).

Entretanto a natureza da cidade apresenta dinâmicas ecológicas complexas com intensa interação humana, socialmente realizada, integrada na divisão social do trabalho, inclusive quanto às relações de reprodução dos trabalhadores e do capital. Neste artigo tratamos com maior ênfase as intervenções no espaço urbano na interação com as águas, dada sua importância em relação aos impactos negativos ou positivos na qualidade da vida e na qualidade ambiental urbanas. A ocupação das cidades, cada vez mais intensificada, aumenta a impermeabilidade do solo, ou seja, a vazão da água que ‘segue’ para os córregos é maior, por falta de infiltração, e mais rápida. Os rios, ribeirões e córregos perdem outras funções, deixam de prestar serviços ambientais, para sistema viário, redes e dutos, diluição de lançamentos.

A Figura 1, abaixo, traz a representação de uma bacia em quatro etapas de ocupação urbana, nos padrões locacionais da urbanização brasileira [1]. O termo padrão aqui é aplicado no sentido de formas geradas por processos sociais regionais embasados em ciência empírica culturalmente conhecida (ALEXANDER, 2013). A partir de autores como TUCCI (1998 e 2006), e ANDRADE e BLUMENSCHHEIN (2012) elaborou-se um gráfico esquemático [1] das situações em termos de área urbanizada na microbacia. O gráfico relaciona a vazão do rio em determinado ponto do curso principal e o tempo que a água tarda àquele ponto do córrego.

MELLO (2005) elaborou acurada análise das condições e dinâmicas socioambientais relacionadas à presença da rede hídrica no meio urbano, e das implicações do tratamento de suas áreas próximas:

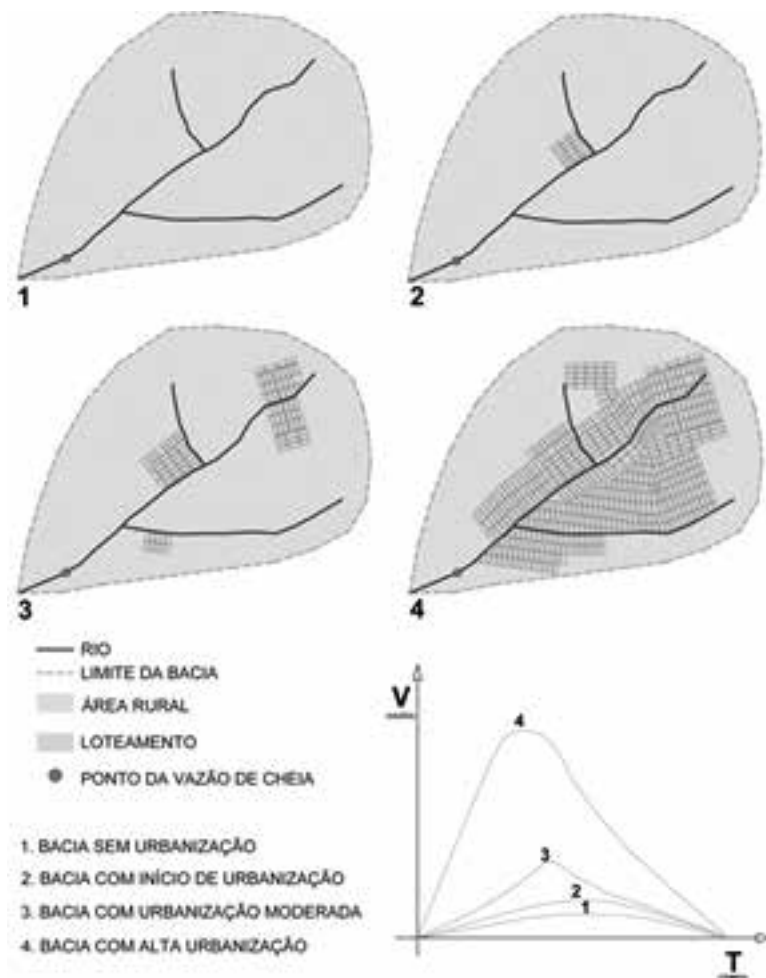
A definição dos limites das faixas marginais de proteção consiste em tema de grande complexidade, tendo em vista a quantidade de variáveis envolvidas. A largura do leito – único critério adotado para a definição das faixas de APP – é importante porque implica (em geral) maior vazão de água e, por conseguinte, maior pressão sobre as bordas, maiores dinâmicas de flutuação do nível d’água (faixas mais largas de inundação periódica). Entretanto, esse não deveria ser o único critério para o

⁴ Odum e Barret (2011 p. 457) utilizam o termo tecnoecossistemas urbanos-industriais ao descrever “as cidades, os subúrbios e o desenvolvimento industrial.

estabelecimento de faixas de proteção. Se olharmos apenas os aspectos relacionados aos atributos do canal, além da largura, a profundidade, a inclinação, a velocidade e a capacidade são também determinantes. Além disso, as variáveis dependem das características físicas e climáticas próprias a cada microbacia, ao contexto local e regional. (2005: 22).

Quanto ao desenho urbano e projeto da paisagem urbana, a metragem estabelecida de 30 metros para alguns casos é desnecessária quanto à vazão da água no período da cheia e poderia ser utilizado de melhor forma no espaço urbano, prevendo-se apenas cheias excepcionais no verão. E em outros casos, a mesma metragem não é suficiente para a vazão da água na temporada de cheia. Isto mostra que existe uma necessidade de particularizar os casos e não assumir uma regra universal, geométrica, conforme o Código Florestal atual.

FIGURA 1
 Bacia hidrográfica em quatro etapas de ocupação urbana
 Fonte:BUENO e ALMEIDA, 2014.



As figuras 2 e 3 trazem a representação esquemática do comportamento hidráulico do leito de diferentes córregos, conforme os meses de janeiro (época chuvosa) e em julho (estiagem). Um dos canais tem margens declivosas e é mais encaixado, no verão a água não chega a alcançar a largura de 30 metros [2]. O outro perfil contrastando, representa área mais ampla, uma planície. Nessas situações a distância de 30 metros pode ser insuficiente para a vazão de cheia [3].

FIGURA 2

Representação de um córrego que não necessita de 30 metros para vazão no período da cheia

Fonte: BUENO e ALMEIDA, 2014.

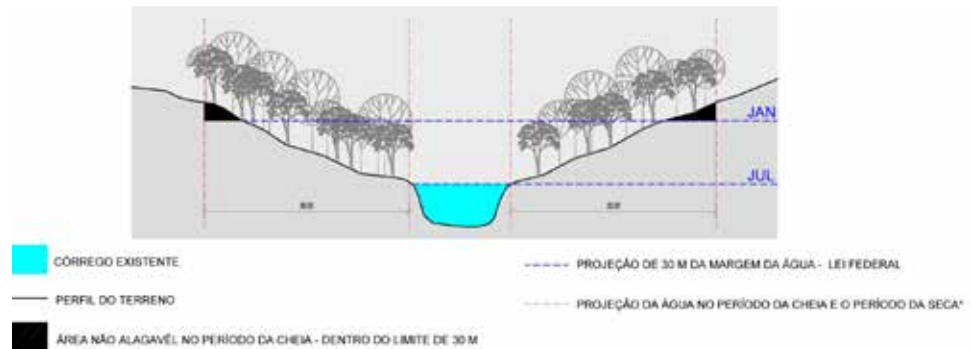
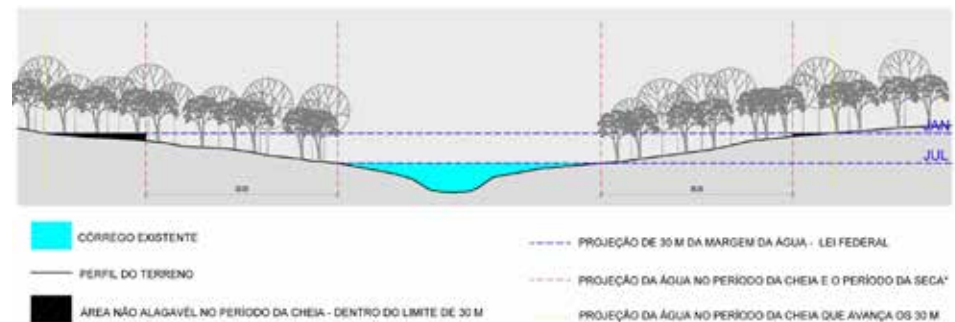


FIGURA 3

Representação de um córrego que necessita de mais de 30 metros para vazão no período da cheia

Fonte: BUENO e ALMEIDA, 2014.



Da mesma forma, Andrade (2005) afirma, ao estudar a aplicabilidade de princípios ecológicos no desenho urbano, quanto às APPs:

Deveria, então, prevalecer o bom senso, principalmente após um diagnóstico da região em sua biota, regime hídrico, hidrologia e situação socioeconômica, o que levaria a um plano de ocupação da bacia hidrológica que incorporaria o papel e o potencial paisagístico das APPs como elemento fundamental para um desenho urbano mais sustentável. (ANDRADE, 2005:114).

Como se pode observar a partir das figuras 2 e 3, os impactos da urbanização nestes locais dependerão de decisões de desenho urbano, engenharia urbana, seu uso e sua gestão. Os arruamentos devem ser implantados em harmonia com a drenagem. As redes de infraestrutura subterrâneas e equipamentos aéreos e pontos de ônibus e faixas de pedestres precisam ser considerados e terem espaços previstos. Depreende-se que a definição de ações concretas em uma APP deve ter como unidade espacial analítica e propositiva a bacia hidrográfica, na qual ela está inserida.

No Brasil, a maioria dos municípios com assentamentos precários pertence a áreas metropolitanas ou aglomerações urbanas, com áreas conurbadas. Portanto as ações

precisam ser projetadas e implementadas a partir do estudo de bacias que extrapolam os limites municipais, o que torna complexa sua concepção. É o que destaca Denaldi (2013):

Outro desafio prático e teórico refere-se aos mecanismos e formas de gestão local – nas unidades das ZEIAS e de gestão compartilhada no caso de áreas que transcendem o território de um único município. Apesar de muitas demandas por gestão metropolitana e gestão regional no Brasil, há muitas dificuldades e conflitos técnicos, gerenciais, institucionais, políticos e legais nesse sentido. (2013:67)

Esta solução torna-se ainda mais complexa, uma vez que há um gigantesco movimento de intensificação das atividades de setores⁵ do capital envolvidos com a construção civil, incorporação imobiliária, expansão urbana. Com a ampliação do emprego e da renda por diversos anos, ocorreu o adensamento dos assentamentos populares.

Nessa perspectiva, a preservação e recuperação de áreas de proteção ambiental nas franjas das regiões metropolitanas e das grandes e médias cidades constituem desafio complexo, principalmente considerando a interdependência entre processos e possibilidades de preservação com os mecanismos e o histórico de desenvolvimento urbano brasileiro, periférico e excludente. (DENALDI, 2013: 69).

Não há um procedimento e rotina para licenciamento dos projetos de urbanização de favelas no Brasil, cuja análise depende da capacidade técnica, operacional e jurídica do órgão ambiental estadual e do município. Isso trouxe enorme morosidade na implementação de ações, apesar dos recursos financeiros federais disponíveis,

Somente em 2006, após intensos estudos e negociações envolvendo os Ministérios da Cidade e do Meio Ambiente, além de setores da sociedade civil presentes no CONAMA, foi aprovada a Resolução CONAMA nº 369/2006, como forma de criar regras mais claras para licenciamento de projetos de urbanização de favelas com APPs. Segundo Mello (2006):

A utilização pública coletiva das margens dos cursos d'água, para o lazer e o encontro social, é uma estratégia para evitar processos de ocupação mais danosos. Em que pesem aspectos questionáveis da Resolução Conama n.369, a sua aprovação é um marco no sentido da “flexibilização” do princípio de intangibilidade das Áreas de Preservação Permanente. É natural que o texto possua pontos de conflito, uma vez que é fruto de uma extensa negociação que envolveu interesses e visões diversas. Apesar da inovação em relação à inserção de parâmetros diferenciados para as áreas urbanas, o texto carece de aprofundamento quanto a considerar não apenas as funções ambientais, mas também as funções de urbanidade dos espaços de beirário. (27).

Seu texto foi incorporado na Lei do Programa Minha Casa Minha Vida, de forma a superar as resistências percebidas em órgãos ambientais estaduais e municipais, de basear licenciamento de obras flexibilizando a ocupação de APP, baseando-se em resolução.

⁵ A partir de mudanças na regulação do setor e sua relação com o setor financeiro, o crescimento dos investimentos públicos em Habitação também trouxe o campo privado, justamente durante a crise financeira internacional de 2008. Em 2002, somente para a faixa social de 0 a três salários mínimos de renda, houve 99 000 contratações de financiamentos habitacionais com recursos públicos. Já em 2009, havia passado de 414000 contratos. Em 2002 o setor habitação (público ou privado) moveu 7 bilhões de reais. Houve um crescimento para 60,6 bilhões de reais em 2009 (p.61 a 64. Maricato, 2011). Contraditoriamente alguns conjuntos habitacionais produzidos recentemente pelo PMCMV causaram sérios impactos socioambientais negativos. Okretic e Bueno (2013) relatam problemas na transferência de famílias para conjuntos MCMV em Campinas. Há também projetos financiados pela própria CEF para recuperar “socialmente” conjuntos em todo o Brasil.

Entre as fragilidades mais sentidas pelos técnicos e gestores, tanto das áreas do Urbanismo e da Habitação, quanto da área do Ambiente, destacam-se justamente a compatibilização de instrumentos e abordagens de gestão integrada do território que permitam a prevenção de impactos e a resolução de impasses e conflitos urbanos-ambientais existentes, dado que os sistemas (incluindo as leis e instrumentos de gestão) ambientais, de um lado, e das cidades, de outro, no mais das vezes, sem considerar a justiça ambiental inerente ao meio urbano sustentável, não se complementam, nem dialogam, possuindo lógicas distintas.

A legislação vigente sobre AAS no país não modificou o padrão de ocupação nestas áreas e nem isolou corpos d'água como desejava. O aumento da pobreza, seguido do crescente déficit habitacional, a reduzida oferta de habitação de interesse social, a defasagem entre a condição econômica da população e o padrão legal estabelecido, o intrincado processo de licenciamento e a fragilidade da fiscalização fazem com que essa forma de ocupação do espaço – irregular e precária – aumente. Segundo dados do IBGE em 2000 3,8% da população morava em aglomerados subnormais, enquanto o Censo Demográfico de 2010 mostrou que subiu para 6%.

Novas formas⁶ de posse e acesso à terra urbana e à moradia, bem como mais praticidade para transferências e comercialização precisam ser criadas, reconhecendo-se que uma dimensão da cidade é a moradia - um bem e uma necessidade básica.

Nas áreas objeto de planos de ação para regularização habitacional sustentável devem ser feitas as plantas “as built” georreferenciadas, para inserção nos cadastros públicos. Os Planos devem ser acompanhados por comissões de moradores, criando-se um conselho gestor que continuará depois das obras e que precisa do conhecimento e envolvimento dos moradores.

No âmbito de projeto é preciso levar em conta, para compreensão do problema, um diagnóstico interdisciplinar, ou seja, uma leitura do entendimento entre ecólogos, urbanistas, geólogos, engenheiros geotécnicos, sociólogos, juristas e toda a gama de profissionais que lidam com a questão urbana ambiental.

Soluções Possíveis

É certo que a sobreposição de problemas sociais e ambientais é um grande desafio para as políticas públicas e tem que ser enfrentada com uma abordagem urbano-ambiental e socioambiental da cidade e cabe aos diferentes profissionais de diferentes áreas de planejamento urbano buscar equacionar a problemática.

Segundo Denaldi (2012):

É necessário oferecer alternativas de ampliação do acesso da população de menor renda ao mercado formal de habitação, além de aplicar os instrumentos previstos no Estatuto da Cidade, para que se faça cumprir a função social da propriedade urbana, assim como recuperar ambientalmente os assentamentos precários, quando consolidáveis, dotando-se de infraestrutura e equipamentos urbanos. Não é possível adotar, como única alternativa à solução da questão, a remoção de milhares de famílias que ocupam esses assentamentos. (2012:86).

⁶ A vida em casa precária ou somente irregular, em loteamentos populares ou em terra pública são hoje as opções presentes nas cidades. O enfrentamento se reduz a oferecer a propriedade (em prestações) de apartamento ou casa pequenos e mal localizados.

Para recuperação de uma área de habitação precária em AAS, a primeira iniciativa é levar infraestrutura: obras essenciais como abastecimento de água, esgotamento e tratamento sanitário de efluentes, drenagem de águas pluviais, contenção de erosão, estabilização de taludes, fornecimento de energia elétrica, prevenção e controle da poluição das águas e re-vegetação. A proximidade com atividades humanas como moradia, agricultura, paisagismo, devem ser incorporadas. O desenvolvimento humano também requer áreas para uso de esportes, lazer, bem estar. Todas as ações do espaço urbano tem valor socioambiental e devem assim ser projetadas.

O Estatuto da Cidade, em seu art. 2º, dispõe que a política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante diretrizes gerais, dentre as quais a 'regularização fundiária e urbanização de áreas ocupadas pela população de baixa renda, mediante o estabelecimento de normas especiais de urbanização, uso e ocupação do solo e edificação, consideradas a situação socioeconômica da população e as ambientais. (MARTINS, 2006).

Para projetar a recuperação e manutenção destas áreas é importante ter em vista tanto a formulação de propostas imediatas de redução de danos.

Em linhas gerais, assume-se que na formulação de diretrizes de preservação, ocupação e uso do solo para áreas ambientalmente sensíveis e de mananciais é fundamental que se incorpore à concepção ambiental e urbanística, critérios e formas de aplicação, fiscalização e controle, compatíveis com a cultura e as normas jurídicas nacionais e locais e a efetiva capacidade de gestão do poder público. Aí, se inclui também a ideia de progressividade e de metas, estabelecidas em padrões realistas. (MARTINS, 2006).

Segundo essa autora, são identificadas três frentes de ação: promoção de usos sustentáveis nas áreas desocupadas, evitando seu abandono e ocupação inadequada; intervenções para redução de danos nas áreas ocupadas – recuperação urbanística e ambiental; regularização fundamentada em padrões realistas, compatíveis com a condição sócio econômica existente, e que traduza em formas urbanas concretas e compreensíveis os parâmetros de controle, que são índices abstratos de difícil aplicação e de ainda mais difícil compreensão pela sociedade.

Nota-se que a legislação vigente nada faz para ajudar o proprietário que vive próximo as APPs na adaptação de suas práticas e instalações às condições específicas deste local, além de limitar o uso e ocupação do solo e restringir a instalação de sistemas de infraestrutura. Mas uma ação transformadora precisa envolver todos os agentes.

MARTINS (2006) destaca ações que não podem faltar no projeto nestas áreas:

- Recuperação urbanística e ambiental das áreas ocupadas;
- Considerar, em cada caso, as condições topográficas e localização do assentamento em relação à mancha urbana, centros e principais acessos;
- Considerar a microbacia como unidade de projeto, quando em local de mananciais;
- Desocupar as margens de cursos d'água, as áreas envoltórias às nascentes e as áreas de risco;
- Preencher os vazios nas áreas mais consolidadas;
- Desocupar áreas não consolidadas;

- Dificultar expansão para áreas não ocupadas;
- Utilizar infraestrutura e soluções técnicas alternativas, com menor impacto ambiental e mais qualidade funcional;
- Considerar os investimentos já realizados pela população e pelo poder público;
- Atentar à forma de ocupação das encostas;
- Desenvolver a proposta de intervenção considerando de modo articulado e sinérgico as opções a serem adotadas: projeto urbanístico, tecnologia de solução de infraestrutura, solução para regularização urbanística, solução para regularização da propriedade, financiamento do projeto e manutenção;
- Delimitar parte da área como ZEIS, através de lei municipal;
- Envolver a população local desde o início;
- Compreender e garantir o 'espírito de lei'.

Segundo BUENO (2007) os objetivos e metas dos projetos e obras a serem executados, sob o ponto de vista ambiental, devem ser avaliados e classificados conforme seus resultados em compensação ambiental, recuperação ambiental ou minimização de impactos para as obras de interesse público ou social – uma análise prospectiva voltada para a compreensão ecológica das cidades. O uso das análises tridimensionais incentiva a compreensão topográfica, do fluxo das águas, das formas de mobilidade e acessibilidade⁷, das formas e da localização de lançamentos difusos de baixa intensidade. Desta forma os componentes do projeto podem ser lançados em simulações espaciais de soluções de “pontos negros” do sistema de saneamento como travessias e locais onde os coletores passam acima da cota de soleira das redes de esgotos ou drenagem. Intervenções baseadas no hidrograma ecológico podem desencadear processos de regeneração de ciclos naturais e vida aquática. (ANDRADE e BLUMENSCHNEIN, 2012)

O ambiente urbano, em sua funcionalidade ao atendimento de saúde, segurança e conforto, é um objeto arquitetônico, o que compreende uma visão do conjunto e de escala humana. (ROMERO, 2007) Os estudos para projeto de regularização podem se beneficiar do conhecimento sobre o saneamento básico e ambiental e as ligações prediais e urbanas. A observação de deslocamentos⁸ horizontais e verticais de poluentes ou contaminantes pode contribuir para o planejamento de intervenções com aprimoramentos.

Como exemplo desta forma de analisar um projeto de interesse social em AAS apresenta-se sucintamente componentes de projetos aprimorados como medidas para compensação ambiental, recuperação ambiental ou minimização de impactos:

Entende-se como Ações Reparatórias reassentar famílias que estão nas áreas envoltórias do curso d'água e estão dentro do limite de restrição (15 a 30 m); utilizar conceitos

7 O estudo das imagens tridimensionais associados a dados topográficos reais e de cadastro de edificações e redes é importante subsídio para o projeto e para o cadastro e execução periódica do “as built”. O Novo Urbanismo norte-americano, associado aos estudos e projetos de vales e regiões hidrográficas, vem contribuindo para o chamado Urbanismo Ecológico, com o uso da construção de transeptos e perspectivas (DUANY, 2013)

8 KAUSHAL e BELT (2012) destacam quatro dimensões espaciais e temporais na análise e proposição de ações em bacias urbanas: montante-jusante dependente da amplitude topográfica, transversal ao talvegue que possibilita o lançamento da poluição difusa nas águas, vertical, a depender da infiltração pluvial e dos vazamentos de outras redes, como esgotos, combustíveis, alcançando o curso d'água e a dimensão temporal, do ritmo da urbanização e intensidade das transformações dos canais e terrenos naturais. TUCCI (2006) estrutura as análises da água no meio urbano, tanto em contexto de gestão de bacias regionais e proteção de mananciais para abastecimento público, com o objetivo aqui proposto, de estudar formas de adaptação do tecido urbano e de seu metabolismo ecológico.

e práticas de infraestrutura verde no manejo das águas na urbanização, como revegetação e infiltração das águas pluviais; construção além das rede locais, de coletores troncos para remoção dos lançamentos de esgotos de toda a bacia para estação de tratamento de esgoto próxima.

Ações Compensatórias podem ser implementadas dentro do perímetro do bairro e da microbacia, não somente na AAS em encosta ou APP. Incluem-se implantação de infraestrutura nas áreas de habitação precária; tratamento paisagístico nos equipamentos existentes, com implantação de estruturas valas ou poços para infiltração de águas pluviais; ampliar a cobertura vegetal através da arborização das áreas públicas e vias da microbacia; Implantar parque público com equipamentos de lazer na área envoltória dos cursos d'água. Implantar áreas de hortas e pomares voltados à agroecologia em equipamentos públicos e terrenos e edificações ociosos.

Ações Mitigatórias visam reduzir impactos inerentes à urbanização tradicional, com a promoção de condições para a recuperação da qualidade e quantidade da água por meio de coleta e tratamento de esgoto, aumento de áreas permeáveis, controle de erosão e cargas difusas.

Projetos para Adaptação de ASS Urbanas

O intuito da adaptação é reduzir: emissões de gases efeito estufa (GEE), poluentes do ar, água e solo, insalubridade, desconforto, ignorância e pobreza. Os projetos partem do propósito de manter o maior número de famílias⁹ nas áreas, contribuindo para a análise e reflexão acerca de alternativas técnicas, urbanísticas e socioespaciais para a melhoria do meio ambiente e da qualidade de vida dos moradores. Ao mesmo tempo, por serem áreas ambientalmente sensíveis, as obras ensejam medidas reparatórias, compensatórias e mitigatórias.

Um sucesso futuro em adaptar as cidades para as pessoas poderem nelas viver, já se apresenta em projetos referenciais comentados adiante. No espaço resultante pode-se encontrar arquitetura (HOLANDA, 2006) que transmita possibilidade de adaptação com abrangência social e territorial, replicando-se o padrão adaptado às condições naturais do local. A análise destes espaços amplia a capacidade de alteridade da sociedade humana, alimentando a busca de ações abrangentes e universalizantes.

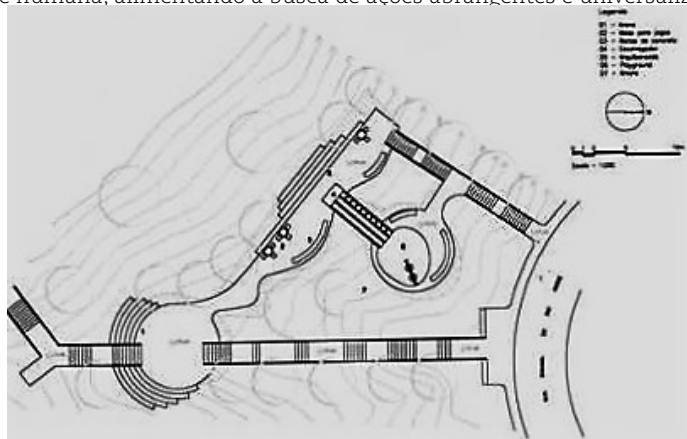


FIGURA 4

Praça Parque, São Paulo.
Fonte: Projeto JNS Marta
Lagrega de Sales

⁹ É importante registrar no contexto de projetos em favelas com APPs a necessidade de remoções, que devem ser planejadas com alternativas habitacionais e comunitárias previstas para isso.

FIGURA 5

Praça Parque, São Paulo.

Fonte: Projeto JNS Marta Lagreca de Sales



FIGURA 6

Praça Parque, São Paulo.

Fonte: Projeto JNS Marta Lagreca de Sales



FIGURA 7

Parque Andreense, Santo André - SP

Fonte: BUENO



FIGURA 8

Parque Andreense, Santo André - SP

Fonte: BUENO



FIGURA 9

Cantinho do Céu, no reservatório de água Guarapiranga, São Paulo

Fonte: Projeto Boldarini Associados



FIGURA 10

Cantinho do Céu, no reservatório de água Guarapiranga, São Paulo

Fonte: Projeto Boldarini Associados



FIGURA 11

Parque Anhumas, Campinas-SP

Fonte: BUENO, 2013



FIGURA 12

Jardim Vicentina, Osasco-SP

Fonte: ALMEIDA, 2014



FIGURA 13

Jardim Vicentina, Osasco-SP

Fonte: ALMEIDA, 2014



A Praça do Parque Bologne [4, 5, e 6], loteamento popular dos anos 1970, também na área de mananciais de São Paulo, encontra-se entretanto, no seio de um tecido urbano horticogonal implantado em morrotes, com rica drenagem. A praça, de 1994, se desenvolve morro acima em patamares circulares com pequenas arquibancas e mirantes. A construção das praças foi integrada às obras de esgotamento, macro e microdrenagem do Programa Guarapiranga, com a remoções de moradias em risco. (LAGRECA, M.M, FRANÇA e FILARDO JR. (2000)

O Parque Andreense [7, 8 e 9] é um loteamento popular implantado nos anos 1970, em área limite entre Santo André e São Bernardo que foi construído ao lado de chácaras de recreio de melhor padrão, à beira do reservatório Billings em trecho conservado, com boa qualidade de água. O primeiro município assumiu a área e realizou as intervenções, com implantação da rede de esgotos em todo o bairro e ligação com interceptor, o que recuperou a vida no córrego, que foi parcialmente descanalizado, retirando-se os entulhos. As ruas convencionais de loteamento tiveram a largura da faixa de asfalto reduzida com a criação de passeios com valetas gramadas com valas de infiltração. As quadras das áreas de lazer são de areia com muretas baixas, constituindo-se em estruturas de retenção das águas de chuva. (BUENO, 2005)

A Vila Parque Anhumas [11], em Campinas, é composta de áreas públicas de diversos loteamentos de alto e médio alto padrão nos anos 1970 e 1980 ocupadas por favelas. Algumas das favelas foram urbanizadas com tecido urbano mantido no início da redemocratização. Recentemente houve transferências, reconstrução de vilas de sobrados e implantação de um parque entre a rua arborizada e o ribeirão com ciclovia e áreas de esporte e lazer. Os loteamentos e favelas tem rede completa de esgotos ligadas ao emissário de esgotos para uma ETE. (PERA, BUENO e ARRUDA, 2008)

O Cantinho do Céu [9 e 10], na beira do reservatório de água Guarapiranga em São Paulo é uma área de lazer, cultura e vivências que serve a uma sofrida população que há 30 anos vivem em ocupação promovida por associação, sem infraestrutura local ou inserção urbana, nos anos 1980 e desde então procurando a regularização fundiária sem sucesso. A recente e premiada obra (2011, compõe-se de palco, telão, deques sobre a Billings. A orla, desocupada, recebeu composição de arborização, painéis colo-

ridos e mobiliário (FRANÇA e BARDA, 2012).

O Jardim Vicentina, Osasco- SP [12 e 13], apresentava uma situação fundiária complexa composta pela ocupação, iniciada nos anos 1970, de várias áreas públicas oriundas de oito loteamentos. A ocupação estava inteira em AAS, beira de córrego ou encosta. O projeto de urbanização previu a canalização e fechamento do córrego que atravessava a área, a implantação de redes de saneamento ambiental, como abastecimento de água, esgotamento sanitário e drenagem de águas pluviais, a implantação de via carroçável, implantação de áreas de lazer e esporte, a construção de unidades habitacionais para reassentamento das famílias moradoras a beira córrego, bem como o tratamento paisagístico do conjunto. (ALMEIDA, 2014).

Considerações Finais

No Brasil, muitas vezes as margens de cursos d'água tornam-se ruas e avenidas, córregos são canalizados e áreas de propriedade pública mantêm-se ociosas, tornando-as degradadas e insalubres, sinal constante da entropia do metabolismo urbano sem sustentabilidade e autonomia social da cidade. Necessita-se uma melhor compreensão pelo setor público da importância da manutenção destas áreas, e da urgente necessidade de envolvimento coletivo do morador, usuário e produtor do espaço urbano, para poder aprimorar leis como as de APPs no Código Florestal Brasileiro.

Na escala intra-urbana da cidade consolidada, a complementação da urbanização dos assentamentos precários, sua integração a um sistema urbano¹⁰ e sua regularização são instrumentos de justiça social e recuperação ambiental. Isso somente se configura quando há vinculação entre o interesse social (características socioeconômicas e culturais das populações beneficiadas) e o interesse público (garantir um ambiente saudável para toda a sociedade). (BUENO, 2008:XX).

Apesar de o Código Florestal reconhecer como área de preservação permanente uma faixa de 30m ao longo dos cursos d'água desde 1989, há municípios que invadem e ou invadiram este limite como áreas do sistema viário, áreas de lazer e de moradia, definidas como ZEIS. Andrade (2005) lembra que

A lei tem gerado algumas controvérsias para APPs em áreas urbanas em relação ao termo limites, pois se os limites são definidos por leis municipais dos respectivos planos diretores e leis de uso do solo, não poderiam conter as mesmas quantidades numéricas contidas da lei federal, o que seria redundante.

Assim, mesmo com a “flexibilização” do Código, através da lei do MCMV, a cada projeto de urbanização de assentamento precário com AAS inicia-se um longo e incerto processo de autorização específica pela autoridade ambiental estadual. “Isso implica, no caso de assentamentos populares existentes, em sua maioria justamente nessas áreas, na impossibilidade de recuperação ambiental.” (MARTINS, 2006, pág. 44). Para enfrentar o impasse entre direito ao local de moradia e direito à cidade sustentável,

¹⁰ Esse sistema urbano não se refere às infraestruturas concretas, mas a uma integração que ainda não existe no território. Além do saneamento ambiental refere-se à operação, manutenção, reparos, limpeza pública periódica, serviços de correio, coleta seletiva. Atualmente a gestão da cidade tem setores, o espaço é seccionado, com forças difusas na orientação do uso pela população e agentes econômicos. Isso vem causando enorme dano à saúde social e sustentabilidade futura de condições de vida com biodiversidade. A compreensão da cidade como habitat humano, um ecossistema aberto, integrado como tecnoecossistema (Odum e Barret, 2011), abre portas para formas de produção, vivência e gestão integradas.

BUENO e FREITAS (2007) defendem a adoção da bacia hidrográfica para planos de ação para a descontaminação, sustentabilidade e qualidade de vida urbana.

A delimitação da sub-bacia hidrográfica como área de intervenção do Plano estabelece uma integração entre o urbanismo, inerente à regularização, e o sistema de saneamento ambiental, prioridade da agenda marrom¹¹ brasileira e de grande impacto na saúde pública. Quando são levantadas as diretrizes setoriais das concessionárias e agências licenciadoras, a equipe técnica contratada deve necessariamente verificar a existência de legislação, planos e programas regionais de meio ambiente, saneamento ambiental e de recursos hídricos. (BUENO e FREITAS, 2007).

Mas o Urbanismo Ecológico com justiça social e ambiental requer outros indicadores. A intenção é manter as qualidades do ciclo hidrológico natural, impedindo a contaminação desse meio através de lançamentos de esgotos, erosão, impermeabilização ou poluição difusa. Como destacado na Figura 1, a dinâmica ecológica do curso água no verão e no inverno passam a ser incorporados no projeto de áreas para biodiversidade eficazes ecologicamente. (ANDRADE e BLUMENSCHNEIN, 2012).

A luta política pela regularização sem judicialização do morar na cidade precisa ser mantida através de implementação de planos participativos por micro bacia, que compatibilizem as ações com a regularização de títulos. Denaldi (2013) nos alerta:

Além disso, há indícios de que as exigências para regularizar a “cidade informal” (assentamentos precários) são maiores do que aquelas impostas para a “cidade formal”. Fato corroborado por depoimentos de técnicos da Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB) que confirmaram ser, diversas vezes, muito mais complexo o licenciamento de uma favela do que o de um shopping, indústria ou outros empreendimentos de grande porte. Em que pese à complexidade de análise, cabe avaliar os procedimentos e abordagens à luz dos resultados alcançados.

A questão da regularização urbanística e ambiental de assentamentos informais com APPs é um tema relativamente novo e ainda mais complexo. Verificou-se que o processo de licenciamento ambiental de assentamento informais com APPs é extremamente intrincado, moroso e de difícil conclusão.

Diversos são os problemas que tangenciam essa questão, tais como o conflito de competência de autorização de intervenção em APP; a insuficiente articulação do arcabouço jurídico e institucional da área habitacional e ambiental; a insuficiente descentralização da política ambiental; a ‘resistência’ do setor ambiental; falta de capacitação institucional dos municípios e predomínio da visão setorial. (DENALDI, 2013)

São dimensões socioambientais de diversas naturezas da urbanização de uma favela, fato histórico que promove resultados quanto à compensação ambiental, recuperação ambiental ou minimização de impactos, atuando-se tanto na recuperação desses assentamentos em AAS como na prevenção de formas de ocupação ainda predatórias desses espaços em novos assentamentos.

11 “A agenda 21, documento previsto na Rio-92, com o plano de ações para as nações do ponto de vista do desenvolvimento sustentável, estabelece uma verdadeira parceria entre governos e sociedades. É um roteiro de ações concretas, com metas, recursos e responsabilidades definidas e serve de guia para as ações do governo e de todas as comunidades. Ocorre que os problemas e interesses das nações desenvolvidas e em desenvolvimento são diferentes e nas prioridades de ação ficou nítida a separação de agendas denominadas “Azul, Verde e Marrom” A agenda Azul refere-se aos oceanos e grandes águas. A agenda Verde se refere a assuntos como a preservação de florestas e biodiversidade, mudanças climáticas, enquanto a agenda Marrom, segundo terminologia usada pelos profissionais da área de saneamento ambiental, refere-se a problemas ambientais urbanos, como poluição do ar, da água e do solo, coleta e reciclagem do lixo e ordenamento territorial (ANDRADE, 2005).

Referências

- ALEXANDER, C. ISHIKAWA S. e SILVERSTEIN M. **Uma linguagem de padrões**. Bookman. Porto Alegre. 2013.
- ALMEIDA, E. R. **Urbanização de Favelas: análise de integração socioespacial resultante**. Dissertação de Mestrado apresentada na PUC-Campinas. Campinas. 2014.
- ANDRADE, Liza. **Agenda Verde X Agenda Marrom: Inexistência de princípios ecológicos para o desenho de assentamentos urbanos**. Dissertação de mestrado apresentada na Universidade de Brasília. 2005.
- ANDRADE, Liza M S. e BLUMENSCHNEIN, Raquel N. **Metodologia de Elaboração de Hidrograma Ecológico: um parâmetro para gestão sustentável de APPs urbanas nas margens dos cursos d'água**. IN Anais. APPURBANA 2012. UFRN. Natal. RN. Maio de 2012.
- BUENO, L. M. M. **Reflexões sobre o futuro da sustentabilidade urbana a partir de um enfoque socioambiental**. Cadernos Metrôpoles (PUCSP), v.19, p. 99-121, 2008.
- BUENO, L. M. M. **O Tratamento Especial de fundos de vales em projetos de urbanização de assentamentos precários como estratégia de recuperação das águas urbanas**. IN Anais do I Seminário para a Regeneração das Cidades - Águas Urbanas, 2005.
- BUENO, L. M. M. (Org.). **Moradia Social em Áreas de Mananciais**. São Paulo: Annablume, 2004
- BUENO, L. M. M. **Análise da recuperação urbana e ambiental de assentamentos de interesse social na área de mananciais do ABC paulista**. In: Proceedings - International Congress on Environmental Planning and Management Environmental Challenges of urbanization. Brasília: Universidade Católica de Brasília, 2005
- BUENO, L. M. M. FREITAS, E. H. L. **Plano integrado como método para intervenção em favela**. In: ANAIS do APPURBANA 2007 Seminário Nacional sobre o Tratamento de Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano e Restrições Ambientais ao Parcelamento do Solo, São Paulo: FAU USP, 2007.
- BUENO, L. M. M. OLIVEIRA G. O.; ALMEIDA, E. R.; ALMEIDA, V. M. **Intervenção em favelas na perspectiva de uma regularização fundiária sustentável: limites e avanços**. In: ANAIS do V Encontro Nacional e III Encontro Latino-Americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2009, Recife. ELECS 2009 - Edificações e Comunidades Sustentáveis, 2009.
- PERA, C. K. L.; ARRUDA, L. P.; BUENO, L. M. M. **Avanços e desafios no tratamento de áreas ambientalmente sensíveis urbanizadas: o caso do Parque e Vila anhumas, Campinas, SP**. IN ANAIS do 2o APPURBANA 2012 - 2o. Seminário Nacional sobre Áreas de Preservação Permanente em Meio Urbano, Natal -RN, 2012.
- BUENO, L.; M. M. **Análise da recuperação urbana e ambiental de assentamentos de interesse social na área de mananciais do ABC paulista**. IN Anais do International Congress on Environmental Planning and Management: environmental challenges of urbanization, Brasília, setembro 2005.
- COMARU, F.A. e MORETTI, R. S. **Diretrizes para planos de uso e ocupação do solo em áreas delimitadas como zonas de especial interesse ambiental (ZEIA) e zonas de Especial interesse social (ZEIS)**. IN O desafio de Planejar a Cidade: política urbana e habitacional de Santo André, SP, 1997-2008. DENALDI, R. (org) Ed. Annablume, 2012

DENALDI, R. (org.) **O desafio de Planejar a Cidade: política urbana e habitacional de Santo André**, SP, 1997-2008. Ed. Annablume, 2012.

FRANÇA E. e BARDA, M. (org). **Entre o Céu e a Água o Cantinho do Céu**. Prefeitura do Município de São Paulo. 2012.

KAUSHAL. S. S. e BELT. K. T. **The urban watershed continuum: evolving spatial and temporal dimensions**. IN Urban Ecosystem 15: 409-435. 2012.

LAGRECA. M.M. S., FRANÇA E. e FILARDO JR. A. S. **A Ocupação da represa e as ações do Programa Guarapiranga**. IN FRANÇA, E. (coord) Guarapiranga: recuperação urbana e ambiental no Município de São Paulo. 2000.

MACEDO, S. S.; QUEIROGA, E. F.; DEGREAS, H. N. **APPs Urbanas uma oportunidade de incremento da qualidade ambiental e do sistema de espaços livres na cidade brasileira – conflitos e sucessos**. Anais APPUrbana 2012. UFRN (org.) Natal/RN. Maio 2012.

MARICATO. E. T. M. **Brasil Cidades: alternativas para a crise urbana**. Editora Vozes. Petrópolis. 2001.

MARTINS, Maria L. R. **Moradia e Mananciais: tensão e diálogo na metrópole**. FAUUSP/ FAPESP. 2006.

MELLO, Sandra S. de. **A Experiência francesa de intervenção em espaços urbanos de beira-rio: um paralelo para a reflexão sobre as áreas de preservação permanente (app)** IN. Revista Oculum Ensaios. Nº6. Campinas 2006.

MELLO, Sandra S. de. **As funções ambientais e as funções de urbanidade das margens de cursos d'água**. IN Revista Oculum Ensaios. Nº 4. 2005.

ODUM Eugene P. e BARRET Gary W. **Fundamentos de Ecologia**. Cengage Learning. São Paulo, 2011

OKRETIK. G. Astier e BUENO. L. M. M. **Precarious Housing in risk áreas: perspectives within vulnerable communities**. ANAIS do 20º. International Seminar on urban Form. July. Briscaine. 2013

PERA. Caroline K. L.; BUENO, Laura M. M.; ARRUDA, Larissa P. **Avanços e Desafios no Tratamento de Áreas Ambientalmente Sensíveis Urbanizadas: O Caso do Parque (Linear) e Vila Anhumas, CAMPINAS, SP**. IN Anais do II Seminário sobre Áreas de Proteção Permanente Urbanas, Natal, 2012.

ROMERO, Marta A. B. **Arquitetura bioclimática do espaço público**. Editora UnB. Brasília. 2006.

TUCCI C. E. M. **Água no Meio Urbano**, IN REBOUÇAS A. BRAGA B. E TUNDISI, J. G. (orgs) Águas doces no Brasil 3ª edição revista e ampliada. Escrituras, São Paulo 2006.

TUCCI, C. M. CRUZ, M. A. S., SILVEIRA, A. L. L. **Controle do escoamento com retenção em lotes urbanos**. RBRH Revista Brasileira de Recurso Hídricos. Volume 3, nº. 4, 1998.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Regularização Fundiária Urbana: como aplicar a Lei Federal nº 11.977/2009** Secretaria Nacional de Habitação e Secretaria Nacional de Acessibilidade e Programas Urbanos. Brasília, 2012

Sites:

PROJETO GEPAM

http://www.chs.ubc.ca/brazil/Outputs/Areas_Sensiveis.pdf

CÓDIGO FLORESTAL

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12727.htm. acessado em 25 de fevereiro de 2014.

ESTATUTO DA CIDADE

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/110257.htm acessado em 12 de dezembro de 2014

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

RITA DE CÁSSIA PEREIRA SARAMAGO, SIMONE BARBOSA VILLA,
LAIZA DA CUNHA ALEXANDRE E JÉSSIKA FERNANDES PARREIRA

Morar coletivo em Habitação de Interesse Social: o caso do Conjunto Residencial São Jorge I

*Collective living in Social Housing: the case of the Housing
Development São Jorge I*

RITA DE CÁSSIA PEREIRA SARAMAGO

Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Processo de Produção em Arquitetura, Controle do Ambiente, Eficiência Energética, Habitação de Interesse Social, Avaliação Pós-Ocupação e Estruturas.

Architect and Urban Planner, with emphasis in the Production Process Architecture, Environmental Control, Energy Efficiency, Social Housing, Post Occupancy Evaluation and structures.

saramagorita@gmail.com

SIMONE BARBOSA VILLA

Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP-2008). Professor Adjunto III da Universidade Federal de Uberlândia (UFU/MG) na Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design (FAUeD). Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUeD/UFU. Coordenadora do [MORA] Pesquisa em Habitação - CNPq. Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo / EESC / Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (2002). Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Projeto de Edificações, atuando principalmente nos seguintes temas: Habitação Unifamiliar e Plurifamiliar (Apartamentos), Avaliação Pós-Ocupação dos edifícios, Habitação de Interesse Social, estudos de viabilidade de projetos para o mercado imobiliário habitacional.

PhD in Architecture and Urban Planning from FAU-USP (FAU-USP-2008). Professor of the Federal University of Uberlândia (UFU / MG) at the Faculty of Architecture, Urban Planning and Design (FAUeD). Professor of the Undergraduate Program in Architecture and Urban Planning of FAUeD / UFU. Coordinator of [MORA] Search Residence - CNPq. Master in Architecture and Urban Planning at the University of São Paulo / EESC / Faculty of Architecture and Urban Planning (2002). Has experience in Architecture and Urban Planning, with emphasis in Buildings Project, acting on the following topics: Single Family Housing and Multifamily (Apartments), Post Occupancy Evaluation of buildings, social housing, feasibility's studies for projects designated to market residential real estate.

simonevilla@yahoo.com

LAIZA DA CUNHA ALEXANDRE

Projeto de Edificações, atuando principalmente nos seguintes temas: Avaliação Pós-Ocupação do ambiente construído, Habitação de Interesse Social, Metodologias e processo projetual.

Works with building project, acting on the following topics: Post Occupancy Evaluation of the built environment, social housing, methodologies and design process.

laizadacunha@hotmail.com

JÉSSIKA FERNANDES PARREIRA

Discente do curso de Arquitetura e Urbanismo da FAUED/UFU - Faculdade de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Arquitetura e Urbanismo. Conhecimentos acadêmicos nos softwares em AutoCad, SketchUp e Revit.

Student of the Architecture and Urban Planning of FAUED / UFU - School of Architecture, Urban Planning and Design at the Federal University of Uberlândia. Has experience in Architecture and Urbanism, with emphasis on Architecture and Urban Planning. Academic knowledge in AutoCad software, SketchUp and Revit.

jessika_parreira@hotmail.com

Resumo

Este artigo tem o objetivo de apresentar reflexões sobre a qualidade das habitações de interesse social, verticalizadas e disponibilizadas no mercado imobiliário de Uberlândia/MG, através de avaliação pós-ocupacional (APO) em um estudo de caso nessa cidade. Pretende-se, com a avaliação, identificar os aspectos positivos e os problemas dos espaços ofertados (privados e coletivos), bem como as necessidades e desejos dos usuários em relação à moradia. O uso da metodologia de APO fez parte de experiência didático-pedagógica da disciplina *Ateliê de Projeto Integrado 5 - Habitação de Interesse Social*, ministrada no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia, durante o primeiro semestre de 2013. Como estudo de caso, foi elencado um conjunto habitacional no Bairro Laranjeiras, localizado na periferia de Uberlândia. Os procedimentos metodológicos utilizados foram: levantamento de dados, aplicação de questionários, entrevistas com os moradores, realização de *Walkthrough* e registros fotográficos. Os principais problemas identificados se referem aos obstáculos que a redução de espaços gera ao se mobiliar a residência, em função do não cumprimento das áreas mínimas necessárias para exercer ações cotidianas dentro da habitação, além da precária qualidade dos espaços coletivos. A partir dos resultados coletados, observa-se que a produção do modelo habitacional investigado é ineficiente frente às reais necessidades dos usuários. Destaca-se, neste trabalho, a relevância da avaliação pós-ocupação como norteadora de todo o processo de elaboração de projeto de unidades destinadas às classes de rendimentos menores. Nesse sentido, entende-se que as informações sobre os anseios e comportamentos dos usuários, identificadas através de pesquisas de APO, são capazes de indicar possibilidades de alteração dos projetos, inclusive para os próprios graduandos, seja através da flexibilização dos espaços e usos ou da elaboração de diferentes alternativas projetuais.

Palavras-chave: Avaliação pós-ocupação. Habitação de Interesse Social. Bairro Laranjeiras (Uberlândia-MG). Qualidade da habitação.

Abstract

This article aims to discuss the quality of vertical social housing provided by housing market in Uberlândia/MG, through Post Occupancy Evaluation (POE) in a case study in that city. The POE methodology pretends to identify positive and negative aspects of the offered spaces (private and collective), as well as the needs and desires of users regarding their home. The appliance of POE methodology was part of a didactic and pedagogical experience of the discipline *Integrated Design Studio 5 – Social Housing*, taught in the course of Architecture and Urbanism of the Federal University of Uberlândia during the first half of 2013. As a case study, it was chosen a housing development in Laranjeiras, a district located on the outskirts of the city of Uberlândia. The methods used were: data collection, questionnaires, interviews with residents, *Walkthrough* conducted by researchers and photographs. The main problems identified were: obstacles generated by the reduction of space when furnishing the residence, due to the fact that the design does not comply with the minimum areas required to realize everyday actions within the house, as well as the poor quality of collective spaces. From the results obtained, it can be observed that the production of housing model analyzed is inefficient compared to the real needs of users. This work also stands out the relevance of Post Occupancy Evaluation to guide the entire process of designing houses for lower income groups. In this context, it is understood that the information about the needs and behaviors of users, identified through POE methods, can indicate possibilities of changing housing design, even for the undergraduates, in order to provide flexibility of spaces and uses or to create different design proposals.

Keywords: Post Occupancy Evaluation. Social housing. Laranjeiras District (Uberlândia/MG). Quality of housing.

Morar Coletivo em Habitação de Interesse Social: O Caso do Conjunto Residencial São Jorge I

Introdução

Este artigo tem o objetivo de refletir sobre a qualidade das habitações de interesse social (HIS) verticalizadas em Uberlândia/MG, através da aplicação de Avaliação Pós-Ocupação (APO) em um estudo de caso nessa cidade. Pretende-se, com a avaliação, identificar as potencialidades e dificuldades dos espaços ofertados (privados e coletivos), bem como as demandas e anseios dos usuários em relação à moradia. Para tanto, inicialmente apresenta reflexões gerais acerca da produção de HIS no país, discute a importância da APO para o campo profissional e acadêmico e então relata a experiência metodológica desenvolvida no Conjunto São Jorge I, destacando seus principais resultados.

Cenário atual da produção de HIS no Brasil

É notório que, ao longo das últimas décadas, as políticas públicas, as tecnologias e os sistemas construtivos sofreram avanços, porém, a produção de habitação de interesse social (HIS)¹ no Brasil, de maneira geral, pouco evoluiu e/ou utilizou desses progressos. Isso porque é incipiente a incorporação dos conceitos qualitativos relacionados à Arquitetura na maioria dos conjuntos habitacionais brasileiros: aspectos mínimos de habitabilidade, funcionalidade, espaciosidade e privacidade frequentemente não são atendidos – como apontam diferentes estudos de avaliação pós-ocupação (LAY; REIS, 2002; ROMERO; ORNSTEIN, 2003; VILLA et al., 2013). Assim, as unidades ofertadas não respeitam as necessidades dos usuários, que também são pouco considerados no processo projetual. Como consequência, a maior parte da habitação de interesse social é incapaz de se constituir enquanto um “instrumento de inclusão social e acesso a cidadania” (MEDVEDOVSKI, 2009, p. 112).

Esse quadro vem se agravando desde a implantação do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) em 2009, cujo intuito atual é produzir 3 milhões de moradias para famílias com renda de até 5 mil reais mensais. Embora o volume de recursos destinados à baixa renda seja inédito no Brasil (ARANTES; FIX, 2009), questiona-se a perpetuação de um mesmo modelo de habitação – tripartido, compartimentado e estanke – con-

1 A definição do termo Habitação de Interesse Social (HIS) se relaciona com a proposta de soluções de moradias voltadas à população de baixa renda e vem sendo utilizada por várias instituições e agências, ao lado de outros equivalentes, como apresentado abaixo (ABIKO, 1995):

- Habitação de Baixo Custo (Low-cost housing): termo utilizado para designar habitação de custos controlados, sem que isto signifique necessariamente habitação para população de baixa renda;
- Habitação para População de Baixa Renda (Housing for low-income people): é um termo mais adequado que o anterior, tendo a mesma conotação que habitação de interesse social. Ambos trazem, no entanto, a necessidade de se definir a renda máxima das famílias e indivíduos situados nesta faixa de atendimento;
- Habitação Popular: termo genérico envolvendo todas as soluções destinadas ao atendimento de necessidades habitacionais.

siderado inadequado ao atendimento das necessidades de diferentes formatos familiares, bem como precário do ponto de vista urbano: em grande parte, os conjuntos que estão sendo implantados carecem de infraestruturas, serviços e equipamentos públicos de qualidade (ROLNIK; ROYER, 2014).

Além disso, a produção histórica de HIS no Brasil não conseguiu solucionar o déficit habitacional do país, à medida que formas alternativas e precárias de habitação continuam sendo sistematicamente construídas (SAMPAIO; XAVIER, 2003). As políticas de combate ao déficit habitacional, associadas à sistemática de restrição de custos, levaram à redução significativa de área das unidades, visando à construção de um número cada vez maior de moradias. Os motivos de tal redução já foram indicados por Leite (2006, p.81): “Em especial as habitações de interesse social notadamente são caracterizadas pela tendência pronunciada de sua miniaturização quanto ao espaço habitável justificada pelo viés econômico em detrimento do desempenho técnico, social, humano e funcional”.

A problemática envolve então três aspectos principais: a qualidade do projeto, as opções de layout e as soluções de implantação oferecidas. Sobre a qualidade projetual, nota-se a constante padronização que, apesar de tentar proporcionar uma maior viabilidade econômica, cria locais de difícil apropriação e, por vezes, impróprios aos usos a que são destinados. A consequência disso se reflete diretamente nos usuários, que se veem condicionados a realizar mudanças na edificação (como, por exemplo, reformas e ampliações), as quais, algumas vezes, comprometem a renda familiar. Grande parte destas reformas é executada por profissionais não qualificados e/ou as alterações não são previstas para o projeto, podendo resultar em riscos construtivos e estruturais, sobrecargas na rede elétrica e no esgotamento sanitário. Ademais, segundo Szücs et al. (2007), como essas alterações não são previstas desde o início, as modificações introduzidas geralmente criam circulações cruzadas, prejudicando a privacidade das zonas íntimas, bem como comprometem as condições de conforto dos usuários quanto à ventilação e iluminação naturais.

Também as plantas das moradias desenvolveram pouquíssimas alterações no decorrer do tempo, com layouts encontrados e repetidos não só na mesma cidade de implantação, quanto em qualquer região do Brasil. Por outro lado, fatores no âmbito familiar como a diminuição no número de membros, a consequente alteração de papéis, a independência cada vez mais acentuada de seus membros, entre outros, indicam a necessidade de revisão dos modelos tradicionais de morar (VILLA, 2010).

Quanto à localização dessas moradias, observa-se que, predominantemente, encontram-se nas periferias das cidades brasileiras. Muitas das vezes, sem investimentos públicos, tornam-se associadas com a imagem de precariedade de infraestrutura local, equipamentos urbanos e transporte coletivo. Essas regiões acabam resultando em grandes bolsões de habitações de interesse social, sendo compostas de variados problemas frutos do processo de segregação sócio-espacial, a saber: alto índice de criminalidade, moradias irregulares em áreas de risco, problemas ambientais (insalubridade, degradação natural, poluição atmosférica ou despejos industriais e domésticos) e falta de diversidade. No caso específico do PMCMV, as normativas limitam o porte dos empreendimentos a 500 unidades. Contudo, é possível a implantação de loteamentos em terrenos contíguos, gerando-se áreas monofuncionais e homogêneas, pouco qualificadas do ponto de vista da urbanidade (CARDOSO et al., 2011).

Conclui-se, desse modo, que existe uma real necessidade de mudança dos modelos de HIS propostos. Nesse sentido, objetivando-se a qualidade desses empreendimentos, deve-se assumir cada vez mais a habitação como vários espaços de habitar (COELHO,

2009), flexibilizando-se a oferta de soluções residenciais e urbanas.

Relação entre HIS e APO no campo profissional e acadêmico

Conforme exposto e reforçado por Maricato (2009), a produção intelectual em relação à Habitação de Interesse Social (HIS) contribui para a percepção das reais situações de precariedade habitacional existentes em função dos desvios ocorridos nas políticas públicas do país, que se revelaram incapazes de sanar a carência das camadas mais pobres da população ao longo do tempo. Também as pesquisas e as experiências proporcionadas pelo meio acadêmico em outras áreas, especialmente na de Avaliação Pós-Ocupação (APO), revelam-se como importantes fontes para nortear a reforma de edifícios, de conjuntos edificados e a elaboração de novos projetos – mais condizentes às demandas da população. No entanto, o emprego dos resultados dessas pesquisas ainda não pode ser considerado suficiente frente à massiva produção do mercado imobiliário. É necessário, portanto, valorizar o papel das universidades e de outras instituições ligadas à pesquisa e à elaboração de projetos a fim de que possa ser revertido o quadro de construção no Brasil, especialmente de HIS.

Ao entender que a avaliação de edificações pode ser uma maneira de conscientizar projetistas e executores com relação à responsabilidade social de sua atividade, conclui-se a importância para os profissionais (e para os futuros profissionais) da área em entenderem como o uso das edificações pode subsidiar novas propostas, assim como se julga necessária a criação de escritórios e agências especializadas que possam divulgar os bancos de dados desenvolvidos. Nesse contexto, a APO vem sendo gradualmente incorporada ao projeto arquitetônico, considerada um tipo de pesquisa que complementa outros estudos de referência, influenciando decisivamente no desenvolvimento das propostas (ELALI; VELOSO, 2006).

Mais do que criticar o edifício ou conjunto edificado investigado, as pesquisas de APO buscam resultados práticos, apontando alterações (a serem realizadas a curto, médio ou longo prazo) que venham a aumentar a adequação do objeto de estudo àqueles que o utilizam (PREISER, 1990; PREISER, RABINOWITS, WHITE, 1998; PREISER, VISCHEER, WHITE, 1991). Isso torna a APO especialmente adequada à situação brasileira, em que, não existindo uma tradição de excelência na área da construção civil, as edificações deveriam passar por contínuos programas de manutenção e adequação às necessidades e aspirações dos usuários (ELALI, 2000). Sendo assim, empregar metodologias de APO no ensino de Arquitetura e Urbanismo representa uma tentativa de aproximação à reversão da precariedade do quadro consolidado, instigando os futuros profissionais, desde sempre, a buscar melhorar sua prática a partir da análise de obras já construídas – conforme será relatado a seguir.

Aplicação de APO em um estudo de caso de Uberlândia

A metodologia de APO foi aplicada em um conjunto habitacional localizado na periferia da cidade de Uberlândia/MG, como parte das atividades propostas a alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia. Em seguida, seguem as observações sobre a experiência.

Objetivos da Disciplina

A disciplina *Ateliê de Projeto Integrado 5 (API 5)* da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design da Universidade Federal de Uberlândia (FAUeD-UFU), ministrada aos alunos do 5º período do curso no primeiro semestre de 2013, teve como objetivo proporcionar aos estudantes conhecimento acerca das reais demandas e aspirações dos usuários finais de habitações de interesse social, além de garantir aos discentes a capacidade de projetar estas edificações. O intuito, portanto, era formar arquitetos e urbanistas mais sensíveis em relação à realidade e, dessa forma, desencadear a concepção de projetos de maior qualidade, adaptados às necessidades da população de baixa renda. Ademais, a disciplina buscou trazer como conceito o projeto da habitação como proposta de renovação urbana.

Para tanto, discutiram-se os seguintes aspectos: as tipologias uni e multifamiliares da habitação urbana; as possibilidades de agrupamentos de edificações; a relação entre os espaços públicos, semi-públicos e privados; as condicionantes sociais, ambientais e técnicas dos projetos (estrutura comunitária, densidade e habitabilidade, sistemas prediais, pré-dimensionamento estrutural, fluxos); a acessibilidade nos espaços de uso privado e coletivo; tecnologia e processo construtivo; a qualidade ambiental nos lugares de implantação; dimensionamentos dos espaços e organização das funções; detalhamento de soluções e demais aspectos relativos ao processo de desenvolvimento do projeto; e avaliação pós-ocupação como condicionante projetual.

Metodologia Utilizada – Avaliação Pós-Ocupação

Segundo Lay e Reis (1994, p.28),

A Avaliação Pós-Ocupação é um conjunto de multi-métodos e técnicas resultante de um ponto de vista ou até mesmo de uma orientação teórica oriunda da área de conhecimento do Ambiente-Comportamento, pois tem como fator exclusivo a consideração da opinião do usuário, na medida em que se difere das avaliações de desempenho tradicionais.

A APO, portanto, consiste em um processo sistematizado de análise e avaliação das edificações, decorrido algum tempo que a mesma foi habitada, a partir da consulta aos moradores em relação a todos os aspectos que compreendem o edifício, desde a implantação e acessos às características da unidade habitacional. Desse modo, a APO e sua metodologia também constituem uma ferramenta útil para melhorar futuras edificações, incluindo-se os dados levantados em estudos de caso no processo projetual.

Na disciplina API 5, a pesquisa de avaliação pós-ocupação (APO) sobre a qualidade funcional, estética e urbana de moradias de interesse social verticais na cidade de Uberlândia pretendeu identificar a qualidade dos espaços ofertados, as necessidades não atendidas pelo projeto, além dos desejos e sonhos em relação à moradia, destacando os aspectos positivos e negativos da proposta. Nota-se assim a importância da

APO como condicionante para o processo de projeto de HIS, apontada acima como um dos aspectos constituintes da disciplina. As informações coletadas foram fundamentais para embasar o processo projetual dos alunos por promover uma aproximação desses estudantes ao objeto de estudo e de sua problemática.

Planejamento da APO – definição dos instrumentos e da amostragem

É importante ressaltar que, para a eficiência e sucesso da APO, as análises devem ser baseadas em metodologias sistematizadas, seleções rigorosas e comparação de dados, visando-se garantir a confiabilidade das informações levantadas. Atualmente, existem diversos instrumentos e técnicas de APO que podem ser aplicadas, dependendo do tipo de avaliação que se pretende desenvolver – como pode ser observado na Figura [1]. No caso desta experiência, foram utilizados: levantamento de dados, questionários, entrevistas, passeio *Walkthrough* e registros fotográficos.

O levantamento de dados é a técnica em que os pesquisadores coletam informações sobre o edifício com base nas visitas ao empreendimento, construtoras, órgãos públicos e escritório responsável pelo projeto. Também são estabelecidos contatos com os moradores e registros fotográficos do edifício e de seu entorno.

Já o questionário, um dos métodos mais utilizados, representa um instrumento que avalia o nível de satisfação do usuário, a impressão geral em relação ao edifício como um todo, os motivos para obtenção da moradia, bem como possibilita obter informações para atribuir um perfil ao usuário e entender seu comportamento. Ademais, a ferramenta possibilita quantificar respostas de forma que sejam de fácil consulta, através de uma escala de valores, diminuindo riscos de interpretações inadequadas.

A entrevista também é uma técnica tradicional na pesquisa em ciências sociais, sendo adequada para a obtenção de informações sobre o que as pessoas sabem e sentem a respeito do conjunto habitacional. O *Walkthrough*, por sua vez, compreende um passeio pelo ambiente, acompanhado (ou não) de usuários que comentam as suas percepções espaciais ao longo do percurso. Método bastante simples, mas eficaz e econômico para obter informações, subjetivas e perceptivas, com julgamento de um especialista (o pesquisador que conduz o passeio). Por fim, os registros fotográficos são parte das observações e exemplificações que não são capazes de serem ditas ou escritas com palavras, mas sim representadas com imagens.

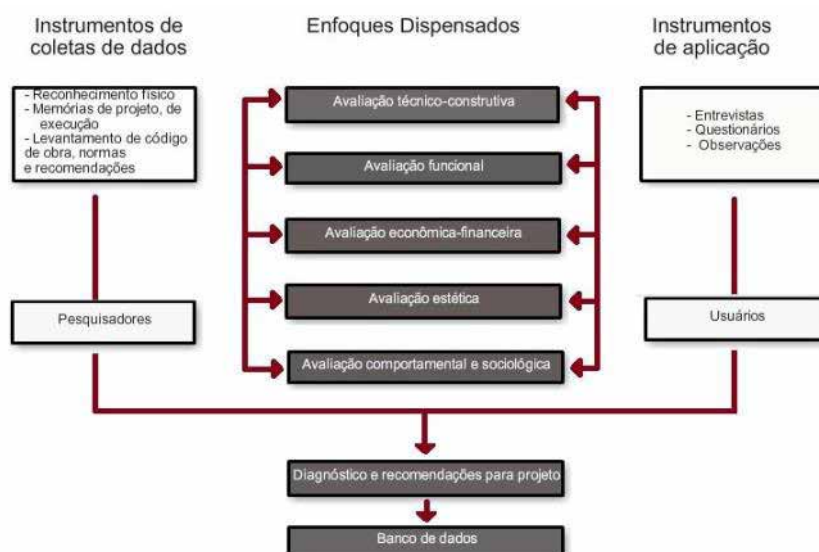


FIGURA 1

Metodologia da APO.

Fonte: MELHADO, 2004, p. 46

Escolheu-se para avaliar o conjunto, portanto, uma metodologia mista, pois combina a utilização de instrumentos quantitativos e qualitativos. Esses métodos foram selecionados para serem aplicados, devido: à necessidade de conhecimento prévio do conjunto por parte dos alunos, justificando-se a importância de serem coletados dados gerais sobre o mesmo; ao questionário possibilitar a coleta de grandes quantidades de informações de forma eficiente e barata (atendendo aos recursos temporais e financeiros da disciplina); à entrevista ser adequada para a obtenção de informações que captam os sentimentos, desejos e angústias dos moradores, além de proporcionar explicações mais aprofundadas de suas respostas sobre o questionário (enriquecendo os dados inicialmente levantados); o *Walkthrough* ser um método simples, rápido e econômico para obter informações, subjetivas e perceptivas, a partir de um olhar mais científico (visto que esse método é aplicado pelos próprios pesquisadores-estudantes); e à complementação das informações textuais possibilitada pelos registros fotográficos.

Para a aplicação dos questionários no Conjunto Habitacional em questão, definiu-se uma amostragem baseada no total de habitações que o compõem, compreendendo 30% das mesmas. Nesse sentido, os alunos da disciplina foram distribuídos em grupos de quatro integrantes, sendo cada grupo responsável por estudar a amostra de um bloco de apartamentos para coleta de dados e posterior diagnóstico e criação de recomendações.

Aplicação da APO – descrição do processo utilizado

Após a definição da técnica e dos instrumentos, inicialmente, foi realizado um levantamento geral da área de estudo, observando, através de mapas e dados georeferenciados (Google Earth), a localização do conjunto em relação à cidade de Uberlândia. Também foram levantados dados junto a órgãos competentes (como a Prefeitura Municipal de Uberlândia e a construtora) acerca das restrições urbanísticas, informações sobre projeto e construção, perfil socioeconômico do bairro, entre outros.

Concluída a coleta de informações gerais, os pesquisadores (alunos) deslocaram-se até o conjunto em estudo para registrarem suas impressões acerca do mesmo – em termos de equipamentos e serviços urbanos, paisagismo, mobilidade, acessibilidade, qualidade estética das edificações, materiais e sistemas construtivos utilizados. Esta atividade do *Walkthrough* foi registrada por meio de informações textuais e gráficas, incluindo croquis e fotografias. Após essa etapa, os estudantes entraram nas casas, quando autorizados pelos moradores, munidos dos questionários e de câmeras fotográficas para fazer registros visuais, relacionando-os com eventuais percursos feitos no interior das habitações (complementando, assim, o passeio *Walkthrough* ao nível da unidade habitacional).

Os aspectos de análise foram divididos em quatro sub-itens nos questionários: (i) características do entrevistado (idade, sexo, profissão, escolaridade); (ii) características dos moradores (tipo familiar, renda, número de moradores, ano de entrada na unidade); (iii) características do espaço público (utilização de meios de transportes, uso e apropriação dos espaços de lazer, quantidade e qualidade de equipamentos públicos, entre outros) e (iv) características do espaço privado (privacidade, tamanho e divisão dos espaços, flexibilidade e estocagem, aparência externa, segurança, entre outros).

As entrevistas, por sua vez, não seguiram um roteiro pré-definido, ficando sob a responsabilidade dos alunos complementarem informações levantadas nos questionários, quando necessário. Ademais, tal método foi empregado quando os próprios moradores demonstraram necessidade de relatarem suas experiências e expectativas

a respeito das moradias. Para tanto, os alunos registravam suas falas em campos destinados a tal fim.

Apresentação do estudo de caso – Conjunto Residencial São Jorge I

FIGURA 2

Perspectiva do Conjunto habitacional São Jorge I.

Fonte: Acervo dos autores, 2013.



Como estudo de caso, foi selecionado o Conjunto Residencial São Jorge I, localizado no loteamento Parque das Laranjeiras, destacado em vermelho no mapa [3], na área periférica do Setor Sul do município de Uberlândia/ MG. Inaugurado e entregue aos moradores no ano de 2010, o Conjunto Habitacional São Jorge I [2], é um empreendimento financiado pela Prefeitura Municipal de Uberlândia em parceria com o governo federal, destinado a famílias com renda de 0 a 3 salários mínimos, visando suprir o déficit habitacional do município².

FIGURA 3

Localização do bairro Parque das Laranjeiras na cidade de Uberlândia/MG.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



² Segundo dados coletados junto à Prefeitura Municipal de Uberlândia, no período de construção do conjunto, 2007 a 2009, foram executadas 1564 unidades habitacionais em Uberlândia, distribuídas nos bairros e distritos do município, para atender cerca de 5300 famílias.

A contratante dos serviços, Prefeitura Municipal de Uberlândia, define os modelos de planta dos empreendimentos, normalmente seguindo o tradicional padrão nacional de planta reduzida, tripartida e que apresenta como características recorrentes aos conjuntos habitacionais de interesse social, entre outras: (i) proposta projetual que não contempla possíveis ampliações ou variações familiares; (ii) implantação nas franjas da cidade (periferia), onde o custo de terra é menor; (iii) ausência de equipamentos públicos e infraestrutura no local de sua implantação; e (iv) qualidade construtiva dos conjuntos, de forma geral, muito baixa.

Resultados da APO

Os resultados da aplicação de APO no estudo de caso em Uberlândia/MG foram organizados em diferentes escalas de análise, contemplando desde aspectos relacionados à implantação até os relativos à unidade habitacional em si.

Implantação – Aspectos da inserção urbana: localização/ acesso

O conjunto, localizado na esquina entre as Ruas Wilson Cunha e Antonio Bernardes Costa, possui 11 blocos de apartamentos [4], denominados de A a K, com quatro pavimentos cada um, contendo unidades habitacionais desde o térreo. Cada pavimento apresenta planta em “H” com disposição de quatro apartamentos, o que gera um total de 176 unidades em um mesmo empreendimento, ou seja, aproximadamente 528 moradores, visto que, majoritariamente, residem 3 pessoas por apartamento [5]. Considerando o grupo de entrevistados, percebe-se, no entanto, a existência de diferentes perfis familiares – os quais, incoerentemente, precisam se ajustar a um mesmo padrão de unidade habitacional: sala, cozinha integrada com área de serviço, banheiro e dois quartos.

FIGURA 4

Foto aérea do empreendimento e tipologia em “H” dos blocos.

Fonte: Google Maps, 2014. Modificado pelos autores.

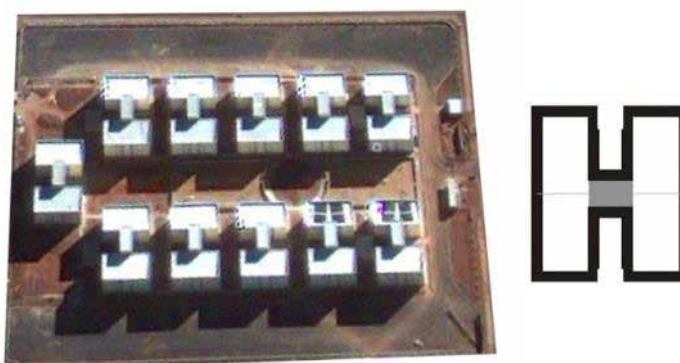
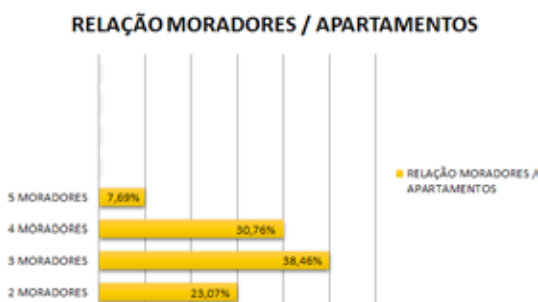


FIGURA 5

Relação da quantidade de moradores por apartamento.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



Segundo os moradores, um dos pontos positivos do conjunto se refere a aspectos que envolvem o bairro onde o mesmo está situado: a partir das respostas coletadas nos questionários, quanto às impressões do bairro, cerca de 70% se sentem de “muito feliz” a “médio”. Isso pode ser comprovado, pois, à exceção de outros conjuntos habitacionais de Uberlândia, as necessidades cotidianas são supridas pelo entorno imediato, já que o mesmo possui comércios, escolas, poliesportivo e hospital – todos situados a uma distância pequena do conjunto habitacional [6]. Como o bairro é capaz de suprir essas necessidades básicas, os moradores disseram se sentir incluídos na cidade, já que não precisam se deslocar grandes distâncias para realizar diferentes atividades. Logo, ainda que periférico e a despeito de outros conjuntos localizados na malha de Uberlândia, o estudo de caso conta com uma localização que pode ser entendida como adequada.

FIGURA 6

Mapa de localização dos equipamentos.

Fonte: Google Maps, 2014. Modificado pelos autores.



Apesar dos moradores considerarem o empreendimento bem localizado e se identificarem com o local, os motivos para virem a residir neste conjunto não se dão pela localização [7], mas sim, em sua maioria, por falta de opções condizentes com suas rendas familiares ou pelo significado que a obtenção da casa própria implica aos mesmos. Afinal, a condição da habitação enquanto um “bem” é tradicional na cultura brasileira e vem sendo propagada desde a atuação do Banco Nacional da Habitação/BNH (1974-86).

FIGURA 7

Gráficos apontando motivos para residir no conjunto e faixas de renda familiar.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



Quanto aos acessos, o meio de transporte mais utilizado pelos moradores é o ônibus, porém, este sistema de transporte é considerado insatisfatório [8], pois, conforme levantamento realizado e relato dos usuários, apenas 3 linhas de ônibus (A 335, A 339 e B 911) passam no local, em grandes intervalos de tempo, resultando inclusive em atrasos. Além disso, essas linhas conectam o bairro somente ao centro da cidade³, não tendo possibilidade de ligação direta com os outros bairros próximos.

FIGURA 8

Gráficos indicando o meio de transporte mais utilizado pelos moradores e o nível de satisfação dos mesmos com o transporte coletivo.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



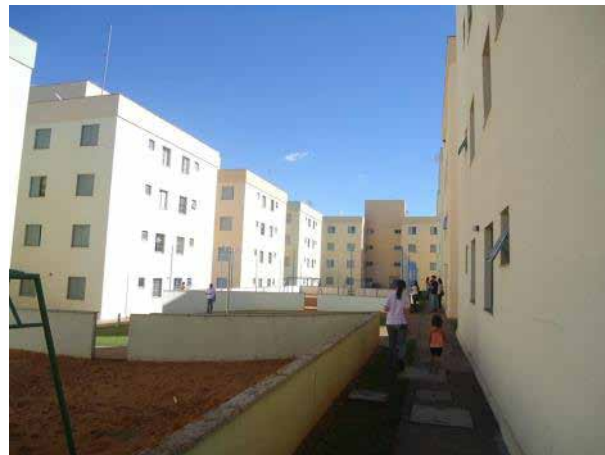
Conjunto Residencial – aspectos do edifício e espaços coletivos

Atualmente, o conjunto habitacional é composto por 11 blocos de apartamentos, *playground*, quadra de areia, vagas de estacionamento, guarita, depósito e pequenas e esparsas parcelas gramadas de área verde. Através do *Walkthrough*, notou-se, de forma geral, uma precária arborização, sendo que o paisagismo é criado apenas com grama e alguns coqueiros, inexistindo espécies de maior porte. A falta de privacidade é um problema visível nesse conjunto, tanto para alguns moradores quanto para os visitantes. Isso porque os apartamentos térreos possuem janelas no mesmo nível em que as pessoas circulam pela área externa – aberturas estas que também são voltadas para os espaços de uso comum. Portanto, além de da falta de privacidade, há o problema de barulho excessivo para os residentes dessas unidades [9].

FIGURA 9

Área de circulação de externa, mostrando posicionamento das aberturas no térreo.

Fonte: Acervo dos autores, 2013.



3 Uberlândia conta com o Sistema Integrado de Transporte (SIT), em que algumas linhas fazem ligação dos bairros ao centro, enquanto outras ligam os próprios bairros. Por causa disso, muitas áreas periféricas permanecem desconectadas entre si, visto que, geralmente, as linhas existentes fazem tal conexão a partir do Terminal Central, enquanto os fluxos, como no caso do bairro Laranjeiras, deveriam ser estudados para proporcionar ligação também diretamente com os bairros do entorno.

Quanto ao lazer, os moradores sentem falta de melhores equipamentos, que sejam diversos. Quando inaugurado, o condomínio analisado possuía dois parquinhos, sendo que os moradores se mobilizaram e, no local de um deles, construíram uma quadra de futebol [10]. Os elementos não são implantados de maneira adequada, pois se inserem em espaços residuais. Todos os entrevistados têm consciência da existência dessas áreas de lazer no edifício, entretanto, apenas 23% dos moradores entrevistados [11] afirmaram que utilizam tais elementos. Assim, percebe-se o descaso no planejamento das áreas coletivas, além da baixa ou inexistente manutenção dos poucos espaços existentes. Como principais sugestões para aprimoramento dessas áreas, os residentes indicaram a criação de outros equipamentos de lazer dos quais sentem falta e/ou poderiam ser úteis, como, por exemplo, praça, equipamentos de ginástica e churrasqueira/salão de festas.

FIGURA 10

Equipamentos coletivos do conjunto.

Fonte: Acervo dos autores, 2013.



FIGURA 11

Grau de utilização dos equipamentos de lazer.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



Já em relação à aparência estética do conjunto, as fachadas são homogêneas com repetição no padrão dos elementos construtivos. De acordo com as entrevistas realizadas, os moradores demonstraram insatisfação com a aparência das mesmas, pois ultimamente todos os condomínios de HIS possuem o mesmo “estilo”, sendo assim, eles relataram que gostariam que o conjunto apresentasse boa qualidade visual.

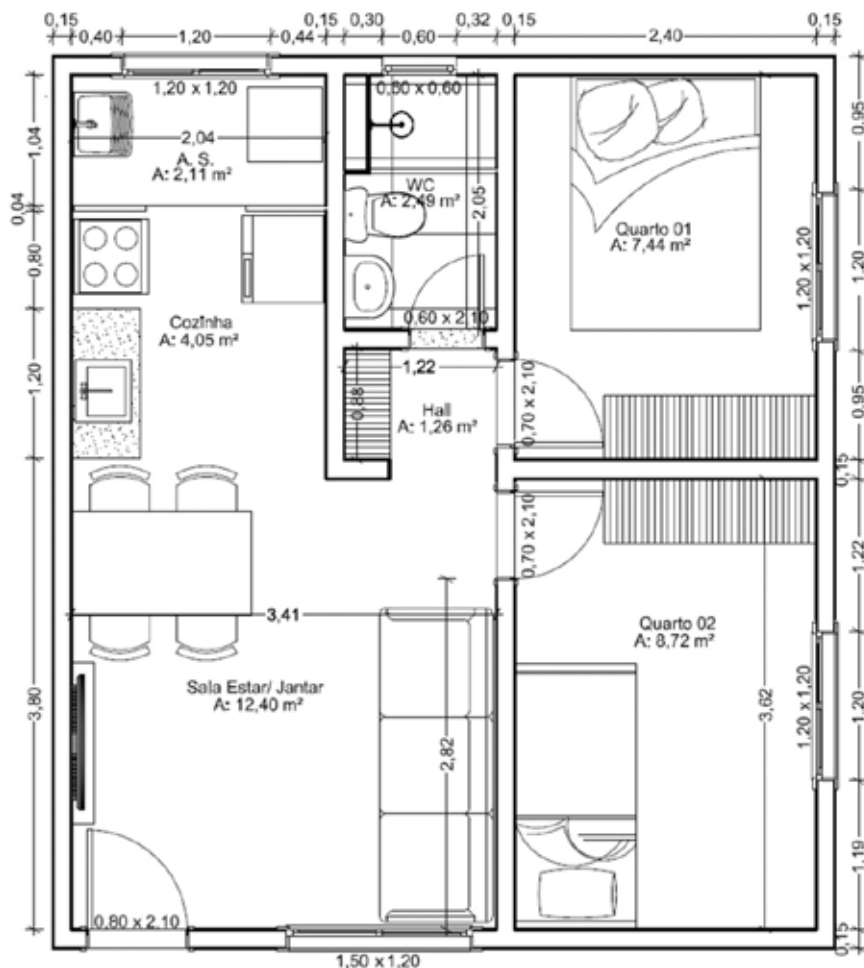
Unidade habitacional – satisfação e análise de uso/ características técnicas

As unidades habitacionais concebidas atualmente são, em grande maioria, projetadas para requerer mobiliário mínimo e planejado, uma vez que sua reduzida área construída não permite que uma família faça uso do próprio mobiliário. O mínimo oferecido para apartamentos, normalmente, contempla uma planta com dois quartos, banheiro, lavanderia integrada à cozinha e sala.

A unidade deste conjunto [12] possui esse mesmo programa mínimo, totalizando 40,5m². Nesse empreendimento, assim como em grande parte dos outros conjuntos verticais do Brasil, torna-se difícil realizar qualquer modificação, ampliação e/ou me-

lhorias para se criar uma melhor espacialidade para o morador. A área de serviços, neste caso, é o cômodo com maiores problemas: sendo pequeno e integrado com a cozinha, não há como estender as roupas e nem espaço suficiente para estocagens.

FIGURA 12
Planta Baixa com dimensões aproximadas do apartamento tipo.
Fonte: Organizado pelos autores, 2014.

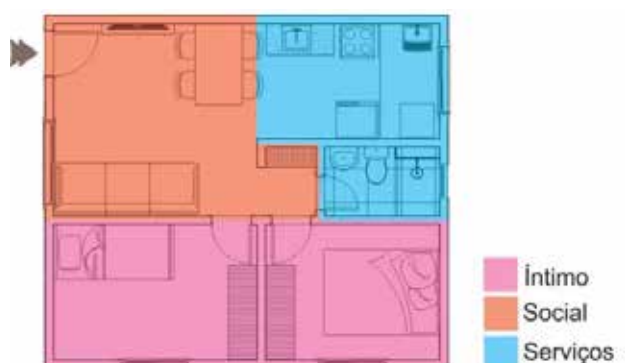


Observa-se, a partir da planta, a compartimentação e má segregação dos espaços [13], também devido à materialidade da edificação. Concebida em alvenaria estrutural, essa técnica construtiva, em geral, não permite a criação de grandes vãos ou aberturas, ou mesmo mudança na disposição dos ambientes. Devido ao pequeno espaço ofertado, dificulta-se a composição de um layout funcional, que permita uma boa circulação e conforto ou a adaptação da unidade para diferentes modos de vida e, por isso, tal aspecto constitui foco de grande reclamação por parte dos moradores.

FIGURA 13

Setorização da planta.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



De maneira geral, é possível afirmar que, em quase todos os cômodos da residência, ocorre expressiva sobreposição de usos [14], de forma que um único ambiente comporta, por vezes, funções de alimentação, descanso, trabalho, lazer, receber visitas e cuidado com as roupas [15]. Tal sobreposição, em termos conceituais, não seria uma desvantagem, desde que os espaços fossem flexíveis o suficiente para comportar todas as atividades. O problema reside na necessidade de sobreposição de usos por falta de área suficiente para que as ações possam ser realizadas com conforto, privacidade e segurança. Nesse sentido, para um melhor aproveitamento dos ambientes propostos, sugere-se a adoção de divisórias e móveis flexíveis que poderiam amenizar o problema de exiguidade de áreas.

FIGURA 14

Planta baixa com ações sobrepostas que ilustram realidade dos moradores.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



FIGURA 15

Roupas sendo estendidas para secagem dentro do quarto.

Fonte: Acervo dos autores, 2013.

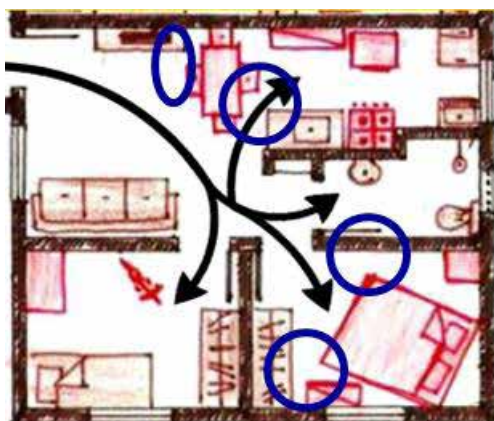


A cozinha, por exemplo, é pequena e não comporta bem fogão, geladeira e pia, dificultando o ato de preparar refeições e mesmo circular, além de não oferecer espaço para estocagem de materiais, panelas e outros utensílios. Outro problema diz respeito à inexistência de um local para realizar refeições, exigindo-se que a sala novamente se destine a um uso não planejado. A figura [16] mostra uma solução encontrada pelos moradores para utilização do mobiliário, destacando-se alguns pontos de estrangulamento no que se refere à circulação.

FIGURA 16

Planta baixa com distribuição dos mobiliários e eixos de circulação.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



Além disso, os entrevistados relataram a dificuldade existente em deslocar o mobiliário dentro da unidade, uma vez que a largura das portas e portais impede que se retirem algumas peças – como um armário ou um sofá já montados. Tal situação comprova a incompatibilidade existente entre a tipologia habitacional adotada e a restrição espacial característica desses apartamentos. Por mais que sejam divididos em áreas funcionais, também tal demarcação se torna comprometida à medida que todos os cômodos são interligados com a sala.

Em relação à materialidade, entende-se que os materiais e técnicas empregados são de baixa qualidade ao se atentar às ferrugens nas esquadrias, necessidade de substituição de pias e tanques por parte dos moradores, desgastes das cerâmicas e azulejos no interior dos apartamentos e do piso em ardósia das escadas. É visível ainda a quantidade de patologias estruturais na construção – trincas e fissuras –, principalmente nas interfaces com janelas e portas. As esquadrias expostas às intempéries estão enferrujadas e com problemas para abrir e fechar. O corrimão da circulação vertical, por sua vez, apresenta problemas de pintura, enquanto muitos degraus estão irregulares, resultando em pequenas inclinações nos azulejos mal assentados.

FIGURA 17

Trincas e fissuras.

Fonte: Organizado pelos autores; 2014.



A partir dos resultados coletados e da compatibilização dos mesmos com as entrevistas dos moradores, elaborou-se um quadro resumo [18] de problemáticas, cujo intuito seria orientar a reflexão sobre possíveis soluções que poderiam ser realizadas para a concepção de novas habitações de cunho social, com maior qualidade. Observa-se que a maioria das queixas apresentadas pelos entrevistados com relação ao apartamento diz respeito às dificuldades encontradas para adaptá-lo às suas necessidades, em função de problemas de projeto: padronização de soluções para diferentes famílias, áreas mínimas e compartimentação (que exigem a sobreposição inadequada de usos, dificulta a disposição do mobiliário e cria circulações estranguladas), falta de flexibilidade, quantidade insuficiente de estocagem, além da baixa qualidade dos materiais e elementos construtivos especificados.

FIGURA 18

Quadro resumo.

Fonte: Organizado pelos autores, 2014.



Considerações Finais

Conforme analisado, os projetos de HIS brasileiros geralmente não atendem às necessidades mínimas de seus moradores e, mesmo após a identificação dos problemas dessas habitações em diferentes estudos, tais projetos continuam a ser reproduzidos sucessivamente em várias cidades, sem considerar as particularidades de cada local e as demandas dos usuários. Esse quadro tem se agravado sobretudo com o incentivo à produção do setor, em programas como o MCMV.

No caso do conjunto analisado, embora a inserção urbana atenda às expectativas dos residentes, em função da disponibilização de equipamentos públicos aos mesmos, outros aspectos corroboram a problemática identificada: área útil muito reduzida para o desenvolvimento de atividades domésticas, com excessiva sobreposição de usos e fluxos comprometidos; falta de estocagem; padronização de soluções para diferentes tipos de famílias; baixa qualidade construtiva e estética; ausência de projeto paisagístico; falta de privacidade em alguns apartamentos; e espaços coletivos pouco valorizados.

Sendo assim, aponta-se que a diminuição do déficit habitacional brasileiro deve estar acompanhada da produção de unidades habitacionais de qualidade, cujos projetos considerem modos de morar de diferentes perfis familiares, sociais e culturais. Considera-se, portanto, a hipótese de que a qualidade projetual tende a melhorar através da montagem e observação, por parte dos profissionais e estudantes, de bancos de dados municiados por avaliações pós-ocupação, conforme observado na experiência metodológica aqui relatada.

Referências

- ARANTES P.; FIX, M. Minha Casa Minha Vida, o pacote habitacional de Lula. **Correio da cidadania**, 2009. Disponível em: <http://www.correiocidadania.com.br/content/blogcategory/66/171/> [Acesso 30 mar. 2015]
- CARDOSO, A. L.; ARAGÃO, T. A.; ARAÚJO, F. S. Habitação de interesse social: política ou mercado? Reflexos sobre a construção do espaço metropolitano. In: **XIV Encontro Nacional da ANPUR, Anais**. Rio de Janeiro: v.1, s/p (CD-ROM), 2011.
- COELHO, A. B. Cidade e habitação social. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, Anais**. São Carlos: v.1, pp.1-24, nov. 2009. DOI: 10.4237/sbqp.09.203.
- ELALI, G. A. APO e metodologia projetual: uma experiência didática na UFRN. In: **Seminário Internacional NUTAU'2000, Anais**. São Paulo: v.1, s/p (CD-ROM), 2000.
- ELALI, G. A.; VELOSO, M. F. Avaliação pós-ocupação e processo de concepção projetual em Arquitetura: uma relação a ser melhor compreendida. In: **Seminário Internacional NUTAU'2006, Anais**. São Paulo: v.1, s/p (CD-ROM), 2006.
- LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. Métodos e técnicas para levantamento de campo e análise de dados: questões gerais. In: **WORKSHOP AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO, Anais**. São Paulo: v.1, pp.28-29, 1994.
- LAY, M. C. D.; REIS, A. T. L. Tipos arquitetônicos e dimensões dos espaços da habitação social. **Ambiente Construído**. Porto Alegre: v.2, n.3, pp. 7-24, 2002.
- LEITE, L. C. R. **Avaliação de Projetos Habitacionais** – determinando a funcionalidade da moradia social. São Paulo: Ensino Profissional, 2006.
- MARICATO, E. Por um novo enfoque teórico na pesquisa sobre habitação. **Cadernos Metrôpole**. Rio de Janeiro: n. 21, pp. 33-52, 1ºsem. 2009.
- MEDVEDOVSKI, N. S. Gestão de espaços coletivos em HIS – a negação das necessidades básicas dos usuários e a qualidade do cotidiano e do habitar. In: **SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO, Anais**. São Carlos: v.1, pp.111-121, nov. 2009. DOI: 10.4237/sbqp.09.206.
- MELHADO, S. B. Qualidade e avaliação de desempenho no processo de projeto. In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL NUTAU, Anais**. São Paulo: v.1, out. 2004.
- PREISER, W. F. (Org.). **Building Evaluation**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1990.
- PREISER, W. F.; RABINOWITZ, H. Z.; WHITE, E. T. **Post-Occupancy Evaluation**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1988.
- PREIZER, W.; VISCHER, J.; WHITE, E. (Org.). **Design Intervention: Toward a more human Architecture**. New York: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- ROLNIK, R.; ROYER, L. O. O programa Minha Casa Minha Vida nas Regiões Metropolitanas de São Paulo e Campinas: aspectos socioespaciais e segregação. In: **III ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, Anais**. São Paulo: v.1, pp.1-23, out. 2014.
- ROMÉRO, M.; ORNSTEIN, S. (Coords.). **Avaliação Pós-Ocupação: métodos e técnicas aplicados à habitação social**. Porto Alegre: ANTAC, 2003.
- SAMPAIO, M. R. A.; PEREIRA, P. C. X. Habitação social em São Paulo. **Estudos Avançados**. São Paulo: v. 17, n. 48, 2003.

SZUCS, C. P.; PEREIRA, G. M.; SILVA, C. S. F.; COSTA, M. Sustentabilidade Social e Habitação Social. In: **IV Encontro Nacional e II Encontro Latino-americano sobre Edificações e Comunidades Sustentáveis, Anais**. Campo Grande: v.1, pp.481-490, 2007.

VILLA, S. B. A APO como elemento norteador de práticas de projeto de HIS: o caso do projeto [MORA]. In: **1º CONGRESSO INTERNACIONAL HABITAÇÃO NO ESPAÇO LUSÓFONO, Anais**. Lisboa: v.1, s/p (CD-ROM), set. 2010.

VILLA, S. B.; SARAMAGO, R. C. P.; BORTOLI, K. C. R.; PEDROSA, M. C. P. A ineficiência de um modelo de morar mínimo – análise pós-ocupacional em habitação de interesse social em Uberlândia. **OBSERVATORIUM**. Uberlândia: v.5, n.14, pp.121-147, 2013.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

CADERNOS
PROARQ 24

LUÍS HENRIQUE HAAS LUCCAS

A Arquitetura de Linhagem Brutalista em Porto Alegre nos Anos 60/70

*The Architecture of Brutalist Lineage in Porto Alegre
in the 1960s and 1970s*

LUÍS HENRIQUE HAAS LUCCAS

Possui graduação em arquitetura pela universidade federal do rio grande do sul (1983), mestrado (1997) e doutorado em arquitetura (2004) pelo programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura (propar) da mesma instituição. É professor associado da faculdade de arquitetura da universidade federal do rio grande do sul, onde dedica-se destacadamente ao ensino do projeto arquitetônico, na graduação; e ao ensino e pesquisa nas linhas temáticas de arquitetura moderna e projeto, na pós-graduação (propar).

Graduated in Architecture at the Federal University of Rio Grande do Sul (1983), master degree (1997) and Ph.D. in Architecture (2004) by the program of research and post-graduation in architecture (Propar) at the same institution. Associate professor at the Architecture's faculty of the Federal University of Rio Grande do Sul, where is dedicated to the teaching of architectural design in the undergraduation; and the teaching and research in the thematic lines of modern architecture and design in the post-graduation (Propar).

luis.luccas@ufrgs.br

Resumo

O texto examina a arquitetura realizada em Porto Alegre nos anos sessenta e setenta, sob a influência do que se convencionou como brutalismo. Paralelamente à preferência pelos materiais industrializados, formas sintéticas e estandardizações próprias do gosto construtivo introduzido na cidade no final dos anos cinquenta, uma linhagem de feições brutalistas se constituiu gradualmente na década seguinte, através da valorização da estrutura e uso do concreto aparente, destacadamente. Em parte, essa alternativa apresentava um comportamento oposto à primeira, pelo alto teor artesanal presente tanto na concepção quanto na execução das obras: o projeto perseguia soluções e detalhes exclusivos, divergentes do ideal de padronização e serialidade da indústria; e a execução das obras ratificava a postura, ao adotar a prática de moldar peças únicas em fôrmas descartáveis. O trabalho tem como objetivo analisar a experiência local através de um breve panorama de suas obras mais representativas, incluindo o caso contestável exemplar do Centro Administrativo do Estado, que demonstra o aplanamento recorrente das grandes obras do período. A investigação também procura identificar e dimensionar com mais precisão influências plausíveis, como as obras pós-guerra de Le Corbusier e Mies – cuja sobreposição constituiu as bases do brutalismo –, a Escola Paulista e outros aportes eventuais; e as contribuições autorais que transmitiram singularidade às obras. Uma meta mais ambiciosa busca respaldar a premissa de que o teor artesanal intrínseco ao brutalismo foi um fator decisivo no encaminhamento daquela produção: por um lado ocorreu laudável compartilhamento de um repertório de componentes e soluções exemplares, que sustenta a existência de uma Escola Paulista; por outro, a experimentação autoral nos arranjos espaciais e detalhes produziu resultados questionáveis frequentes, através de equivocados “rasgos artísticos” desprovidos de necessários fundamentos.

Palavras-chave: Brutalismo, Arquitetura moderna, Porto Alegre.

Abstract

This paper examines the architecture held in Porto Alegre in the sixties and seventies under the influence of the conventionally called Brutalism. In parallel to the preference for industrial materials, synthetic forms and typical standardizations of the constructive kind introduced in the city in the late fifties, a line of brutalist features was gradually formed in the sixties by developing the structure and the use of exposed concrete, prominently. In part, that alternative has showed an opposite behavior to the first one through the high artisanal tenor present in both design and execution of works: the project has pursued solutions and unique details, differing from the ideal of industry's standardization and seriality; and the execution of the buildings ratified that posture when adopted the practice of molding unique pieces in disposable molds. The paper aims to analyze the local experience through a brief overview of its most representative works, including the controversial exemplar case of the State Administrative Centre, which demonstrates the recurrent flattening of the great works of the period. The research also seeks to identify and to measure more precisely its plausible influences, such as the post-war works of Le Corbusier and Mies – whose superposition constituted the bases of brutalism –, the “Paulista School” and any other eventual references; and the personal contributions of the authors that transmitted uniqueness to the works. A more ambitious goal seeks to support the premise that the artisanal content intrinsic in the brutalism was a decisive factor for the engagement of that production: on one hand there was a laudable repertoire share of components and exemplary solutions, which supports the existence of a “Paulista School”; on the other hand, the authorship trials in spatial arrangements and in details produced frequent questionable results, through misguided “artistic tears” devoid of necessary fundamentals.

Keywords: Brutalism, Modern Architecture, Porto Alegre City

A Arquitetura de Linhagem Brutalista em Porto Alegre nos Anos 60/70

Introdução

A arquitetura praticada na capital gaúcha mostrou sintonia com o contexto mais amplo dos anos sessenta, quando o chamado brutalismo se tornou uma espécie de “padrão culto”, passando a dividir espaço com a arquitetura sintética simplificada como Estilo Internacional. Naquele momento, São Paulo se tornava o novo centro de gravidade da arquitetura brasileira, como decorrência da supremacia política e econômica atingida e das proposições renovadoras que ali se realizavam; ao que convergia o desgaste de um quarto de século de aplicação do modelo de matriz corbusiana protagonizado pelos arquitetos cariocas e a transferência da Capital para Brasília, privando o Rio de Janeiro das importantes encomendas governamentais. A Escola Paulista apresentou uma produção volumosa e consistente, com projetos exemplares orientando uma produção mais ampla. E essa experiência também ficou conhecida como “brutalismo paulista”, a despeito da controvérsia existente sobre a definição, tornando-se gradualmente um referencial para as demais regiões, de modo similar ao que ocorreria com a Escola Carioca na fase anterior.

Alguns dos exemplares de feições brutalistas analisados sugerem a assimilação de imagens e práticas do “novo centro” pela arquitetura realizada em Porto Alegre, como seria plausível. O que surpreende, todavia, é que essa influência foi menor que a esperada, especialmente na fase inicial, como mostra o conjunto de casos mais significativos selecionados. São percebidas claramente fontes originais – como Le Corbusier e Mies¹ – sobre alguns dos projetos que flertavam com aquela linhagem arquitetônica, entre outros referenciais detectáveis; e contribuições autorais transmitindo singularidade às obras.

Deste modo, o trabalho tem como objetivo específico reconhecer criticamente e divulgar a experiência em questão. Mas também busca respaldar a premissa de que o teor artesanal intrínseco ao brutalismo, tanto no projeto quanto na execução, foi um fator decisivo no encaminhamento daquela produção. O conceito de Escola tem por base a unidade atingida através do compartilhamento de um repertório de componentes e soluções exemplares, repetidos com limitado contingenciamento de programa e espacialidade, em detrimento do autoral. E isso sustenta a existência de uma Escola Paulista. Entretanto, a vocação artesanal presente nessa linhagem abria possibilidades no sentido oposto, como aqui se argumenta. Ambos objetivos são perseguidos através da apreciação panorâmica concisa dessa arquitetura produzida na cidade, tendo como cenário a transformação gradual da paisagem construída através da participação crescente do concreto aparente².

1 A *Unité de Le Corbusier* (1947) é considerada obra inaugural do brutalismo. Mas a contribuição de Mies também foi decisiva, como Banham demonstrou lembrando os prédios baixos (sem problemas com a legislação contra incêndios) do IIT, com estrutura de aço e tijolos à mostra. Isso se reafirmou, mais recentemente, em estudos locais sobre a Escola Paulista, onde é visível a adoção canônica do edifício horizontal originado no projeto da Sede Bacardi (1957), como mostra o edifício da FAUUSP.

2 A seleção de obras examinadas se respalda na bibliografia reconhecida sobre o tema, destacadamente Xavier/Mizoguchi (1987) e Luccas (2004). O trabalho adota a forma do ensaio, modalidade cuja análise é de aproximação: o rigor é perseguido através da abordagem crítica interpretativa e argumentativa.

Ensaio na direção do brutalismo em Porto Alegre (1959-1968)

Pouco mais de uma década após a introdução da arquitetura moderna na capital gaúcha, ocorrida tardiamente no final dos anos quarenta, a cidade assimilava novas ideias em curso. A influência inicial corbusiana transmitida pela Escola Carioca declinava, abrindo espaço para um modelo mais sintético e “internacionalizado”, inaugurado no projeto vencedor do Concurso para a Assembleia Legislativa do Estado (1958): era o efeito da ascensão de Mies, Breuer e Case Study Houses como modelos referenciais, entre outros (Luccas, 2010). Pouco depois, este cenário seria enriquecido com edificações, equipamentos urbanos e espaços públicos influenciados pelo que se convencionou como brutalismo.

Paralelamente à preferência pelos materiais industrializados, estandardizações, soluções construtivas e arranjos compositivos da tendência introduzida na cidade no final dos anos cinquenta, uma produção de feições brutalistas se constituiu gradualmente nos anos sessenta, acentuando a exploração formal da estrutura e a exposição do concreto, tijolos e outros materiais. Em parte, essa alternativa apresentava um comportamento oposto à primeira, pelo alto teor artesanal presente tanto na concepção quanto na execução. O projeto passava a apresentar soluções e detalhes exclusivos, divergentes do ideal de padronização da indústria; e, às vezes, desenhar componentes que se afastavam da racionalidade, rumando em direção ao lirismo. A execução das obras, por sua vez, comportava processos “perdulários”, como a confecção de elementos moldados em formas de madeira descartadas após utilização única. Estes argumentos parecem comprovar o acentuamento da intuição ou sensibilidade própria da arte no projeto – fosse ela lírica ou concretista –, em detrimento de um processo compositivo apoiado em decisões lógicas.

Além da influência plausível das obras de São Paulo, essa prática refletia o legado corbusiano pós-guerra de modo direto, através de viagens eventuais dos autores e publicações gradualmente mais abundantes e acessíveis. Também não se podem descartar as experiências menos “brutas” e mais plásticas da valorização da estrutura e exposição do concreto aparente em outras partes do País, como o próprio Rio de Janeiro, a partir do precedente do MAM (1953), de Reidy. Em Porto Alegre, o concreto à mostra seria proposto de modo precursor na execução do Centro Evangélico, resultante de um concurso nacional de projetos realizado em 1959. Nos anos sessenta, o material passaria a ser exposto em pilares, vigas e outros elementos, associando de modo híbrido características enquadráveis como brutalistas a linhagens vigentes. Alguns exemplos do período ilustram este encaminhamento, como as breves análises buscam demonstrar.

Alguns exemplares representativos do período

Obra inaugural mencionada, o Centro Evangélico teve autoria de Carlos Fayet e Suzy Brücker, vencedores do concurso. O programa de necessidades incluía templo, estações, habitação para pastores, salas para cursos e festas, jardim de infância e administração. O arranjo acomodou com habilidade as diversas funções. Um pátio

assumiu a dupla função de adro de ingresso e claustro: espaço cuja tranquilidade recriou uma atmosfera conventual. O edifício compôs um marco limite entre períodos, aplicando simultaneamente soluções corbusianas consagradas na fase inicial, influências do Le Corbusier maduro e a neutralidade identificada com Mies. O bloco vertical manteve a caixa periférica corbusiana do primeiro momento, mas a fachada foi revestida com cobogós de quadrícula miúda, em sintonia com a neutralidade em ascensão. Principal elemento da fachada frontal, a empena da nave foi solucionada como um grande painel em concreto aparente [1]; material que se estendeu pela platibanda, pilares exoestruturais, galeria exterior coberta, interior da igreja [2] e o campanário escultórico no pátio, configurando um conjunto onde ecoam influências de La Tourette (1953). Do ponto de vista cronológico, é válido conjecturar se a decisão de utilizar o concreto exposto surge no Concurso ou posteriormente, durante o projeto e a execução da obra.

FIGURAS 1 e 2

Vista externa e interior do Centro Evangélico de Porto Alegre.

Fonte: Acervo FAM.



O edifício residencial FAM (1964) – cuja sigla representa os autores/proprietários Carlos Fayet, Cláudio Araújo e Moacyr Marques – é outro exemplo marcado pela composição híbrida: conciliou características modernas do período de afirmação com configurações próprias dos anos sessenta. Um painel de venezianas representativo da Escola Carioca cobriu a fachada frontal, numa proposta nova sob os demais aspectos [3]. O primeiro fator distinto era a implantação isenta sobre pilotis, contrastante com a prática dos anos anteriores; resultava das prescrições do novo Plano Diretor instituído em 1959. Outro aspecto inovador ocorreu na composição, com o corpo do edifício sem distinção de começo e fim: o corte abrupto do plano de venezianas e vigas da fachada tornava-se um segmento de padrão contínuo, afastando-se da unidade corbusiana dos anos anteriores e adotando a neutralidade do Mies americano. O terceiro aspecto novo referia-se à solução das fachadas: excluído o painel de venezianas de gosto nativista, as empenas laterais demonstram-se típicas dos arranjos brutalistas dos anos sessenta. A combinação de vigas de concreto aparente entre pavimentos e panos de alvenaria rústica pintada de branco é uma possível influência das obras paulistas: havia sido introduzida no País de modo inaugural em casas como Antônio Carlos de Cunha Lima (1958), de Joaquim Guedes, e Nadir de Oliveira (1960) e Antônio D'Elboux (1962), de Carlos Millan.

FIGURA 3

Vista externa e interior do Centro Evangélico de Porto Alegre.

Fonte: Acervo FAM.



A residência David Kopstein (1965), de Cláudio Araújo, representa uma situação limite entre as influências sintéticas daquele período e a fase posterior que iniciava [4 e 5]. O lote estreito contribuiu para a composição sóbria através da contenção imposta às formas. Os materiais foram exibidos à semelhança do enunciado consensual brutalista: o concreto do sistema estrutural de vigas apoiadas sobre paredes portantes, presente no entrepiso e na cobertura, foi colocado à mostra, como também os tijolos das alvenarias. Do ponto de vista compositivo, a casa distancia-se dos arranjos canônicos do brutalismo paulista; aqui o modelo parece ser as casas Jaoul (1951), de Le Corbusier, com sua estrutura tradicional de alvenarias portantes. Todavia, a ordem e contenção formal resultam numa serenidade que remete à visível inspiração miesiana do autor no período.

FIGURAS 4 e 5

Vista frontal e vestíbulo da Casa Kopstein.

Fonte: Acervo João Alberto/Ritter dos Reis.



O Hospital Presidente Vargas (1966), de David Léo Bondar e Iveton Porto Torres, constituiu outra experiência limite entre as soluções da vereda miesiana e as influências ditas brutalistas: não o enunciado doutrinário paulista com seus grandes vãos, mas a valorização da estrutura e aplicação do concreto aparente como protagonista [6]. A composição volumétrica e das fachadas recebeu a regência da estrutura aparente, com quatro intercolúnios, ao que se aliaram os dois volumes semelhantes das extremidades, onde se concentraram as circulações verticais e os sanitários.

FIGURA 6

Hospital Presidente Vargas.

Fonte: Arquivo do autor.



A Secretaria Municipal de Obras e Viação (1966), da autoria de João José Vallandro, Moacyr Marques e Léo Ferreira da Silva, é mais uma obra do período que apresentou características acentuadamente híbridas [7]. A “monumentalização da estrutura” destacou os pilares do corpo do edifício, cujas arestas projetam-se em balanço, remetendo à última fase de Mies, onde se destaca o projeto não construído da Sede da Bacardi em Cuba (1957) efetivado na Galeria Nacional de Berlim (1962). No ático, entretanto, uma superestrutura em concreto aparente expandiu-se para fora da projeção do pavimento tipo, apoiada sobre os pilares exteriores, diferenciando o último pavimento com uma galeria periférica; arremate utilizando a dramaticidade da luz, de estirpe claramente corbusiana. As gárgulas de concreto foram outro recurso do mesmo naipe. Vale destacar a centralização de circulações verticais e sanitários, que liberou o perímetro do edifício possibilitando o tratamento indiferenciado das quatro fachadas: já não havia aquele cuidado com a orientação solar próprio do apogeu da arquitetura moderna brasileira.

FIGURA 7

Secretaria Municipal de
Obras e Viação.Fonte: Acervo João Alberto/
Ritter dos Reis (detalhe).

Um último projeto do período a destacar foi o Clube do Professor Gaúcho (1966), de João José Vallandro e Moacyr Marques [8]. A proposta original apresentava vãos amplos e o concreto aparente aplicado de forma global, ao modo de projetos exemplares

da Escola Paulista; soluções que não foram executadas de modo integral, prejudicando sensivelmente o resultado final. Uma sequência de pilares ciclópicos laminares pautou a composição de modo vertical, distribuindo a composição sobre o terreno de modo contrastante com o referencial paulista. As formas “megalíticas” foram unificadas pela grande cobertura horizontal análoga às superestruturas dos projetos de Artigas e Cascaldi, como a Garagem de Barcos Santa Paula (1961). Pouco utilizadas no “brutalismo paulista” e até mesmo ausentes na obra de Artigas e Paulo Mendes, as gárgulas adotadas remetem à Le Corbusier e reforçam a escala colossal da composição. A textura das fôrmas (moldes) está impressa na grande platibanda horizontal e nos pilares-lâminas que a sustentam. O acabamento recuperando os defeitos da concretagem e a pintura na cor semelhante ao concreto foram precauções contra o aspecto arruinado mantido nas obras mais autênticas e representativas da Escola Paulista. Enfim, apropriando-se de parte dos enunciados e soluções daquela Escola – de modo descomprometido com o discurso ideológico –, o conjunto recriava uma expressão brutalista de tom autoral.

FIGURA 8

Clube do Professor Gaúcho.

Fonte: Acervo FAM.



A experiência da REFAP

Localizada na região metropolitana de Porto Alegre, a Refinaria Alberto Pasqualini constituiu a maior experiência da arquitetura local do período [9]. Os autores Cláudio Araújo, Carlos Fayet, Miguel Pereira e Moacyr Marques iniciaram o projeto em 1962, sendo as obras concluídas em 1968. Os diferentes projetos foram conduzidos individualmente pelos quatro arquitetos, conforme depoimento de Fayet³, refletindo a falta de continuidade formal desejável, apesar da preocupação com a unidade do conjunto asseverada por eles (Kiefer/Maglia, 2000, p.110). A influência de Mies é detectável no rigor das estruturas que pautam os edifícios, na neutralidade das fachadas, no uso extenso do vidro e equilíbrio das composições obtido através da simetria, entre outros detalhes menores como escadas de ingresso à maneira da casa Farnsworth (1946) e Crown Hall (1950). Em alguns prédios também está presente a estrutura em balanço nos vértices, eliminando os pilares nos cunhais, ao modo das propostas de Mies não construídas para a Casa 50x50' (1950) e a Sede da Bacardi, além da Galeria Nacional de Berlim.

³ Depoimento ao autor em 21 de maio de 2003.

FIGURA 9

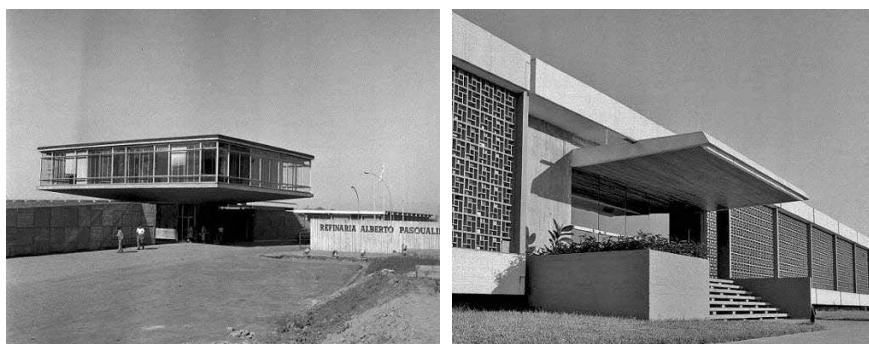
Visão geral da REFAP.

Fonte: Acervo João Alberto/
Ritter dos Reis.

A Recepção escultórica fundiu princípios miesianos com o concreto aparente e a ousadia estrutural próprios do “brutalismo paulista” [10]. O projeto teve regência de Miguel Pereira, cuja identificação com Mies ocorreu de modo consciente e confesso, como afirmou: “da minha parte, essa severidade tinha também a ver com as minhas preocupações racionalistas, voltadas para o estudo da obra do mestre Mies van der Rohe” (Kiefer/Maglia, 2000, p.103). O prisma horizontal envidraçado foi suspenso sobre uma base central, produzindo o balanço periférico arrojado que caracterizou a proposta. As bordas delgadas da cobertura e piso arremataram a cortina de vidro contínua. A malha modular comprova a falta de unidade acusada: a modulação de 1,50m alterava a malha de 1,25m dos demais edifícios.

A Superintendência de Produção foi outro ponto alto que dialogou com o brutalismo, ao valorizar a estrutura de concreto aparente [11]. O edifício configurou um grande prisma horizontal resultante do cruzamento de três alas paralelas no sentido frente-fundo, com duas alas perpendiculares fechando as extremidades. Hoje modificado, o ingresso apresentou escada ao modo de Mies que merece menção. As fachadas expressaram a pauta estrutural com a cadência dos vãos de 5 metros; os vértices foram solucionados pelo encontro de balanços de dois módulos (2,50m) – ou meio intercolúnio –, revelando a cortina de esquadrias posterior, parcialmente escondida pelos cobogós da fachada oeste. Implantado numa área de várzea, edifício foi elevado do solo à semelhança da casa Farnsworth e de algumas Case Study Houses.

FIGURAS 10 e 11

Recepção e
Superintendência de
Produção da REFAP.Fonte: Acervo João Alberto/
Ritter dos Reis.

Ainda vale destacar o uso precursor da pré-moldagem na construção de galpões do complexo. A questão da pintura do concreto adotada é outro ponto particular nesse projeto, num momento em que era perseguida a verdade estrutural e dos materiais.

Miguel Pereira mencionou a solução das cores como uma intenção à “procura de um brutalismo mais ameno e belo” (Kiefer/Maglia, 2000, p.103), enquanto os demais autores consideraram a medida acrítica.

Após 1968: o “milagre econômico” e a consolidação de uma linhagem brutalista

Hoje recuperados com nostalgia, os “anos dourados” do governo Kubitschek não foram tão tranquilos: em 1958, o déficit público já começava a pressionar a inflação. A situação se agravou a partir da eleição de 1960, com a renúncia de Jânio Quadros poucos meses após a posse, em 1961, culminando com o golpe militar de 1964. O final do governo Goulart resultou numa situação econômica caótica. Eleito pelo voto indireto em 1967, o general Costa e Silva estabilizaria a economia, conduzindo o País rumo ao “milagre econômico” (1969-1973), no qual o PIB do País cresceu na média vertiginosa de 11,2% ao ano. O conturbado ano de 1968 já apresentava um índice elevado de crescimento, em paralelo ao recrudescimento da ditadura. Os “anos de chumbo” também seriam um dos períodos de maior progresso material da vida brasileira (Fausto, 2002, p.257-270).

O breve intervalo fecundo de meia década produziu slogans enaltecendo um “Brasil grande”, espírito que permaneceria presente nas ações governamentais por vários anos, apesar da crise econômica reiniciada. Problemas como o déficit habitacional e a defasagem de equipamentos públicos eram solucionados predominantemente num só golpe, através de intervenções unitárias de grandes proporções. O momento era de muitas e grandes obras, mostrando sintonia com a premissa moderna de especialização e consequente centralização das funções.

O “milagre” reaqueceu a construção civil e, especialmente em São Paulo, a arquitetura de feições brutalistas conquistava diferentes segmentos da sociedade, produzindo muitas residências, bancos e até mesmo fábricas, além dos clubes e edifícios públicos dos anos iniciais. O isolamento da Escola Paulista permitiria a exaustão das possibilidades sobre aqueles enunciados e recursos materiais restritos utilizados, mantendo a produção local ao largo de interferências externas durante duas décadas; e consolidando a posição referencial frente às demais regiões brasileiras.

O discurso engajado parece ter sido característica intrínseca do brutalismo, como Bannham mostrou em seu livro memorável sobre o tema. Fundamento doutrinário do “brutalismo caboclo”, a politização do exercício da arquitetura se acentuou com o golpe militar de 64. A justificativa das obras por preocupações sociais passou a prevalecer. A “proeza estrutural” dos grandes vãos e balanços, a submissão da forma à definição da estrutura, a síntese formal e a minimização de recursos materiais eram soluções estético-construtivas que tentavam ser justificadas através de argumentos de caráter social. Desse modo, os grandes vãos perseguidos no período (a partir de Crown Hall e Galeria Nacional de Berlim, de Mies) passaram a significar espaços democráticos; a permeabilidade daquela arquitetura – ou alveolaridade⁴ – foi justificada como expansão do público sobre o privado; a eliminação de divisões expressava o triunfo do coletivo sobre individual; e a rusticidade e síntese usuais representavam

⁴ Termo cunhado por Le Corbusier, em *Vers une Architecture*, para designar sombreamentos e espaços intermediários entre interior e exterior.

sobriedade, negação ao supérfluo⁵. À parte deste discurso que exacerbava uma postura ética e encobria a verdade – a busca da forma –, o importante é que o brutalismo produziu obras de valor estético, arquitetura de qualidade.

O triunfo do concreto armado como solução construtiva e plástica também resultou no avanço de experiências de pré-fabricação, iniciadas em projetos como os galpões da REFAP. João Filgueiras Lima se notabilizou pelas obras do Centro Administrativo da Bahia (1973): fragmentos do mítico edifício-viaduto que Le Corbusier esboçara no Rio de Janeiro, em 1929. Naquele caso, argumentos frágeis tentavam explicar as plataformas curvilíneas suspensas do projeto de Lelé, apoiadas numa única linha de pilares com grandes vãos, a título de “assumir de fato o ônus de preservação da paisagem” (Filgueiras Lima, 1980, p.79). A arquitetura brasileira vivia um longo período de isolamento do que ocorria no exterior, como fruto da vaidade acumulada daqueles anos de sucesso e reconhecimento internacional; ao que se somava o excessivo engajamento político provocado pela ditadura, produzindo uma postura qualificável como xenofóbica. Segawa resumiu o arranjo estabelecido precisamente:

Não importava o programa de uso: da casa ao viaduto, da agência bancária ao forno crematório, da escola à torre de garagem, do sofá ao edifício administrativo – era a moda (ou ditadura) das grandes estruturas de concreto, do concreto aparente, dos pilares esculturais, das estruturas protendidas, do exibicionismo estrutural, a competição por vãos livres maiores, dos panos de vidro – [...] Evidências técnicas e formais que simbolizavam uma visão de modernidade, certa compostura legitimadora de uma arquitetura sem crítica ou críticos, num tempo de generalizada desconfiança e perseguição policiaisca, no qual o criticar era uma atitude reprimida ou interpretada como delação política [...] O excesso de trabalho embaraçava a autocrítica. Os arquitetos encastelavam-se num isolamento de olímpica autossuficiência ante discussões em curso no mundo (Segawa, 1998, p.191).

A situação no sul

Com exceção da REFAP, a arquitetura de Porto Alegre nos anos sessenta se concentrou na iniciativa privada. Somente no final da década seriam destinados alguns empreendimentos de maior porte à cidade, como a abertura da Avenida Primeira Perimetral, os viadutos Loureiro da Silva, Tiradentes, Obirici, Imperatriz Leopoldina e o túnel e elevadas da Conceição; obras que incorporaram o concreto à paisagem urbana. O viaduto dos Açorianos (1972) oportunizou a criação de um parque junto à intervenção, cuja supressão do tecido também visava valorizar a implantação tipo “cidade funcional” do Centro Administrativo do Estado, concebido na mesma ocasião. Também ocorreu um programa de renovação de praças e espaços públicos da capital gaúcha, padronizando intervenções através de equipamentos (bancos, escadas, floreiras, sanitários) e contenções dos desníveis em concreto aparente, reconstruindo literalmente a topografia com uma quadricula de terraços em diversos níveis. Na escala da edificação, a exploração plástica do concreto consolidava-se gradualmente, através da construção de prédios públicos, escolas, agências bancárias, residências e mesmo edifícios de ha-

⁵ Maria Luiza Sanvitto afirma que “o espaço único e a continuidade interior-exterior eram vistos como um ato de liberdade que permitia circulação e acessos irrestritos. A força moral que orientava essa arquitetura desconsiderava o direito à privacidade, e por isto o espaço fechado era descartado. Defendia o espaço único como liberdade em detrimento da privacidade que a compartimentação pode oferecer. O privado era, de alguma forma, associado ao ilícito” (Sanvitto, 2002, p.6).

bitação coletiva. Alguns exemplos aplicavam enunciados da Escola Paulista de modo quase integral. Porém, como ocorria no restante do País, desenvolvimentos autorais ampliavam as configurações possíveis; e formalismos comprometiam os resultados.

Naquele momento, a inovação era perseguida usualmente através da transformação dos elementos de arquitetura, que, em situações extremas, resultava na mutilação dos mesmos. Recuperadas da tradição por Le Corbusier, as gárgulas de Ronchamp (1950) ilustram a situação; foram criativamente modificadas de modo contínuo nos trabalhos seguintes. Elementos distintos fundiram-se contrariando princípios de composição e construção: no campanário e demais torres da mesma Ronchamp, paredes de alvenaria com reboco rústico transformavam-se em coberturas semiesféricas sem apresentar transições. A crença no concreto como material ideal, plástico e maleável, parece ter contribuído para a liberdade com que se passou a transgredir regras de bom senso e deformar elementos construtivos. Os exemplos locais neste sentido são numerosos: a cobertura plana do prédio cilíndrico da PROCERGS se dobra na borda, transformando-se em verga sobre as aberturas; no prédio vertical do Centro Administrativo (CAERGS), a parede inclinada funciona parcialmente como cobertura. Estes artifícios, aliados à eliminação de acabamentos e vulnerabilidade do concreto aparente ao clima úmido e inconstância térmica do Sul, acabaram por causar transtornos frequentes, como rachaduras, infiltrações, desgaste e outros inconvenientes responsáveis pela rápida deterioração dos prédios e a necessidade constante de manutenção. O CAERGS e o Planetário da UFRGS são dois exemplos disso: a imagem do primeiro sofreu anos com armaduras expostas manchando o plano curvo, até uma solução; e o outro passou por repetidas manutenções de infiltrações na junção da “laje origami” com a estrutura radial sobre ela, até um conserto duradouro.

Entre o referencial da Escola Paulista e as soluções singulares

Projetada em 1972, a casa do arquiteto Selso Manfessoni expõe a referência paulista, ao adotar o esquema canônico das residências de Paulo Mendes da Rocha de modo quase literal. Não fosse um detalhe primordial, constituiria um exercício exemplar sobre o modelo recorrente nas residências daquele à época: o prisma horizontal suspenso sobre poucos pontos de apoio [12]. Entretanto, os pilotis fundamentais foram eliminados no exemplo local, contrariando as prescrições: o volume principal foi posicionado sobre pavimento semienterrado em aclave, o qual acomodou garagem e compartimentos de serviços. Ocupando toda a extensão frontal do piso superior, uma varanda profunda em balanço transmitiu o necessário efeito de suspensão do falso “prisma elevado”. A escada de ingresso adotou solução similar à casa de Paulo Mendes no Butantã (1964), inserida no guarda-corpo maciço da varanda. Uma platibanda inclinada projetou-se para frente, cumprindo a função de quebra-sol da fachada oeste; como nas casas gêmeas, arrematou a sequência de vigas perpendiculares da laje nervurada, deixando uma fenda entre ela e a varanda (atualmente eliminada).

Na planta prosseguem as alusões [13]. O partido aplicou um zoneamento típico, dividindo a casa em hemisférios: sala e varanda constituíram a metade frontal, e o restante dos cômodos – três dormitórios, sala íntima e cozinha – foram dispostos em cinco módulos iguais na outra metade. Agrupados em volume central, dois sanitários adotaram uma configuração alongada com extremidades curvas: uma reminiscência dos desenhos biomórficos corbusianos, onde compartimentos em planta-baixa lem-

bravam o contorno de órgãos humanos. Como na matriz paulista, sanitários e vestiários apresentaram zenitais, devido ao partido compacto adotado. Enfim, a casa podia ser vista como um ensaio de Manfessoni naquele sentido, cuja morte precoce impediu a consumação⁶.

FIGURAS 12 e 13

Estado atual da Casa Manfessoni e planta baixa.

Fontes: Arquivo do Autor e Xavier/Mizoguchi, 1987, p.200.



Nos anos setenta, instituições financeiras paulistas adotaram aquela arquitetura local representativa, como o Banespa, cujas filiais atingiriam cidades como Porto Alegre. As formas próprias do discurso contestatário brutalista passavam a integrar o marketing das instituições econômicas de modo acrítico, tornando-se imagem do combatido establishment. A situação era semelhante na capital gaúcha, onde profissionais locais projetavam algumas agências da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil mesclando influências factíveis daquela Escola, de outras fontes e soluções autorais, como o exame das obras sugere.

A Agência José do Patrocínio da Caixa Econômica Federal (1973), de Jorge Decken Debiagi, sugere a influência assinalada, pela questão dos quatro pontos de apoio (ou seria somente Mies?). O projeto definiu um prisma de base retangular através de platibanda marcante em balanço, mas tornou-se contingente ao lote de esquina através da expansão secundária contra as divisas [14]. A laje de cobertura nervurada foi apoiada sobre quatro pilares cruciformes de concreto semelhantes aos de Mies para a Bacardi. Mais baixo, o corpo secundário ocupou o espaço residual, ampliando o atendimento e acomodando compartimentos de apoio necessários. Externamente, dois grandes coletores-gárgulas de secção circular foram posicionados nas laterais, cujo amarelo vibrante animou a composição em tons de concreto predominantes. O repertório delimitado e o arranjo sóbrio garantiram a qualidade da proposta. Debiagi realizou diversas agências da CEF no período, algumas contidas entre medianeiras de lotes estreitos, como nos exemplos das avenidas Azenha e Protásio Alves. No caso da Agência Torres (1976), no litoral norte gaúcho, um novo lote de esquina permitiu-lhe retomar com êxito a fórmula da cobertura sobre quatro pontos de apoio [15].

FIGURAS 14 e 15

Estado atual da Casa Manfessoni e planta baixa.

Fontes: Arquivo do Autor e Xavier/Mizoguchi, 1987, p.200.



⁶ O arquiteto faleceu aos 41 anos, em 1977.

Projetada por César Dorfman e Edenor Buchholz, a Agência Moinhos de Vento da Caixa Econômica Federal (1973) também se destaca pela sintonia com as prescrições formais do período [16 e 17]. Nesse caso, entretanto, não ocorreu a mesma literalidade do exemplo anterior; os poucos elementos utilizados receberam uma relativa autonomia de desenho e sintaxe. A unidade volumétrica foi estabelecida pela platibanda larga em balanço, que se destacou do perímetro coberto a partir do prolongamento das vigas transversais da laje nervurada: como na casa Manfessoni, o elemento tornou-se um quebra-sol na orientação oeste, permitindo iluminação pela fenda semelhante a uma pérgula. O perfil do feixe de vigas suavizou a perspectiva interna, a partir das mísulas curvas que transmitiram sensação de arco abatido. Uma intervenção recente acabou por desfigurar as características originais do prédio, ao revestir o concreto aparente com placas metálicas tipo Alucobond: um problema crescente em obras contemporâneas que merece atenção. A Agência CEF Independência (1976) é outro trabalho significativo de Dorfman e Buchholz nesse sentido. Ali o lote entre medianeiras foi coberto por uma laje nervurada entre as divisas, criando um hangar com três pisos; configuração aceitável como versão pragmática do “grande abrigo”. As duas empenas extensas foram tratadas internamente com motivos geométricos, estabelecendo uma relação de valorização mútua com o átrio da metade frontal.

O último exemplo selecionado, o edifício Palácio Versailles (1970), de David Léo Bondar e Arnaldo Knijnik, constituiu uma das poucas explorações mais integrais do concreto aparente no tema da habitação coletiva local [18 e 19]. O bloco austero foi suspenso sobre pilotis de pilares-lâminas chanfrados em diagonal junto à base, ao modo do ginásio em Guarulhos de Artigas e Cascaldi. As duas empenas laterais consolidaram o volume compositivamente, mantendo a continuidade formal com os pilares exteriores da base; vazadas no centro, destacaram a associação das vigas dos sucessivos pisos a elas. As duas fachadas longitudinais foram resolvidas através de composições mais convencionais, alternando aberturas extensas e elementos divisórios verticais entre as vigas destacadas de cada pavimento.

FIGURAS 16 e 17

Agência CEF Independência.

Fonte: Arquivo do autor.



FIGURAS 18 e 19

Edifício Palácio de Versailles.

Fonte: Arquivo do autor.



As grandes obras dos anos setenta: o CAERGS

Como se assinalou, as carências brasileiras procuravam ser solucionadas numa única iniciativa de escala proporcional. E isso convergia ao ideal de especialização funcional moderna. A CEASA (1970), o Centro Administrativo do Estado (1972), o Campus do Vale da UFRGS (1975) e conjuntos habitacionais foram trabalhos locais de dimensões características do “milagre”, representativos de um tipo habitual de abordagem do projeto naquele momento, originada na década anterior. Período de afirmação da arquitetura moderna, como grandes obras atestam, os anos sessenta mostraram fascínio pelas megaestruturas.

Na década anterior havia ocorrido a gestação de proposições que transpunham a realidade, como o projeto de Golden Lane (1952), dos Smithson: o manifesto da cidade vertical desejada, com edifícios ramificando-se utopicamente sobre o tecido destruído de Londres. Produzidos a partir de 1961, os projetos oníricos neofuturistas do grupo inglês Archigram, como Plug-In-City (1964) de Peter Cook, contribuíram naquele sentido; assim como os projetos metabolistas japoneses daquela década, com destaque para as poéticas cidades flutuantes de Kiyonari Kikutake. A leitura superficial frequente daquelas imagens transmitia a sensação enganosa de que tudo era possível. Convergingo com obras reais de grandes dimensões do período, parecem ter inspirado – bem ou mal – a arquitetura dos anos seguintes.

O Centro Administrativo do Estado do Rio Grande do Sul (1972) exemplifica comportamentos recorrentes frente ao projeto no período. Foi uma grande obra na qual se procurou tirar partido da solução estrutural em concreto aparente, com a autoria de Charles René Hugaud, Leopoldo Constanzo, Luís Carlos Machi da Silva e Ivânio Fontoura. Implantado no aterro sobre o Guaíba, foi segregado da cidade por vias rápidas. A Avenida Borges de Medeiros constituiu sua única interface com o tecido tradicional, obstruída parcialmente pelo grande bloco existente do DAER e, posteriormente, pelo extenso Fórum construído ao lado; fato que acentuou o isolamento do complexo implantado no centro da área.

A versão original da proposta buscou atender o programa através de três grandes edifícios acoplados: um bloco vertical destinado às Secretarias; uma Plataforma Central acumulando funções de estacionamento, ingresso e atendimento ao público; e o Palácio dos Despachos do Governador, não construído. Impôs-se uma composição linear sobre eixo organizador: Palácio e Secretarias seriam unidos pela grande Plataforma [20]. O arranjo procurava ressarcir unidade ao conjunto, associado à aparência de concreto comum a todos os edifícios. Afinal, o acentuado contraste entre eles decorria da autonomia de concepção dos arranjos espaciais, soluções estruturais e padrões de fachadas e aberturas utilizados; ao que se somava o abandono de estratégias de implantação que tentassem estabelecer relações físicas entre os edifícios, fossem elas impostas pelos limites geométricos de um tecido preexistente, ou relações de proximidade passíveis de serem estabelecidas num contexto tabula rasa.

A torre das Secretarias de Estado associou dois blocos laminares compartilhando a circulação vertical como “siameses”. A ânsia pelo original resultou no perfil curvo de gosto discutível do edifício, com secção variável decrescente dos sucessivos pavimentos-tipo. A forma gratuita procurou ser justificada pela suposta flexibilidade de tamanhos das lajes em prol do programa. As duas grandes laterais em curva ascendente transformaram-se em coberturas nos pisos inferiores, resultando na manutenção

frequente já mencionada. A altura foi reduzida de 32 para 21 pavimentos, suprimindo-se o trecho posterior à curvatura. O ingresso à torre estava previsto através da Plataforma Central, que atuaria como um grande saguão, o que não foi consumado: uma alteração profundamente danosa, pois o acesso passou a ocorrer através de duas desajeitadas rampas posicionadas na articulação com o grande bloco contíguo e no lado oposto.

A Plataforma de Atendimento ao Público resultou inacabada, tendo sua proposta original profundamente modificada. Os usos foram alterados e diversos elementos suprimidos, como as rampas, painéis curvos da fachada e taludes. Dos três pavimentos existentes, os dois inferiores acomodariam um estacionamento com 800 vagas. A cobertura de dimensões monumentais (150mx90m) receberia uma injustificável praça cívica suspensa, desarticulada de qualquer contingência, a despeito de toda a superfície circundante.

O Palácio dos Despachos do Governador seria sobrecarregado de caráter representativo, como mostram o projeto e a maquete do conjunto. Elevado do solo à imagem de seus precedentes brasilienses, o volume unitário com seis pavimentos conectava-se à grande Plataforma por um vestíbulo principal no terceiro nível. O mesmo tema da curva ascendente também se fez presente nas laterais. A composição lembra imediatamente o Palácio do Planalto, de Niemeyer: do mesmo modo que as colunas líricas deste suspendem o volume e apoiam a cobertura plana, quatro deselegantes elementos superlativos seriam dispostos em cada lateral, aparentando suportar os dois planos que envolveriam o corpo suspenso do Palácio; tais elementos extrapolavam amplamente a escala própria de uma estrutura. Em mais um momento se expunha a gratuidade das proposições, a perda de domínio sintático do vocabulário proposto.

FIGURAS 20

Maquete do CAERGS.

Fonte: Acervo João Alberto/
Ritter dos Reis.



Além do CAERGS brevemente analisado, o Campus do Vale da UFRGS é outro projeto do período em escala urbana cujos resultados são contestáveis; ambos merecem reflexões sobre os motivos pelos quais aquelas grandes oportunidades foram desperdiçadas.

Considerações finais

O retrospecto das duas décadas locais ratifica a ascensão de um referencial de linhagem brutalista. É inegável que a produção da Escola Paulista constituiu uma vertente principal daquele padrão de arquitetura no País, mas não foi a única fonte orientando a aplicação periférica do novo modelo, como mostra o conjunto examinado. Na fase inicial definida, os casos selecionados demonstram o desenvolvimento de uma arquitetura de naípe brutalista pela sobreposição das obras pós-guerra de Le Corbusier e Mies, de modo predominante, como ocorreu em grande parte da produção ocidentalizada. Já a contribuição da experiência paulista foi escassa, detectável na combinação de alvenarias rústicas pintadas de branco com o concreto exposto nos entrespisos e outros elementos, no caso apontado do Edifício FAM, que parece ter tomado o exemplo das obras mencionadas de Joaquim Guedes e Carlos Millan; e na adoção do plano horizontal sobre apoios articulados, no Clube do Professor Gaúcho, ao modo da Garagem de Barcos do Clube Santa Paula, entre outras obras similares de Artigas e Cascaldi.

Na segunda fase estabelecida, a partir do “milagre econômico” e difusão do padrão brutalista, é constatada uma influência mais visível, porém ambígua, das concepções dos citados Millan, Artigas e Cascaldi, assim como Paulo Mendes e João de Gennaro, entre outros protagonistas: um grupo de profissionais que atuou na direção de projetos com matrizes racionais, mais sistêmicos e replicáveis, evitando o “autoral” mencionado na introdução e sua tendência à singularidade. Essa foi uma característica laudável da Escola Paulista, que tangenciava a vertente construtiva: do ponto de vista acadêmico, podemos atribuir o êxito daquela produção à associação dosada de prescrições oriundas de projetos exemplares e contribuições individuais de contextualização ao programa e ao lugar: uma hipótese passível de comprovação.

Sobre a questão das supostas influências da arquitetura examinada, são dúbios os limites entre possíveis contribuições da experiência paulista e a fonte original miesiana, entre outras. Os casos das Agências CEF José do Patrocínio e Torres, de Debiagi, são os mais ambíguos, pois a matriz adotada pelo autor parece oriunda das proposições sobre quatro pontos de apoio de Paulo Mendes, destacadamente; e remete igualmente ao repertório de elementos daquela experiência, como indica a retomada do tema dos pilares cruciformes escultóricos da CEF Torres ao modo de Artigas. Todavia, a cobertura nervurada formando um pavilhão – e não um “prisma elevado” – sugere igualmente a retomada da matriz miesiana das casas 50x50', da Sede da Bacardi e da Galeria Nacional de Berlim, anteriormente mencionadas; assim como o uso de pilares cruciformes, entre outros pormenores: a solução soa híbrida. Há que se destacar a boa dose autoral que transforma a “leitura” de obras referenciais em algo novo, com certa autonomia formal. Aliás, o recurso foi importante no desenvolvimento prático dessa arquitetura, oscilando entre contribuições corretas de contingenciamento e excessos contestáveis.

O perfil artesanal dessa linhagem no âmbito da concepção, defendido no início do texto, abriu espaço para experimentações mais arriscadas, tanto na escala dos arranjos espaciais quanto dos detalhes – rasgos escultóricos desprovidos das necessárias bases. Na primeira escala, a possibilidade desaguava com frequência em configurações de gosto discutível, como o exemplo do CAERGS, na modelagem de formas típicas do “arquiteto demiurgo”. Na segunda, este espírito se associava à falácia da maleabilidade do concreto, resultando na produção de frequentes detalhes exclusivos; e isso produzia desde contribuições positivas a grandes equívocos.

Um último fator visível dos resultados contraproducentes acusados foi a frequente falta de espessura das proposições com programas complexos e grandes escalas; dois quesitos invariavelmente presentes na dimensão urbana. Se a chamada arquitetura moderna contou com a síntese a seu lado, renovando velhas configurações, teve opostamente esse equivocado aplanamento da complexidade inerente a determinados programas e escala urbanística. Afinal, esse é o problema que se detecta de modo reiterado nos projetos de grande porte e complexidade proporcional, como o mesmo CAERGS, o Campus do Vale da UFRGS e conjuntos habitacionais do período, que aguardam uma análise judiciosa merecida.

Referências

BANHAM, Reyner. **El Brutalismo em Arquitectura: Ética o Estética?** Barcelona: Gustavo Gili, 1967.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: EDUSP/ Imprensa Oficial, 2002, p.257-270.

FILGUEIRAS LIMA, João. Centro Administrativo da Bahia. Revista Módulo, Rio de Janeiro: n.57, fev. de 1980, p.79.

KIEFER, Flávio; MAGLIA, Viviane Villas Boas. Refinaria Alberto Pasqualini. Entrevistas com os autores. Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis, Porto Alegre: n.2, pp. 95-141, 2000.

LUCCAS, Luís Henrique Haas Luccas. *Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”*. Porto Alegre: PROPAR-UFRGS, 2004, 310p. [Tese de Doutorado].

. O sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, São Paulo: v. 27, p. 46-65, 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/43680>

SANVITTO, Maria Luiza. “As questões compositivas e o ideário do brutalismo paulista”. Revista ARQtexto, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 98-107, Janeiro/Junho 2002.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 1998.

XAVIER, Alberto [et al.]. **Arquitetura moderna paulistana**. São Paulo: Pini, 1983.

XAVIER, Alberto/ MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. São Paulo: Pini, 1987.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de

reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço:
um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma
educação estética da/na arquitetura

*Three tracks of a cartography of the body in the space:
an essay about to-see and not-to-see and the sense of
an aesthetics education of the/in the architecture*

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

RODRIGO GONÇALVES DOS SANTOS

Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (1999), mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2011). Atualmente é Professor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Estuda experiências estéticas e perceptivas e as relações destas com as teorias e práticas projetuais em arquitetura e urbanismo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em Planejamento e Projetos da Edificação, atuando principalmente nos seguintes temas: projeto arquitetônico, fenomenologia do espaço habitado, experiências de apreensão da arquitetura e da cidade, ensino de projeto.

Graduated in Architecture and Urban Planning at the Federal University of Santa Catarina (1999), master degree in Production Engineering from the Federal University of Santa Catarina (2003) and a PhD in Education from the Federal University of Santa Catarina (2011). Professor of Architecture and Urban Planning at the Federal University of Santa Catarina. Studies aesthetic and perceptual experiences and its relations with the theories and projective practice in Architecture and Urban Planning. Has experience in Architecture and Urban Planning, with emphasis on Planning and Building Projects, mainly in the following areas: architectural design, phenomenology of living space, experiences in the apprehension of architecture and city, project teaching.

rodgonca@gmail.com

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

Resumo

Este ensaio é uma tentativa de entender o que é ver. Ver seria o mesmo que olhar? Para eu ver necessariamente precisa existir o que está sendo visto? Se precisa existir o que está sendo visto, então, um arquiteto em seu ato de projetar espaços não vê nada, já que os espaços (ainda) não existem... Será, dessa maneira, que enquanto projeto eu sou um ser que não vê? Se eu não vejo, posso ser semelhante a um cego? Tenho, ao projetar espaços, uma cegueira? Ver, não-ver, cegueira, olhar, imagens, escuridão, invisível, visualidade... Ações que evocam um aprofundamento para tentar se apropriar destes termos e enriquecer nossa experiência de mundo. Não seríamos todos pessoas com cegueira já que, constantemente, vemos e não-vemos todos os dias? A partir destas indagações, o texto estrutura-se em três rastros que convidam o leitor a fazer suas reflexões acerca da educação estética, o ver e o não-ver, a arquitetura e sua percepção como experiência estética. Além dos rastros, dois marcos são assinalados, um no começo e outro ao final da escritura, articulando questões conceituais, e, a partir desta perspectiva de estruturação textual, é situada uma escrita experimental que tenta cartografar possibilidades de apreensão da arquitetura em sua dimensão sensível e fenomenológica. Por meio de um marco teórico fenomenológico, textos de Merleau-Ponty, Juhani Pallasmaa e Jacques Derrida foram trazidos à tona para produzir agenciamentos que elucidem um sentido de uma educação estética da/na arquitetura como propulsora da potência projetual. Chega-se, por fim, a uma noção de experiência a qual articula campos conceituais de estudos sobre o corpo enquanto protagonista da ação de experienciar espaços que podem ser ou não-ser vistos.

Palavras-chave: arquitetura, estética, percepção, educação estética.

Abstract

This essay is an attempt to understand what it is to see. I necessarily need to see there what is being seen? Would be an architect a blind man because he designs space that has not been constructed (yet)? If I do not see, I can be like a blind man? I have, when designing spaces, a blindness? To See, not to see, blindness, look, pictures, dark, invisible, visibility ... Actions that evoke a deepening try to take ownership of these terms and enrich our experience of the world. Would we be people with blindness because, constantly, we see and don't see every day? From these questions, the text is divided into three tracks that invite the reader to make reflections about aesthetic education, to see and not-to-see, the architecture and its perception as aesthetic experience. In addition to the tracks, two milestones are marked, one at the beginning and another at the end of the text, articulating conceptual questions. From this perspective of textual structure is located an experimental writing that tries to map the architecture seizing opportunities in its sensitive dimension and phenomenological. Through a phenomenological theoretical framework, texts of Merleau-Ponty, Juhani Pallasmaa and Jacques Derrida were brought to the surface to produce assemblages elucidating a sense of aesthetic education of the/in the architecture as a driving power of design. Finally, arrive at a notion of experience which articulates conceptual fields of studies on the body as protagonist of the action to experience spaces that may to be seen or not-to-be-seen.

Keywords: architecture, aesthetics, perception, aesthetic education.

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Indagações (e alertas) iniciais: com ou sem imagens, um cego que nunca fui

Alerto desde o início: este ensaio escrito por um arquiteto-professor é uma tentativa de entender o que é ver. Por ser um ensaio, são deixados pelo caminho da escrita/leitura sinais, vestígios, pegadas, os quais eu chamo de rastros. Assim, o texto estrutura-se em três rastros que convidam o leitor a fazer suas reflexões acerca da educação estética, o ver e o não-ver. Além dos rastros, dois marcos são assinalados, um no começo e outro ao final da escritura, articulando questões conceituais, e, a partir desta perspectiva de estruturação textual, situo uma escrita experimental. Desta maneira, várias indagações surgem junto ao texto: ver seria o mesmo que olhar? Para eu ver necessariamente precisa existir o que está sendo visto? Se precisa existir o que está sendo visto, então, um arquiteto em seu ato de projetar espaços não vê nada, já que os espaços (ainda) não existem... Será, dessa maneira, que enquanto projeto eu sou um ser que não vê? Se eu não vejo, posso ser semelhante a um cego? Tenho, ao projetar espaços, uma cegueira? Ver, não-ver, cegueira, olhar, imagens, escuridão, invisível, visualidade... Ações que evocam um aprofundamento para tentar se apropriar destes termos e enriquecer nossa experiência de mundo. Não seríamos todos pessoas com cegueira já que, constantemente, vemos e não-vemos todos os dias?

Marco zero: pode uma educação estética ser uma experiência perceptiva que marca um corpo e deixa rastros de imagens (não) visuais?

Pensar no processo projetual de Arquitetura e Urbanismo remete-nos à essência do ser-arquiteto. Situo, assim, preocupações acerca da prática projetual numa tentativa de olhar para a gênese da atividade que define um campo vasto inerente à condição de ser-arquiteto. Assim, as preocupações recaem na possibilidade de se ver o projeto. É um debate acerca da visualidade do projeto, da materialidade do que é projetado. A expressão da ideia é um diálogo com o outro, e esse diálogo toca um acesso ao repertório sensível dos que se envolvem no processo projetual.

Procuro situar que independentemente do canal utilizado para expor o que a mente gera, na prática projetual arquitetônica o corpo é o suporte para todas as manifestações e o ser humano usa a habilidade corporal para se expressar estruturando uma consciência projetual a partir de um centro sensorial. Compartilho da noção de corpo

que Merleau-Ponty aponta em *Fenomenologia da Percepção*. Trata-se de nosso próprio corpo tal como o experimentamos, de dentro, um corpo que se ergue em direção ao mundo. É o corpo considerado como particularmente nosso, ou seja, quando importa saber sobre o corpo de quem estamos falando. Assim, não posso encarar meu próprio corpo de maneira distanciada e puramente objetiva e na terceira pessoa, como se fosse apenas um exemplo de corpo humano. É meu corpo, aquele por meio do qual meus pensamentos e sentimentos entram em contato com os objetos. É assim que um mundo existe para mim: um corpo em primeira pessoa, o sujeito da experiência. Não faço contato com o mundo apenas pensando sobre ele. Eu experimento o mundo com os sentidos, agindo sobre ele por meio da mais sofisticada tecnologia até os movimentos mais primitivos, tendo sobre eles sentimentos que me dá uma gama de complexidade e sutileza.

Merleau-Ponty nos coloca a exploração do mundo percebido. Uma das constatações apontadas pelo autor é o conceito de coisa à maneira clássica onde podemos considerar como coisa “um sistema de qualidades oferecidas aos diferentes sentidos e reunidas por um ato de síntese intelectual” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 19). No entanto, o próprio pensamento fenomenológico nos coloca uma insatisfação acerca deste conceito tão sistemático. A própria sistematização das qualidades das coisas é incompleta a nossos sentidos, já que é praticamente impossível não unirmos as diversas qualidades ou propriedades à outras qualidades ou propriedades da própria coisa. Assim, as coisas possuem uma unidade de ser onde todas as qualidades são diferentes manifestações.

O mundo é o que percebemos... As coisas fazem parte do mundo assim como os homens... Logo, as coisas não são simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós. Cada coisa simboliza e evoca para nós uma certa conduta, provoca e solicita uma reação favorável ou desfavorável. Cada cor configura uma espécie de atmosfera moral, e o mesmo ocorre com os sons ou com os dados táteis. Podemos dizer que cada dado tátil tem seu equivalente em som, temperatura ou cheiro. Isto explica a experiência humana no que se refere a significação emocional, relacionando esta experiência com as reações que as coisas provocam em nosso corpo (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 23).

Aqui se estabelece um debate entre o sujeito e o objeto. O sujeito define e entende (ou percebe) a coisa ou objeto por meio de uma certa relação da coisa ou objeto com o próprio sujeito. A coisa nos sugere ou nos impõe uma conduta, uma atração, uma sedução, uma fascinação, quando se confronta conosco. O objeto, devidamente nomeado e caracterizado, é um certo comportamento do mundo com relação a meu corpo e a mim.

Pallasmaa (2008, p. 483) nos traz reflexões interessantes sobre uma relação entre a forma arquitetônica e o modo pela qual é experimentada. Seu principal argumento é de que o planejamento se transformou numa espécie de jogo de formas que a experiência real da arquitetura tem sido negligenciada. Segundo seus estudos, cometemos o erro de pensar e julgar um edifício como uma composição formal, e já não o entendemos como um símbolo ou experimentamos a outra realidade que está por trás do símbolo. Com isto em mente, indago juntamente com Pallasmaa (2008) em direção a um pensar as formas ou a geometria provocando algum sentimento arquitetônico. Seriam justamente tais formas os verdadeiros elementos fundamentais da arquitetura? Elementos de uma construção, como paredes, janelas e portas seriam, de fato, as unidades básicas do efeito arquitetônico?

A partir de Merleau-Ponty (2004) e Pallasmaa (2008), delinheio que a fenomenologia da arquitetura é olhar e contemplar a arquitetura a partir da consciência de quem a vivencia, com o sentimento arquitetônico em oposição à análise das propriedades e proporções físicas da construção ou de um quadro de referência estilístico. A fenomenologia da arquitetura busca a linguagem interna da construção.

Acresecento, ainda que “uma das mais importantes ‘matérias-primas’ da análise fenomenológica da arquitetura é a memória da primeira infância” (PALLASMAA, 2008, p. 485). Em Santos (2011) tal questão é abordada ao tratar do espaço arquitetônico como memória situando maneiras de modelar tal memória em desenhos que pudessem trazer à tona vivências para um todo experiencial neste espaço. A arquitetura interior da mente que aflora dos sentimentos e imagens de memória baseia-se em princípios diversos da arquitetura que podem ser desenvolvidas a partir de abordagens profissionais.

Rastro Um: Vidente de corpo inteiro

Sou um arquiteto-professor e projeto espaços para as pessoas habitarem. Estes espaços não existem (ainda). São possibilidades. Estão na minha mente. Cada novo projeto, é uma nova possibilidade. Nisto exercito meu ato criativo. Mas, eu sou o único que vejo os espaços que projeto antes deles irem para o papel em forma de desenhos (croquis, plantas, cortes, fachadas, elevações)... Mesmo nestes desenhos há pessoas que não conseguem ver os espaços, talvez por eles ainda não estarem materializados, construídos fisicamente. Às vezes me pergunto se eu mesmo consigo efetivamente ver os espaços que projeto. Tanto em minha mente quanto nos desenhos, os espaços projetados assumem rumos que me parecem obscuros, chegando ao ponto de quando são construídos eu sempre me impressiono e comento: “é... ficou parecido com o que pensei!”. Há vezes que me espanto: “nossa! Ficou igual ao meu desenho! Pensei exatamente assim!”. O que acontece, então? Entre meu pensamento, minha visão interior do espaço que (ainda) não existe e o espaço já construído, que semelhanças existem? O que eu vi? O que eu não vi? Será que eu vi?

O que é cegueira? Detenho o impulso de conceituar a cegueira adentrando em temas médicos, tampouco em questões de deficiências sensoriais. Tal ação é recorrente e preocupo-me com algumas redundâncias calcadas em números ou modelos de exclusão/inclusão. Gostaria de ir um pouco além. Gostaria de adentrar num universo que ecoa em nossa comum existência enquanto seres humanos. O que é ser humano? O que define um ser humano? Um ser humano é definido pela presença ou ausência de um sentido, de um membro, de um órgão? É Merleau-Ponty que nos fala:

Se nossos olhos fossem feitos de tal modo que nenhuma parte de nosso corpo se expusesse ao nosso olhar, ou se um dispositivo maligno, deixando-nos livres para passar as mãos sobre as coisas, nos impedisse de tocar nosso corpo (...), esse corpo que não se refletiria, não se sentiria, esse corpo quase adamantino, que não seria inteiramente carne, tampouco seria o corpo de um homem, e não haveria humanidade. Mas a humanidade não é produzida como um efeito por nossas articulações, pela implantação de nossos olhos (MERLEAU-PONTY, 2004, p.17).

Sempre pensei que o desenho é cego, assim como o desenhista também o é. A operação do desenho tem algo a ver com a cegueira. A origem do desenho, o pensamento do desenho, é uma certa pose pensativa, uma memória do traço que especula, como

num sonho, sobre sua própria possibilidade. Sua potência se desenvolve sempre à beira da cegueira, penetrando-a. Num desenho é o ângulo da visão que é ameaçado ou prometido, perdido ou restaurado.

Jacques Derrida em seu livro *Memoirs of the Blind* traz à tona discussões acerca da experiência da escuridão para alcançar a visibilidade, clarifica a possibilidade de uma experiência da visão em outra dimensão, no âmbito da reflexão da ligação entre os mundos externos e internos. Derrida (1993) nos sugere um lugar de leitura de escrituras/textos e de mundos nos quais é possível ver como os olhos precisam ser abertos para uma estrutura de mundo pautada em enganos. Para tanto, Derrida articula dois tipos de cegueira: a transcendental e a sacrificial. O autor mostra-nos que estas duas cegueiras estão interconectadas. A cegueira transcendental e a cegueira sacrificial são para Derrida duas formas de interpretação que descentralizam a essência do olhar físico, guiando a interpretação para algo que visualmente é uma escuridão.

As cegueiras sacrificial e transcendental estão unidas desde o momento da visão inicial até o momento do julgamento do ato. A cegueira sacrificial representa o ato físico de ver e a cegueira transcendental implica uma reflexão sobre a visão. O cancelamento de um eu ou um olho físico torna-se necessário para uma pura representação dos traços. A cegueira transcendental complementa a cegueira sacrificial e vice-versa. O sacrifício, a perda, a morte do olhar físico resultam na cegueira.

É o que Merleau-Ponty nos faz pensar quando se refere que ao estarmos imersos no visível por nosso corpo, corpo o qual é próprio visível, somos um corpo vidente que não se apropria do que vê, apenas nos aproxima do visível pelo olhar. Derrida ao descentralizar a essência do olhar físico por meio de suas cegueiras sacrificial e transcendental, endossa o enigma que Merleau-Ponty traz quando nos diz que meu corpo é ao mesmo tempo vidente e visível. Meu corpo olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhece no que vê um outro lado de seu poder vidente. O corpo se vê vidente, se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo.

Convidado para refletir junto com Derrida penso acerca da mão, resumo do tato. A mão do cego (e peço que pensemos quem é este cego) é a aliada principal do cego. Por ela, o cego sente e, à sua maneira, ele apalpa, acarícia, tanto quanto ele (o cego que devemos pensar quem é) se inscreve, confiando na memória de sinais e completando a visão. É como se um olho sem pálpebras se abrisse na ponta dos dedos, um único olho, o olho de um ciclope. Este guia, o olho, rastreia, é a lâmpada do mineiro no momento da escrita, um substituto curioso e vigilante, a prótese de um vidente invisível. A imagem do movimento, o que inscreve este olho do dedo, é assim delineado dentro de mim. Ele coordena a possibilidade de ver, tocar e mover. A mão se precipita, corre à frente, no lugar da cabeça, precedendo-a, preparando-a e protegendo-a. Antecipação que faz adiantamentos, coloca os movimentos no espaço, a fim de ser o primeiro a tomar, a fim de avançar no movimento de tomar conta, fazer contato ou apreender. Sobre seus próprios dois pés, um cego explora a sensação de estar fora de uma área que ele deve reconhecer ainda sem cognição, e o que ele apreende, o que ele tem sobre as apreensões, na verdade, é o abismo, a queda dele já ter ultrapassado.

Derrida diz-nos que ser um cego é antes de tudo, um mostrar as mãos, é um chamar a atenção para o que se desenha com a ajuda do com que se desenha. O próprio corpo como instrumento, a mão da obra, das manipulações, das manobras e boas maneiras, a mão como o jogo ou um trabalho de desenho, a mão como a cirurgia. Lembremos que, no caso do cego, a audição vai mais longe do que a mão, e a mão vai mais longe do que o olho. A mão tem ouvidos para evitar a queda, ou seja, o acidente, e assim a mão comemora a possibilidade do acidente, a mantém em memória. A mão é, aqui,

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

a própria memória do acidente. Mas para quem vê, a antecipação visual substitui a mão para ir ainda mais longe. Ver e não-ver parecem, assim, ser duas faces da mesma moeda: ora uma está para cima, ora outra. É um cara-ou-coroa, um jogo no qual ao lançarmos a moeda não sabemos muito bem o que poderá cair... Quando Derrida sugere a mão como um resumo do tato, penso que é por meio do tato que se pode ver além daquilo que supomos ver. As mãos, as quais podem ser consideradas um prolongamento do espaço interno tocando o espaço externo na busca daquilo que pode ser narrado, assumem, assim, uma grandiosidade perante a maneira de se habitar um mundo. Arrisco situar o tato como criador de uma narrativa ou até mesmo de uma obra de arte. O tato proporciona uma aisthesis completa, trazendo o sensível em todas as esferas dos sentidos humanos. Repensando o ditado que diz que “os olhos são as janelas da alma”, coloco que as mãos são as portas do coração: nossos sentimentos iniciam-se pelas pontas dos dedos, crescem nas palmas das mãos e destas obtém as chaves das portas do coração, habitando-o ao abri-las.

Revejo e interrogo se o drama da cegueira consiste mesmo na incapacidade de estabelecer as devidas diferenças visíveis entre os seres. O tato (a mão?) não é apenas mais útil para encontrar um objeto azul sobre um tapete que tenha a mesma coloração. Visível e móvel, meu corpo está entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa.

Já ouvi pessoas dizerem que no processo de aprendizagem o sentido visual desempenha papel central, por ser o mais útil para a prática da imitação, a qual é uma das maneiras mais enfatizadas na aquisição do nosso acervo cognitivo. Preocupo-me com isto... Não acredito que falta ao cego uma possibilidade de educar-se (visualmente) pelo exemplo do outro. De repente, pensar que uma educação visual só se dá pelo sentido da visão pode ser uma forma de cegueira sacrificial sugerida por Derrida... Merleau-Ponty alerta claramente que qualidade, luz, cor, profundidade, estão a uma certa distância diante de nós porque despertam um eco em nosso corpo, porque este as acolhe. “Toda a questão é compreender que nossos olhos já são muito mais que receptores para as luzes, as cores e as linhas: computadores do mundo que têm o dom do visível, como se diz que o homem inspirado tem o dom das línguas” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 19).

Oliver Sacks comenta que temos uma construção primal do mundo, e esta pode ser visual ou não. Não é um esforço para as pessoas com a visão normal construir formas, contornos, objetos e cenas a partir de sensações puramente visuais. Elas fazem essas construções visuais, um mundo visual, desde o nascimento e para tanto desenvolvem um vasto e desembaraçado aparelho cognitivo. Mas Sacks (2006) enfatiza que os processos perceptivos-cognitivos, enquanto fisiológicos, também são pessoais. Não é somente um mundo que a pessoa percebe e constrói, mas o seu próprio mundo, o qual está ligado e leva a um eu perceptivo, com uma vontade, uma orientação e um estilo próprios.

Espaço e tempo... Insinuo uma reflexão sobre o espaço e o tempo e a experiência visual e não-visual... Presumindo que eu seja um não-cego e tenha a totalidade de meus sentidos, acredito viver no espaço e no tempo. E um cego? Presumindo que eu seja cego e que não tenha a totalidade de meus sentidos por não-ver, acredito viver num mundo só de tempo. Mundo de espaço e tempo, mundo de tempo. Aquele restrito ao não-cego, este restrito ao cego. Sacks nos coloca que as pessoas com cegueira constroem seus mundos a partir de sequências de impressões (táteis, auditivas, olfativas) e não são capazes, como as pessoas com visão, de uma percepção visual simultânea, de conceber uma cena visual instantânea. É um mundo de narrativas (tão bem con-

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

duzidas e contadas pela mão, por um tato, que revela sequencialmente um mundo, quadro a quadro, como num filme) e um mundo visual, imagético. Se alguém não consegue mais ver no espaço, a ideia de espaço torna-se incompreensível. O espaço é reduzido ao próprio corpo, e a posição do corpo é conhecida não pelos objetos que passaram por ele, mas pelo tempo que ele esteve em movimento. Num espaço, se sou cego, as pessoas apenas estarão se falarem. Elas precisam estar em movimento, são temporais, vêm e vão, aparecem do nada e desaparecem.

Somo às cegueiras de Derrida a cegueira profunda de Sacks. A cegueira profunda é descrita como um mundo autêntico e autônomo, um lugar completo por si só. É na cegueira profunda que Sacks (2007) convida-nos a sermos videntes de corpo inteiro. Ser um vidente de corpo inteiro significa desviar a atenção, o centro de gravidade para os demais sentidos, dando a eles uma nova riqueza e poder. Seria como perceber o som da chuva e entender como este som pode delinear uma paisagem, pois o barulho da água caindo sobre um caminho no jardim é diferente da água que toca um gramado. Isto pode dar uma nova intimidade com a natureza, diferente de qualquer coisa que pode se ver. Assim, a cegueira pode ser uma espécie de dádiva sombria, traduzindo um novo modo de ser humano. Reforço aqui, que temos uma maneira de um indivíduo conseguir (re)modelar uma nova identidade. Não há uma sensação de perda, mas sim um viver num mundo construído por outros sentidos. É um estado intermediário, intersensorial, metamodal, para o qual não temos linguagem comum.

Rastro Dois: Arte, composição e imagem – o sentido das artes (visuais), da forma e das imagens não-visuais na educação estética de um corpo vidente

O que estamos vendo pode repercutir em relações de experiências diversas que temos, as quais se entrecruzam em territórios gerando acontecimentos que enriquecem um convívio, uma noção de ser no mundo. Talvez aqui encontro um alicerce para tentar escrever sobre arte e educação estética.

Em Medeiros (2005) busco a noção de aisthesis para este ensaio, colocando que aisthesis é um estar aberto ao mundo, aberto ao sensível do/no mundo e deixar-se contaminar. Aprecio a noção e diluo-a em minhas ideias e escritos pois enriquece a possibilidade da estética, na qual está compreendido um reconhecer o outro como um ser responsável, como um igual; logo, como nós. O corpo vem à tona ao se falar em aisthesis, pois a aisthesis envolve todo o corpo no sentir. Este sentir se dá por todos os poros, pelos ouvidos, pelo tato. Há uma mobiliação de todos os sentidos. No objeto estético há intencionalidade.

Acredito que a estética entrelaça-se com a aisthesis. No entanto, eu ressalto que quando penso em estética, registro a ideia de uma ciência específica para o conhecimento sensível. Logo, a aisthesis se dá antes que se estabeleça uma relação entre o eu e o mundo; ela é a relação do eu com a obra (de arte). Amplio esta noção de estética se entrelaçando com a aisthesis afirmando juntamente com Medeiros (2005) que o prazer estético é solitário. Vejo uma necessidade de solidão para o mergulho na obra de arte para que esta nos perfure. Ao ser perfurado pela obra, numa espécie de “sangria”, encontro a sensação do universal, do universo em mim. Há um momento do gozo/

fruição, no qual o prazer vem antes da discussão da obra de arte. Ser arte: imersão em prazer. Nem toda arte atinge, nem toda arte é prazer ou desprazer.

Preocupo-me com uma educação estética. Constatado que estas minhas dúvidas traduzem uma carência numa educação estética, numa sensibilização para a *aisthesis*. Primeiramente, esta carência passa por minha trajetória educacional, pelas escolas por que passei. Tal quadro não é muito diferente em nosso século XXI. A educação estética deu-se para mim de maneira autodidata... Nossa educação institucional tal como conhecemos hoje, de acordo com Medeiros (2005), crê-se autárquica, além de se dar separada da vida, da experiência vivida, longe do lugar de desejo, de prazer, da descoberta. “Fomos educados para portar nossos corpos (transportar), como se esses fossem alheios ao todo ser, e nos comportar (suportar)” (MEDEIROS, 2005, p. 91). Menciono para uma reflexão a problemática de um ensino dos atributos visuais da forma centrado apenas em analogias visuais negligenciando outros sentidos e indago a possibilidade de deslocar este ensino à totalidade de um corpo aberto a experimentações sensíveis. Vejo, ainda, que temos em nosso caminho educacional um abandono da riqueza que uma experiência vivida traz ao processo de aprendizagem. Ao se falar em educação estética isto é notável. Assim, a reivindicação por uma educação estética que traga vividos dentro de experimentações corporais adquire importância, já que a mesma se situa no campo do sensível.

Medeiros (2005) nos pede para experimentar “a carne do mundo”. É preciso aqui, deixar-se sensível para esse mundo, ainda que imundo. Com meus poros abertos, deixando o mundo se mostrar, falar e sentir. A educação estética é um processo de sensibilização do ser. Trata-se de permitir a formação de sensibilidade e capacidade crítica através da experimentação de uma relação com o sensível.

Interrogo com Medeiros (2005): A que confrontos diretos somos sensíveis hoje? Que corpo a sociedade vive, oculta, oprime, rejeita ou aceita? A que mundo somos sensíveis hoje?

O corpo implica primeiramente consciência de si e essa só se dá através do outro. Incrivelmente, o outro – este espelho distorcido e inalcançável – torna-me sabedor de mim mesmo. É com o outro que me conheço como diferente e construo minha particularidade a partir dessa diferença. Assim, torno-me sujeito único, subjetividade tão lacrada em mim quanto esse outro.

Inclino-me em direção à arte contemporânea e proponho com Nicolas Bourriaud (2009) compreender a prática artística como um campo fértil de experimentações sociais, como um espaço parcialmente poupado à uniformização dos comportamentos. Em *Estética relacional* Nicolas Bourriaud sugere-nos “aprender a habitar melhor o mundo, em vez de tentar construí-lo a partir de uma ideia préconcebida da evolução histórica” (BOURRIAUD, 2009, p. 18). Isto significa dizer que as obras já não perseguem a meta de formar realidades imaginárias ou utópicas. As obras de arte procuram construir modos de existência ou modelos de ação dentro da realidade existente, qualquer que seja a escala escolhida pelo artista.

Uno-me com Bourriaud (2009) e situo a possibilidade de uma arte relacional. A arte relacional atesta uma inversão radical dos objetivos estéticos, culturais e políticos postulados pela arte moderna, trazendo uma mudança da função e do modo de apresentação das obras mostrando uma urbanização crescente da experiência artística. A arte relacional faz desaparecer sob nosso olhar a disposição das obras de arte ligada ao sentimento de adquirir um território. A obra de arte já não é mais um espaço a ser percorrido (como um museu cheio de quadros, por exemplo). “Agora ela se apresenta

como uma duração a ser experimentada, como uma abertura para discussão ilimitada” (BOURRIAUD, 2009, p. 20).

O que isto nos instala? Um regime de encontro casual intensivo criando práticas artísticas correspondentes. É uma forma de arte cujo substrato é dado pela intersubjetividade. O tema central da arte relacional é o estar junto, é o encontro do observador com o observado (a obra de arte). Temos, assim, elaboração coletiva do sentido, estreitando o espaço das relações. Temos a proposição dos “estados de encontro fortuito”. Coloco que neste quisito, parece se configurar uma espécie de relação underground ao nosso contexto social tão restritivo (BOURRIAUD, 2009, p. 23).

E sobre a forma? Como uma arte que prima a esfera das relações aborda a forma? Primeiramente, o que chamamos de forma? No âmbito da arte relacional, Bourriaud (2009) coloca que a forma é uma unidade coerente, uma estrutura que apresenta as características de um mundo. Logo, a obra de arte não detém o monopólio da forma; ela é apenas um subconjunto na totalidade das formas existentes.

E é justamente neste ponto que penso na relevância da teoria de Bourriaud. Ora, as formas nascem do desvio e do encontro aleatório entre dois elementos até então paralelos. Obrigo-me a pensar um pouco mais sobre este “nascimento” das formas vindo de um encontro aleatório de dois elementos. Sugiro pensar que estes elementos sejam o corpo e o espaço. Moléculas são deslocadas e rearranjadas num gesto de esculpir dois elementos que se emprestam mutuamente. O corpo cede lugares ao espaço e este, por sua vez, também cede lugares ao corpo. Há, assim, uma troca que pontua uma modelagem de dois elementos tão distintos mas ao mesmo tempo tão similares ao serem colocados lado a lado para emprestarem suas propriedades para o nascimento de uma forma a qual chamamos de postura e que tem uma efemeridade peculiar. Em um piscar de olhos a forma muda, é outra forma distinta daquela anterior, outro nascimento ocorreu, outro encontro foi possível. Para criar um mundo, esse encontro fortuito tem de se tornar duradouro. Deve haver, desta maneira, uma “liga”, uma união entre estes elementos que constituem o encontro fortuito. E Bourriaud (2009, p. 27) ainda completa: “A forma pode ser definida como um encontro fortuito duradouro”. Por exemplo, além do tipo de disposição na página ou no espaço, os elementos que compõem esta disposição ou este espaço se mostram duradouros a partir do momento em que formam um conjunto cujo sentido vem do momento de seu nascimento, suscitando novas possibilidades de vida. O que temos, então? Temos que toda obra é modelo de um mundo viável, toda obra passa por este estado de mundo viável. Temos a permissão de um encontro fortuito de elementos separados.

Com Bourriaud (2009) vejo átomos colidindo e constituindo um mundo. Obviamente, este mundo depende do contexto histórico, o que se entende por manter junto, manter unido os elementos. Busco as indagações iniciais de meu pesquisar e reflito no que uma arte relacional pode contribuir e quais vínculos são possíveis. Uma de minhas inquietações desta escritura é justamente como meus vividos podem acionar os vividos de outrem. Vejo, por meio da arte relacional uma possível resposta. A arte relacional permite junções de contextos, cruzamento de situações, promoção de acontecimentos. É isto que vislumbro ao tentar situar o contexto da arte nesta escritura.

Reparo que Medeiros (2005) argumenta que a arte traz o real à tona, desnuda e torna translúcida a carne do corpo. Desta maneira ela escancara as relações sociais, econômicas, e políticas sem instituir um sistema. O que a arte prima por buscar é escapar à dissecação da linguagem. Vem a necessidade da inovação. Quando acontece arte, é o novo que é solicitado.

Rastro Três: A experiência estética no processo de criação (da forma) – imagens (não) visuais e arte como composição

Detenho-me n' A Dúvida de Cézanne (MERLEAU-PONTY, 2004). Para Merleau-Ponty (2004) Cézanne é um criador que quer representar o objeto reencontrando-o por trás da atmosfera. Para tanto, Cézanne concebe sua pintura não como encarnação de cenas imaginadas ou projeção exterior de sonhos. O pintor o faz como o estudo preciso das aparências, evoca-nos uma percepção primordial.

Em seu processo de criação, Cézanne não nega a ciência e não nega a tradição. Em Paris, Cézanne ia diariamente ao Louvre. Merleau-Ponty nos conta que Cézanne pensava que, para se aprender a pintar, o estudo geométrico dos planos e das formas era necessário. Mas, o que mais chama a atenção na descrição que Merleau-Ponty (2004, p. 132-133) faz acerca do processo de criação de Cézanne diz respeito ao gesto do pintor. A força do gesto indica uma experiência estética.

A experiência estética, para Merleau-Ponty (2004), parece estar bem claro no ato criativo de Cézanne. Captar as coisas tal como elas são e tentar representá-las nos remete à uma experiência de enorme complexidade. Afinal o que vemos realmente para ser representado? Esta representação da realidade deve ser igual à realidade? Se para mim a obra de arte é a realidade, será que a realidade que vejo na obra de arte é a mesma que o outro vê? Se não for a mesma, então vivemos em realidades diferentes, mesmo estando nós dois num mesmo mundo?

Merleau-Ponty (2004) nos deixa claro que o artista pode apenas construir uma imagem. O que se espera é que essa imagem se anime para os outros. É uma outra perspectiva acerca da experiência estética, a de quem é espectador, de quem contempla ou interage com a obra de arte.

Em minhas aulas falo de arte e projeto de arquitetura como composição... Ajo, conduzo e oriento meus alunos pensando por uma educação estética e por uma sensibilização da aisthesis. Enfatizo, ainda, que é sobre esta condição que a matéria se torna expressiva. É o que Bourriaud (2009) quer falar quando se refere que a forma da obra contemporânea vai além de sua forma material: ela é um elemento de ligação, um princípio de aglutinação dinâmica.

Retorno a Bourriaud (2009) e detenho-me no olhar do outro e na forma. Pergunto-me: O que é uma forma essencialmente relacional? Já que as formas nos olham, como devemos olhá-las? Fujo da ideia que coloca, geralmente, a forma como um contorno que se opõe a um conteúdo. Como já falei antes, penso em uma forma que vai além deste simples contorno que se opõe a um conteúdo...

Para entender um "encontro fortuito", faço como Bourriaud (2009) recorrendo à natureza. Na natureza, no estado selvagem, não existem formas. É o nosso olhar que as cria, recortando-as na espessura do visível. "As formas desenvolvem-se umas a partir das outras. O que ontem seria considerado informe ou 'informal' já não o é mais. Quando a discussão estética evolui, o estatuto da forma evolui com ela e através dela" (BOURRIAUD, 2009, p. 30).

Há, assim, uma zona de contato na qual a forma nasce e onde o indivíduo se debate com o outro para lhe impor aquilo que julga ser o seu "ser". Como resultado disto, temos uma forma que é apenas uma propriedade relacional que nos liga aos que nos

transformam pelo olhar. Destaco que quando o indivíduo, acredita que se está olhando objetivamente para algo (uma obra de arte), está, na realidade, contemplando o resultado de intermináveis transações com a subjetividade dos outros. Está em pauta, aqui, o jogo das interações humanas, no qual a forma assume sua consistência, nascendo de uma negociação inteligível entre sujeitos.

O que Bourriaud (2009) nos traduz é que em busca de uma teoria “relacionista” da arte, a intersubjetividade não é apenas um quadro social da recepção da arte. A intersubjetividade, logo, constitui um “meio”, um “campo”, e se torna a própria essência da prática artística.

Por exemplo, eu mostro algo a alguém, que, por sua vez, me devolve à sua maneira. Uma obra procura captar meu olhar. “Quando um artista nos mostra alguma coisa, ele expõe uma ética transitiva que situa sua obra entre o ‘olhe-me’ e o ‘olhe isso’” (BOURRIAUD, 2009, p. 33). Nasce um encontro fortuito entre dois planos de realidade (o meu e o do outro).

Coexistência. O que seria esta coexistência? É uma interessante noção que ressemantiza o olhar do outro sobre mim. Repensa e (re)situa corpos distintos num espaço. É em Bourriaud (2009) que a ideia de coexistência assume uma proporção teórica interessante. O autor coloca-nos que como “a obra de arte é uma ocasião para uma experiência sensível baseada na troca, ela deve se submeter a critérios análogos aos que fundam nossa avaliação de qualquer realidade social construída” (BOURRIAUD, 2009, p. 80). É a co-presença dos espectadores diante da obra que estabelece a experiência artística.

Fascino-me e rendo-me às perguntas que Bourriaud (2009) pede para que façamos diante de uma obra de arte: Esta obra me dá a possibilidade de existir perante ela ou, pelo contrário, me nega enquanto sujeito, recusando-se a considerar o outro em sua estrutura? Diante de uma obra de arte, o corpo do espectador é trazido em sua totalidade, bem como toda sua história e seu comportamento. Não se trata apenas de uma simples presença física abstrata. Daí, o critério de coexistência e a potência de completar uma obra aberta!

Residiria, assim, o eu da intersubjetividade: o ser humano confrontando outros seres humanos? Sentimento compartilhável que é o sentimento do belo – do prazer e do desprazer? Ou solidão de estar com a obra de arte? No estar com a obra, no momento de formarmos um mundo com o objeto, o ressentir do belo nos joga a sós. Nessa solidão, o momento não tem tempo, ele se chama instante, o tempo cronológico inexistente.

(Marco Final?) Para um futuro: A noção de experiência como condutor metodológico de pesquisas para uma educação estética da/na arquitetura

A noção de experiência como algo que nos passa, que nos aconteça, que nos toca, e não como algo que passa, acontece ou toca (LARROSA, 2002) é fascinante pelo simples discurso de deslocar para o sujeito a importância da experiência. Larrosa afirma que muitas coisas acontecem, mas muito pouco nos acontece, nos toca.

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

A experiência deve ser separada da informação, pois a informação não deixa lugar para a experiência. Estar “informado” é deixar que nada me aconteça, pois não há espaço para, em virtude da velocidade, quantidade e qualidade de informações, um pensar naquilo que me ocorre. Agregado a isto, pode também, “apontar que a opinião tal como a informação converteu-se em um imperativo, [...] em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre o que nos sentimos informados [...] Depois da informação vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, faz com que nada nos aconteça” (LARROSA, 2002, p. 22). Assim, o par informação/opinião desencadeia o que pensamos que pode ser uma “aprendizagem significativa”, o que, segundo o autor é um dispositivo que funciona da seguinte maneira: informar-se sobre “algo”, emitir uma opinião obviamente própria, crítica e pessoal sobre este “algo”; configurando, assim, por meio desta opinião, uma dimensão significativa da aprendizagem significativa. Geralmente este opinar gira em torno de estar a favor ou contra. Instala-se, desta forma, nas palavras de Larrosa (2002), um dispositivo periodístico do saber e da aprendizagem, dispositivo este que torna impossível a experiência.

E a experiência e o tempo? Tudo que se passa se passa muito rápido, estímulos fugazes e instantâneos, excitações igualmente fugazes e instantâneas, vivências pontuais e fragmentadas...

Hoje, as coisas nos excitam por um momento sem deixar qualquer vestígio, semelhante às sucessivas páginas de Internet que carregamos em nosso computador, carregadas de informações e estimulando (?) nossas (pseudo) opiniões. E, sem vestígio algum, recortamos e colamos os textos cibernéticos, fechamos as janelas dos browsers e continuamos ignorantemente céticos e cheios de uma anti-experiência ingenuamente chamada de experiência... Eis uma lástima... na escola o currículo se organiza em pacotes de tempos efêmeros e fugazes, tão meteóricos que anula qualquer experiência. Acelera-nos cotidianamente... e nada nos acontece...

Referências

- ÁBALOS, Iñaki. **A boa-vida: visita guiada às casas da modernidade**. Barcelona: Gustavo Gilli, 2003.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- DERRIDA, Jacques. **Memoirs of the Blind: the self portrait and other ruins**. Chicago: University of Chicago Press, 1993.
- LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002 p.20-28.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas, 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- PALLASMAA, Juhani. A geometria do sentimento: um olhar sobre a fenomenologia da arquitetura. In: NESBITT, Kate (org.) **Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Três rastros de uma cartografia do corpo no espaço: um ensaio sobre o ver e o não-ver e o sentido de uma educação estética da/na arquitetura

Three tracks of a cartography of the body in the space: an essay about to-see and not-to-see and the sense of an aesthetics education of the/in the architecture

SACKS, Oliver. **Anotações de um neurologista: O olho da mente: o que os cegos vêem.** *Mente Cérebro*, São Paulo, n.176, setembro 2007, p. 32-43, 2007.

SACKS, Oliver. **Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. **Perceber o (in)visível: o corpo desenhando uma trajetória existencial no espaço e no objeto.** 2011. Tese (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

MARCELA DIMENSTEIN E JOVANKA BARACUHY CAVALCANTI SCOCUGLIA

No rastro do *flaneur* contemporâneo: O corpo idoso e suas experiências no centro da cidade de João Pessoa.

On the trail of the contemporary flaneur: The elderly body and its experiences downtown João Pessoa's city

MARCELA DIMENSTEIN

Arquiteta e Urbanista. Graduada pela Universidade Federal da Paraíba em 2011 e Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFPB em 2014. Atualmente é professora assistente do Curso de Arquitetura e Urbanismo do Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ. Participa do laboratório de pesquisa: Cidades, Culturas Contemporâneas e Urbanidade desde 2010 e tem trabalhado com Teoria da Arquitetura e Urbanismo, com ênfase em experiências urbanas desviantes na contemporaneidade e novos modos de apreensão da cidade.

Architect and Urban Planner graduated at the Federal University of Paraíba in 2011 and Master by the Postgraduate Program in Architecture and Urban Planning / UFPB in 2014. Assistant Professor of Architecture and Urban Planning at the University Center of João Pessoa - UNIPÊ. Member of the research laboratory: Cities, Cultures and Contemporary Urbanity since 2010, working with Theory of Architecture and Urbanism, with emphasis on deviant urban experiences in contemporary and new city apprehension modes.

mmarcelad@gmail.com

JOVANKA BARACUHY CAVALCANTI SCOCUGLIA

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (1988), docente e pesquisadora do Departamento de Arquitetura/CT/UFPB desde 1989. Mestre em Ciências Sociais CCHLA/UFPB (1992), Doutora em Sociologia (2003) pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE e Pós-doutora em Sociologie Urbaine e Antropologie pela Université Lumière Lyon 2 como membro do Groupe de Recherche sur la Socialisation GRS - CNRS, atualmente Institute Max Weber. É membro do Conselho Editorial da Editora Sulina, Série Espaços Urbanos.

Graduated in Architecture and Urban Planning at the Federal University of Paraíba - UFPB (1988), professor and researcher at the Department of Architecture / CT / UFPB since 1989. Master of Social Sciences CCHLA / UFPB (1992), PhD in Sociology (2003) from the Federal University Pernambuco-UFPE and Post-doctorate in Urban Sociology and Anthropology at the Université Lumière Lyon 2 as member of the Groupe Recherche sur la Socialisation GRS - CNRS, currently Institute Max Weber. Member of the Board of Sulina's Editors, Series Urban Spaces.

jovankabcs@gmail.com

Resumo

A paisagem das cidades contemporâneas tem sido marcada por contradições que evidenciam novas relações entre corpo e cidade, homem e espaço/tempo. Nesse sentido, o espaço público assume protagonismo enquanto local de encontro, interação entre indivíduos, visibilidade e trocas assimétricas. Procuramos, nesta pesquisa, identificar resistências à homogeneização e padronização de um modelo de cidade supostamente marcada pela lógica do cálculo, da previsibilidade e das relações restritas ao consumo. Buscamos os rastros de um praticante da cidade, de um agente perdido na modernidade urbana: o *flâneur*. O foco da investigação se voltou para os idosos que praticam a *flanerie* no centro da cidade de João Pessoa, capital do Estado da Paraíba e patrimônio cultural nacional. Como estratégias metodológicas foram utilizadas a observação de campo e a entrevista semiestruturada, ferramentas importantes no campo da arquitetura e urbanismo em seu diálogo com outras disciplinas, em especial, a antropologia, a sociologia, as artes e a geografia. Assim, a fotografia, o desenho e a fotomontagem foram instrumentos de descrição densa e de análise dos espaços e agentes em ação. Este estudo procura repensar em questões como a política recente de renovação dos espaços centrais na cidade e a sua utilização/atualização pela população idosa. Também busca contribuir com pesquisas que evidenciam a percepção da população da cidade, sobretudo a partir de memórias e relatos dos mais velhos. Dessa forma, foi possível investigar mudanças e permanências relativas ao espaço central, descobrir elementos da história e cultura da área, como as festas, as relações sociais de trabalho e lazer, o transporte, a segurança, e ainda enxergar a relação entre os idosos e o local estudado como uma forma desviante à problemática do empobrecimento da ação urbana.

Palavras-chave: Idosos. Memória. Experiência urbana. Espetacularização, Espaço público.

Abstract

The landscape of contemporary cities has been marked by contradictions that reveal new relationships between body and city, man and space / time. In this sense, the public space takes on a role as a place for meetings and interaction between individuals, visibility and asymmetrical exchanges. We seek, in this research, identify resistance to homogenization and standardization of a city model supposedly marked by the logic of calculation, predictable and relationships restricted to consumption. We seek the traces of a practitioner of the city, a lost agent in the urban modernity: the flâneur. The focus of the investigation turned to the elderly who practice flanerie in the center of the city of João Pessoa, capital of Paraíba state and national cultural heritage. As methodological strategies we have used the field observation and semi-structured interview, important tools in the field of architecture and urbanism in its dialogue with other disciplines, especially anthropology, sociology, arts and geography. Thus, photography, drawing and photomontage were instruments for a thick description and analysis of spaces and agents in action. This study seeks to rethink issues such as the recent renovation policy of the central areas in the city and its use / update the elderly. Seeks to contribute to surveys that show the perception of the population in the city, especially from the memories and stories of their elders. Thus, it was possible to investigate changes and stays on the central space, discover elements of the history and culture of the area, such as parties, social relations of work and leisure, transportation, security, and see the relationship between the elderly and the site studied as a devious way to the problem of depletion of urban action.

Keywords: Elderly. Memory. Urban Experience. Standardization, Public Space.

No Rastro do *Flaneur* Contemporâneo: O Corpo Idoso e Suas Experiências no Centro da Cidade de João Pessoa

Introdução

Observando o centro da cidade de João Pessoa com o intuito de investigar experiências urbanas que escapam a lógica de homogeneização e espetacularização fortemente observadas na contemporaneidade, foi possível identificar, em pesquisa concluída no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPB, um grupo específico de pessoas – os idosos – que flanam, usam e experimentam a área central da capital, fazendo das ruas, calçadas e praças seus locais de ver e ser vistos.

A pesquisa ocorreu entre os anos de 2013 e 2014, especificamente, nos trechos indicados na figura 01 das Ruas Duque de Caxias e Visconde de Pelotas.

Esta área é caracterizada pela grande concentração comercial e de serviços, também é espaço de shows, festas e manifestações políticas, o que lhe confere uma intensa movimentação diária de pessoas. Elegemos trabalhar especialmente nas seis praças (indicadas na figura abaixo) e no trajeto adjacente da Rua Duque de Caxias, uma vez que se configuram como espaço coletivo, de convivência, circulação e encontros, propiciando a existência de um considerável volume de pessoas nesses espaços.

Privilegiamos a pesquisa qualitativa, realizando observações de campo que possibilitaram encontrar participantes que visitavam a área sistematicamente nos mesmos horários e, a partir de então, iniciamos as entrevistas que serão detalhadas ao longo do texto. Vale dizer que neste artigo, só será possível trazer o conteúdo das observações e relatos de forma condensada¹.

FIGURA 1

Mapa de localização da área de estudo.

Fonte: Dimenstein, 2014.



Nosso estudo está fundamentado em três questões principais que contribuem para o

¹ Caso o leitor se interesse pelo tema, o estudo completo pode ser encontrado na dissertação da autora: DIMENSTEIN, Marcela. *Experiências Urbanas de Idosos no Centro de João Pessoa*. João Pessoa: UFPB, 2014, 132p. Dissertação. UFPB, João Pessoa, 2014.

entendimento do porquê estudar os idosos no centro de João Pessoa, assim como na contextualização da discussão acerca da cidade contemporânea e suas contradições evidentes nos espaços públicos. Seriam eles: **experiência da alteridade, memórias urbanas e novos modos de apreensão da cidade.**

Atualmente, podemos ver discussões políticas e projetos urbanos contemporâneos que visam, sobretudo, construir uma imagem de cidade homogênea e pacificada tencionando atrair capital mercantil. Como consequência, as imagens construídas para nossas cidades se tornam cada vez mais parecidas, uma vez que elas precisam seguir um modelo de urbanismo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos seus financiadores multinacionais (JACQUES, 2004).

Autores como Simmel no texto clássico “As grandes cidades e a vida do espírito” (1903)², bem como Walter Benjamin em seus ensaios da década de 1930, reunidos em recente publicação de 2012³ e, posteriormente, Henry Lefebvre em “O direito à Cidade” de 1968⁴, anunciavam essas mudanças na experiência urbana e seus efeitos sobre o comportamento e a vida psíquica dos cidadãos. Hoje, extensivos às cidades médias como João Pessoa.

Grandes cadeias de *fastfood*, *shoppings centers*, condomínios fechados, dentre outros, têm sido retomados na crítica de uma sociedade cada vez mais baseada na lógica do consumo, da impessoalidade e do “dinheiro”. Autores como Caldeira (2000), Jacques (2004), Bauman (2009), dentre outros, afirmam que essas paisagens na cidade produzem e reproduzem modelos marcados por grandes distâncias, dependência do automóvel e megaempreendimentos, evidenciando como a escala do homem e do pedestre está sendo perdida e como o espaço público não vem sendo resguardado enquanto lugar de encontro e de interação entre os indivíduos.

Nesse sentido, a experiência urbana da *flanerie* pela cidade também estaria em extinção. Jacques (2012) coloca que os que tiveram oportunidade de observar grandes modificações em uma cidade expressam tanto fascínio quanto estranhamento ao vê-las, bem como por ter seus hábitos do passado transformados por uma cidade modernizada.

Essa experiência da modernidade, de flunar pela cidade, está presente nos textos e análises de Benjamin (2004), que se encanta pela obra de Charles Baudelaire e pela sua recriação da figura mítica do *flâneur*. Em meio a Paris do final do século XIX, esse personagem ambíguo, ao mesmo tempo que faz parte do contexto urbano, também faz uma crítica contundente desde a efetivação prática das grandes reformas urbanas – como a abertura dos Boulevares, negação da cidade antiga com seus becos e recantos que só eram acessíveis por pedestres, e também a ordenação e o controle reformadores do espaço público – até a expulsão de habitantes, imposição de costumes, aumento da velocidade e empobrecimento da relação entre corpo e cidade. Ele busca experimentar e vivenciar a cidade em transformação, observando enquanto caminha tranquilamente pelas ruas, apreendendo cada detalhe, sem ser notado, sem se inserir na paisagem.

2 Publicado no Brasil, ainda na década de 1960, com o título “A metrópole e a vida mental” como parte do livro de Otávio Guilherme Velho (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967. p. 13-28. Tradução de Sérgio Marques dos Reis.

3 Dentre os quais destacamos os ensaios: *Experiência e Pobreza de 1933*, *O Narrador de 1936* e *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica de 1935/1936*. Esses textos podem ser encontrados em BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2012.

4 LÉFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001. Tradução de Rubens Eduardo Frias – *Le Droit à la Ville* de 1968.

João Pessoa não foge à regra, e mesmo considerando suas especificidades, podemos identificar na capital paraibana muitos dos problemas encontrados em cidades maiores e mais desenvolvidas econômica e territorialmente.

O discurso promovido internacionalmente de valorização e recuperação de uma cidade mais segura e tranquila, com melhores espaços públicos, com formas de moradia e de lazer coletivas já fazem parte da lógica mercadológica adotada pelas empresas que fomentam a criação desses espaços - *shoppings* e condomínios fechados, etc. Eles acabam se tornando cada vez mais valorizados mediante a imagem que é veiculada pela mídia.

Assim, as noções de produção do espaço e reprodução das relações sociais de produção, propostas por Henri Lefebvre (2001, p. 57) são de fundamental importância nesse trabalho. O autor aponta que produzir é criar algo que não existia antes da atividade produtora, nos lembra que a cidade tem uma história, é obra de pessoas e grupos bem determinados que realizaram essa obra em determinadas condições históricas. Então, a produção e reprodução da cidade (LEFEBVRE, 2001) ocorrem por meio das práticas humanas e se manifestam na apropriação ou não dos dispositivos socioespaciais no espaço.

Henri Lefebvre (2001) e Ana Fani Carlos (2004) ressaltam que a noção de produção e reprodução é um processo real e amplo que está ligado ao plano econômico, colocando a cidade em meio ao mundo da mercadoria e da generalização da troca, mas também abarca outras categorias de análise que iluminam as realizações da vida, o cotidiano e as práticas socioespaciais. Apontam que a nova lógica de produção/reprodução espacial apresenta como tendência a destruição de diversos referenciais urbanos. A incessante busca do novo, com novas formas urbanas que se constroem sobre outras, com profundas transformações na morfologia, revelam uma paisagem em constante mutação, gerando relações conflituosas de estranhamento e de identidade na população.

Nesse processo, a perda dos referenciais urbanos fragmenta a memória individual e coletiva, uma vez que elementos conhecidos na paisagem das cidades desaparecem, levando marcas do passado histórico e provocando estranhamento, não só pela mudança das formas, mas também porque produzem novas relações sociais, mudando todo um contexto de vida.

Como consequência, a valorização do passado das cidades se tornou uma tendência em diversos locais, tanto como uma forma de confronto à instantaneidade e homogeneidade do espaço urbano em âmbito internacional, quanto por ser uma maneira dos próprios responsáveis pelos projetos criarem cenários e espetáculos a partir de eventos culturais.

Neste artigo, encaramos a memória urbana como sendo um elemento fundamental da constituição da identidade de um lugar e queremos explicitar a importância de se tratar da memória de idosos. Nossas pesquisas indicam que os idosos são personagens importantes na produção e reprodução das cidades, uma vez que testemunharam e construíram as suas histórias e, nessa perspectiva, podem ser considerados agentes que contribuem para os estudos e pesquisas relacionados a ela. Através de suas memórias é possível desvendar elementos relativos ao passado, à cultura e aos afetos de um local, principalmente quando se leva em consideração os aspectos ligados ao cotidiano do presente e do passado.

No que diz respeito ao processo de "revitalização" e valorização do patrimônio cultural de João Pessoa representado pelas intervenções recentes em seu centro histórico,

Scocuglia (2006) aponta que tiveram início em 1987, sob o olhar estrangeiro, com o Convênio Brasil/Espanha de Cooperação Internacional em um momento de valorização do patrimônio cultural como estratégia de desenvolvimento econômico, mediante políticas voltadas para o turismo em nível nacional e internacional. E foi em meio a reinvenção da figura do centro histórico na capital paraibana que houve a atração de uma população local e turística para a área. A autora nos alerta:

(...) a dinamização cultural do entorno estimulada e financiada pelos órgãos públicos, bem como o cenário formado pelas fachadas ecléticas do casario reformado, mexeram com a autoestima dos pessoenses, reativaram memórias da cidade, tradições locais e geraram práticas culturais e sociabilidades, algumas efêmeras, outras mais duradouras. Mas acima de tudo, deram visibilidade, até por contraste, ao estado de degradação do patrimônio edificado e natural, assim como aos problemas que afetam esta área e seus usuários, em especial, a população de baixa renda e a imagem de marginalidade que a estigmatiza (Scocuglia, 2006).

São nessas circunstâncias que esse outro lado do cenário adquire relevância. É a partir do momento em que se busca esconder tensões, dissensos e a experiência de alteridade nas cidades que os caminhantes ganham mais visibilidade e se constituem como um símbolo de resistência à homogeneização e padronização da cidade contemporânea. Esses caminhantes são os praticantes ordinários das cidades, inspirados nas palavras de Michel de Certeau (1990). Como bem mostra esse autor, esses praticantes e/ou transeuntes, organizam e atualizam um conjunto de possibilidades e proibições do espaço, pois as idas e vindas, as variações ou improvisações da caminhada, privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais existentes, desacordando e interrompendo processos esperados e programados do cotidiano.

Podemos perceber que hoje os processos urbanos já não são mais passíveis de serem enquadrados em um modelo único e diversos profissionais das mais variadas áreas do conhecimento (dança, história, antropologia, arquitetura, urbanismo, sociologia, geografia, psicologia, etc.) estão em busca de novas formas de apreender as cidades através de diferentes olhares e sentidos dados a elas.

Podemos ver em recentes publicações e eventos de âmbito nacional e internacional, a exemplo do ENANPUR⁵ (2015), do Corpocidade⁶ (2014) e do Urbicentros⁷ (2013), a existência de pesquisadores que buscam abandonar os cânones das pesquisas urbanas e iniciar outra prática ligada à estética e à adaptação da prática etnográfica, inserindo a visão do pesquisador atento às diferenciações no exercício investigativo, aberto à espontaneidade e às práticas da rua.

Autores como Nelson Ferreira dos Santos (1985), Francesco Careri (2009), Ana Clara Torres Ribeiro (2010), Jean Paul Thibaud (2012), dentre outros, além de discutirem as experiências urbanas contemporâneas, tratam de novos métodos de análise e estratégias de investigação questionando os limites das ferramentas tradicionais de pesquisa, como também buscam aproximar o pesquisador da própria vivência na cidade.

5 O Encontro nacional da ANPUR (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional) ocorre bianualmente e está na sua 16ª edição. No ano de 2015 ocorreu no mês de maio na cidade de Belo Horizonte (MG).

6 O Encontro bienal Corpocidade está na sua 4ª edição e ocorre na cidade de Salvador (BA). Está vinculado às atividades dos grupos de pesquisa Laboratório Urbano (Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA).

7 O Seminário Internacional Urbicentros é um desdobramento do programa DINTER-CAPES [Doutorado Interinstitucional] realizado entre os Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal da Paraíba com a colaboração de uma rede de Programas de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da região Nordeste do Brasil.

No caso deste artigo, procuramos identificar rastros dos praticantes da cidade, com destaque para os idosos que flanam nos espaços públicos do centro de João Pessoa. Com isso, intencionamos problematizar em que medida os idosos tem oferecido resistência à padronização e à espetacularização referidas a partir de um modo próprio de experienciar a cidade, local em que eles mantêm traços de antigos costumes e tradições, reinventando-os no tempo presente.

O idoso e a *flanerie* no centro da cidade

O centro, além da sua importância histórica como lugar de memória, detentor de um valor patrimonial e arquitetônico, é também o principal setor comercial e de serviço da cidade, que atrai muitas pessoas para a região. Este fato o configura como um lugar de diferentes experiências da vida social e onde é possível encontrar, em sua grande maioria, personagens que ativam a cena urbana cotidiana com diversas dinâmicas e nos mais diversos espaços.

Vale ressaltar que no decorrer do século XX, o centro passou por várias transformações que aliadas à expansão da cidade e à generalização apressada de decadência, gradativamente, modificaram o seu perfil original de uso e ocupação, reduzindo significativamente os espaços residenciais, enquanto se reafirmava como lugar de comércio e serviços. Entretanto, segundo os dados coletados pelo IBGE 2010, em relação aos outros bairros, o centro ainda detém o maior percentual de idosos, acusando 20,49% da população da cidade.

Correa (2009) afirma que mesmo com as mudanças na dinâmica de uma região e nos costumes de uma população, ainda se nota nos idosos a sensação de estranhamento e saudosismo frente a tantas alterações no espaço. Essa realidade ainda pode ser encontrada no centro de João Pessoa, local de moradia e convivência de uma população idosa que criou raízes e vínculos de trabalho, lazer e afetos.

A forte relação existente entre o grupo de idosos participantes do trabalho e o centro da cidade assume uma importância fundamental, pois apesar da área sofrer um processo de esvaziamento residencial por segmentos de classes médias e elites locais, ainda é possível encontrar parte da população que remonta aos seus tempos enobrecidos do início até meados do século XX, embora já envelhecida, e com boa parte dos familiares migrados para outros bairros da cidade.

Muitos dos que ali vivem e frequentam referenciam o centro como um lugar de boemia e da noite, mas essa representação sempre vem acompanhada do sentimento de pertencimento ao lugar, da tradição e da afetividade. Outro ponto de destaque identificado em nossas pesquisas é que este público frequentador, agora com diferentes posturas corporais e mudanças nas suas competências motoras, acaba revelando novos pontos de vista dos espaços, uma vez que estes são capazes de colocar o corpo mais frágil em situações de desvantagem e reforçam suas deficiências. Então, atividades básicas como caminhar nas ruas e se sentar nos bancos podem trazer novas percepções e experiências dos lugares.

FIGURAS 2 e 3

Flâneurs bem vestidos, agora envelhecidos e com competências motoras comprometidas, circulando e observando o movimento da Praça Vidal de Negreiros, 2013.

Fonte: Dimenstein, 2014.



Com o tombamento do Centro Histórico de João Pessoa pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) no final de 2007, foram liberadas verbas tanto pelo Instituto quanto pela Prefeitura para a realização de obras pontuais de requalificação de praças, calçadas, mobiliários e edifícios que se apresentavam em estado de precariedade. As praças receberam uma atenção especial, tendo 09 das 11 praças existentes na área recuperadas em sua estrutura física básica, particularmente os bancos, canteiros, luminárias e revestimentos de piso.

Entretanto, mesmo com a notável melhoria da estrutura física em várias dessas praças, a grande quantidade de idosos revelou diversas situações que foram esquecidas durante as reformas. A ausência de manutenção dos pisos, a existência de bancos sem encostos, a falta de sombreamento e as mudanças bruscas de níveis na calçada, dentre outros, são fatores que influenciam na atração de uma parcela de idosos *flâneurs* de um local a outro.

A adequação climática foi um fator decisivo para um dos participantes de 82 anos. Religiosamente pela manhã gosta de ficar na Livraria do Luiz⁸, local climatizado com ar condicionado e, às vezes, após o pôr do sol se dirige a uma das praças para encontrar os amigos.

Dessa forma, acredita-se que as obras de requalificação poderiam ter sido otimizadas através de um estudo mais aprofundado sobre o contexto que estão inseridas, suas particularidades, as memórias que guardam, bem como o público que ali está.

FIGURAS 4, 5, 6 e 7

Muletas e bengalas são elementos auxiliares comuns dentre os idosos. A forte incidência do sol na pele e nos olhos lhes obriga a se proteger, 2013.

Fonte: Dimenstein, 2014



⁸ A Livraria do Luiz está localizada na galeria Augusto do Anjos, na Praça 1817, Centro. Foi fundada na década de 1970 e ainda hoje atrai um público frequente, principalmente para encontros e bate papos.

Experiências urbanas que nos trazem os flâneurs idosos

Partimos da premissa que essas novas intervenções “revitalizadoras” escamoteiam dissensos nas cidades. Evidenciamos diversas interfaces do processo de resistências urbanas e das relações entre o urbanismo e o corpo. Detemo-nos, assim, nos aspectos que se revelam sobre as experiências urbanas no centro da cidade, baseando-nos em observações e relatos do grupo de idosos entrevistado.

O primeiro aspecto da experiência urbana da *flanerie* na área central está marcada por um claro desequilíbrio entre homens e mulheres. A grande maioria das mulheres estava sempre em trânsito e as poucas vezes que estavam desfrutando do espaço, sentadas e conversando, ocorriam mediante a realização de algum evento promovido pela Prefeitura, como por exemplo, as feiras de artesanato ou de flores. Este, certamente, foi um fator decisivo que marcou a predominância de homens dentre os sujeitos entrevistados.

Para estes grupos masculinos encontrados em nossas pesquisas, o centro sempre esteve presente em suas vidas como local de moradia, de trabalho e de diversão. Mesmo com grande parte dos entrevistados não morando mais na área, eles ainda o veem como um lugar que guarda muitas memórias, reafirma seus costumes e ainda desperta afetos.

Eu venho muito aqui. Mas antigamente era muito diferente. (...) Mas eu cheguei de vez aqui em 1972, já tinham mexido em muita coisa. Ali onde tem o Banco Bradesco era várias lojinhas, mas as coisas vão se acabando. O cinema Rex ali na Duque de Caxias, eu vinha demais. (...) Mas uma coisa que eu gostava muito e que sempre me lembro quando venho aqui era de andar de bonde. Eita, que foi um tempo bom danado! (CLEIDSON, 82 anos).

A arquitetura ali existente reflete a sociedade de uma época e está cheia de valores, de sentidos e significados que revelam fatos que os marcaram, como as residências de personalidades abastadas e importantes ou a sorveteria Canadá que se localizava em uma loja no térreo do Paraíba Palace Hotel na Praça Vidal de Negreiros⁹.

As várias mudanças que o espaço central sofreu ao longo dos anos acabaram por destruir vários dos referenciais urbanos, como os citados acima e, com isso, uma parte da memória foi se perdendo e em seu lugar apareceram novas formas e relações. Por exemplo, alguns idosos sabiam que em uma determinada rua havia certa edificação, entretanto já não conseguiam identificar em que posição da rua ela ficava.

Foi possível perceber que os espaços onde se concentravam mais idosos flinando eram os que possibilitavam maior contato com outras pessoas, estimulantes e pro-

⁹ A Praça Vidal de Negreiros também chamada de Ponto de Cem Réis é uma das principais praças da cidade. Está vinculada à modernização do transporte pessoense e reivindicações públicas, além de ter um entorno caracterizado por edificações de prestígio como o casario eclético que pertenceu à família dos Ávila Lins, o Paraíba Palace Hotel, o Edifício Régis e Duarte da Silveira. Está inserida entre as ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias, que endereçavam símbolos da riqueza e elegância da capital, como o Cine Rex, Cine Plaza, a sede do Clube Cabo Branco, a faculdade de Direito, dentre outros. A praça foi criada em 1924, com a demolição da centenária Igreja do Rosário dos Pretos. Em 1951, passou pela segunda reforma na gestão do prefeito Oswaldo Pessoa. A terceira ocorreu na década de 1970, na gestão de Damásio da Franca, e em 1982 o mesmo prefeito realizou mudanças no local. Em 1996, a praça sofreu a quinta investida, dessa vez na gestão de Francisco Franca. Recentemente, em 2009, a praça passou pela sexta reforma (DIMENSTEIN, 2013).

piciadores de diferentes experiências, os que tinham mais atividades ocorrendo, os com melhor localização, ou seja, que estavam perto de paradas de ônibus e dos eixos principais de circulação, os arborizados e por fim, os que despertavam mais lembranças do passado.

Aqui é bom, tem essa praça aqui, tem a João Pessoa ali, mas a gente prefere essa daqui (Praça Vidal de Negreiros). É mais animada (JOSÉ, 74 anos e ANTÔNIO, 68 anos).

Eu fico aqui no Ponto de Cem Réis (Praça Vidal de Negreiros), depois dou um passeio em outras praças, na João Pessoa, mas ali é muito parado. (PEDRO, 72 anos).

Eu gosto de ficar aqui no Ponto de Cem Reis, é onde tá o movimento. As outras praças não têm nada pra ver. Aqui sempre foi o lugar da muvuca (JOEL, 64 anos).

FIGURAS 8 e 9

O corpo idoso como *flâneur*.
Descaso e bate papo na
Praça Vidal de Negreiros
(Ponto de Cem Réis), 2013.

Fonte: Dimenstein, 2014.



A maioria dos entrevistados relatou que se dirige ao centro em busca de amigos e conhecidos para conversar e passar o tempo. Os que vão necessariamente à área para trabalhar também afirmaram que nos horários vagos sempre procuram amigos para um bate papo nas praças e estabelecimentos do bairro. Outra parcela dos entrevistados afirmou ir ao centro para passear, caminhar pelas praças e ruas, ir à livraria e, eventualmente, comprar alguma coisa que esteja faltando em casa, pagar contas ou ir ao banco. Uma mínima parcela vai diretamente ao comércio da região para comprar algo que esteja necessitando em casa.

A gente vem esperar o tempo passar aqui, passear, encontrar os amigos. De manhã eu passo lá na ferraria onde tô aposentado, dou uma olhada. Ai de tarde venho pra cá rever os amigos. A gente fica lembrando as coisas do passado (ANTÔNIO, 68 anos)

Sempre encontro muitos conhecidos. Todo mundo que passa por aqui me cumprimenta (REGINALDO, 73 anos).

Com relação ao meio de transporte utilizado, a grande maioria se locomove até o centro de ônibus. Os participantes que moram no centro ou em bairros vizinhos fazem seus percursos a pé, desfrutando da paisagem e do movimento existente. Apenas uma minoria se utiliza do carro: os que conseguem carona, os que vão rapidamente resolver suas necessidades no comércio e um dos participantes que trabalha na área.

No que diz respeito à frequência dos participantes na área, a grande maioria afirmou ir ao centro de segunda a sexta em algum período do dia. Os que trabalham como ambulantes geralmente vão no período da manhã, já os que trabalham em órgãos públicos frequentam as praças apenas nos horários de almoço e após o expediente.

Os que trabalham com o comércio local estão sempre no centro, de segunda a sábado até o final do horário comercial, e às vezes no domingo de manhã. Já os aposentados em geral não têm um horário fixo, alguns preferem ir pela manhã, alguns no começo da tarde e outros no final da tarde/ início da noite.

Quanto às atividades realizadas no centro, identificamos respostas variadas. Muitos gostam de ficar sentados nas praças conversando, reencontrando amigos e/ou fazendo novas amizades. Alguns gostam de passear pelas ruas, caminhar, ver o movimento, ir às livrarias, no Camelódromo, nas bancas de jornais, tomar um café com os amigos, um caldo de cana com pastel em um antigo bar da área. Outros aproveitam para ir ao banco, lotéricas e comprar algo no comércio local. Um dos participantes chegou a dizer que utiliza a orla da Lagoa¹⁰ para fazer exercício físico. Outro falou que alguns dias da semana frequenta as discussões sobre atualidades e política na Livraria. Uma das entrevistadas que mora no centro, vai com frequência em mercadinhos, mercearias e farmácias. Existem os que trabalham no espaço como ambulantes. Outros entrevistados relatam que frequentam ou já frequentaram os eventos existentes nas praças.

Eu venho todo dia conversar com amigos no Ponto de Cem Réis e na livraria. Faço feira, aproveito pra comprar algo que está faltando em casa, tem tudo aqui por perto (LÍGLIA, 76 anos).

Eu fico mais aqui, às vezes eu vou no banco, mas eu gosto de ir ali em um bequinho onde tem a livraria. Eu passo na livraria do Luiz quase todo dia (JOSIAS, 72 anos).

FIGURAS 10

Sequência de fotos de senhor flinando pelas praças e ruas sem nenhum objetivo específico, 2013.

Fonte: Dimenstein, 2014.



Quanto às reformas recentes que ocorreram no centro, houve unanimidade entre os informantes em reconhecer as melhorias na infraestrutura física no espaço. Alguns ponderaram que a configuração atual estava ótima, outros declararam não terem notado mudanças. Poucos avaliaram ruim ou péssimo. A grande maioria sugeriu mudanças e acréscimos para que o espaço ficasse mais apropriado para eles, como abertura de banheiros públicos, conserto de pisos quebrados, implantação de mais árvores, bancos mais confortáveis, etc.

Todos eram frequentadores do centro antes das reformas ocorridas em 2009 pela Prefeitura Municipal. Porém, os que começaram a frequentar o centro após as reformas de 1970 declararam que agora está bem melhor que antes, mas os que frequentavam o espaço antes da reforma de 1970 apontaram que esta (de 1970) nunca deveria ter ocorrido, pois visava resolver problemas que acometiam a área criando um viaduto sob a Praça Vidal de Negreiros (Ponto de Cem Réis), recortando o espaço e gerando passagens de nível entre a Cidade Baixa e o Parque Solón de Lucena.

¹⁰ O Parque Solón de Lucena, também conhecido como Lagoa é um dos cartões postais da cidade. Está a apenas 2 quadras das Ruas Visconde de Pelotas e Duque de Caxias, onde se localiza a Praça Vidal de Negreiros.

FIGURAS 11

Desenho ilustrativo de trecho de entrevista com idoso. Calças de linho rasgadas após sentar-se nos novos bancos de concreto inseridos pela Prefeitura no Ponto de Cem Réis.

Fonte: Dimenstein, 2014.



Os assuntos que mais renderam conversas entre os *flâneurs* entrevistados e a pesquisadora se relacionaram aos transportes de antigamente, como o bonde, as marinetes e os carros. Relataram práticas de lazer como os cinemas, as sorveterias, as festas e carnavais, etc. Comentaram dos seus trabalhos, de suas casas, famílias, da segurança, das gestões públicas, dos colégios, da igreja e da história da cidade.

Eu vinha sempre ao cinema e trazia uma namorada ou vinha só mesmo. Era muito bonito. Vinha comer muita pipoca. Tinha muito pipoqueiro. Tinha algodão doce... Eu só vivia no Ponto de Cem Réis antigamente e também na lagoa porque era o ponto mais animado da época, sempre tinha gente dançando e música nas esquinas. Adorava assistir (SEVERINO, 60 anos).

Na Festa das Neves antes tinha uma missa e depois que acabava a missa, tinha um palco montado na frente da igreja. Na General Osório tinha várias barraquinhas com cachorro quente, até o pavilhão do chá. Eu tomei muita cachaça na bagaceira, era muito bom, mas não tinha nada de bagaceira ali não, era um pessoal muito arrumado (JAIR, 60 anos).

Na festa das Neves, era muito animado, tinha muita paquera. Os homens passavam de um lado e as mulheres no meio. Hoje não é quase nada né!? Antigamente eram 10 dias (LÍGIA, 76 anos).

FIGURAS 12

Desenho ilustrativo de moças andando pela Rua General Osório durante a Festa das Neves (antigamente) em clima de paquera.

Fonte: Dimenstein, 2014.



Certa nostalgia se revelou na ideia unânime de que os tempos de hoje não são mais como os de antes em nenhum dos aspectos citados acima. Lamentam que seus netos nunca saberão como eram saudáveis e divertidas as Festas das Neves¹¹ e os carnavais. Que a cidade hoje não tem a segurança de antes, e que as pessoas não podem apreciar tão bem a vida como se fazia antigamente.

Sem dúvida a sensação de insegurança e a violência urbana vem influenciando na maneira como esses idosos usam e se movimentam na área central. Assaltos e agressões foram relatados como motivos da não permanência na área pela noite, o que compele os entrevistados a voltarem para casa enquanto existe movimento nas ruas e nas paradas de ônibus.

Logo, o que vemos aqui é um grupo de pessoas que diariamente têm que se adaptar ao mundo contemporâneo e criar referências que os ajudem a preservar suas identidades. Destacamos alguns obstáculos que estão presentes no dia a dia desses participantes e que poderiam ser encarados como desestimulantes para muitos. Entretanto, flanam na cidade e resistem às perdas de referência e ao isolamento socioespacial.

Resistentes, esses *flâneurs* necessitam resguardar o local que residem ou residiram, onde se divertiram, sofreram, trabalharam e circularam diariamente. Todos declararam que mesmo com todas as mudanças pelas quais o centro passou, este ainda lhes desperta muitos afetos e lembranças. Afirmaram que enquanto puderem ir até a área, irão.

Considerações Finais

Portanto, retomamos a hipótese inicial desse trabalho para indicar a possibilidade real de uma *flanerie* de idosos no centro da cidade de João Pessoa. Ou seja, observamos a existência de experiências urbanas que escapam à lógica de homogeneização e espetacularização marcantes na contemporaneidade, tendo o idoso *flâneur* como importante elemento para a vitalidade e diversidade dos centros urbanos.

Podemos dizer que em meio ao contexto de mercantilização e espetacularização urbana contemporânea, um outro lado do cenário adquire relevância. Encaramos as experiências de *flanerie* no centro como uma forma desviante à problemática do empobrecimento da ação urbana e da perda da corporeidade nos espaços públicos. Os idosos observados e entrevistados são personagens que resistem à pacificação urbana de forma anônima e dissensual, muitas vezes ultrapassando dificuldades e grandes distâncias para ativa-lo com as mais diversas práticas.

A imprescindibilidade desse público na área central se torna clara, pois sua presença nas ruas, calçadas e praças, além de trazer dinamismo ao espaço público, o colocam em visibilidade, evidenciando a necessidade real de projetos de intervenções/requalificações apropriados através de um estudo mais aprofundado sobre o contexto, suas particularidades, a memória que guardam, dando voz aos praticantes da cidade, observando as formas de usar e se apropriar diversificadas.

Com esse trabalho exercitamos e testamos novas ferramentas metodológicas de pesquisa de campo da Arquitetura e Urbanismo, nos aproximando dos instrumentos de

11 A festa é uma homenagem religiosa à padroeira da cidade de João Pessoa, Nossa Senhora das Neves. Acontece na Rua General Osório, onde está situada a Basílica de Nossa Senhora das Neves que é paralela a Rua Duque de Caxias.

investigação da antropologia e da sociologia, bem como foi possível um maior reconhecimento do papel importante dos idosos na construção de pontes entre o presente e o passado das cidades, suas relações com o tipo de espaço público instituído pela gestão pública contemporânea. Identificamos a urgência da incorporação dos desejos, atitudes, afetos e comportamentos dos praticantes da cidade nos processos de planejamento e de intervenção urbana.

Reafirmamos a necessidade urgente de revermos os instrumentos de pesquisa e de planejamento no campo da arquitetura e do urbanismo diante das novas dinâmicas socioespaciais e a importância de uma maior inserção de praticantes no processo projetual em áreas urbanas.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire - um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas I: Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CALDEIRA, Tereza P. do Rio. **Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo**. São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.

CARERI, Francesco. **El Caminar como práctica estética**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2004.

CERTEAU, Michel. Caminhadas pela Cidade. In: *A Invenção do Cotidiano*. Petrópolis: Vozes, Petrópolis, 1990.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

DIMENSTEIN, Marcela. **Experiências urbanas de idosos no centro de João Pessoa**. João Pessoa: UFPB, 2014, 132p. Dissertação de mestrado. UFPB, João Pessoa, 2014.

DIMENSTEIN, Marcela; ANDRADE, Patrícia; BARROS, Amaralina. Relações espaço público x privado: O caso do Ponto de Cem Reis. In: **Anais IV Seminário Internacional Urbicentros: invisibilidades e contradições do urbano**. João Pessoa: Editora Universitária, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico e Contagem populacional 2010**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/indicadores_sociais_municipais/indicadores_sociais_municipais.pdf>. 2004. Acesso em 04/06/2013.

JACQUES, Paola Berenstein. Espetacularização urbana contemporânea. In: **Cadernos PPGAU/UFBA, Territórios urbanos e Políticas culturais**. Salvador: EDUFBA, 2004.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JEU-DY, Henri Pierre; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corpos e cenários urbanos: territó-**

rios urbanos e políticas culturais. Salvador: EDUFBA, 2006.

JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: BRITTO, Fabiana Dultra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corporcidade: debates, ações e articulações.** Salvador: EDUFBA, 2010.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes.** Salvador: EDUFBA, 2012.

LÉFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Dança De Sentidos: na busca de alguns gestos. In: BRITTO, Fabiana Dultra; Jacques, Paola Berenstein (Org.). **Corporcidade: debates, ações e articulações.** Salvador: EDUFBA, 2010.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos (coord). **Quando a rua vira casa.** São Paulo: ed. Projeto, 1985.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: **VELHO, Otávio G. (org.). O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito. [orig. al. 1903]. Trad. L. Wai-zbort. In: **SciELO**, São Paulo, out. 2005. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132005000200010&script=sci_arttext#back1>. Acesso em 25 de out. de 2015.

SCOCUGLIA, Jovanka B. C.; CHAVES, Carolina; LINS, Juliana. Percepção e Memória da cidade: O ponto de Cem Réis. In: **Portal Vitruvius**, São Paulo, set. 2006. Disponível em < <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/06.068/393>>. Acesso em 10 de fev. de 2013.

THIBAUD, Jean Paul. Por uma gramática geradora das ambiências. In: SCOCUGLIA, Jovanka B. C. (Org.). **Cidade Cultura e Urbanidade.** João Pessoa: UFPB, 2012.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

ANALUCIA DE LUCENA TORRES E GLEICE AZAMBUJA ELALI

Docilidade ambiental para idosos: condição de qualidade de vida para todos

*Environmental docility for elders: welfare condition
for everybody's life*

ANALUCIA DE LUCENA TORRES

Licenciada e graduada em Psicologia (UFPB, 1984 e 1994, respectivamente), Licenciada e graduada em Enfermagem (UFPB, 2001; Faculdade de Enfermagem Santa Emilia de Rodat, 1994), mestre em Enfermagem e Saúde Pública (UFPB, 2006). Atualmente é doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFRN, defesa prevista para 2015.2. É professora Assistente III do curso de Enfermagem da UFPE, atuando nos seguintes temas: idosos, sexualidade humana, Estratégia de Saúde da família, bioética e qualidade de vida.

Licensed and graduated in Psychology (UFPB, 1984 and 1994 respectively), licensed and graduated in Nursing (UFPB, 2001; School of Nursing Santa Emilia de Rodat, 1994), Master in Nursing and Public Health (UFPB, 2006). Currently is a Ph.D. student in the Postgraduate Program in Psychology of UFRN, defense expected to 2015.2. Assistant Professor III at the Nursing course at UFPE, acting on the following topics: the elderly, human sexuality, Health Strategy for the family, bioethics and quality of life.

analu.23.torres@hotmail.com

GLEICE AZAMBUJA ELALI

Graduada em Arquitetura e Urbanismo (1982) e em Psicologia (1987) pela UFRN, tem mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (1996 e 2002). Atualmente é docente da UFRN, mantendo atividade didática e de pesquisa na graduação e pós-graduação, relacionada a Projeto Arquitetônico e Psicologia Ambiental. Temas de interesse: relações pessoa-ambiente como subsídio ao projeto arquitetônico, avaliação do ambiente construído, percepção ambiental.

Graduated in Architecture and Urban Planning (1982) and Psychology (1987) UFRN, has master and Ph.D. in Architecture and Urban Planning from FAU-USP (1996 and 2002). Professor at UFRN, keeping didactic activity and research at the undergraduate and postgraduate levels, related to Architectural and Environmental Psychology Project. Topics of interest: person-environment relationships as an aid to architectural design, evaluation of the built environment, environmental awareness.

gleiceae@gmail.com

Resumo

O bem-estar de quem envelhece está fortemente vinculado à saúde física e mental da pessoa, e à autonomia e independência que mantém em seu cotidiano. A fim de atingir essa meta, as políticas públicas brasileiras voltadas para o envelhecimento saudável indicam a importância dos idosos permanecerem em seu ambiente residencial de origem. Partindo desse quadro geral, - e entendendo-se que o conceito de ambiente residencial conjuga as dimensões físicas e psicossociais relativas ao microsistema (casa+família) e ao mesossistema (entorno+vizinhos)-, este artigo apresenta dois estudos sobre as condições de habitabilidade do ambiente residencial de idosos em cidades brasileiras de médio porte (menos de 75 mil habitantes). As investigações foram centradas no entorno de Unidades Básicas de Saúde e seus programas de Estratégia de Saúde da Família (bases da política na área) e em idosos da chamada quarta-idade, pessoas com 80 anos ou mais (população-alvo dessa política). Os resultados revelam que as áreas investigadas não dispõem da docilidade ambiental necessária para receber adequadamente a população idosa residente. No microambiente (onde o espaço é restrito e as relações sociais limitadas e controláveis), as necessidades de apoio de cada pessoa são mais diretamente observáveis e previsíveis, mesmo quando não satisfeitas totalmente. Já no mesoambiente (cujo espaço é expandido e onde acontecem sociabilidades que exigem maior independência individual), as barreiras físicas se tornam sérios obstáculos à participação e à autonomia dos idosos, reduzindo sua qualidade de vida. Apesar de algumas iniciativas pontuais facilitarem que parte dos idosos se movimente pela área urbana e realize pequenas atividades, a maioria dos participantes não tem acesso à área externa do lote (e se restringem às suas casas). Conclui-se pela extrema necessidade de investimento público na docilidade ambiental, especialmente: acessibilidade das vias e calçadas, intensificação da iluminação e da segurança, e disponibilização de elementos para sentar e de banheiros públicos. Tais medidas ampliariam significativamente a qualidade de vida, não apenas da população que envelheceu, mas de todas as pessoas.

Palavras-chave: Ambiente residencial. Idosos. Docilidade ambiental. Qualidade de vida.

Abstract

The well-being of elderly is strongly linked to physical and mental health of the person, and the autonomy and independence that keeps in their daily lives. In order to achieve this goal, the Brazilian public policies for healthy aging indicate the importance of the elderly remain in their residential environment of origin. Based on this general framework - and understanding that the concept of residential environment combines the physical and psychosocial dimensions for the Microsystems (home + family) and Mesosystem (surrounding + neighbors) -, this article presents two studies on the living conditions of the elderly' residential environment in Brazilian medium-sized cities (less than 75,000 inhabitants). The investigations were centered on the surroundings of Basic Units of Health and on program Family Health Strategy (basis of politics in the area) and people aged 80 years-old or more (the target population of this politics). The results show that the investigated areas lack the environmental docility required to receive the resident elderly population. In the microenvironment (where space is restricted and the social relationships is limited and controllable), each person's support needs are more directly observable and predictable, though not entirely satisfied. In the mesosystem (whose space is expanded and which the sociability requires greater individual independence), physical barriers become serious obstacles to participation and autonomy of the elderly, reducing their quality of life. Although some specific initiatives facilitate the elderly to move on the urban area and to make small activities, most

participants do not have access to the area out of the lot (and they are restricted to their homes). The results confirmed the dire need for public investment in the environmental docility, especially: accessibility of roads and sidewalks, enhancing lighting and security, and availability of elements to sit and restrooms. Such measures would expand significantly the quality of life, not only of the population has aged, but for all people.

Keywords: Housing environment. Elderly. Environmental docility. Quality of life.

Docilidade Ambiental para Idosos: Condição para Qualidade de Vida para Todos

Introdução

Na atualidade, o envelhecimento da população mundial apresenta inúmeras dimensões e desafios, sobretudo em busca da integração dos idosos à comunidade e da redução de situações que coloquem em risco sua autonomia, independência e integridade física. No Brasil, a preocupação com o envelhecimento saudável fez surgir a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 1994). Complementando essa lei foram criados a Política Nacional de Saúde do Idoso e o Estatuto do Idoso (BRASIL, 1999 e 2003, respectivamente) que, além de assegurar assistência de saúde às pessoas maiores de 60 anos, estabelece que o idoso tem o direito de morar dignamente no seio familiar natural (ser abrigado em instituições apenas em casos especiais).

Para atender o objetivo de possibilitar qualidade de vida aos seus usuários, o ambiente residencial deve dispor de padrões mínimos de docilidade ambiental (NAHEMOW, LAWTON, 1973), ou seja, ser flexível a ponto de tornar-se facilmente adaptável às necessidades de seus usuários, permitindo que obtenham desempenho adequado nas tarefas que se proponham a realizar.

Com base nesse quadro geral, esse artigo reúne duas pesquisas que trabalharam com idosos com idade igual ou superior a 80 anos. A primeira (REF. OMITIDA, 2007) investigou as condições de uso da Unidade Básica de Família (UBS, popularmente conhecida como “posto de saúde”) e seu atendimento às indicações da política na área, inclusive com relação às interações com o entorno. A segunda (REF. OMITIDA, 2015) foi centrada na moradia dos idosos atendidos pela Estratégia de Saúde da Família (ESF – programa que envolve inclusive visitas domiciliares) e na área que envolve essa casa. Em comum entre as duas pesquisas destaca-se o meio urbano, que envolve tanto a habitação quanto a UBS, e que deve ser percorrido pela pessoa no percurso entre ambos. Em termos metodológicos as pesquisas recorreram a multimétodos: a primeira aplicou *checklists* e questionários; a segunda utilizou entrevistas, questionários e percursos acompanhados.

Para apresentar o trabalho realizado, excetuando essa introdução e as considerações finais, esse artigo está dividido em três itens: o primeiro contextualiza a questão em estudo, comentando brevemente a política nacional na área e as relações idoso-ambiente, com ênfase para o conceito de docilidade ambiental; o segundo apresenta os métodos de pesquisa dos dois estudos; seguem-se os resultados, divididos em 3 tópicos, como sejam, Microssistema 1 (a UBS), Microssistema 2 (a habitação), e Mesossistema (meio urbano).

Contextualização

No Brasil, a busca por estratégias capazes de operacionalizar as políticas públicas adequadas ao idoso, fez com que o Sistema Único de Saúde (SUS) definisse a Estratégia Saúde da Família (ESF – BRASIL, 2006). A ESF enfatiza os conceitos de territoria-

lização, veiculação, responsabilização e resolutividade, lançando um olhar holístico para a habitação em suas dimensões físicas, socioculturais, biopsicossociais. Sob essa perspectiva, evidencia-se uma lógica de reorientação do modelo assistencial anteriormente vigente, que passou a ser operacionalizada através da implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde (UBS).

Como porta de entrada do SUS, a ESF é constituída por unidades que atendem uma população adstrita de 1000 famílias (ou, 4.500 habitantes). Nesse sistema a visita domiciliar assume destaque, pois permite a avaliação das condições socioambientais existentes, bem como o conhecimento do modo de viver, cultura e crenças do indivíduo e da família. Configurando-se como o elo de contato entre a população e os profissionais de saúde, a VD tem como meta: o diagnóstico psicossocial e de saúde da comunidade; o desenvolvimento de ações preventivas nos planos primário e secundário; a detecção de situações de vulnerabilidade social e de saúde; a orientação à família para que busque os serviços disponíveis. Nesse contexto, dentre os princípios básicos das ações relativas às pessoas idosas, encontra-se a atenção para os fatores de riscos aos quais estão expostas, quer na própria residência quer fora desta, bem como a sugestão de modos de intervenções para eliminar ou minimizar tais problemas.

Apesar dessa preocupação, estudos recentes (PESSOA *et al*, 2010; COHEN, BARCELOS, 2012) denunciam as dificuldades para a realização de ações efetivas nesse campo, além de indicarem ser necessária maior atenção para o ambiente habitacional, uma vez que a maior parte dos acidentes com pessoas acima de 60 anos ocorre em sua própria residência, embora medidas simples pudessem aumentar significativamente sua segurança. Esse tipo de constatação aponta para a necessidade da política de atenção ao idoso estar mais atenta para a docilidade ambiental dos locais por eles frequentados.

Surgida no âmbito da Psicologia Ambiental, a hipótese da docilidade ambiental (NAHEMOW, LAWTON, 1973) se baseia no reconhecimento das demandas que o ambiente exerce sobre os indivíduos, entendendo que a elas correspondem diferentes tipos de pressão, que podem se tornar positivas ou negativas em função da maior ou menor competência da pessoa naquele campo (SCHEIDT, WINDLEY, 2003). Assim, se a competência do indivíduo não for próxima à exigida pela tarefa, ele tenderá a se comportar inadequadamente, o que gera stress e efeitos negativos. Ou seja, quanto menor for o nível de competência do indivíduo, menos pressão ambiental ele suportará, tornando-se mais suscetível à influência de quaisquer mudanças no ambiente. Portanto, em situações de maior vulnerabilidade (como na velhice) a pressão do ambiente sobre os comportamentos torna-se maior, de modo que para facilitar seu desempenho e compensar eventuais dificuldades é importante que o ambiente permita o uso das capacidades residuais da pessoa, aceitando que atue em sua própria zona de desempenho. No caso de idosos, a competência no cotidiano se relaciona a aptidões físicas, psíquicas (cognitivo-emocionais) e sociais, as quais, em interação entre si e com condições do ambiente, promovem vivências cotidianas relevantes para sua qualidade de vida, segundo expectativas e objetivos da pessoa e da sociedade.

Sob o ponto de vista da docilidade ambiental, a promoção de uma habitação saudável corresponde à busca por conforto e funcionalidade, o que significa a eliminação de barreiras, a promoção de mobilidade e a prevenção de riscos. Para o idoso, a garantia da manutenção da autonomia e independência influencia a autoestima, o senso de competência e a motivação, tornando-se fator de bem-estar e de qualidade de vida.

Sob essa perspectiva, as investigações no campo qualidade de vida dos idosos demandam atenção do pesquisador para as características da vizinhança e as dinâmicas co-

letivas que ali se estabelecem (OLUWELE, 2011), as quais assumem duas dimensões: a proximidade (funcionalidade prática e a intensidade da interação entre os moradores) e o sentido de comunidade (laços de identidade social, sentimento de pertencimento).

Entre os principais elementos essenciais para garantir um ambiente adequado ao idoso (SÉ, 2011), estão: dar condições para controle pessoal, liberdade de escolha e autonomia; facilitar o acesso a equipamentos e ao funcionamento do dia-a-dia; assegurar a segurança física; propiciar estímulos e desafios; oportunizar a interação social inclusive no ambiente externo; ser flexível ao atendimento de novas necessidades; promover a orientação espacial; assegurar a acessibilidade.

Nesse contexto é preciso ressaltar, no entanto, que embora a acessibilidade seja respaldada por Normas - como a NBR 9050 (ABNT, 2004), que estabelece condições para facilitar o deslocamento das nas edificações e no meio urbano -, nem sempre elas são cumpridas. Esse descaso faz com que as barreiras geradas (de qualquer tipo) se tornem obstáculos para a participação dos idosos nas diversas dimensões da vida cotidiana, muitas vezes produzindo um processo de ajuste às inconveniências que associa o problema à pessoa e não ao ambiente, que consistem em uma inversão de valores a ser evitada.

Método

Diante das indicações da política nacional que incentiva a permanência dos idosos no ambiente familiar e da opção do SUS pela ESF e pela UBS como pontos de contato com a população, os 2 estudos apresentados nesse artigo foram centrados nessa realidade. Os estudos foram realizados de modo independente (inclusive temporalmente), e seguiram os preceitos da Ética na Pesquisa.

Universo de estudo

Como local de estudo foram escolhidos dois municípios nordestinos com população entre 70 e 75 mil habitantes que concentram um número elevado de idosos e estão próximos à capital de seu estado: Cabedelo, na Paraíba (parte da Região Metropolitana de João Pessoa) e Macaíba, Rio Grande do Norte (Região Metropolitana de Natal). Em Macaíba os estudos foram centrados nas UBF/ESF Potengi, Campo Santo e Morada de Fé; em Cabedelo o trabalho envolveu as UBF/ESF Jardins, Centro, Renascer II e Ponta de Mato. As pesquisas optaram por trabalhar com municípios deste porte por entenderem que essa realidade é vivenciada em grande parte do país, o que aumenta o potencial de generalização dos resultados.

Participantes

Participaram da pesquisa 60 idosos com idade igual ou superior a 80 anos ("quarta-idade"), atendidos pela ESF e que frequentam (minimamente) as UBSs, dos quais 24 moradores de Macaíba e 36 moradores de Cabedelo. Os participantes são idosos saudáveis, pois foram excluídas pessoas que apresentassem condição de restrição ao leito ou não tivessem condições para responder aos instrumentos de pesquisa devido a dificuldade cognitiva ou problema mental. Dentre eles prevaleceram mulheres (85%), idade entre 80 e 84 anos (75%), viúvas (70%), baixa escolaridade (50% analfabetas), religião católica (70%), pele parda (65%) e atualmente serem aposentadas ou pensionistas (80%). Apenas 02 deles não apresentaram qualquer tipo de doença; entre os outros foram constatados hipertensão, problemas cardíacos e respiratórios, diabetes e dificuldades na mobilidade, muitos acumulando patologias.

Objeto de estudo

Embora as pesquisas aqui citadas tenham pretensões mais amplas, para esse artigo tomamos como objeto de estudo a relação entre os idosos e seu ambiente (sociofísico) cotidiano, considerando o micro e meso ambiente em que convivem, ou seja, sua casa, a Unidade Básica de Saúde (UBS) e o espaço urbano que as liga.

Estudo 1 (REF. OMITIDA, 2007):

O primeiro estudo foi centrado nas edificações que abrigam as UBS e seu entorno. A investigação partiu de uma matriz analítica (Quadro 1) que articula: as diretrizes e princípios inerentes à PNS, os elementos centrais da sustentabilidade social, e as características das UBS. Com base nessa matriz foi definido um *checklist* (40 itens) aplicado às UBS estudadas.

Na matriz foram consideradas as seguintes dimensões socioambientais da PNS: equidade; resolutividade; controle social; planejamento e avaliação continuada; acolhimento; respeito às culturas locais. Por sua vez, em termos das condições ambientais atuantes sobre a edificação, foram investigadas: localização da unidade no território; implantação do edifício no lote, zoneamento e fluxos; tipologia arquitetônica; programa de necessidades e configuração interna do espaço; ambiência ou qualidade socioambiental dos espaços.

QUADRO 01: QUADRO ANALÍTICO PARA UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE: relação entre condições ambientais e princípios do SUS

	CONDIÇÕES AMBIENTAIS					
	Localização na cidade / características do terreno	Implantação / Zoneamento	Tipologia Arquitetônica	Indicativos para o Programa	Ambiência	
PRINCÍPIOS INDICADOS NA POLÍTICA DO SUS	Equidade	Minimizar dificuldades na acessibilidade urbana (topografia irregular, condições de acesso a pé e via sistema de transportes públicos) Localização que minimize a distância média percorrida pelos usuários	Cuidados com a acessibilidade internamente ao lote	Cuidados com a acessibilidade arquitetônica	Existência de espaços específicos definidos em função do público alvo (crianças, idosos, PPNES, etc.)	Equipamentos, mobiliário e revestimentos adequados a usuários específicos (crianças, idosos, PPNES) Eficiência no uso de recursos locais (energia, água, etc.)
	Resolutividade				Espaços que garantam a comunicação com outras unidades de maior complexidade (ambulância e equipamentos de telecomunicações).	
	Controle Social	Garantia de continuidade / integração com o entorno (calçadas, passarelas e similares)	Relações de continuidade Abrir-se para a comunidade Busca de comunicação com equipamentos próximos	A forma do edifício deve permitir a integração dos espaços internos e externos	Espaços para reuniões da comunidade (práticas sociais)	Arranjo espacial que permita um fácil deslocamento ou orientação espacial dos usuários
	Planejamento / Avaliação das Ações de Saúde		Respeito às indicações e planejamento da equipe de saúde	Previsão de expansão e reforma Flexibilidade espacial	Espaços para reuniões da equipe (avaliação)	
	Acolhimento	Qualidade do local de inserção do equipamento (na escolha do lote evitar topografia acidentada e vizinhança insalubre)	Promover boa receptividade ao usuário (sombra, jardins, locais de espera, etc)	Significado social inteligível Coerência com as características e práticas locais Adequação ao clima (condições de conforto)	Garantia de conforto ambiental, segurança e privacidade para a realização das diversas ações (ex. local para entrevista).	Equipamentos, mobiliário, arranjo espacial e materiais de revestimentos adequados às necessidades dos usuários.
		Fácil acesso ao transporte público				
	Respeito aos Aspectos Culturais	Proximidade de outros equipamentos sociais Facilitação do uso pela comunidade mesmo fora do horário de funcionamento	Priorizar a adequação climática	Forma, materiais e sistemas construtivos compatíveis ao contexto local	Inserção de componentes programáticos coerentes com as tradições da comunidade (ex.: alpendres)	Máxima relação entre espaço interno e espaço externo: abertura e contato com o "verde"

QUADRO 1 - Relação entre condições ambientais e princípios do Sistema Único de Saúde

Fonte: Brasil (1994, 1999 e 2003), trabalhados no Estudo 1.

Estudo 2 (REF. OMITIDA, 2015):

O segundo estudo, viabilizado por meio de visitas domiciliares, recorreu a multimétodos (GUNTHER, ELALI, PINHEIRO, 2011; SOMMER, SOMMER, 2002), envolvendo: análise técnica da de habitabilidade da moradia, questionário, entrevista e passeio acompanhado com os idosos.

Resultados

Considerando-se a terminologia de Bronfenbrenner (1996), os resultados foram apresentados em três subtópicos, correspondentes às unidades socioambientais nas quais os idosos se inserem em seu cotidiano: Microsistema 1 (cuja fonte é o estudo 1, e que contém comentários sobre as UBSs, edificação + atendimento); Microsistema 2 (estudo 2, casa + família dos participantes); Mesossistema (estudos 1 e 2 - questões do meio urbano e vizinhança). Note-se que, fisicamente, o mesossistema, compreendendo o meio urbano que liga a casa à UBS, representa a intersecção entre os dois estudos apresentados.

Ilustrando alguns dos argumentos, apresentamos o Discurso do Sujeito Coletivo composto pelos depoimentos dos idosos participantes, e que são identificados pela expressão DSC seguida pelo município em que aconteceu a coleta de informações.

Microsistema 1: a UBS

Nos 2 municípios, as UBS se encontram em zona urbana, e dispõem de infraestrutura de serviços (água, energia, telefone, coleta de lixo) e construída (vias, calçadas), embora pouco desenvolvida. Assim, o acesso às UBS não é totalmente livre de obstáculos, pois as calçadas a sua volta apresentam desníveis (mesmo em regiões planas). A dificuldade na integração entre o edifício e o entorno é indicada pela presença de muros e grades, e pela falta de rampas de acesso aos prédios (das 7 unidades visitadas, apenas 2 as tem).

As unidades visitadas são do tipo “padrão” ou ocupam edifício pré-existente, e apresentam vários problemas de adequação ao lugar, alguns de ventilação/iluminação e outros de dimensionamento. Mesmo assim, em geral o arranjo espacial interno é facilmente compreendido pelos usuários e, em termos de conforto, alguns elementos adequados ao clima da região (como cobogós e janelas pivotantes) foram utilizados na vedação e aberturas.

O acolhimento na área externa das unidades é precário e, mesmo no caso em que há bancos de concreto para recebê-los, a falta de um elemento que proteja da forte insolação e altas temperaturas locais dificulta o uso.

Em todas UBSs o atendimento aos idosos é atencioso e realizado com prioridade, o que parece satisfazê-los. No entanto não há áreas/mobiliário específicos para idosos e pessoas com deficiência, com exceção dos sanitários adaptados. Os resultados mostram que as UBS atendem apenas parcialmente as indicações gerais da política do SUS, sendo os itens ‘equidade’, ‘localização’ e ‘mobiliário’ os que obtiveram melhor avaliação. Por outro lado, ‘acessibilidade’, ‘integração entre edificação e entorno’, ‘acolhimento’, ‘controle social’, ‘iluminação/ventilação’ e ‘aspectos culturais’ foram os itens pior avaliados, e que devem ser repensados com urgência (REF. OMITIDA, 2008).

Microsistema 2: a habitação

A maioria dos participantes mora no mesmo local há 20 anos ou mais (65%), o que explica sua familiaridade com a casa e o bairro. De modo geral eles habitam áreas próximas às respectivas UBSs e que contam com pequeno comércio local. As habitações estão ligadas à rede geral de abastecimento de água e energia elétrica, e contam com coleta pública de lixo, no entanto, como os municípios ainda não dispõem de saneamento básico, as casas têm fossa séptica localizada no lote.

Em geral as residências são em alvenaria, têm cobertura em telha cerâmica, não apresentam laje de forro, e muitas delas são conjugadas. As divisões internas são feitas por meias paredes, o piso é cerâmico ou de cimento queimado. Em termos de manutenção, grande parte delas precisam de reparos, principalmente no reboco, pintura e esquadrias. Muitas das habitações podem ser consideradas insalubres (35%), inclusive não dispondo de janelas no quarto do idoso. Mesmo nesta situação, 90% dos participantes indicaram estar satisfeitos com a casa.

Geralmente as casas acomodam até 5 pessoas (70%) e têm de 6 a 9 cômodos (60%): terraço, sala única, banheiro, cozinha e quartos. Na área interna não se observa separação do setor íntimo, e os quartos se abrem para a sala. Embora parte das unidades conte com banheiros completos e confortáveis (34%), a maioria apresenta apenas chuveiro e sanitário (56%) e tem tamanho reduzido.

Quase todas as habitações apresentam obstáculos internos (degraus), entretanto, os idosos moradores as consideraram 'livres de obstáculos' (95%). Contrariando essa percepção, eles mesmos relataram quedas em casa (77%), que creditaram à sua própria "falta de atenção", indicando como motivos: escorregão (30%), falta de apoio no banheiro (20%), piso molhado (18%) e degraus (15%).

Dada a familiaridade com o ambiente, pouca ajuda parece já ser suficiente para fomentar alguma autonomia aos participantes, sobretudo em atividades simples. Assim, por exemplo, se não existirem obstáculos, mesmo com visão reduzida os idosos continuam a andar pela casa, otimizando problemas de visão pelo desenvolvimento gradual de outros sentidos, e agindo em função das informações que consegue captar. Certamente o fato das relações espaciais já estarem fixadas em sua mente (aprendidas ao longo da vida) facilita a manutenção de um desempenho adequado, condição que impede a realização de grandes mudanças, sob pena do idoso perder referências anteriores.

Conheço muito bem tudo aqui. [...] tenho muita atividade dentro de casa. [...] Eu faço tudo sozinha. Faço tudo, lavo minha roupa, tiro a roupa do varal. Tomo banho, me visto. [...] Minha filha bota os móveis tudo no canto [...] aí a passagem fica livre pra não cair [...] Eu levanto mais de uma vez de noite pra ir pro banheiro. [...] Faço minha comida [...] De dia eles sai e não tem ninguém pra fazer. Não mexo mais no fogão. Fica tudo pronto. [...] Coloco a comida no meu prato, como, depois lavo a louça. Não faço questão de comida quente. (DCS - Cabedelo)

Excetuando o uso de óculos, a maior parte das necessidades de tecnologia assistiva são ligadas à mobilidade (cadeira de rodas, andador e bengala) e foram adotadas após a ocorrência de uma queda que, além de restringirem o desempenho funcional dos participantes, os fez perderem a autoconfiança. Nas situações observadas, o uso de tecnologia assistiva assumiu majoritariamente caráter curativo, buscando dar apoio e segurança ao deambular. Em pouquíssimas situações foi verificado uso preventivo de tecnologia assistiva, ou mesmo a remoção preventiva de barreiras ou a adoção pre-

coce de soluções de design universal (com colocação de barras e rampas) que seriam fatores importantes para evitar quedas e outros acidentes domésticos. Parece que este tipo de iniciativa está distante da realidade vivida pela população estudada, e as mudanças necessárias são entendidas como despesas que não podem ser suportadas pela família no momento.

Cai quebrei o fêmur [...] fiquei com problema. Fiquei insegura. Só ando com apoio [...] as vezes uso bengala porque me dá segurança.. [...] tem esse batente aqui [...], não me incomodava, mas agora [...] tenho dificuldade para subir e descer, preciso de ajuda. [...] não dá prá segurar as coisa direito [...] Tenho essa tremedeira, não tenho firmeza [...] Vou por aqueles canos (barras) no banheiro [...] é importante pro idoso, né? (DCS - Cabedelo)

Em termos sociais, embora a vida em família proporcione o apoio emocional e físico que o idoso necessita, também o envolve em conflitos relativos a: relações intergeracionais, consumo de drogas e álcool e, sobretudo, dificuldades financeiras. Como aposentados ou pensionistas, a maioria dos idosos contribui ativamente para o pagamento das despesas da casa, sendo que 60% deles são responsáveis pelo único rendimento mensal fixo da família. Tais dados corroboram outros estudos nacionais, segundo os quais a quantidade de idosos envolvidos com a manutenção econômica da família é crescente, mesmo em situações em que há filhos adultos (CAMARANO, 2003; ROCHA, LIMA, 2012).

Mesossistema (meio urbano)

Ampliando o olhar da pesquisa para o mesossistema, nota-se que, em função do tempo de moradia do idoso na área, foi constante a menção de situações em que o vínculo entre vizinhos perdura por décadas. Nesses termos, a maior parte dos participantes se socializa apenas com familiares e vizinhos próximos (57%), e vários deles afirmaram não sair do bairro há anos.

A vizinhança se mostrou determinante em várias esferas da vida do idoso, da sua saúde até a integração social e sensação de autonomia. Para tanto, alguns aspectos físicos da área aparentaram assumir grande importância, tais como as condições de uso das calçadas e ruas e a percepção de segurança. Mesmo em situações em que há grande proximidade física (edificações contíguas), a existência de barreiras mostrou-se um empecilho ao relacionamento entre idosos e vizinhos, sendo importante sua eliminação. Além disso, no caso de pessoas que vivem sós ou passam muito tempo sozinhas, o hábito de sentar-se no terraço ou ficar à janela facilita o contato com a vizinhança, amenizando a solidão.

Quando precisei chamei a minha vizinha [...], e ela fez uma faxina pra mim [...] traz comida para mim [...] Toda a vizinhança gosta de mim, [...] os meus amigos são meus vizinhos, [...] sempre me ajudam em todos os momentos. [...] Toda semana eu ia pra missa, agora não dá mais. Ando pra qui praulá, mas tenho medo de andar sozinha pra não tropeçar e cair na rua. [...] Tem muito batente por aqui, é difícil subir e descer. (DSC - Cabedelo)

Nesse contexto, as calçadas se mostraram essenciais; para entender seu uso, os participantes foram convidados a realizar passeios acompanhados com os pesquisadores, podendo ir a qualquer local, desde que a pé. A maioria dos idosos preferiu não fazê-lo (75%), indicando a não viabilidade de locomover-se a pé pela área devido a: irregularidades no calçamento, calçadas altas, degraus, jardineiras e grades que dificultam a passagem. Outras dificuldades apontadas foram: pouco sobreamento, inexistência de

elementos para descanso (bancos), inexistência de banheiros públicos e uma sensação generalizada de insegurança. Embora alguns desses itens estejam relacionados a necessidades de saúde específicas (como pernas cansadas ou pouca continência urinária), todos estes itens correspondem a condições de uso e conforto que deveriam ser previstos no processo de urbanização das cidades.

Eu gosto do postinho. [...] É pequeno, mas o povo daqui é alegre, gosta da gente. [...] Antes eu vinha mais, agora é mais pouco. É muito difícil chegar aqui. Não dá prá vim na calçada, tem muito batente. [...] Era mais fácil se na rua tivesse um banquinho prá sentar de vez em quando. [...] Tenho problema na bexiga, preciso ir muito no banheiro. Não dá prá andar de casa prá cá. Se apertar a coisa complica, né? (DSC – Macaíba)

Outro dado importante é a ida à UBS, pois apenas 40% dos participantes afirmou poder fazer o percurso a pé, mesmo com a ajuda de terceiros, tendo indicado os problemas urbanos como os maiores empecilhos. Assim, mesmo que as distancias entre as casas e a UBS seja curta (em média 1km), todos os demais indicaram precisar recorrer a algum tipo de transporte para ir ao local. Embora a visita domiciliar dos Agentes Comunitários de Saúde atenuem tal necessidade, esta é uma questão a ser repensada em função de eventuais problemas de saúde que exijam o deslocamento dos idosos até a UBS.

Considerações Finais

Em conformidade com a legislação e os princípios do SUS, a PNSI (BRASIL, 1999) tem entre suas principais metas a promoção de envelhecimento saudável, a manutenção da capacidade funcional dos idosos, a prevenção de doenças, a recuperação da saúde dos que adoecem e a reabilitação daqueles que tenham sua capacidade funcional restrita. Para tanto indica ser essencial garantir a permanência dos idosos no meio em que vivem, e que continuem a exercer suas funções na sociedade de forma autônoma e independente. Estas premissas são reforçadas pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2003) ao incentivar que a sociedade perceba os idosos como pessoas produtivas e ativas. Aferindo essa política a partir de indicadores indiretos, os 2 estudos apresentados nesse artigo investigaram as UBSs, as casas dos idosos e os percursos entre ambos, entendendo que a qualidade de vida dos idosos saudáveis está fortemente relacionada ao seu engajamento na vida cotidiana. Para tanto, a docilidade ambiental da edificação e do entorno mostraram-se essenciais, pois, ao proporcionar maior independência e autonomia aos idosos, contribuem para o seu bem-estar e qualidade de vida. Os resultados mostraram que:

- Em casa, os participantes (com idade igual ou superior a 80 anos e pertencentes a uma camada socioeconômica popular) percebem com relativa clareza tanto as dificuldades para suas ações quanto as possibilidades de enfrentá-las; no entanto, embora identifiquem e compreendam problemas na docilidade do ambiente da habitação, tais idosos as creditam a questões pessoais e não ao meio, e as minimizam em função dos (muitos) problemas financeiros com que se confrontam cotidianamente.
- Na vizinhança, embora mantenham boas relações sociais, geralmente o contato com os vizinhos é prejudicado pelos obstáculos (físicos e sociais) encontrados nas calçadas e vias públicas, que dificultam o livre ir e vir de todos, sobretudo das pessoas com mobilidade reduzida.

- As USBs em si apresentam incoerências em relação à regulamentação do SUS, pois, para poderem se aproximar ao máximo da comunidade atendida, são implantadas em lotes remanescentes do bairro ou em edificações pré-existentes, tornando-se pouco adequadas à prestação dos serviços pretendidos.

Corroborando a PNSI, a visita domiciliar mostrou-se uma estratégia importantíssima (Estudo 2), pois permitiu que os pesquisadores se aproximassem do dia a dia dos idosos, o que possibilitou um olhar holístico para as competências relacionadas à habitação, no sentido de detectar problemas e sugerir estratégias de melhoramento de sua qualidade de vida e mobilidade. No entanto, mais do que identificar esse potencial, é preciso pensar a situação atual nesse campo. No cotidiano são os Agentes Comunitários de Saúde (ACS) que fazem tais visitas, e nota-se que, embora possam detectar problemas (sociais e físicos), ou sugerir maneiras para amenizar dificuldades, em geral eles não tem meios para enfrentamento de todas as questões que afloram (algumas das quais são da alçada de médicos e enfermeiros, outras competem a assistentes sociais, e outras, ainda, exigem profissionais da construção civil). Ante a identificação de um problema médico, por exemplo, a continuidade da atividade está prevista: o procedimento padrão é encaminhar o paciente para a rede pública. No entanto, para questões relativas ao ambiente físico não há qualquer encaminhamento previsto. Para enfrentar esse tipo de problemas uma iniciativa interessante seria a incorporação de outros profissionais à equipe da ESF, a serem convocados mediante a detecção de problemas (e certamente são muitos). Assim, arquitetos ou engenheiros, por exemplo, poderiam ser fundamentais para a indicação de medidas para ampliação da habitabilidade das habitações, contribuindo para a eliminação e/ou minimização de barreiras e, portanto, para a contribuição da qualidade de vida, tanto dos idosos quanto dos demais moradores.

As pesquisas apresentadas nesse artigo têm resultados relevantes no sentido de valorizar a percepção e os anseios da quarta-idade, bem como tentar entender o modo como as barreiras arquitetônicas alteram sua qualidade de vida. Assim, apesar de algumas iniciativas individuais para aumentar a acessibilidade na habitação e em seu entorno imediato (incluindo a USB), conclui-se pela extrema necessidade de, no nível do bairro, as políticas públicas investirem na maior docilidade ambiental de vias e calçadas a fim de permitir que os idosos se movimentem pela área urbana e nela realizem suas atividades. Ressalte-se que, em síntese, tratam-se de alterações simples e de baixo custo, mas com alto potencial de benefício, e que viriam a facilitar o uso do espaço urbano, não apenas pelos idosos e outras pessoas com mobilidade reduzida, mas por todos.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 9050/2004**: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Brasília: ABNT; 2004.

BRASIL. **Lei no 10.741/2003**: Estatuto do Idoso. Brasília (DF): Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 01/outubro/2003.

BRASIL. **Lei no 8.842/1994**: Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. Brasília (DF): Diário Oficial da União, 4/janeiro/1994.

BRASIL. **Portaria MS nº 1.395/1999**: Dispõe sobre a Política Nacional de Saúde do Idoso. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 1999.

BRASIL. **Portaria nº 648/2006**. Política Nacional de Atenção Básica. Brasília: Ministério da Saúde, 28/março/2006.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CAMARANO, A. A. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, v.17, n. 49. São Paulo Sept./Dec 2003.

COHEN S. C.; BARCELOS, M. R. B. Construção do “habitat-ação” saudável por meio de fundamentação teórico-metodológica do campo da semiologia do ambiente construído. **Saúde e Sociedade - São Paulo**, n. 21. 2012, pp. 747-759.

GUNTHER, H.; ELALI, G. A.; PINHEIRO, J. Q. Multimétodos. In. CAVALCANTE, S.; ELALI, G. A. (Orgs). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011, p239-249.

NAHEMOW, L.; LAWTON, M. P. **Toward an ecological theory of adaptation and aging**. Philadelphia: Philadelphia Geriatric Center, 1973.

OLUWELE, I. A. Home and psycho-social benefits: the case of public housing in Lagos, Nigéria. **Journal of African Psychology**. v. 19, n. 2, 2011.

PESSOA, R. L.; FERASSO, M.; VARGAS, L. M.; FERLA, A. A. Challenges in organizing care networks for the elderly in two regions of Brazil. **Cadernos de Saúde Pública**. 26(7), junho/2010, pp. 1314-1322.

REFERENCIA OMITIDA, 2007.

REFERENCIA OMITIDA, 2008.

REFERENCIA OMITIDA. 2015.

ROCHA, S. M. C.; LIMA, I. M. S. (2012). A pessoa idosa e o contexto familiar: uma abordagem sociojurídica. In. CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES: **Anais do ...** Niterói: ANINTER-SH/ PPGSD-UFF, 2012, s/p.

SCHEIDT, R.J.; WINDLEY, P.G. (Org.). **Physical environments and aging: critical contributions of M. Powell Lawton to theory and practice**. New York: Haworth Press. 2003.

SÉ, E. V. G. Como deve ser o ambiente favorável ao idoso. In. **Vya Stelar –** *Mente na terceira idade*. 2011. Disponível em: http://www2.uol.com.br/vyaestelar/ambiente_idoso.htm. Acesso em 05/agosto/2014.

SOMMER, B. ; SOMMER, R. **A practical guide to behavior research: tools and techniques**. New York: Oxford, 2002.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas

de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

CADERNOS
PROARQ 24

IONE GHISLENE BENTZ E FÁBIO PEZZI PARODE

Expressões de Arte e Design no Espaço das Cidades

Expressions of Art and Design in City Spaces

IONE GHISLENE BENTZ

Doutora em Linguística - USP, atualmente professora no PPG Design/Unisinos.

PhD in Linguistics - USP, professor in PPG Design / Unisinos.

ioneb@unisinos.br

FÁBIO PEZZI PARODE

Doutor em Estética - Paris 1, atualmente professor no PPG Design/Unisinos. Oito anos editor da revista Strategic Design Research Journal.

PhD in Aesthetics - Paris 1, professor at the PPG Design / Unisinos. Eight years as an editor of Strategic Design Research Journal.

fparode@unisinos.br

Resumo

Este trabalho faz parte de um projeto maior de investigação sobre a interpretação dos artefatos expostos nas ruas da cidade. Os resultados esperados deverão fundamentar os processos projetuais em design e comunicação para inovação cultural e social. Propõe, também, o reconhecimento da arte como forma de expressão multicultural e democrática no cenário da cidade. Arte, design e comunicação oferecem, portanto, condições de representação da cultura cotidiana ou popular. O interesse é pelas peças expostas nas ruas, praças ou mobiliários urbanos, sob a forma de out-doors, grafites ou esculturas. Essas formas de expressão registram as experiências transgressoras que tensionam as visões de realidade e oferecem espaço para a inovação. Nessa perspectiva, utiliza-se o modelo greimaseano reinterpretado como forma de prevalecer a inscrição do sujeito, a autonomia criativa, a relevância da sincronia e o predomínio da imaginação. Subsiste a possibilidade de um presente indefinido, sem regras, nem interditos, de tal sorte que a identificação das rupturas seja o modo de ressignificação de um homem contemporâneo no espaço da cidade, também reinterpretado. A arte como forma de manifestação política e ratificação da estrutura de poder atua poeticamente nessas rupturas inaugurais. Essas conquistas inovadoras por ela protagonizadas não são encorajadas pela diligente obediência a um método ou pela argumentação racional atrelada ao vocabulário corrente. É a imaginação que contribui para a criação de uma nova forma de vida cultural, de um novo vocabulário, de descrições alternativas de nós mesmos e do mundo. Interessam assim as produções de grupos de artistas que promovem a renovação do espaço urbano, na perspectiva de levar ao povo a arte e o design. Serão objeto de interpretação materiais expostos nas ruas da cidade.

Palavras-chave: Arte, Cidade, Natureza, Metáfora, Narrativa, Interpretação

Abstract:

This article is part of a bigger research project that aims at validating project processes in communication and design and is based on how artefacts exhibited on the streets are interpreted. Its proposal is the appreciation of art as a democratic and multicultural expression in open spaces in the city. Art, Design and Communication offer conditions for popular representations of everyday life. What is exposed on the streets, parks, squares or buildings - through billboards, graffiti or sculptures - registers transgressive experiences that sharpen our views of reality and offer space for innovation. Under such a perspective, even though the interpretation model is based on Greimas's semantic theories, it is intended that the freedom of the being, the subject's inscription, the relevance of the present and the prevalence of imagination be preserved. The possibility of an undefined present lingers, without any rules or prohibitions, where through the identification of ruptures, the contemporary being - still perplexed with the effects of technology for building sociability - re-signifies itself. Art as a form of political manifestation and acknowledgement of power structures operates in these first ruptures. The innovative achievements played by the said ruptures are not encouraged by diligently following a method, or by rational argumentation tied to a current vocabulary. It is imagination that helps create a new form of cultural life, a new vocabulary; alternative descriptions of us and of the world. This is the reason why we focus on groups of artists who promote the revival of urban spaces, who take Design and the Arts to the people.

Keywords: Arts, City, Nature, Metaphor, Narrative, Interpretation

Para apreciação dos leitores exclusivamente conhecedores da língua Portuguesa, os autores expuseram brevemente o assunto do artigo na língua pátria brasileira, apesar do mesmo ter sido enviado na língua Inglesa. Assim, as primeiras páginas deste artigo são compostas por um breve resumo do assunto, em Português.

[nota do editor]

Expressões de Arte e Design no espaço das Cidades

A arte dessacralizada constrói um espaço poético de múltiplas funções em que a expressão visual transita livremente, tal como as pessoas que passam pelas ruas. Esta trajetória, por vezes prosaica, pode ser interrompida por imagens capazes de surpreendê-las.

Tal espaço apresenta-se aos transeuntes como oportunidade de interpretação e de fruição de artefatos que estão fora de lugares específicos que pudessem, então, contextualizar uma forma particular ou elitista de expressão artística ou de intenção comunicacional. E é justamente esse estranhamento produzido pelos artefatos espalhados pelas ruas da cidade que oportuniza as mais variadas e criativas leituras, e que caracteriza o ambiente urbano como continuidade fluida dos ambientes internos e exclusivos. É como se fosse rompida a dicotomia interno e externo, privado e público; é como se as expressões visuais se libertassem das molduras e holofotes e migrassem para suportes materiais menos limitados e mais contínuos.

Metodologicamente, os artefatos organizam-se em textos cuja expressão apresenta elementos significativos sintática e pragmaticamente. São textos-enunciado de um nível de relevância semiótica que é formada por um conjunto expressivo de significantes que operam através de comutação, segmentação e catálise, responsáveis pela produção dos significados e pela agregação de valor. A troca que se produz entre as pessoas e os artefatos, leva em consideração as mídias-objeto, pois elas compõem a cena de modo expressivo. Duas instâncias significativas são apresentadas: a dimensão predicativa e a estratégica. Artistas e público são reconhecidos como participantes do processo de metadesign, que, posteriormente, reintroduz os artefatos e dá-lhes um novo significado. Entende-se por metadesign, por analogia à metalinguagem, a capacidade que os leitores tem de percorrer alternadamente a horizontalidade textual da língua-objeto e verticalidade reflexiva do nível imediatamente superior. Esses significados instauram isotopias (Greimas, 1973) que consistem na identificação de redundâncias que se comparam a um fio significativo nuclear em torno do qual os demais fios se entretecem. Trata-se de estabelecer conexões semânticas que resultam em estruturas textuais, reconstituídas em cada relação que na dinâmica se dá. Deste modo, a interpretação dos artefatos estéticos selecionados corresponde a uma escolha de sentido construído pela redundância semântica proposta pelo autor e interpretada pelo leitor, na fruição dos traços semânticos (semas) redundantes na cadeia textual.

O conjunto de materiais que compõem o acervo deste trabalho é compreendido como narrativa, como construção alegórica articulada em cenas que atuam em uma rede de relações simbólicas. Tais relações podem resultar em construções de réplica ou simulacro. Essa rede alegórica espalhada pelas ruas da cidade pode assumir o caráter também de 'testemunho', em um cenário cultural escrito ao vivo no qual os

artefatos produzem sua própria reescrita. Os textos narrativos são compreendidos pelos núcleos sêmicos que se estruturam em sintagmas, na combinação das cenas e na manifestação da narrativa. Os artefatos, portanto, são cadeias cênicas de núcleos sêmicos, e como discursos, realçam a presença do sujeito. São tipos de texto cujo evento é a interação de uns com os outros não necessariamente em ordem sequencial de acontecimentos reais ou verossímeis, embora seja a cadeia temporal que oriente a organização das leituras das narrativas. As metáforas, no seu conjunto alegórico, são os atos de expressão subjetiva como um sistema de relações conectivas. A fim de orientar este estudo, temas e práticas contemporâneas foram escolhidas e representam um modo de vida sustentável que caracteriza a presença da natureza no espaço urbano. A matriz narrativa é baseada em elementos lúdicos catalisadores da reflexão crítica através de retórica visual.

O que se está desenhando é o modelo escolhido para organizar os possíveis significados o qual possa explorar o potencial significativo das narrativas visuais escolhidas. Embora o modelo proponha unidades de diferentes dimensões – unidades simples ou complexas, deu-se relevância semiótica para os traços semânticos de unidades que estão articuladas em nós, pelas operações de conjunção e disjunção. Identifica-se aqui a operação conjuntiva como aquela definidora das isotopias, precedidas de nós conjuntivos em termos de eixos ou categorias semânticas, essas distintas apenas pelos níveis que atualizam, ou seja, um eixo em relação a outro eixo forma uma categoria, o que permite identificar a conjuntividade também em nível de categorias. Na análise, as barras simples e duplas estabelecem a diferença entre eixos e categorias. O processo de semantização identifica as isotopias e funciona como matrizes interpretativas. Entre elas encontram-se temáticas como convite, dialogia, comunhão, cidade, natureza, vida, não vida, apelo, coexistência, delação, solução e afecção dentre outras.

Assim, as relações de relevância semiótica realizam um diálogo entre as estruturas primárias do significado (Greimas, 1973) que entendem que os semas, menores unidades significativas se organizam em eixos que, por sua vez, se articulam em categorias cuja totalidade resulta na articulação sêmica. O relacionamento distintivo que as configura é classificado como nímico, no eixo semântico e como tático, no nível sêmico. As relações nímicas – sinonímicas ou antonímicas – são interações horizontais e sintagmáticas e ocorrem no nível semântico; as relações hiperonímicas ou hiponímicas são verticais e paradigmáticas. Já as relações táticas ocorrem nas categorias sêmicas, isto é, em um segundo nível metalinguístico, no movimento do todo para as partes (hiperotáticas), ou das partes para o todo (hipotáticas).

Percebe-se a existência de uma dupla materialidade: as cenas que são comparáveis às telas; e as esculturas, narrativas, que resultam das cenas em seu ambiente, construindo estratégias de visibilidade. Não há nenhuma maneira de separá-las, pois estão em relação predicativa na maneira como respondem ao sujeito; e em uma relação de complementaridade, na maneira como se articulam entre si. Exposto os elementos que têm as marcas de entropia em seus corpos elas auxiliam na composição da mensagem. São narrativas, descritas pela materialidade dos ícones e produzem leituras indiciais e simbólicas (Peirce, 1984). Dois pontos úteis para a análise justificam as referências e as ideias propostas pelo autor em sua teoria semiótica: o conceito de um símbolo, em relação aos outros elementos do triângulo lógico (objeto, meio e interpretante), ou aos três níveis correlacionados (primeiridade, secundidade e terceiridade), mais os conceitos de abdução e de pragmática.

O que se pretende afirmar é a relevância significativa de todos os elementos que fazem parte da mensagem como um todo. Seria possível aproximar esta percepção da

teoria de McLuhan (1964) que considera os meios como extensões do homem. Nesse caso, os meios são uma continuação dos olhos ou dos sensores cognitivos para captura de mensagens. Tais formulações estão na base de produção do prazer do texto, da crítica social ou da ironia. As propostas desse autor para o estudo da comunicação destacam as mediações e os meios de comunicação (mídias). Neste enquadramento, os artefatos podem ser abordados como extensões do homem, de sua cultura, visão, corpo, materiais e técnicas.

Dentro de tal perspectiva, reitera-se a utilização do modelo greimaseano reinterpretado como forma de interpretação que faz prevalecer a inscrição do sujeito (como sujeito do enunciado), a autonomia criativa (como exploração das virtualidades significativas), a relevância da sincronia (como potencial de recortes sempre diferenciados) e o predomínio da imaginação (como o imaginário que as imagens suscitam). Subsiste a possibilidade de um presente indefinido, sem regras, nem interditos, de tal sorte que a identificação das rupturas seja o modo de ressignificação de um homem contemporâneo no espaço da cidade, também reinterpretado. A arte como forma de manifestação política e ratificação da estrutura de poder atua poeticamente nessas rupturas inaugurais. Essas conquistas inovadoras por ela protagonizadas não são encorajadas pela diligente obediência a um método ou pela argumentação racional atrelada ao vocabulário corrente. É a imaginação que contribui para a criação de uma nova forma de vida cultural, de um novo vocabulário, de descrições alternativas de nós mesmos e do mundo. Interessam, assim, as produções de grupos de artistas que promovem a renovação do espaço urbano, na perspectiva de levar ao povo a arte e o design, pois os objetos de interpretação são materiais expostos nas ruas da cidade.

Introduction

The street as a public space is a place for documentation, medium, exhibitions and mobility, which act as vehicles for cultural policies and produce new sensorial aesthetic experiences and communication. Cultural expressions take over the streets and transform places in such ways that they can build a network of postcards and even historical documentation in buildings, installations and graffiti. In a way, it is history that fictionally rewrites its past and projects its future.

Immediately, the comprehension of what defines urban art becomes controversial. By using this term, we intend to refer not only to the art expressed on walls or billboards but also to street art which is moved to exhibitions and installations. Therefore, what is relevant is not the artefact itself but its surroundings, the conception of scenes where object-utterances are the leading figures (Fontanille, 1999), a conception responsible for the semiotic relevance of the elements in relation to the artefacts. As soon as artistic productions are freed from their traditional spaces, they go out on the streets to meet people and democratically favour aesthetic fruition or political, religious or commercial messages. It is within this perspective that this text makes the proposal for the recognition of the network of symbolic relations manifested in exhibited artifacts in the streets of a city for recognition of the representations of art, design and communication as multicultural and democratic expressions. This recognition can consist with research which feeds the metadesign level of the creative processes for social and cultural innovation. Therefore, the selection of artifacts for analysis contemplate installations and graffiti presented in these images (Figures 1 to 6), interpreted in the sequence of this study.

Under the premise that art has been introducing itself to society as a poetic space which has many functions and can be freely expressed, with the arrival of formalist reasoning (Todorov, 2001) and the development and spread of structuralist theses (Jakobson, 1971), even more space is provided to this form of cultural expression. Such reference to a structuralist theoretical basis, reconceived here, acknowledges its importance in the formulation of art, narratives and figure of speech theories; even though it still seeks for flexibility when interpreting the dynamism and speed with which cultural artefacts are currently resignified. It was a movement based on multiple agendas, including the autonomous nature of poetic language, which is featured in this text. It is defined as a set of properties of the said language, expressed by the concepts of literality or artistry. The condition for the signs to 'signify something beyond them' stimulates the explosion of symbolic meaning. Even though this kind of understanding might sound strange for the concept of art, it is impossible to deny that it has produced a certain deconstruction of its classical and traditional concept, resulting in renewal and an update. The next step, which is going out on the streets, widens its scope when it allows popularization of the aesthetic experience which, thanks to urban mobility, maps routes that integrate parks, streets, walls and squares, renovating trajectories and scenarios. Therefore, it contemplates all social classes and presents itself from a certain space or ritual to be fulfilled as rendition and fruition. Languages are games which produce an effect, if they are induced by rules and are not dependent on a reference to the reality of the world previously recognized or announced. The text is the process that gives it life. Thus, the text is pleasure, enjoyment; the text is plural and has so many kinds of significance that it ends up having none (Barthes, 1968). With this reference to a classic Barthesian concept, poetic licenses that distinguish the analysed artefacts are now authorized. Our theme, therefore, is part of a major research project, the focus of which is on essay interpretation theories. This article is just a sample.

Semantic connections

If aesthetic productions are exhibited in other spaces, through different medium and renditions, how does fruition take place? How relevant are these elements surrounding the configuration of textual utterances? Text-utterance contains a level of semiotic relevance that is formed by an expressive set of signifiers which operate through commutation, segmentation and catalysis, responsible for meaningful production and value addition. Such utterances produce an artistic and imagery dimension. The exchange that occurs between people and artwork, takes into consideration the medium-objects in which the texts are inscribed because they make up the scene in an expressive manner. Two meaningful instances are presented: predicative dimension and strategy. Artists and audience are recognized as participants of the metadesign process, which, afterwards, reintroduces the artworks and gives them new significance. Isotopes (Greimas, 1973), known as the semantic connections that result in textual structures, are reconstituted for each relation. Accordingly, the interpretation of the selected aesthetic artefacts corresponds to a choice of meaning constructed by the semantic redundancy identified by the author while interpreting the artefacts along with what the Greimasian theory tries to discover concerning which semantic traces are redundant on the text chain.

It is then necessary re-form the chosen artifacts because the analysis does not depend on their geographic locations, even though it is admitted that more studies on

the relation to their surroundings could be stimulated. They were analysed from a theoretical viewpoint which considers that the traces within the artefacts themselves, their own text traces, are relevant. Street art can be seen throughout avenues and sidewalks, having the streets of the city (Figure 1) or the walls (Figure 2) as its context. In the first example, they are placed as in an exhibition, as mobile artefacts; in the second, they constitute the real skin of the city, a skin that overlaps the existing one, characterized by non-mobility and blended into the surface of urban buildings. However, contemporary rewriting is mediated by social or digital technology and, in this specific case, is produced by the social technology that renders/inscribes history in “the city’s skin” (Kerkhove, 1995). It is certainly entertainment and tragedy, criticism and adhesion that are semantic in the artefacts presented here.

FIGURE 1

Project Artmosfera. Brazil

Source: Google Images.
Access: November 2013

FIGURE 2

Image of street

Source: Google Images.
Access: November 2013

There is double materiality: the scenes that are comparable to the canvases; and the sculptures and narratives that result from the scenes of their surroundings with strategies of visibility. There is no way to separate them as they are in a predicative

relationship because of what they pass on to one another; and in a complementary relationship in the way they articulate one with the other. Exposed to the elements, they have the marks of entropy on their bodies, marks that assist in the composition of the message. They are narratives, described by the materiality of the icons and they produce indexical and symbolic readings (Peirce, 1984). Two useful points for the analysis justify the references and the ideas proposed by the author in his semiotic theory: the concept of a symbol, in relation with its three correlated signs, as an object in primary, secondary and tertiary levels; plus the concepts of abduction and pragmatics. Accordingly, it is wished to confirm the significant relevance of all the elements that are part of the message as a whole. It would be possible to approach this theory perception, which considers McLuhan, to whom the means are extensions of man (McLuhan, 1964), as a continuation, in this case, a continuation of the eyes or of the cognitive sensors for capturing messages. These primary concerns might produce the pleasure of the text, social criticism or irony. For the purpose of the aforementioned research project, McLuhan's suggestions for the study of communication, mediations and media are highlighted. Within this framework, it was intended to state that the analysed artefacts could be approached from this viewpoint as we understand them as extensions of the cultural being and its vision, body, materials and techniques.

It is the definition of the symbolic, as the preferred form of significant transactions, which appears in the way of metaphors, or rather, the whole organized into allegories. Narratives are allegorical constructions articulated in scenes or utterances that act together to update a given interpretation of replica or simulacrum. These work as a source of historical interpretation and assume the character of the document, the 'witness'. This testimonial feature goes towards changes in museums or libraries – they do not disappear from the social-cultural scenario, but become live stages where artefacts have their own history rewritten. Such buildings can also be considered significant mediums for composing urban narrative, integrated with the meanings they aim to produce.

Visual narratives as interactive metaphors

The new generation cycle of urban art allows for the performance and recognition of artists and audiences as agents of production processes of urban cultural tours. In the design of scenarios for a cultural practice, the urban art space acts as a space or rupture of spectacle and of democratic experiences, offering new significance to the places of the popular and the quotidian. Contrary to an advertising billboard or a traffic sign, the totem piece (Figure 1) was displayed on the pavement. It ignites new visions, new fruition. It provokes the desire for stopping, getting out of the car or just staying still and contemplating a new element within the prosaic landscape of the urban footpath. It is this combination of urban space, especially traffic-wise, which is composed of a hybrid medium that expresses itself in the configuration as a whole. Even though it is stationary, kept on walls or similar mediums (Figure 2), graffiti is another temporality because it cannot be taken from the place it occupies: it can only be erased or replaced by another image. It is also exposed to changes, aggregations or suppression because this kind of contemporary art seems to allow for the possibility of narrative intervention, even when it is not a collective work. Perhaps this is a trend in the making of texts and artworks: it welcomes the production of subjectivity through interaction.

It is understood, therefore, that such symbolic realities present themselves as real events, as significant and constantly open operations that propose dynamic processes of resignificance. In the perspective of the innovation produced through changes in meaning (Verganti, 2009), what has been happening on the streets might be considered the materiality of a new pragmatic order and also the practice of a new language, externalizing many kinds of innovation. This new language, like the other systems which appear and are then structured, requests a new grammar that includes the subject in the discourse – a subject that operates on signifying units and categories, on the inaugural composition of the metaphors. Visual allegories are a result of figurative connections. When thinking about innovation through meanings and design processes that sustain artefacts or creative systems, it is imagined that semantic categories defined by the Greimasian method (given new significance) set the bases for formulating innovative projects – products or services –, precisely because of the symbolic meaning effects raised.

The texts, artefact syntheses and mediums are, therefore, constituted by the insertion of the subject in the discourses and by their capacity of being structured from the semic nucleus which, in a syntagmatic way, composes the narrative. When we consider artefacts as semic chains, they construct themselves like narratives. In a sense, the term discourse is used to highlight the presence of the subject in the narrative. It is a type of text where events interact with one another, not necessarily in sequential order of real or believable happenings, even though it is the temporal chain that guides organization and narrative reading. The metaphors, in their allegorical set, are acts of subjective expression that start structuring themselves in smaller units, in elementary and complex sentences. In this system, there is an array of relationships that connects them. In order to guide this study, contemporary themes and practices were chosen and they represent a sustainable way of life that features the presence of nature in the urban space. The narrative matrix is based on: (i) the entertaining element, present within every person in its many ways of manifestation and in all ages; and (ii) the social criticism element, which expresses itself through the visibility of graffiti and urban installations, producing irony or simply reflection through visual rhetoric.

Isotopes as interpretative matrixes

In the perspective of exploring the latent semantic universe, it is pondered how to describe the relationships that underlie the chosen literature for this study. There are many methodologies available, but it was decided that the proposals from French semiotics were essential. From a general framing of the formulations, the relationships proposed for each term are guided by the principles of conjunction and disjunction, understood as dialogue between what is separable and what is not. The elementary structure of meaning (Greimas, 1973) understands the signs that result from the organization of semes, the smallest unit of meaning. In such a structure, these semes organize the semantic axis and the semic articulation. If the semantic axis is in the order of semic relationships (semes), they organize themselves into categories from which articulation arises. The distinctive relationship which moulds them is categorized as mimic in the semantic axis and tactic on the semic level. Of the nymic relations – synonymic or antonymic – interactions are horizontal and syntagmatic and occur on the semantic level; the hyperonymic or hyponymic ones are vertical, paradigmatic. The tactic relations occur in the semic categories, that is, on a second metalinguistic level, from parts to the whole (hypotactics) or from the whole to the parts (hyperotactics).

This model was chosen as a way of organizing possible meanings and and intends to explore the significant potential of the visual narrative texts. Even though the model proposes different progressive units, from the minimal simple units to the more complex ones, semiotic relevance was not assigned to the analyses of the semantic traces – which is the reason why bigger, more complex units are worked on. However, the primary principle of organization in similarity and difference nodules and in the operations of conjunction and disjunction is not ruled out in any of the steps. It just admits possible readings, among many others resulting from different points of view and cultures.

Therefore, a transition from their categories for different semantic functions makes it possible to say that they go beyond the artefact and they have a heuristic characteristic with qualitative research in the social sciences; the object is always too much for our conscience. The plurality of the texts opens up a range of polissemia that are recognized one by one or imposed by the proposed isotopes. This is what was done here. The visualized artefacts could express part of their signifying potential. To make reading possible, the notes in italic, between single and double slash bars, refer to differences between axes and categories, indicative of different analysis levels that will not be addressed in this research. They were used mainly to give information about the primary isotopic organization.

FIGURE 3

Image of street

Source: Google Images.
Access: November 2013



The above image is what is expressed by the unethical metaphor (Figure 3), where /delation/ and /solution/ articulate //APPEAL// semanticized in /COEXISTENCE/. These utterances compose the cognitive feature of the message, articulated by the metalinguistic redundancy of the real and the fake grass, between the nature that peeks from the wall to the passersby and the dialogue it establishes with the bikes. They are nymic and tactic semic categories, syntagmatic ones. At the same time, on a second metalinguistic level, the movement from the parts to the whole appears, from a paradigmatic nature. The main actors, wall and nature are begging to emerge. Alongside these, other meanings can be inferred - the fold on the bottom-right corner is quite expressive as it marks the visual connection between live grass and paper grass, apart from symbolizing the request for attention to what it means: remember that mineral

(death) opens a space for vegetable (life) and, why should the vegetable not impose itself on the mineral not only for the matter of environmental preservation, but of human life on Earth.

FIGURE 4

Image of street

Source: Google Images.
Access: November 2013

In Figure 4, it is the lyrical metaphor that articulates nature and man. Nature represented by the leafy tree, being the handmade artefact that symbolizes care, cosiness, protection, love. It is //NATURE// in unison with /communion/ and /care/, articulated by /AFFECTION/ as semantization. In this case, the semic relations are synonymic, horizontal and syntagmatic; and the category movement is hypotactic, and therefore, paradigmatic. Among the main actors, the tree and the clothing, it is man who metaphorizes himself in the clothing, the tree as a medium for real representation. In synthesis, mankind donates generously, as much as nature does. As two isolated icons, both elements are symbolically articulated as an expression of the imaginary.

Another narrative that can be proposed is the anthropomorphized tree, the icon as a body that wears the clothes in its trunk in the duplicity trunk-body and trunk-vegetable), upper limbs (arms-body and arms-branches) and head (head-hair and treetop-leaves), possible links through signifying formal analogies perceived in the visual rhetoric narrative. The vertical position of the artefact that reaches the sky marks the bottom-up movement, which indicates positivity and symbolizes the dialogue with a universe away from the ground and towards the sky. In the canonical religious rhetoric, it would be a message to the gods, to what is eternal and true, to complete freedom only achieved by God. Perhaps it could be the metaphor of an anthem to freedom and completeness. It is necessary to say that the same flexibility used in art/artefacts also appears when symbolizing minor moral coercion. They are contemporary freedoms that affect all spheres in society and knowledge. This way of being finds more organizational freedom in mobility and multi-functionality, which is a reflection of less restrictive availabilities in the scenario of social relations. There is an implicit authorization to propose, refute and create. According to Baudrillard (1968), the signifying objects free themselves and the users free themselves; the urban images decay and the established orders shake. In a way, a certain kitsch tone (Moles, 1969) is present in the materials of which this collection is composed. A few principles such as inadequacy, accumulation, synaesthesia and distortion embrace the ambiguous relation between

art and kitsch. In many senses, this aesthetic is also an art of living and perhaps in this domain it found its biggest authenticity as it is created by and for the average man, the so-called citizen of prosperity, in his double role as creator and creature.

FIGURE 5

Image of street

Source: Google Images.
Access: November 2013



Figure 5 updates the symbolic antonymic process from the trivial and daily action of drinking water. As the main source for life maintenance, the artefact questions man on the narrative that contraposes life and nature, proposing the symbolic protagonism of life donor. Irony is present and it articulates two sequences: one, organized by //CITY//, where drinking /water/ that feeds /man/ also feeds all living beings. It is semanticized in /LIFE/. It would also be possible to work on the unethical metaphor of /NON-LIFE/ (non-explored category) where the water that runs through the city streets, corrupted by pollution, is drunk by the urban man and does more harm than good. Therefore, water becomes the fountain of life and the fountain of death.

The irony takes place when it produces scathing social criticism: man serves, in small doses, through straws, the germs of death and degradation. Concerning the irony of communication (Jeudy, 1975), this linguistic game operates symbolically on collective memories, awakening a sense of belonging. Maybe that is why ironic and sharp criticism does not empty the meaning of artefacts, but it reinforces them through the semic crossing between how serious the situation is and its counterpoint.

Beyond these perceptions, there are other elements of potential significance. As an example, there is a metonymic representation of the man by his head, an image that builds another purposeful metaphor, as human development brings the expectation that mankind uses his rationality and knowledge to preserve humanity. This assumption, however, implies the need to preserve the environment with its natural resources for the preservation of human life and other species. As such, it might be destined to be the guardian of a nature that, without human interference, maintains a process of systemic and transformational self-regulation while still maintaining itself natural. As a result, the role of this guardian is even more important.

On the other hand, there are other elements that are not meaningless. The cap that covers the man's head and its colour are visually represented in this image, comple-

mented by the visuality of water. All the elements are framed in another metaphorical antithesis: city life (colour) in the upper-right box; the dangers surrounding it (black-gray), whose colours mark the strategy of a message. There is a large operator of universe, which is the man whose given free will makes him directly responsible for the chaos to which nature is submitted.

FIGURE 6

Image of street

Source: Google Images.
Access: November 2013

Finally, Figure 5 presents the message of optimism and redemption. Yes, contemporary man must move within the city; progress has brought him the motor and speed, and along with this a sedentary lifestyle and fuel exploration, with the dominance of fossil fuel, finite fuel. Cities have stuck people between walls. What can we do? It is the //INVITATION// made by the man that leans on his window to look outside. It can be read as an anthem, as an apology for living well. The metaphoric message syntagmatically relates urban mobility to commuting means moved by physical strength. Symbolically, the categories /mobility/ and /healthiness/ point towards a present-future that sees man as the main actor of the resignification of culture. The category //INVITATION// semantizes itself in /DIALOGY/. The coexistence of nature seems, expressed by green bushes that climb the walls and the many windows; open gaps, that on the same surface go back outdoors and complete the narrative, should not be ignored. On the other hand, it is also significant that the bicycles are glued to the walls, creating human skin. Although the potential of the text is recognized, many other readings and articulations could be proposed. In the case of the first choice, there is a syntagm in which antonymic or disjunctive relations separate building, bicycles and nature, but, contrary to that, this syntagm reinterprets itself in the narrative as horizontal synonymic relations, in hypotactic categories, from a paradigmatic nature at its source, which tell a story.

As speech, the iconic signs describe themselves and indicate the theses that they can or want to communicate. Cultural and artistic creations produce transformative reactions within themselves and then outside. It is a formal rebellion of ways of artistic expression that do not passively accept proposals from society, in order to refuse, subvert, change and innovate (Goldmann, 1972).

Final comments

Art as a mediator and an establisher of new sensations and perceptions tends to settle the movement of the senses, sometimes through ruptures, other times through statements, movements indicated as continuity and discontinuity. The cuts produced in the collective fabric, from the more subtle and immaterial to the most solid, whether they are implicit or explicit, manifest a given way of meaning which is also the mode of living in this world. Transitory or long-lasting, artefacts find support in the urban fabric.

The city's itineraries make people move through the outlined routes, but they cannot prevent the detours or discoveries that infringe the indicated paths. By transgressing and reversing, the movements of continuity and discontinuity are consolidated. Central to the systemic and synchronus viewpoint, the structural dynamics which stimulate the semantic processes responsible for the interpretation are explored. It is therefore possible to propose that, if the support of artefacts in the streets can correspond to the skin of the city (Kerkhove, 1995), it is itself a metaphor for the body in the form of its expression and the dynamics of its substance. In this virtual and real body, the streets are veins and arteries and the blood which gives them life is the material or symbolic expression which human beings inscribe into this urban body or, in other words, into the artefacts of art, design and communication.

Our participation in the social imaginary is closely related to the power of representation and mutation of the metaphors. To work on metaphors is to work on hybridisms that mix attitudes, mentalities, values and symbols of artefacts and practices. The choice of representation through metaphors widens the conditions for harmonizing the ways human beings express themselves at every angle of their role in society, in the field of sports, religious festivities or the arts (Burke, 2003).

In this work, scenarios are also metaphorized and, by analogy, they make up the streets in their lines and define how equipment or artefacts are arranged. All this is written in the spaces, on the walls, poles, facades of buildings or in nature; mediums and artefacts that travel in the urban space in different directions and junctions, walked by the actors that build their narratives at that exact spot.

This experience is contrary to the weakening of the self, therefore, it makes a break with the dominant culture of standardized series as it focuses on the production of subjectivities. Art not only reflects but also interacts and transforms the immanent and transcendent forces of the relationships between individuals and society. It is the man who appears as the main maker of the order of the senses. He is the subject of the themes and strategies which are integrated in the city streets in the artefacts analysed in this study: natural and artificial, static and dynamic, delation and proposition, invitation and appeal, disregard and omission, sociability and affection, dialogue and satisfaction.

References

- BARTHES, Roland. **The Pleasure of the Text**. New York: Hill and Wang, 1968.
- BAUDRILLARD, Jean. **Le système des objects**. Paris, Gallimard, 1968.
- BURKE, Peter. **Cultural Hybridity, Cultural Exchange, Cultural Translation: Reflections on History and Theory**. Cambridge: Polity Press, 2003.

- FONTANILLE, Jacques. **Sémiotique du discours**. Limoges: Pulim, 1999.
- GOLDMANN, Lucien. **La création culturelle dans la société moderne**. Paris: Editions Denoël, 1972.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Structural Semantics: an Attempt at a Method**. Nebraska: University of Nebraska Press, 1973.
- JAKOBSON, Roman. **Selected Writings**. Vol.2. Paris: Mouton, 1971.
- JEUDY, Henry Pierre. **L'ironie de la communication**. Belgium: Publisher Lettre Volée, 1975.
- KERKHOVE, Derrick. **The skin of culture (Investigating the New Electronic Reality)**. Canadá: Somerville House Books, 1995.
- MCLUHAN, Marshal. **Understanding Media: the extension of man**. London: Routledge & Kegan, 1964.
- MOLES, Abraham. **Les Objets**. Communications n° 13. Paris: Seuil, 1969.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Writings of Charles Sanders Peirce**. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- TODOROV, Tzvetan. **Théorie de la Littérature**. Paris: Points, 2001.
- VERGANTI, Roberto. **Design Driven Innovation: Changing the Rules of Competition by Radically Innovating What Things Mean**. Boston: Harvard Business Press, 2009.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: "O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação".

O CADERNOS PROARQ (issn 1679-7604) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma online a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.